

DIÓGENES LAÉRCIO

**VIDAS E DOCTRINAS DOS
FILÓSOFOS ILUSTRES
LIVRO VII - ESTOICOS**

EDIÇÃO BILÍNGUE: PORTUGUÊS - GREGO



Montecristo
Editora



DADOS DE COPYRIGHT

SOBRE A OBRA PRESENTE:

A presente obra é disponibilizada pela equipe Le Livros e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura. É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

SOBRE A EQUIPE LE LIVROS:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.love](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste [LINK](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e

*poder, então nossa sociedade poderá enfim
evoluir a um novo nível."*



Diógenes Laércio

Vidas e Doutrinas dos
filósofos ilustres

Livro VII – Estoicos

"A RAZÃO DE TERMOS DUAS ORELHAS E
SOMENTE UMA BOCA É QUE DEVEMOS OUVIR
MAIS E FALAR MENOS"

Tradução, introdução e notas de
LÚCIO JAKOBSMUSCHEL



Montecristo
Editora

©2020 Copyright Montecristo Editora

Diógenes Laércio
Vidas e Doutrinas dos
filósofos ilustres
Livro VII – Estoicos

Supervisão de Editoração/Capa

Montecristo Editora

Tradução

Lúcio Jakobsmuschel

Original em grego

Projeto The Little Sailing

Imagem da Capa

Gravura de Diógenes Laércio publicada por Edward Brewster, 1688

ISBN:

978-1-61965-170-8 - Edição Digital

Montecristo Editora Ltda.

e-mail: editora@montecristoeditora.com.br



Montecristo
Editora



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Diógenes Laércio;
Vidas e Doutrinas dos filósofos ilustres - Livro VII -
Estoicos; introdução, tradução e notas de *Lúcio Jakobsmuschel* -
Montecristo Editora, 2020.
ISBN: 978-1-61965-170-8

1. Filosofia grega. 2. Filosofia antiga 3. Estoicismo. 5. Ética 5. Moral
I. Jakobsmuschel, Lúcio. II. Hicks, R.D. III. Título

02-2880 CDU 19(38)

Introdução

Vidas e Doutrinas dos Filósofos Ilustres é uma biografia dos filósofos gregos escrita em grego por Diógenes Laércio por volta da primeira metade do século 3 d.C.

A obra é composta de dez livros e começa pelo filósofo Tales de Mileto e termina em Epicuro.

Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres é a mais preciosa obra conservada da Antiguidade a respeito da história da filosofia e dos filósofos gregos. A obra constitui a fonte principal para o conhecimento das filosofias epicurista e estoica grega, e é importante para o estudo do ceticismo e das ramificações da filosofia socrática. Diógenes expõe a vida e as ideias dos mais importantes pensadores gregos, desde as origens da filosofia e dos chamados Sete Sábios até os últimos escolarcas da Academia platônica e do Liceu aristotélico, abrangendo cerca de oitenta filósofos.

É principalmente uma história da vida dos filósofos, tendo a filosofia defendida por estes apenas como parte acessória do texto. Essa característica confere um interesse ainda maior à obra, principalmente por seu conteúdo humano. Outro de seus méritos é a narrativa viva da atmosfera do mundo dos filósofos antigos, via numerosos detalhes e elementos míticos e fantásticos misturados a anedotas populares.

Este volume é a tradução do livro 7 de Diógenes: Os Estoicos. Nele temos o relato de Laércio sobre Zenão, Aríston, Hérilos, Dionísio, Cleantes, Esfero e Crísipo.

O Livro VII está incompleto e termina abruptamente durante o relato da vida de Crísipo. De um índice de um dos

manuscritos, sabe-se que continuou com Zenão de Tarso¹, Diógenes², Apolodoro³, Boêto, Mnesarco, Mnaságoras, Nestório, Basílicas, Dárdano⁴, Antípatro de Tarso⁵, Heracleides, Sosigenes, Panécio⁶, Hécato⁷, Posidônio⁸, Atenodoro⁹, Atenodoro de Tarso¹⁰, Antípatro de Tiro¹¹, Ário¹² e Cornuto¹³.

O Autor

Nada se sabe com certeza a respeito de **Diógenes Laércio**, e há dúvidas até sobre seu nome, que também aparece em alguns autores posteriores (Estêvão de Bizâncio e Sópatro de Apameia) como Laêrtios Diôgenes. Eustátio usa simplesmente Laertes. Atualmente adotam-se as duas primeiras formas, sendo Diógenes Laércio a mais tradicional.

Quanto à sua época, admite-se com base em evidência confiável que ele teria vivido no século III, pois o autor menciona Sexto Empírico e Saturnino que viveram na parte final do século II. Por outro lado Sópatro de Apameia (século IV), citava em uma de suas obras trechos de Diógenes. Sendo assim, o autor das Vidas as escreveu nas primeiras décadas do século III.

Não é claro a tendência filosófica de Diógenes Laércio. Julgando pelo texto do livro, ele teria sido um cético, pois se refere Apolônides de Nicéia, adepto do ceticismo, como sendo "um dos nossos". Entretanto, a referência pode ter sido copiada inadvertidamente de uma de suas numerosas fontes. A mesma circunstância também explicaria os elogios fervorosos de Diógenes a Epicuro (Livro X, §9 e §138). Ele, contudo, nunca indicou sua condição de adepto de Epicuro. Em resumo, o biógrafo de filósofos não explicita em parte alguma ter estudado filosofia e não dá demonstração segura de ter pertencido a qualquer das escolas filosóficas que detalha na obra.

A Obra

Vidas e Doutrinas dos Filósofos Ilustres foi escrito em grego e professa um relato das vidas e dos ditos dos filósofos gregos. A obra não tem um título exato nos manuscritos e aparece em várias formas extensas. Nos manuscritos mais antigos o título da obra aparece como sendo *Coleção das Vidas e das Doutrinas dos Filósofos, em Dez Livros*. Em outros manuscritos a subscrição é: *Vidas e Doutrinas dos Filósofos Ilustres e Dogmas de cada Escola, em Dez Livros*, além do título mais curto de *Vidas dos Filósofos*.

O objetivo de Diógenes Laércio é apresentar os principais pensadores gregos, tanto os "sábios" mais antigos quanto os filósofos propriamente ditos. É fácil perceber o fato de Vidas e Doutrinas serem, antes de tudo, a obra de um compilador infatigável. Não é explícito pelo autor que quase tudo é transcrição na obra, as referências incontáveis levam a pensar em erudição, mas, baseados em critérios estilísticos, estudiosos determinaram que a maioria delas provêm de autores mais antigos, que Diógenes reproduz diretamente ou via outros compiladores.

A condição de compilador atribuída a Diógenes Laércio (alguns usam o termo plágio) não diminui de forma alguma o valor magnífico da obra, até porque praticamente nada sobreviveu das obras originais, com exceção do salvo por Diógenes. Outro de seus méritos é a narrativa viva da atmosfera do mundo dos filósofos antigos, via copiosa coleção de anedotas ilustrativas da vida e dos costumes dos gregos, seus elementos míticos e fantásticos. Seu trabalho é a principal fonte de informação que possuímos sobre a

história da filosofia grega, e é a base de quase todos os tratados modernos sobre o assunto; alguns dos mais importantes são pouco mais do que traduções ou ampliações do mesmo.

Diógenes Laércio, mesmo com as limitações expostas acima, nos deixou a mais preciosa obra da Antiguidade sobre a filosofia grega.

Tradução

A tradução para o português foi baseada em versões em inglês, principalmente no trabalho de [Robert Drew Hicks](#). Também foi consultada a tradução de [Charles Duke Yonge](#).

Os algarismos arábicos no início de cada parágrafo indicam as divisões do original grego e seguem a tradução de Robert Drew Hicks. Tal numeração é também comum nas principais traduções do texto, que facilita as remissões e o uso dos índices, bem como a comparação com outras edições.

Praticamente todas as notas de rodapé da edição de Hicks estão na tradução. Muitas outras foram adicionadas, trazendo informações sobre lugares, história e filósofos citados.

Espero que gostem deste texto tanto quanto eu.

Lúcio Jakobsmuschel,
São Paulo, abril de 2020.

Parágrafos	Tópico
1-38	Zenão
39-159	Exposição da filosofia estoica
160-164	Aríston
165	Hérilos
166-167	Dionísios

168-176	Cleantes
177-178	Esfero
179-202	Crísipo

Notas

1 **Zenão de Tarso** foi aluno de Crisipo, e quando este morreu por volta de 206 a.C., sucedeu-o tornando-se o quarto líder da escola estoica em Atenas.

2 **Diógenes da Babilônia** (também conhecido como **Diógenes, o Estoico**) foi o principal líder da escola estoica em Atenas, e um dos três filósofos enviados a Roma em 155 a.C..

3 **Apolodoro de Selêucia** foi discípulo de Diógenes da Babilônia. Escreveu uma série de obras, nomeadamente sobre Ética e Física. Apolodoro é famoso por descrever o Cinismo como "a via curta para a virtude". tendo sido o primeiro estoico depois da época de Zenão de Cítio a tentar uma sistemática reconciliação do estoicismo com o cinismo.

4 **Dárdano de Atenas** foi um discípulo de Diógenes da Babilônia e Antípatro de Tarso. Cícero menciona-o[como sendo um dos líderes da escola estoica em Atenas juntamente com Mnesarco de Atenas. Depois da morte de Panécio de Rodes (109 a.C.), a escola estoica em Atenas parece ter-se desmembrado, e Dárdano foi provavelmente um dos líderes no ensino estoico nessa época.

5 **Antípatro de Tarso** (em grego: Ἀντίπατρος;) foi um filósofo estoico, discípulo e sucessor de Diógenes da Babilônia na escola estoica além de professor de Panécio de Rodes.

6 **Panécio de Rodes** foi discípulo de Diógenes da Babilônia e de Antípatro de Tarso, antes de viajar para Roma onde foi influente na introdução das doutrinas estoicas. Depois da morte de Cipião em 129, regressou à escola estoica em Atenas, tendo sido o seu último escolarca. A sua obra mais famosa foi "Sobre os Deveres", a fonte principal de Cícero na sua própria obra com o mesmo nome.

7 **Hécato de Rodes** foi discípulo de Panécio de Rodes. Não se conhecem outros detalhes da sua vida, mas era um filósofo eminente entre os estoicos deste período. Cícero indica que Hécato escreveu uma obra Sobre os deveres, ("De Officiis") Hécato é mencionado frequentemente por Sêneca no seu tratado De Beneficiis.

8 **Posidônio** foi um político, astrônomo, geógrafo, historiador e filósofo estoico grego. Estudou em Atenas com Panécio de Rodes, cabeça, naquele tempo, da

escola estoica. Posidônio fez depois longas viagens, por exemplo, ao Egito ou à Península Ibérica. As suas conexões com a classe dirigente romana serviram para as suas explorações geográficas. Visitou e descreveu o mundo bárbaro, em especial os Celtas. Por volta de 100 a.C., Posidônio observou que a estrela Canopus tinha uma altura de 7°30' em Alexandria enquanto em Rodes apenas era divisada sobre o horizonte. Estimou a distância entre ambas as cidades em 5000 estádios e obteve a medida da circunferência terrestre (aproximadamente 44 000 quilômetros).

9 Atenodoro, foi guardião da biblioteca de Pérgamo. Na ansiedade de preservar as doutrinas de sua seita em sua pureza original, costumava suprimir, das obras dos escritores estoicos, partes que lhe pareciam errôneas ou inconsistentes. Em sua velhice, Atenodoro mudou-se para Roma, onde viveu na casa de Catão, o Jovem até a sua morte.

10 Atenodoro de Tarso ou Atenodoro Cananita foi aluno de Posidônio de Rodes, e professor de Otaviano (futuro Augusto) em Apolónia. Em 44 a.C., seguiu Otaviano até Roma e continuou a ser seu mentor.

11 Antípatro de Tiro (em grego: Ἀντίπατρος; século a.C.) foi um filósofo estoico, contemporâneo de Marco Pórcio Catão Uticense e Cícero. Diz-se que Antípatro se tornou amigo de Catão quando este era jovem.

12 Ário Dídimo ou Arieu Dídimo (em grego: Ἄρειος Διδύμος;) de Alexandria, foi um filósofo estoico e professor de Augusto. Fragmentos de seus manuais sumarizando as doutrinas estoicas e peripatéticas estão preservados nas obras de Estobeu e Eusébio de Cesareia.

13 Lúcio Aneu Cornuto (em latim: Lucius Annaeus Cornutus) foi um escravo liberto do filósofo Sêneca. Depois de libertado por Sêneca, abriu uma escola que ensinava a doutrina estoica à juventude romana.

Livro VII - Estoicos

Zenão¹⁴

1. Zenão, filho de Mnaseas (ou Demeas), era natural de Cítio no Chipre, uma cidade grega que tinha recebido colonos fenícios. Ele tinha um pescoço torto, diz Timóteo de Atenas em seu livro *Sobre as Vidas*. Além disso, Apolônio de Tiro diz que ele era magro, bastante alto e moreno - daí que alguém o chamou de “ramo de vinha do Egito”, de acordo com Crísipo, no primeiro livro de seus *Provérbios*. Ele tinha pernas grossas; era frágil e delicado. Daí que Perseu de Cítio¹⁵ em suas *Memórias Conviviais* relata que ele recusava a maioria dos convites para jantar. Dizem que ele gostava de comer figos verdes e de se bronzear ao sol.
2. Ele foi um aluno de Crates¹⁶, como dito acima. A seguir dizem que ele frequentou as preleções de Estilpo e Xenócrates por dez anos - assim diz Timócrates em seu *Dion* - e também Polemo¹⁷. É afirmado por Hécato¹⁸ e por Apolônio de Tiro em seu primeiro livro sobre Zenão que ele consultou o oráculo para saber o que deveria fazer para alcançar a melhor vida, e que a resposta do deus foi que ele deveria assumir a aparência dos mortos. Ao entender o que isso significava, ele estudou autores antigos. Agora, a maneira como ele se encontrou com Crates foi esta. Ele naufragou numa viagem da Fenícia a Pireu¹⁹ com uma carga de púrpura. Ele foi para Atenas e sentou-se numa livraria, sendo então um homem de trinta anos.
3. Ao continuar lendo o segundo livro de *Memorabilia* de

Xenofonte, ele ficou tão satisfeito que perguntou onde homens como Sócrates poderiam ser encontrados. Crates passou no momento certo, então o livreiro apontou para ele e disse: "Siga aquele homem". Desde aquele dia ele se tornou o discípulo de Crates, mostrando em outros aspectos uma forte inclinação para a filosofia, embora com demasiada modéstia natural para assimilar o despudor cínico. Assim, Crates, desejoso de curar esse defeito nele, deu-lhe um pote cheio de lentilha para levar através do Cerâmico²⁰; e quando viu que estava envergonhado e tentava mantê-lo fora da vista, com um golpe de cajado quebrou o pote. Quando Zenão partiu a correr com a sopa de lentilhas a escorrer pelas pernas, "Porquê fugir, meu pequeno fenício?" disse Crates, "nada de terrível lhe aconteceu."

4. Por um certo período, então, ele foi instruído por Crates, e quando nessa época ele escreveu sua *República*, alguns disseram em tom de brincadeira que ele tinha escrito na Cinosura²¹, ou seja, na cauda do cão. Além da *República* ele escreveu os seguintes trabalhos:

- *Da Vida segundo a Natureza;*
- *Do Impulso, ou Da Natureza Humana;*
- *Das Emoções;*
- *Do Dever;*
- *Da Lei;*
- *Da Educação Helênica;*
- *Da Visão;*
- *Do Universo;*
- *Dos Sinais;*
- *Questões Pitagóricas;*
- *Dos Universais;*
- *Das Espécies de Estilo;*
- *Problemas Homéricos*, em cinco livros;
- *Da Leitura da Poesia.*

Escreveu ele também uma:

- *Arte Retórica*;
 - *Soluções e Refutações*, em dois livros;
 - *Recordações de Crates*;
 - *Ética*.
- São essas as suas obras. Finalmente Zenão abandonou Crates e durante vinte anos ouviu as lições de outros mestres já mencionados. Atribuem a ele por isso as seguintes palavras: "Naufragando, fiz uma boa viagem." Outros autores atribuem essas palavras por sua convivência com Crates.

5. Outros dizem que ele estava em Atenas quando ouviu a notícia de que seu navio soçobrara e disse: "Trás a mim felicidade, Fortuna, conduzindo-me para a filosofia." Algumas fontes relatam que ele vendeu sua carga em Atenas antes de voltar-se para a filosofia.

Ele costumava então falar, andando para cima e para baixo na Colunata Pintada (*Poikile Stoá*²²), que também é chamada de colunata ou pórtico de Pisianax, mas que recebeu seu nome da pintura de Polignotos; seu objetivo era manter a mancha livre de um aglomerado de transeuntes. Era o lugar onde no tempo dos Trinta e mil e quatrocentos cidadãos atenienses tinham sido mortos²³. Assim, então, as pessoas vinham daqui em diante a ouvir de Zenão, e por isso eram conhecidos como homens da Stoa, ou estoicos; e o mesmo nome foi dado aos seus seguidores, que anteriormente tinham sido conhecidos como zenonianos. Assim é afirmado por Epicuro em suas *Epistolas*. De acordo com Eratóstenes²⁴ em seu oitavo livro *Sobre a Antiga Comédia*, o nome dos estoicos tinha sido aplicado anteriormente aos poetas que passaram o seu tempo lá, e eles tinham feito o nome dos estoicos ainda mais famoso.

6. Os atenienses prestaram grandes homenagens a Zenão,

como provam os fatos de terem posto em suas mãos as chaves das muralhas da cidade e de lhe haverem concedido uma coroa de ouro e uma estátua de bronze. Esta última honraria foi-lhe também tributada por seus concidadãos, que consideravam sua estátua um ornamento para cidade. Zenão recebeu homenagens também dos cidadãos de Cítio que viviam em Sídon, orgulhosos da condição de serem concidadãos. Antígono Gônatas²⁵ também o abalizou, e todas as vezes que vinha Atenas ia ouvir suas lições, além de convidá-lo frequentemente a ir à sua corte. Zenão recusou os convites, porém mandou Perseu, um de seus amigos - filho de Demétrio, natural de Cítio, que estava no apogeu na 130ª Olimpíada²⁶, quando já era velho. De acordo com Apolônio de Tiro em sua obra sobre Zenão, a carta de Antígono dizia o seguinte:

7. "Rei Antígono para Zenão, o filósofo, saudações.

Enquanto na fortuna e na fama me considero seu superior, na razão e na educação me considero inferior, assim como na perfeita felicidade que você alcançou. Por isso decidi pedir-lhe que me fizesse uma visita, convencido de que não recusará o pedido. Por todos os meios, então, faça o melhor que puder para falar comigo, compreendendo claramente que não será o professor de mim apenas, mas de todos os macedônios em conjunto. Pois é óbvio que quem quer que instrua o governante da Macedônia e o guie nos caminhos da virtude também estará treinando seus súditos para serem bons homens. Como é o governante, assim, na maior parte das vezes, é de se esperar que os seus súbditos se tornem".

8. E a resposta de Zenão foi a seguinte:

"Zenão ao rei Antígono, saudações.

Saúdo o seu amor pela aprendizagem, na medida em que se apega à verdadeira educação que tende a ser vantajosa e não àquela falsificação popular que serve apenas para

corromper a moral. Mas, se alguém anseia pela filosofia, afastando-se do prazer tão apregoado que torna efeminadas as almas de alguns dos jovens, é evidente que não só pela natureza, mas também pela força da sua vontade, está inclinado à nobreza de caráter. Mas, se uma natureza nobre for ajudada por um exercício moderado e receber ainda mais instrução sem ressentimentos, ela facilmente adquire virtude na perfeição.

9. Mas estou limitado pela fraqueza corporal, devido à velhice, pois tenho oitenta anos de idade; e por isso não posso juntar-me a vocês. Mas lhes envio companheiros de estudo cujos poderes mentais não são inferiores aos meus, ao passo que suas forças corporais são muito maiores e, se vocês se associarem a eles, não ficarão de modo algum aquém das condições necessárias para a felicidade perfeita".

Assim enviou Perseu e o tebano Filonides. Epicuro, em sua carta a seu irmão Aristóbulo, menciona os dois como vivendo com Antígono. Eu achei bem anexar também o decreto que os atenienses promulgaram a seu respeito. Diz o seguinte:

10. "No arcontado de Arrenides, na quinta pritania da tribo Acamantis, no vigésimo primeiro dia do mês Mematerion, na vigésima terceira assembleia plenária da pritania, um dos presidentes, Hipon, filho de Cratistoteles, do demo de Xipataion, e seus colegas de presidência submeteram à votação a proposta; sobre esta tomou a palavra Tráson, filho de Tráson, do demo Anacaia.

"Considerando que Zenão de Cítio, filho de Mnaseas, por muitos anos dedicou-se à filosofia na cidade e que sua conduta foi sob todos os aspectos invariavelmente a de um homem de bem, exortando à excelência e à moderação os jovens que vinham a ele para ser instruídos, guiando-os para o que é melhor, proporcionando a todos com sua própria conduta um modelo a ser imitado em perfeita

consonância com seu ensinamento, pareceu conveniente ao povo prestar louvores a Zenão de Cítio, filho de Mnaseas, e coroá-lo com uma coroa de ouro, de acordo com a lei, por sua excelência e moderação, e construir-lhe um sepulcro no Cerâmico as expensas do tesouro público.

11. O povo deve escolher imediatamente cinco homens entre todos os atenienses, que assumam o compromisso de efetivar a confecção da coroa e de fazer construir o sepulcro, e o secretário da assembleia deverá escrever este decreto em duas estelas de pedra, ficando autorizado a pôr uma na Academia e a outra no Liceu. Das despesas com as estelas cuidará o magistrado que preside a administração, para que todos saibam que o povo ateniense honra os homens de bem na vida e na morte.

12. Tráson, do demo Anacaia, Filoclés, do Peiraieus, Faidros, de Anaflistos, Mêdon, de Acárnai, Micitos, de Sipaletôs e Díon, de Paiania foram escolhidos para superintender a confecção da coroa e a construção do sepulcro." São estes os termos do decreto.

Antígono de Caristos diz que ele nunca renegou sua condição de cidadão de Cítio. Com efeito, Zenão foi um dos contribuintes para a restauração de um banho público, e como na estela se inscreveu " Zenão filósofo" ele pediu para acrescentarem "de Cítio" Certa vez Zenão colou uma tampa côncava em um vaso, no qual levava dinheiro, de modo a tê-lo sempre ao alcance da mão para as necessidades imediatas de seu mestre Crates.

13. Diz-se que ele tinha mais de mil talentos quando veio para a Grécia, e que emprestou este dinheiro a fundo náutico²⁷. Ele costumava comer pequenos pães e mel e beber um pouco de vinho de boa qualidade. Raramente empregava homens-servos; uma ou duas vezes, de fato, ele poderia ter uma menina para esperar por ele, a fim de não parecer um misógino. Ele compartilhava a mesma casa com Perseu, e quando este trouxe uma pequena flautista, ele

não perdeu tempo em levá-la diretamente a Perseu. Dizem-nos que ele se adaptou prontamente às circunstâncias, tanto assim que o rei Antígono o surpreendeu muitas vezes com uma festa barulhenta, e uma vez o levou junto com outros foliões a Aristócles, o músico; Zenão, porém, em pouco tempo, deu-lhes o escape.

14. Ele não gostava, dizem, de ser aproximado demais das pessoas, de modo que ele tomava o assento final de um sofá, salvando-se assim, de qualquer forma, de parte de tal inconveniência. Nem andava de fato com mais de dois ou três. Ocasionalmente ele pedia aos transeuntes por moedas de cobre, para que, por medo de ser pedido para dar, as pessoas desistissem de assediá-lo, como diz Cleantes em seu trabalho *Sobre o Bronze*. Quando várias pessoas estavam sobre ele na Colunata, ele apontava para o corrimão de madeira no topo do altar e dizia: "Isto uma vez estava aberto a todos, mas como era um obstáculo, foi arrancado". Se, então, vocês se tirarem do caminho, vocês serão menos irritantes para nós". Quando Democares, o filho de Laques, o saudou e lhe disse que só tinha que falar ou escrever por qualquer coisa que quisesse a Antígono, que estaria certo de atender todos os seus pedidos, Zenão, depois de ouvir isto, não teve mais nada a ver com ele²⁸.

15. Conta-se que após a morte de Zenão, Antígono teria dito: "Que audiência perdi!" Por isso o rei serviu-se de Tráson, seu legado, para conseguir que os atenienses lhe construíssem um sepulcro no Ceramico²⁹. Perguntaram ao rei o motivo de sua admiração; "Porque", disse Antígono, "os variados presentes que ofereci nunca o deixaram enfatado, e nunca me pareceu mesquinho". Zenão era um cientista apaixonado, e em toda pesquisa punha a marca de sua precisão. Por isso Timon exprime-se assim em suas *Sátiras*: "Vi uma velha fenícia adulada, cheia de orgulho vão, desejosa de tudo. Os fios de seu tecido sutil demais desfizeram-se, e sua inteligência era menor que a de um

instrumento de cordas."

16. Esse filósofo costumava discutir cuidadosamente com o dialético Filon e estudava juntamente com ele. Por isso Zenão, que era o mais novo dos dois, dedicava a Filon uma admiração tão grande quanto a que sentia por seu mestre Diodoro. Tinha em sua volta gente maltrapilha e suja, como diz também Timon:

"As vezes juntava em sua volta um bando de servos ignorantes, os mais piolhentos e famintos da cidade." O próprio Zenão mostrava um semblante severo e sombrio, e a testa franzida. Era extremamente parcimonioso e de uma mesquinharia indigna de um grego, que acobertava com o pretexto de economia. Se dirigia uma sátira a alguém, fazia isso concisamente, sem efusões, como se fosse de longe. Quero dizer, por exemplo, seu comentário sobre o janota a exibir-se.

17. Quando este estava aos poucos atravessando um curso de água, "com boa razão", disse Zenão, "ele olha atentamente para a lama, pois não consegue ver o seu rosto nela". Quando um certo Cínico declarou que não tinha óleo no frasco e implorou a uma parte do dele, Zenão recusou-se a dar-lhe algum. No entanto, quando o homem se foi embora, Zenão pediu-lhe que considerasse qual dos dois era o mais impertinente. Enamorado por Cremonides, enquanto ele e Cleantes estavam sentados ao lado da jovem, ele se levantou, e quando Cleantes expressou surpresa, "Os bons médicos nos dizem - disse ele - que a melhor cura para a inflamação é o repouso". Quando de dois reclinados um ao lado do outro sobre a mesa, aquele que era vizinho de Zenão chutou o convidado por baixo da mesa, o próprio Zenão deu um empurrão no homem com o joelho, e quando o homem se virou, perguntou: "Como você acha que seu vizinho gostou do que você fez com ele?"

18. Para um amante de rapazes ele comentou: "Tal como os professores perdem o bom senso ao passar todo o tempo

com rapazes, assim é com pessoas como você". Ele costumava dizer que as expressões muito exatas usadas por aqueles que evitavam os erros gramaticais eram como as moedas cunhadas por Alexandre: elas eram bonitas na aparência e bem arredondadas como as moedas, mas não há nenhuma melhor por esse motivo. Palavras do tipo oposto, que ele comparava com os tetradracmas do Ático, que, embora cunhadas sem arte e cuidado, superavam em valor as de frases ornamentadas. Quando o seu aluno Ariston discursava longamente de forma pouco inspirada, por vezes de forma obstinada e demasiadamente confiante: "Seu pai", disse ele, "devia ter estado bêbado quando o gerou." Por isso, ele o chamava de tagarela, sendo ele mesmo conciso na fala.

19. Havia um glutão que nada deixava para seus companheiros de mesa. Em certa ocasião foi servido um grande peixe e Zenão apanhou todo para si mesmo, como se pretendesse comê-lo sozinho; o outro olhou-o estupefato e Zenão disse: "pense no que sentem seus companheiros diariamente, se não consegue suportar a minha gula por um dia só?" Certa vez um jovem lhe fez uma pergunta mais curiosa do que seria de esperar de sua idade; Zenão sugeriu-lhe que se aproximasse de um espelho e se olhasse nele, indagando depois se tais perguntas lhe pareciam adequadas à sua face. Alguém disse a Zenão que em geral ele não concordava com Antístenes³⁰; Zenão mencionou então um curto texto de Antístenes sobre Sófocles e lhe perguntou se achava que essa obra tinha algum mérito. O outro respondeu que não sabia. "Não se envergonha então", disse Zenão, "de escolher e mencionar alguma coisa errada dita por Antístenes enquanto ignora suas boas coisas sem pensar nelas?"

20. Dizendo-lhe alguém que cenas raciocínios dos filósofos lhe pareciam muito breves e compactos, Zenão retrucou: "Diz a verdade; suas próprias sílabas deveriam ser todas

curtas, se fosse possível." Alguém lhe disse que Polemo propunha uma tese e desenvolvia outra. Zenão respondeu franzindo a testa: "E não fica contente com isso?" Esse filósofo dizia que quando conversamos devemos fazer como os atores: ter a voz forte e falar energicamente, mas não falar demasiadamente; abrem excessivamente a boca aqueles que tagarelam e sustentam coisas absurdas. Dizia que não se deve submeter a um longo exame as frases eficazes e as obras dos bons artistas; ao contrário, o ouvinte deve estar de tal maneira absorvido no próprio discurso que não lhe sobre tempo para tomar notas.

21. A um rapaz que falava demais Zenão disse: "Suas orelhas se unem com sua língua." A um belo jovem que emitiu como sua a opinião de que o sábio não deve enamorar-se, sua resposta foi: "Então ninguém poderia ser mais infeliz que vocês, jovens belos." Costumava dizer que em sua maioria os filósofos são sábios nas coisas muito importantes, e ignorantes nas coisas pequenas e aleatórias. E citava a frase de Cafisios que, lidando com um de seus discípulos que se esforçava por tocar vigorosamente a flauta, lhe deu um tapa e disse: "Tocar bem não depende do sopro vigoroso, embora o sopro vigoroso possa depender de tocar bem." A um rapaz que conversava despidoradamente Zenão disse: "Eu não gostaria de dizer o que me vem à mente, rapaz."

22. Um ródio belo e rico, porém nada mais além disso, insistia em tomar-se seu discípulo; Zenão, que não desejava admiti-lo, o fez sentar-se primeiro nos bancos empoeirados para lhe sujar o manto, depois num local destinado aos mendigos para forçá-lo a esfregar os ombros em seus farrapos; finalmente o jovem foi embora. Zenão dizia que nada era tão danoso quanto ao desejo por luxo, especialmente nos jovens. Dizia também que não devemos decorar palavras e expressões, e sim exercitar a mente para tirar utilidade daquilo que ouvimos, em vez de, por assim

dizer, saborearmos uma iguaria bem cozida e bem preparada. Costumava afirmar que os jovens devem ser exemplarmente corretos e sóbrios no andar, nas atitudes e nas roupas, e citava repetidamente os versos de Eurípides³¹ a respeito de Capaneu:

"Não se orgulhava de sua riqueza, e seus pensamentos eram tão humildes quanto os de um homem pobre."

23. Costumava dizer que nenhum obstáculo à conquista do conhecimento científico é tão grande quanto a presunção, e que de nada temos tanta necessidade quanto do tempo. Perguntaram-lhe o que é um amigo; "Um outro eu (*alter ego*) ", disse Zenão. Conta-se que ele certa vez estava castigando um servo que o havia roubado; e o servo disse: "Meu destino era roubar", Zenão acrescentou: "E também ser espancado." Definia a beleza como a flor da simplicidade, enquanto segundo outros autores ele chamava a simplicidade de flor da beleza. Viu certa vez o escravo de um amigo com escoriações macilentas e disse ao amigo: "Vejo as marcas de sua ira." A alguém que se havia coberto de unguento perfumado Zenão disse: "Quem está cheirando a mulher?" A Dionísio, o Renegado, que lhe perguntou por que era o único discípulo que ele não queria corrigir, sua resposta foi: "Porque não confio em você." A um rapaz que falava tolices suas palavras foram: **"A razão de termos duas orelhas e somente uma boca é que devemos ouvir mais e falar menos."**

24. Quando sentado quieto num banquete, perguntaram a razão de sua atitude; sua resposta a quem lhe fizera a pergunta foi pedir que anunciasse ao rei a presença de alguém que sabia calar (os autores da pergunta eram embaixadores de Ptolemeu³² e queriam saber a mensagem que ele desejava enviar ao rei). A alguém que lhe perguntou como se sentia diante da intriga sua resposta foi: "Como um embaixador mandado de volta sem uma resposta." Apolônio de Tiro conta a seguinte anedota: quando Crates o puxou

pelo manto para afastá-lo de Estilpo, Zenão disse: "Os filósofos dispõem de um meio excelente, Crates: atacar os outros pelos ouvidos. **Persuada-me, então, e leve-me contigo; mas, se me levar à força, meu corpo estará contigo, porém a alma permanecerá com Estilpo.**"

25. Segundo Hipoboto, ele se reuniu com Diodoro, com quem ele trabalhou arduamente na dialética. E quando já estava progredindo, entrava na escola de Polemo: tão longe de qualquer vaidade estava ele. Em consequência, diz-se que Polemo se dirigiu a ele assim: " Você entra, Zenão, pela porta do jardim - eu estou bem ciente disso - você pega minhas doutrinas e lhes dá uma maquiagem fenícia." Um dialético uma vez mostrou-lhe sete maneiras lógicas preocupadas com o sofisma conhecido como "*O Ceifador*", e Zenão perguntou-lhe o quanto ele queria por elas. Ao ser informado cem dracmas, ele prontamente pagou duzentas: a tanto esforço ele daria em seu amor pelo aprendizado. Dizem também que ele introduziu primeiro o termo "dever³³" e escreveu um tratado sobre o assunto. Dizem, aliás, que ele corrigiu, invertendo, as linhas de Hesíodo: Ele é o melhor de todos os homens aquele que segue bons conselhos: bom também é aquele que descobre todas as coisas por si mesmo³⁴.

26. A razão que ele deu para isso foi que o homem capaz de dar uma audiência adequada ao que é dito e de lucrar com isso era superior àquele que descobre tudo sozinho. Pois um tinha apenas uma apreensão certa, o outro, obedecendo a um bom conselho, tinha uma conduta superior. Quando lhe perguntaram por que ele, embora tão austero, descontraía em uma bebedeira, ele disse: "Os tremoços também são amargos, mas quando estão ensopados se tornam doces". Hécato também no segundo livro de suas *Sentenças* afirma que ele se entregava livremente a tais encontros. E ele dizia: "É melhor tropeçar com os pés do que com a língua." "O bem-estar é alcançado aos poucos, e mesmo assim não

é pouca coisa em si." [Outros atribuem isto a Sócrates³⁵.]

27. Zenão era perseverante e frugal; seus alimentos não requeriam cozimento e seu manto era leve. Por isso dizia-se dele:

*"Nem o gélido inverno,
nem a chuva incessante,
nem a chama do sol,
nem a doença atroz consegue dominá-lo,
nem os inúmeros folguedos populares;
infatigavelmente ele se dedica noite e dia a seus estudos."*

E os poetas cômicos não percebiam que na realidade suas sátiras se transformavam em elogios. Filémon, por exemplo, fala dele nos seguintes termos em sua comédia Os Filósofos:

*"A filosofia desse homem é de fato original;
ele ensina a ter fome e consegue discípulos.
Apenas um pão, um figo como sobremesa, e água para beber."*

Outros autores atribuem esses versos a Poseidipo.

Nessa época Zenão já se havia tornado proverbial. Dizia-se a seu respeito:

"Mais moderado que o filósofo Zenão."

Poseidipo também escreve em sua peça *Os Convertidos*:

"E assim durante dez dias parecia que ele era mais moderado que Zenão."

28. E, na verdade, nesta espécie de virtude e dignidade, ele superou toda a humanidade, sim, e em felicidade, pois tinha noventa e oito anos quando morreu e tinha gozado de boa saúde sem doença até o fim. Perseu, porém, em suas palestras éticas o fazia morrer aos setenta e dois anos de

idade, tendo chegado a Atenas aos vinte e dois anos. Mas Apolônio diz que presidiu a escola durante cinquenta e oito anos. A maneira de sua morte foi a seguinte. Ao sair da escola, tropeçou e caiu, quebrando um dedo do pé. Batendo no chão com o punho, ele citou a frase de Niobe³⁶:

Eu venho, eu venho, por que me clama por mim?

e morreu na hora ao perder o fôlego.

29. Os atenienses o sepultaram no Cerâmico e foi honrado com o decreto supracitado, acrescentando um testemunho de sua excelência. Antipatro de Sídon compôs para ele o seguinte epigrama³⁷:

"Aqui jaz o célebre Zenão, caro a Cítio, que escalou agora o Olimpo sem sobrepôr o Pélion ao Ossa e sem se cansar como Hercules, porém descobriu o caminho que leva às estrelas - apenas a moderação."

30. O estoico Zenodoto, discípulo de Diógenes, compôs outro epigrama³⁸:

"Criou a autossuficiência e desprezou a arrogante riqueza, Zenão, com seu aspecto grave e suas sobranceiras avelhantadas. Inventou uma doutrina viril e com muito labor fundou uma nova escola, origem de intrépida liberdade. Se sua pátria é a Fenícia, quem poderia o menosprezar? Pois o próprio Cadmo³⁹, de quem a Grécia recebeu a arte de escrever, não nasceu também lá?"

E Ateneu, o escritor de epigramas, expressa-se da seguinte maneira a propósito de todos os estoicos em conjunto⁴⁰:

"Peritos em fábulas estoicas, que nas sagradas páginas inscreveram a ótima doutrina - que a excelência é o único bem da alma, e somente ela salva as vidas humanas e a cidade. Mas, uma só das filhas da Memória aprova os prazeres da carne, que outros homens escolheram como seu fim supremo."

31. Também cantamos a morte de Zenão no livro *Pammetros*⁴¹:

"Há quem conte que Zenão de Cítio morreu consumido pela velhice depois de muito trabalhar, abstendo-se de comer; outros dizem que certa vez escorregou e bateu no chão exclamando: 'Estou indo espontaneamente; por que então me convoca?'"

Com efeito, alguns autores dizem que ele morreu deste modo. São essas as versões correntes sobre a sua morte. Em sua obra *Homônimos*, Demétrio de Magnesia relata que Mnaseas, pai de Zenão, sendo um comerciante, viajava frequentemente para Atenas e de lá trazia muitos livros socráticos para seu filho ainda menino. Por isso, antes mesmo de deixar sua pátria, já tinha uma formação filosófica.

32. Por isso, ele tinha sido bem treinado mesmo antes de deixar o seu lugar de origem. E assim aconteceu que na sua chegada a Atenas, ele se apegou a Crates. E parece, acrescenta ele, que quando os outros não sabiam como expressar suas opiniões, Zenão traçou uma definição do **Fim Supremo**. Dizem que ele tinha o hábito de jurar por "alcaparras", como Sócrates costumava jurar pelo "cão". Há alguns, e entre eles Cassius o cético e seus discípulos, que acusam Zenão exaustivamente. A primeira acusação deles é que no início de sua *República* ele pronunciou a educação enciclopédica inútil: a seguinte é que ele aplica a todos os homens que não são virtuosos os opróbrios de inimigos, adversários, escravos e forasteiros uns aos outros, pais aos filhos, irmãos aos irmãos, amigos aos amigos.

33. Mais uma vez, na *República*, fazendo um contraste ingrato, ele declara o bem por si só como verdadeiros cidadãos ou amigos ou homens parentes ou livres; e, portanto, na opinião dos estoicos, pais e filhos são inimigos, não sendo sábios. Mais uma vez, é contestado, por que na *República* ele estabelece comunidade com mulheres⁴², e

usa 200 linhas proibindo a construção de templos, tribunais e ginásios nas cidades; enquanto que em relação a introdução de moeda ele escreve que não devemos pensar que ela seja necessária nem para fins de intercâmbio ou para viajar para o exterior. Além disso, ele propõe que homens e mulheres usem o mesmo vestido e não mantenham nenhuma parte do corpo totalmente coberta.

34. Que *República* é trabalho de Zenão foi atestado por Crísipo em sua *De Republica*. E ele discutiu assuntos amorosos no início do seu livro, intitulado "A Arte do Amor". Além disso, ele escreve muito do mesmo nas suas *Diatribes*. Tanto que as críticas se encontram não só em Cássio, mas em Isidoro de Pérgamo⁴³, o reitor. Isidoro afirma igualmente que as passagens desaprovadas pela escola foram expurgadas de suas obras por Atenodoro, o estoico, encarregado da biblioteca de Pérgamo; e que depois, quando Atenodoro foi identificado e comprometido, eles foram substituídos. Muitas coisas a respeito das passagens de seus escritos são consideradas espúrias.

35. Houve oito pessoas com o nome de Zenão. Primeiro o eleático⁴⁴, da qual falaremos adiante; o segundo nosso sujeito atual; o terceiro um ródio que escreveu uma história local em um volume; o quarto um historiador que escreveu sobre a expedição de Pirro à Itália e à Sicília, e além disso um epítome da história política de Roma e Cartago; o quinto um aluno de Crísipo, que deixou poucos escritos mas muitos discípulos; o sexto um médico da escola de Herófilos, um profissional competente, embora um escritor pobre; o sétimo um gramático, que além de outros escritos deixou para trás epigramas; o oitavo um sidoniano de nascimento e filósofo epicurista, lúcido tanto em pensamento como em estilo.

36. Dos muitos discípulos de Zenão, os mais famosos são os seguintes: Perseu, filho de Demétrio, de Cítio, a quem alguns chamam de pupilo e outros de um dos caseiros, um

dos que foram enviados por Antígono para ser secretário; tinha sido tutor do filho de Antígono, Alcioneo. E Antígono, uma vez, desejando testá-lo, fez com que lhe fossem trazidas falsas notícias de que os seus bens tinham sido devastados pelo inimigo, e quando o seu semblante caiu, "Você vê", disse ele, "que a riqueza não é uma coisa indiferente"?

As seguintes são as obras de Perseu:

- *Da Realeza;*
- *A Constituição dos Espartanos;*
- *Do Casamento;*
- *Da Impiedade;*
- *Tiestes;*
- *Dos Amores;*
- *Exortações;*
- *Diatribes;*
- *Anedotas*, em quatro livros;
- *Comentários;*
- *Contra as Leis de Platão*, em sete livros.

37. Outros discípulos ilustres foram: Aríston, filho de Miltiades, nascido em Quios, introdutor da doutrina da indiferença; Hérilos de Cartago, segundo o qual o conhecimento era o fim supremo; Dionísio, chamado também o "Renegado", que se tomou defensor da teoria hedonista, porque em consequência de uma grave doença nos olhos não tinha mais convicção para afirmar que a dor é uma coisa indiferente (Dionísio nasceu em Heraclea); Esfero do Bósforo; Cleantes, filho de Fantias, nascido em Assos, sucessor de Zenão na direção da escola (Zenão costumava compará-lo a plaquetas com cera dura, nas quais é difícil escrever, mas que retêm os caracteres nelas inscritos). Esfero também se tomou discípulo de Cleantes após a morte de Zenão, e teremos oportunidade de mencioná-lo na Vida de Cleantes.

38. Hipóboto relaciona também entre seus discípulos Filonides de Tebas, Cálipos de Corinto, Poseidônio de Alexandria, Atenodoro de Soli e Zenão de Sidon⁴⁵. Decidi fazer um relato geral de todas as doutrinas estoicas da vida de Zenão, porque ele foi o fundador da Escola. Já dei uma lista dos seus numerosos escritos, nos quais ele falou como nenhum outro dos estoicos. E os seus princípios em geral são os seguintes. De acordo com a minha prática habitual, uma declaração sumária deve ser suficiente⁴⁶.

Exposição da filosofia estoica.

39. Os estoicos dividem a filosofia em três partes: física, ética e lógica. Essa divisão aparece pela primeira vez no livro Sobre a Lógica, de Zenão, depois em Crísipo no primeiro livro Sobre a Lógica e no primeiro livro Sobre a Física, ainda em Apolodoro e Silos no primeiro livro de suas Introduções à Doutrina, em Eudromo na Exposição dos Princípios Elementares da Ética, e em Diógenes da Babilônia e em Posidônio. Apolodoro chama essas partes de "tópicos", Crísipo e Eudromo de "espécies", e outros de "gêneros".⁴⁷

40. Os estoicos comparam a filosofia a um ser vivo, onde os ossos e os fibras correspondem à lógica, as partes carnosas à ética e a alma à física. Ou então comparam a um ovo: casca à lógica, a parte seguinte (a clara) à ética, e a parte central (a gema) à física. Ou a comparam ainda a um campo fértil: a cerca externa é a lógica, os frutos são a ética, e o solo ou as árvores são a física. Também comparam com uma cidade bem amuralhada e racionalmente administrada. E nenhuma parte é independente das outras, como dizem alguns estoicos, mas ao contrário todas estão estreitamente unidas entre si. Seu próprio ensino fazia-se conjuntamente. Outros estoicos, entretanto, dão o primeiro lugar à lógica, o segundo à física e o terceiro à ética. Entre estes estão Zenão em seu tratado Sobre a Lógica, Crísipo, Arquedemo e Eudromo.

41. Diógenes de Ptolemais, por sua vez, começa pela ética, mas Apolodoro põe a ética em segundo lugar; Panécio e Posidônio começam pela física de acordo com a afirmação de Fânias, discípulo de Posidônio, no primeiro livro das *Lições de Posidônio*. Cleantes fala em seis partes: dialética,

retórica, ética, política, física e teologia. Outros autores dizem que essa divisão não é da exposição filosófica e sim da própria filosofia - por exemplo, Zenão de Tarsos. Alguns estoicos distinguem a parte lógica do sistema em duas ciências: retórica e dialética; outros atribuem-lhe a finalidade de definir e de fornecer cânones e critérios; outros, entretanto, eliminam a parte relativa às definições.

42. Esses filósofos servem-se dos cânones para descobrir a verdade, porque no curso dessa descoberta explicam as diferentes espécies de percepções que possuímos. Analogamente servem-se das definições para reconhecer a verdade, porque a realidade é apreendida por meio de conceitos. Definem a retórica como sendo a ciência de falar bem sobre assuntos clara e unitariamente expostos, e a dialética como sendo a ciência de discutir corretamente sobre assuntos por meio de perguntas e respostas. Por isso dão ainda outra definição: a ciência do que é verdadeiro e do que é falso, e do que não é nem verdadeiro nem falso. A própria retórica, dizem, tem três divisões: deliberativa, forense e panegírica.

43. A retórica compõe-se dos seguintes elementos: invenção dos argumentos, sua expressão em palavras, sua disposição e representação. O discurso retórico é constituído das seguintes partes: o proêmio, a narração dos fatos, a refutação da parte adversa e o epílogo. A dialética abrange dois campos: um deles é a coisa significada, e o outro é a expressão ou palavra. O campo das coisas significadas compreende de um lado a doutrina de sua apresentação⁴⁸ e do outro a doutrina de seus meios constituintes, as proposições enunciadas (independentes ou simples predicados), e termos similares ativos ou passivos, gêneros e espécies, e também palavras, tópicos, silogismos e sofismas determinados pela linguagem ou pelo assunto.

44. As várias espécies de sofismas são: o mentiroso, o verdadeiro, o negativo, o sorites e similares (defectivo,

insolúvel ou conclusivo), o velado, o cornuda, o "ninguém" e o ceifador. Dissemos há pouco que o outro campo particular da dialética é o da própria linguagem. Essa doutrina se ocupa da palavra representada por letras, estuda as partes do discurso e trata do solecismo, do barbarismo, da dicção poética, da anfibolia⁴⁹, da eufonia e da música, e segundo alguns autores até das definições, das divisões e do estilo.

45. Os estoicos afirmam que é extremamente útil o estudo da teoria dos silogismos. Ela ensina o método demonstrativo, que contribui consideravelmente para a formação correta dos juízos, para sua disposição e para sua memorização, e ensina ainda a adquirir com bastante segurança conhecimentos científicos. O raciocínio propriamente dito consiste em premissas e conclusões, e o silogismo é um raciocínio conclusivo baseado nesses elementos. A demonstração é um raciocínio que por meio de noções mais claras explica noções menos claras sobre todos os assuntos. A apresentação (ou impressão mental)⁵⁰ é uma impressão na alma, assim, foi tirado seu nome adequadamente da marca feita por um sinete na cera.

46. Há duas espécies de apresentação; uma compreende imediatamente a realidade, e a outra compreende a realidade com pouca ou nenhuma nitidez. A primeira, que os estoicos definem como critério da realidade, é determinada pelo existente, de conformidade com o próprio existente, e é impressa e estampada na alma. A outra não é determinada pelo existente, ou se provém do existente, não é determinada de conformidade com o próprio existente, e não é, portanto, nem clara nem distinta. Os estoicos dizem que a dialética é necessária e é uma forma de excelência que abrange outras formas de excelência especiais ou particulares. A tempestividade nos ensina com segurança científica o momento em que devemos dar ou negar o nosso assentimento; a cautela é a força da razão contra a simples verossimilhança de modo a não ceder a esta.

47. A irrefutabilidade é o vigor no raciocínio diante do provável, que não nos deixa levar por este; ao contrário, a seriedade ou ausência de frivolidade é a capacidade de submeter a apresentação à reta razão. O conhecimento propriamente dito é definido pelos estoicos como uma percepção segura, ou uma faculdade de receber a apresentação, que não pode ser abalada pela razão. Somente com o estudo da dialética o sábio poderá raciocinar sem cair em erro. De fato, por meio da dialética distingue-se o verdadeiro do falso e se diferencia o que é persuasivo do que é enunciado ambiguamente. Além disso, sem a dialética não é possível perguntar e responder metodicamente.

48. O excesso de asserção afeta o curso real dos acontecimentos, de modo que, a menos que tenhamos nossas percepções bem treinadas, corremos o risco de cair em conduta inapropriada e descuidada; e de nenhuma outra forma o sábio se aprovará aguçado, ágil e geralmente hábil na argumentação; pois compete à mesma pessoa conversar bem e argumentar bem, fazer perguntas adequadas ao propósito e responder às perguntas feitas; e todas essas qualificações são qualificações pertencentes ao dialético qualificado. Tal é, resumidamente, a substância do seu ensino lógico. E, para dar também em detalhes [28], deixe-me agora citar tanto quanto se enquadra no âmbito do seu manual introdutório. Vou citar textualmente o que Diócles, o Magnésiano, diz em sua *Sumário de Filosofia*. Estas são suas palavras:

49. "Os estoicos concordam em colocar em primeiro plano a doutrina da apresentação e da sensação, na medida em que o padrão pelo qual a verdade das coisas é testada é genericamente uma apresentação, e novamente a teoria do assentimento e a da apreensão e do pensamento, que precede todo o resto, não pode ser afirmada à parte da apresentação. Pois a apresentação vem primeiro; depois o

pensamento, que é capaz de se expressar, põe em forma de proposta aquilo que o sujeito recebe de uma apresentação".

50. Há uma diferença entre o processo e o resultado da apresentação. O último é um semblante na mente, como pode ocorrer no sono, enquanto o primeiro é o ato de gravar algo na alma, que é um processo de mudança, como é estabelecido por Crísipo no segundo livro de seu tratado *Da Alma (De anima)*. Pois, diz ele, não se deve tomar "impressão" no sentido literal do carimbo de um selo, pois é impossível supor que várias dessas impressões devam estar em um único e mesmo lugar, ao mesmo tempo. O significado da apresentação é aquele que vem de um objeto real, concorda com esse objeto, e foi estampado, impresso e prensado na alma, como não seria o caso se viesse de um objeto irreal.

51. Segundo eles, algumas apresentações são informações de sentido e outras não: as primeiras são as impressões transmitidas através de um ou mais órgãos de sentido; enquanto as segundas, que não são informações de sentido, são as recebidas através da própria mente, como é o caso das coisas incorpóreas e de todas as outras apresentações que são recebidas pela razão. De impressões sensoriais, algumas são de objetos reais e são acompanhadas por concessões e consentimentos de nossa parte. Mas também há apresentações que são aparências e não mais, pretendendo, por assim dizer, vir de objetos reais. Outra divisão das apresentações é em racionais e irracionais, sendo as primeiras de seres racionais, as últimas de irracionais. As que são racionais são processos de pensamento, enquanto as que são irracionais não têm nome. Novamente, algumas de nossas impressões são científicas, outras não científicas: em todo caso, uma estátua é vista de maneira totalmente diferente pelo olhar treinado de um escultor e por um homem comum.

52. Os estoicos aplicam o termo sentido ou sensação

(αἴσθησις) a três coisas: (1) a passagem de um sopro espiritual da parte principal da alma para os sentidos, (2) a apreensão por meio dos sentidos, (3) o equipamento dos órgãos dos sentidos, no qual algumas pessoas são deficientes. Além disso, a própria atividade dos órgãos-sentido também é chamada de sensação. Segundo eles, é pelo sentido que apreendemos o preto e branco, áspero e suave, enquanto é pela razão que apreendemos as conclusões da demonstração, por exemplo, a existência dos deuses e sua providência. Noções gerais, de fato, são obtidas das seguintes formas: umas por contato direto, outras por semelhança, outras por analogia, outras por transposição, outras por composição e outras por contrariedades.

53. Por incidente ou contato direto vieram nossas noções de coisas sensíveis; por semelhança noções cuja origem é algo diante de nós, como a ideia de Sócrates que obtemos de seu busto; enquanto sob noções derivadas da analogia vêm aquelas que obtemos (1) por via de ampliação, como a de Ticio⁵¹ ou dos Ciclopes, ou (2) por via de diminuição, como a dos pigmeus. E assim, também, o centro da Terra foi originalmente concebido a partir da analogia de esferas menores. Das noções obtidas pelas criaturas de transposição com olhos no peito seria uma instância, enquanto o centauro exemplifica aquelas alcançadas pela composição, e a morte aquelas devidas à contrariedade. Além disso, há noções que implicam uma espécie de transição para o reino do imperceptível: tais são as do espaço e do significado dos termos. As noções de justiça e de bondade vêm por natureza. Novamente, a privação dá origem a noções; por exemplo, a do homem sem mãos. Tais são os seus princípios de apresentação, sensação e pensamento.

54. O padrão de veracidade que eles declaram ser a apresentação apreensiva, ou seja, aquela que vem de um

objeto real - segundo Crísipo no décimo segundo livro *Física* e também para Antípatro e Apolodoro. Boêto, por outro lado, admite uma pluralidade de padrões, a saber, inteligência, percepção dos sentidos, apetência e conhecimento; enquanto Crísipo, no primeiro livro de sua *Lógica*, contradiz-se e declara que sensação e preconceito são os únicos padrões, sendo o preconceito uma noção geral que vem pelo dom da natureza (uma concepção inata de universais ou conceitos gerais). Novamente, alguns dos estoicos mais antigos fazem da Reta Razão o padrão; assim também faz Posidônio em seu tratado *Sobre o Critério*.

55. Quanto à instrução dialética, a maioria dos estoicos parece concordar que é necessário começar pelo ponto referente à voz. A voz é uma percussão do ar ou o objeto próprio da audição, de acordo com a definição de Diógenes da Babilônia⁵² em seu manual *Sobre a Voz*. A voz do animal é uma percussão do ar devida a um impulso natural, enquanto a do homem é articulada e emitida graças ao pensamento, como afirma Diógenes, chegando à perfeição no décimo quarto ano de vida. Segundo os estoicos, a voz é um corpo, como afirmam Arquedemos na obra *Sobre a Voz*, e Diógenes e Antipatro, e Crísipo no segundo livro da *Física*.

56. De fato, tudo que produz um efeito é corpo, e a voz que vem de quem fala para quem ouve produz um efeito. A expressão, como sustenta Diógenes, é a voz escrita articulada em letras - por exemplo, "dia". Uma afirmação ou proposição é voz semântica emitida pelo pensamento - por exemplo, "é dia". O dialeto (διάλεκτος) é linguagem cunhada segundo a variedade das ascendências e dos povos gregos, ou seja, a linguagem de uma região que tem características dialetais peculiares - por exemplo, no dialeto ático "mar" é thálatta(θάλαττα), e não thálassa(θάλασσα), e no dialeto iônico "dia" é hemeree(ἡμέρη) não hemera(ἡμέρα). Os elementos da linguagem são as vinte e quatro letras. "Letra", entretanto, tem significado tríplice de

"elemento", "símbolo do elemento" e "nome" - por exemplo Alpha é o nome da letra "A".

57. Sete das letras são vogais: alpha, epsilon, eta, iota, omicron, ypsilon e omega; seis são mudas: beta, gamma, delta, kappa, pi e tau. Há uma diferença entre voz e expressão, pois enquanto a voz é um simples som, a expressão é sempre articulada. A expressão, por seu turno, é diferente do discurso, porque o discurso é sempre semântico (ou significante), enquanto a expressão pode ser até destituída de significado, isto é, ininteligível- por exemplo βλίτυρι - o que jamais acontece com o discurso. Discorrer é diferente de pronunciar ou emitir sons; as vozes emitem-se simplesmente, enquanto se discorre sobre coisas, ao menos sobre aquelas que podem ser ditas.

58. De acordo com Diógenes(da Babilônia) na obra *Sobre a Voz*, e Crísipo, as partes do discurso são cinco: nome próprio, nome comum, verbo, conjunção e artigo. Antipatro, em sua obra *Sobre a Expressão e sobre as Coisas Expressas*, menciona outra parte, o "meio"⁵³. Segundo Diógenes, o nome comum é uma parte do discurso significando uma qualidade comum- por exemplo, "homem", "cavalo"; o nome próprio é uma parte do discurso indicativa de uma qualidade própria - por exemplo, Diógenes, Sócrates; o verbo é uma parte do discurso significando um predicado simples, de acordo com a definição de Diógenes. Segundo outros autores⁵⁴, todavia, o verbo é um elemento indeclinável do discurso, significando algo que pode ser acrescentado a um ou mais sujeitos- por exemplo, "escrevo", "digo". A conjunção é uma parte indeclinável do discurso, que liga as várias partes do mesmo; o artigo é uma parte declinável do discurso, distinguindo os gêneros e números dos nomes: *ho, hé, tô, hoi, hai, tá*⁵⁵.

59. São cinco as qualidades que dão excelência ao discurso; grego puro, lucidez, concisão, conveniência e distinção. O grego puro é a expressão correta na linguagem elegante e

douta, totalmente isenta de vulgaridades e negligências; a lucidez representa os pensamentos com plena clareza; a concisão expõe o assunto com o número estritamente necessário de palavras; a conveniência é a adequação perfeita do estilo ao assunto; a distinção consiste em evitar qualquer coloquialismo. Entre os defeitos estilísticos devem-se enumerar o barbarismo e o solecismo; o barbarismo é a violação dos usos clássicos; solecismo é uma impropriedade sintática.

60. Uma composição poética, de acordo com a definição de Posidônio na introdução à sua obra *Do Estilo*, é a forma métrica ou rítmica estilisticamente isenta de vulgaridade, que se destaca da forma prosaica. A expressão rítmica é, por exemplo:

*"Terra enorme, éter divino."*⁵⁶

Poesia é uma composição poética semântica, incluindo a imitação das coisas humanas e divinas. A definição, como diz Antipatro no primeiro livro de sua obra *Das Definições*, é um enunciado baseado numa análise minuciosa; segundo Crísipo no tratado *Das Definições*, a definição é uma reprodução que caracteriza a coisa⁵⁷. O delineamento é uma exposição que proporciona o conhecimento de uma coisa em linhas gerais, ou seja, uma definição que exprime de forma simplificada o significado da definição propriamente dita. O gênero é a abrangência em um termo único de grande número de objetos de pensamento inseparáveis- por exemplo, "animal", pois esse termo inclui todas as espécies de animais.

61. Um objeto de pensamento (ou noção) é uma imagem do pensamento, que embora não seja realmente substância ou atributo é de certo modo substância e de certo modo atributo - por exemplo, a imagem de um cavalo que pode apresentar-se diante da mente, embora não seja o cavalo. A espécie é o que está compreendido no gênero; assim, por exemplo, "homem" está incluído no gênero "animal".

Gênero no sentido mais lato é aquilo que, embora sendo gênero, não tem gênero algum acima de si - por exemplo, "o que é". Espécie no sentido mais estrito é aquilo que, embora sendo espécie, não tem qualquer espécie abaixo de si - por exemplo, Sócrates. A divisão de um gênero é a sua partição nas espécies próximas - por exemplo, "dos animais, alguns são racionais e outros são irracionais". A divisão contrária é a partição do gênero em espécies por qualidades contrárias - por exemplo, mediante negação: "das coisas existentes, algumas são boas e outras não são boas"; e continuando: "das coisas que não são boas, algumas são más e outras são indiferentes".

62. Partição de um gênero é sua distribuição em classes (como diz Crinis) por exemplo: "dos bens, alguns se relacionam com a alma, outros se relacionam com o corpo". Ocorre a ambiguidade verbal quando uma expressão, usada própria e corretamente, e de acordo com o uso estabelecido, denota duas ou mais coisas diferentes, de tal maneira que nos é possível entendê-la ao mesmo tempo em vários sentidos distintos. Por exemplo, as palavras (em grego) Auletris pêttoke tanto podem significar normalmente "a antecâmara caiu três vezes" (como se fosse aulé tris pêttoke) como "a flautista caiu". Segundo as palavras de Posidonio, a dialética é a ciência do verdadeiro e do falso, e do que não é nem verdadeiro nem falso, enquanto de acordo com Crísipo ela se refere ao significante e ao significado. Esta é então a doutrina estoica relativa à teoria da linguagem.

63. No capítulo referente às coisas como tais e às coisas significadas, os estoicos expõem a teoria das expressões, ou seja, das frases completas, dos juízos e dos silogismos, bem como a teoria das frases elípticas e dos silogismos e dos predicados ativos e passivos⁵⁸. Eles dizem que a expressão verbal é o resultado de uma apresentação racional. De tais expressões, segundo os estoicos, algumas são completas

em si mesmas, outras são elípticas. As elípticas são enunciados incompletos e imprecisos - por exemplo: alguém diz "escreve", e perguntamos "quem"? As expressões completas em si mesmas são enunciados completos e precisos - por exemplo: "Sócrates escreve." No tratamento das expressões elípticas incluem-se os predicados; no tratamento das expressões completas incluem-se os juízos, os silogismos, as interrogações e as indagações.

64. O predicado é o que se diz de alguém ou de alguma coisa, ou então, segundo os adeptos de Apolodoro, algo associado a uma ou a algumas coisas ou a uma ou algumas pessoas, ou ainda uma expressão elíptica que se torna um fato sintático unindo-se ao caso reto (nominativo, caso do sujeito) gerando assim uma frase. Dos predicados alguns são acidentais (adjetivos) - por exemplo: "navegar entre as rochas." Além disso, alguns predicados são diretos (ativos), outros inversos (passivos), e outros nem ativos nem passivos. São ativos os predicados construídos sintaticamente com um dos casos oblíquos, dando assim lugar a uma frase - por exemplo: "ouve", "vê", "converse". São inversos os compostos com sufixo passivo - por exemplo: "ouvi", "vi". Não são nem ativos nem passivos os que não se formam de nenhum dos dois modos mencionados - por exemplo: "pensar", "passear". Predicados reflexivos são aqueles entre os passivos que apesar de estarem na forma passiva são operações ativas - por exemplo: "deixa que lhe cortem o cabelo", porque quem deixa que lhe cortem o cabelo está em sua esfera de ação⁵⁹.

65. Os casos oblíquos são: genitivo, dativo e acusativo. Um juízo é o que é verdadeiro, ou falso, ou algo completo em si mesmo, passível de ser negado ou afirmado em si e por si, como diz Crísipo nas *Definições Dialéticas*: "Um juízo é o que pode ser negado ou afirmado em si e por si. Por exemplo: 'é dia', 'Díon passeia.'" A palavra (grega) correspondente a "juízo" (ἄξιωμα) deriva de ἀξιόων,

significando que algo pode ser aceito ou rejeitado. Com efeito, quem diz "é dia" demonstra aceitar o fato de que é dia; ora: se realmente é dia, o juízo diante de nós é verdadeiro; se não é dia, o juízo é falso.

66. Há diferença entre juízo, interrogação e indagação, de um lado, e do outro comando, juramento, imprecisão, hipótese, apóstrofe e um enunciado semelhante ao juízo. O juízo, de fato, é aquilo que, expresso em palavras, se torna uma afirmação do que é verdadeiro e do que é falso; a interrogação é algo completo em si, da mesma forma que o juízo, porém exige uma resposta – por exemplo: "é dia"? E isso não é verdadeiro nem falso, de tal forma que "é dia" é um juízo e "é dia?" é uma interrogação. A indagação é algo a que não se pode responder com gestos, como a interrogação; não basta responder com um simples "sim", mas é necessário dizer, por exemplo: "ele mora neste ou naquele lugar".

67. Com o comando exprime-se uma ordem – por exemplo: "Vai tu às águas do Ínacos!"⁶⁰ O juramento é algo...⁶¹

Com a apóstrofe dirigimo-nos a alguém – por exemplo: "Gloriosíssimo Atrida, senhor de homens, Agamêmnon!"⁶²

Um enunciado semelhante ao juízo é aquele que, embora tenha a enunciação de um juízo, pelo acréscimo de elementos supérfluos distingue-se dos juízos verdadeiros e próprios – por exemplo:

"É realmente belo o Partenon!"

"Como o boiadeiro se assemelha aos Priamidas!"⁶³

68. Podemos achar também algo expresso em forma tímida, diferente de uma proposição ou juízo, cuja enunciação nos deixa em dúvida – por exemplo:

"Será que a dor e a vida são aparentadas?"

Interrogações, indagações e similares não são nem verdadeiras nem falsas, enquanto os juízos são verdadeiros

ou falsos. Dos juízos alguns são simples e outros não-simples, como dizem Crísipo, Arquedemo, Atenodoro, Antipatro e Crinis e seus adeptos. Simples são os juízos consistentes em uma ou mais proposições não-ambíguas - por exemplo: "É dia." Não-simples são os consistentes em uma ou mais proposições ambíguas.

69. Estas podem versar, portanto, em uma proposição ambígua simples - por exemplo: "Se é dia é dia", ou em mais de uma proposição - por exemplo: "Se é dia há luz." Nos juízos simples incluem-se aqueles que afirmam ou negam. São juízos simples os afirmativos ou negativos, os privativos e os declarativos, os definidos e os indefinidos. São juízos não-simples os ligados hipotética ou assertivamente, os conjuntivos e os disjuntivos, os causais e os indicativos do mais ou do menos. Exemplo de uma proposição negativa é: "Não é dia." Uma espécie de juízo negativo é o duplamente negativo, onde a dupla negação significa a negação da negação - por exemplo: "Não é não-dia." Esse enunciado pressupõe que é dia.

70. O juízo negativo consiste num elemento negativo e num predicado - por exemplo: "Ninguém passeia." Um juízo privativo baseia-se num elemento privativo e num propósito significativo de um juízo - por exemplo: "Este homem é desumano." O juízo declarativo consiste num sujeito no caso nominativo e num predicado - por exemplo: "Dion passeia." O juízo definido consiste num demonstrativo no caso nominativo - por exemplo: "Este homem passeia." Indefinido é o juízo consistente em um ou mais elementos indeterminados e num predicado - por exemplo: "Alguém passeia", "aquilo se move".

71. Das proposições não-simples, a hipoteticamente conjugada, como dizem Crísipo nas *Definições Dialéticas* e Diógenes na *Arte Dialética*, é aquela formada com a conjugação "se". Essa conjunção antecipa que uma segunda parte segue a primeira, como, por exemplo, "Se é dia, há

luz". A proposição conjugada assertivamente é, segundo a definição de Crinis na *Arte Dialética*, aquela introduzida por "já que" e consistente num enunciado inicial e num enunciado final – por exemplo: "Já que é dia, há luz." Essa conjunção antecipa que a uma primeira parte se segue uma segunda, e que a primeira parte tem o valor real de um juízo.

72. Uma proposição acoplada é aquela que é formada por certas conjunções de acoplamento, por exemplo: "É dia e é leve". Uma proposição disjuntiva é aquela que é constituída pela conjunção disjuntiva "Ou", como por exemplo, "Ou é dia ou é noite". Essa conjunção garante que uma ou outra das alternativas é falsa. Uma proposição causal é construída por meio da conjunção "Porque," por exemplo, "Porque é dia, há luz". Pois a primeira cláusula é, por assim dizer, a causa da segunda. Uma proposição que indica mais ou menos é aquela que é formada pela palavra que significa "antes" e a palavra "do que" entre as cláusulas, como, por exemplo, "É mais dia do que noite".

73. Além disso, entre as proposições há algumas opostas umas às outras em relação ao verdadeiro e ao falso, das quais uma nega a outra – por exemplo: "É dia" e "Não é dia". E uma proposição hipoteticamente conjugada é verdadeira se o contrário do enunciado final for incompatível com o enunciado inicial – por exemplo: "Já que é dia, o sol está sobre a terra." Uma proposição assertivamente contraditória com a conclusão, seria incompatível com o enunciado inicial "É dia". Por outro lado, uma proposição hipoteticamente conjugada é falsa se o contrário do enunciado final não for incompatível com o enunciado inicial- por exemplo: "Se é dia, Dión passeia", por quanto a afirmação "Dión não passeia" não seria contrária ao enunciado inicial "É dia".

74. Uma proposição assertivamente conjugada é verdadeira se, partindo de uma premissa verdadeira, apresenta ainda

uma conclusão consequente - por exemplo: "Já que é dia, o sol está sobre a terra." Uma proposição assertivamente conjugada é falsa se parte de uma premissa falsa ou se não apresenta uma conclusão consequente - por exemplo: "Já que é noite, Dión passeia." Este último enunciado é válido também durante o dia. Uma proposição causal é verdadeira se, partindo de uma premissa verdadeira, termina por uma conclusão consequente, ainda que a premissa não corresponda por seu turno à conclusão- por exemplo: "Já que é dia, há luz"; a afirmação "é dia" se coaduna com a outra "há luz", porém a afirmação "há luz" não se coaduna com a outra "é dia". Uma proposição causal é falsa se parte de uma premissa falsa, ou tem uma conclusão inconsequente, ou tem uma premissa que não corresponde à conclusão - por exemplo: "Já que é noite, Dión passeia."

75. O juízo provável é aquele que leva ao assentimento - por exemplo: "Quem quer que tenha dado à luz alguma coisa, é a mãe daquela coisa". Isto, porém, não é necessariamente verdade; pois a galinha não é mãe de um ovo. Além desses há juízos possíveis e impossíveis, e alguns necessários e outros não-necessários. E possível o juízo que pode ser verdadeiro enquanto as circunstâncias externas não se opõem à verdade - por exemplo "Diócles vive". Impossível é o juízo que não pode ser verdadeiro - por exemplo: "A terra voa". É necessário o juízo que além de ser verdadeiro não pode ser falso, ou, embora possa ser falso, é impedido de sê-lo por circunstâncias externas a si mesmo - por exemplo: "A excelência é útil". E não-necessário o juízo que é verdadeiro, mas também pode ser falso se não há condições externas impeditivas - por exemplo: "Dion anda."

76. Uma proposta razoável é aquela que tem que começar com mais chances de ser verdadeira do que não, por exemplo: "Eu estarei vivo amanhã". E há outros matizes de diferença nas proposições e graus de transição do verdadeiro para o falso - e conversões de seus termos - que

agora passamos a descrever amplamente.

Um argumento, segundo os seguidores do Crinis, consiste em uma premissa maior, uma premissa menor, e uma conclusão, como por exemplo esta: "Se é dia, há luz; mas é dia, portanto, há luz". Aqui a frase "Se é dia, há luz" é a premissa maior, a cláusula "é dia" é a premissa menor, e "portanto, há luz" é a conclusão. Um argumento é uma espécie de esboço de um argumento, como o que se segue: "Se o primeiro, então o segundo; mas o primeiro é, portanto o segundo é."

77. O argumento simbólico é uma combinação de argumento completo e argumento; por exemplo: "Se Platão está vivo, ele respira; mas o primeiro é verdadeiro, portanto o segundo é verdadeiro". Este modo de argumento foi introduzido para que, ao lidar com argumentos longos e complexos, não tenhamos que repetir premissas menores, se for longo, e depois declarar a conclusão, mas possamos chegar à conclusão da forma mais concisa possível: se A, então B. De argumentos alguns são conclusivos, outros inconclusivos. Inconclusivos são tais que o contraditório da conclusão não é incompatível com a combinação das premissas, como nos seguintes: "Se é dia, há luz; mas é dia, portanto Dion anda"⁶⁴.

78. Dos conclusivos alguns são denotados pelo nome comum de toda a classe, "conclusivo propriamente dito", outros são chamados de silogístico. Os silogismas são tais que ou não admitem ou são redutíveis a provas imediatas de uma ou mais das premissas; por exemplo: "Se Dion anda, então Dion está em movimento; mas Dion está andando, portanto, Dion está em movimento". Conclusões específicas são aquelas que tiram conclusões, mas não por silogismo; por exemplo, a afirmação "É tanto dia quanto noite" é falsa: "agora é dia; portanto, não é noite." Argumentos não silogísticos são aqueles que se parecem plausivelmente com argumentos silogísticos, mas não são prova

convincente; por exemplo: "Se Dion é um cavalo, ele é um animal; mas Dion não é um cavalo, portanto não é um animal".

79. Além disso, os argumentos podem ser divididos em verdadeiros e falsos. Os primeiros tiram suas conclusões por meio de premissas verdadeiras; por exemplo: "Se a virtude faz bem, o vício faz mal; mas a virtude faz bem, portanto o vício faz mal"⁶⁵. Os argumentos também podem ser divididos em possíveis e impossíveis, necessários e não necessários. Além disso, há afirmações que são indemonstráveis porque não precisam de demonstração; são empregadas na construção de cada argumento. Quanto ao número delas, as autoridades diferem; Crísipo as faz cinco. Estes são assumidos da mesma forma em raciocínios especificamente conclusivos e em silogismos tanto categóricos quanto hipotéticos.

80. O primeiro tipo de afirmação indemonstrável é aquela em que todo o argumento é construído de uma proposição hipotética e a cláusula com a qual a proposição hipotética começa, enquanto a cláusula final é a conclusão; como por exemplo: "Se a primeira, então a segunda; mas a primeira é, portanto a segunda é". "A segunda é aquela que emprega uma proposição hipotética e o contraditório do consequente, enquanto a conclusão é o contraditório do antecedente; por exemplo: "Se é dia, há luz; mas é noite, portanto não é dia". Aqui a premissa menor é a contraditória do consequente; a conclusão é a contraditória do antecedente. O terceiro tipo de indemonstrável emprega uma conjunção de proposições negativas para premissa maior e uma das proposições conjuntas para premissa menor, concluindo daí o contraditório da proposição restante; por exemplo: "Não é o caso de Platão estar morto e vivo; mas ele está morto, portanto Platão não está vivo".

81. O quarto tipo emprega uma proposição disjuntiva e uma das duas alternativas na disjunção como premissas, e sua

conclusão é a contraditória da outra alternativa; e.g. "Ou A ou B; mas A é, portanto B não é". O quinto tipo é aquele em que o argumento como um todo é construído de uma proposição disjuntiva e o contraditório de uma das alternativas na disjunção, sendo sua conclusão a outra alternativa; por exemplo: "Ou é dia ou é noite; mas não é noite, portanto é dia". De uma verdade segue-se uma verdade, segundo os estoicos, como por exemplo "Há luz" de "É dia"; e de uma falsidade uma falsidade, como "está escuro" de "É noite", se esta última não for verdadeira. Também uma verdade pode seguir de uma falsidade; por exemplo, de "A terra voa" seguirá "A terra existe"; enquanto de uma verdade nenhuma falsidade seguirá, pois da existência da terra não se segue que a terra voe para o céu.

82. Existem alguns raciocínios insolúveis⁶⁶: o Velado, o Oculto, o Sorites, o Cornudo, o Ninguém. Exemplo do Velado é o seguinte ...⁶⁷. A afirmação "dois é pouco" carece absolutamente de valor, porque três também é pouco, e isto não vale sem que quatro também seja pouco, e assim por diante até dez ... O raciocínio chamado Ninguém consiste num enunciado indefinido e num enunciado definido, tendo ainda uma premissa menor e uma conclusão - por exemplo: "Se alguém está aqui, não está em Rodes; e há alguém aqui, logo, ninguém está em Rodes ..."⁶⁸

83 Esta é então a lógica dos estoicos, por meio da qual eles procuram fundamentar sua afirmação no sentido de que o único dialético verdadeiro é o sábio. Os estoicos sustentam que sem uma sólida formação lógica seria impossível penetrar inteiramente na física e na ética. De fato, dizem eles, a correção dos termos na linguagem dos sábios resulta do estudo da lógica, e igualmente as disposições legislativas pertinentes às ações dos homens não poderiam ser entendidas sem o mesmo estudo⁶⁹. Dois campos distintos de indagação estão na verdade subordinados à lógica: um sobre a verdadeira essência do ser, e outro sobre a

terminologia dos conceitos. Esse é o conteúdo da lógica dos estoicos.

84. Os estoicos dividem a parte ética da filosofia em doutrinas do impulso, do bem e do mal, das paixões, da excelência, do fim supremo, do valor mais alto, dos deveres, e da exortação e dissuasão em face da ação. Essa é a divisão adotada pelos seguidores de Crísipo, de Arquedemo, de Zenão de Tarsos, de Apolodoro, de Diógenes, de Antipatro e de Posidônio. Zenão de Cítio e Cleantes, como filósofos do estoicismo mais antigo, trataram do assunto de maneira menos elaborada, porém eles mesmos subdividiram tanto a lógica como a física.

85. Os estoicos dizem que o primeiro impulso do animal é a sobrevivência, que lhe foi dado desde o início pela natureza. No primeiro livro de sua obra *Dos Fins*, Crísipo afirma que o primeiro bem possuído por cada ser vivo é a sua própria constituição física e a consciência da mesma. Não se pode admitir logicamente que a natureza torne o ser vivo estranho a si mesmo (de outra forma ela não o teria criado), nem que o trate como um estranho, nem que não o tenha como sua criatura. Somos então compelidos a dizer que a natureza, constituindo o ser vivo, o fez caro a si mesmo, pois assim ele repele tudo que lhe é prejudicial, e acolhe tudo que lhe é útil e afim. Os estoicos demonstram que falam em erro todos os defensores da ideia de que o primeiro impulso dos seres vivos é o prazer⁷⁰.

86. De fato, esses filósofos afirmam que o prazer, se realmente existe, vem num segundo estágio, quando a natureza por si mesma procurou e encontrou tudo que se adapta à sua constituição; deste modo, os animais têm a índole jovial e as plantas florescem. Eles dizem ainda que a natureza não faz diferença alguma entre as plantas e os animais, porque regula também a vida das plantas, em seu caso sem impulso e sem sensações, e por outro lado existe em nós fenômenos análogos aos das plantas. Mas, já que no

caso dos animais foi acrescentado o impulso por meio do qual os mesmos se dirigem a seus próprios fins, daí decorre que sua disposição natural atua no sentido de seguir o impulso. E já que os seres racionais receberam a razão com vistas a uma conduta mais perfeita, sua vida segundo a razão coincide exatamente com a existência segundo a natureza, enquanto a razão funciona como aperfeiçoadora do impulso.

87. Por isso Zenão foi o primeiro, em sua obra *Da Natureza do Homem*, a definir o fim supremo como viver de acordo com a natureza, ou seja, viver segundo a excelência, porque a excelência é o fim para o qual a natureza nos guia. O mesmo diz Cleantes em sua obra *Do Prazer*, e Posidônio e Hécato na obra *Dos Fins*. No primeiro livro de sua obra *Dos Fins*, Crísipo afirma também que viver segundo a excelência coincide com viver de acordo com a experiência dos fatos da natureza, e que nossas naturezas individuais são partes da natureza universal.

88. Por isso o fim supremo pode ser definido como viver segundo a natureza, ou, em outras palavras, de acordo com nossa própria natureza e com a natureza do universo, uma vida em que nos abstermos de todas as ações proibidas pela lei comum a todos, idêntica à reta razão difundida por todo o universo e idêntica ao próprio Zeus, guia e comandante de tudo que existe. E nisso consiste a excelência do homem feliz, e consiste o curso suave da vida, quando todas as ações praticadas promovem a harmonia entre o espírito existente em cada um de nós e a vontade do ordenador do universo. Diógenes define expressamente como fim supremo agir racionalmente na escolha do que está de acordo com a natureza. Arquedemo, por seu turno, define como fim supremo a vida em que se cumprem todos os deveres.

89. Por natureza, conforme à qual devemos viver, Crísipo entende tanto a natureza universal como a natureza

humana em sua própria individualidade, enquanto Cleantes entende por natureza que devemos seguir somente a universal, e não a individual. Por excelência, ele entende uma disposição espiritual harmoniosamente equilibrada, digna de ser escolhida em si e por si, e não por qualquer temor, ou esperança, ou impulso exterior; a felicidade consiste na excelência, pois a excelência é como uma alma que tende a tornar toda a vida harmoniosa. O ser racional desvia-se às vezes dela, seja quando se deixa seduzir pelas exterioridades, seja quando sofre a influência das pessoas com as quais convive, porque a natureza proporciona pontos de partida incontroversos e não-pervertidos.

90. A excelência é uma certa perfeição comum a todas as coisas, como por exemplo a de uma estátua; ela é não-intelectual, como a saúde física, ou intelectual, como a prudência. Com efeito, no primeiro livro de sua obra *Da Excelência*, Hécato diz que são formas de excelência científicas e teóricas aquelas cuja essência deriva de princípios especulativos, como a prudência e a justiça; são formas de excelência não-intelectuais aquelas que por extensão se consideram próximas das precedentes e se baseiam em princípios científicos, como a saúde física e a força. Sendo assim, à prudência, que é uma forma de excelência intelectual, segue-se por extensão a saúde física, do mesmo modo que a força é o resultado da estrutura de um arco.

91. Estas chamam-se formas de excelência não-intelectuais porque lhes falta o consenso da razão, e são fenômenos acessórios capazes de manifestar-se até nos homens maus, como a saúde e a força física. Para provar que a excelência existe realmente, Posidônio no primeiro livro de sua obra *Da Ética* menciona o fato de Sócrates, Diógenes e Antístenes terem feito progressos concretos na mesma. Por outro lado, a deficiência também existe, em oposição à excelência. Crísipo, no primeiro livro de sua obra *Do Fim Supremo*,

Cleantes, Posidônio em suas *Exortações*, e Hécato afirmam que a excelência pode ser ensinada; outra prova de que a excelência pode ser ensinada é o fato evidente de que os maus se tornam bons.

92. Panécio⁷¹ admite duas formas de excelência: a teórica e a prática; outros autores admitem três: lógica, física e ética. Posidônio e seus adeptos, e mais tarde Cleantes, Crísipo, Antípatro e seus adeptos admitem quatro. Apolofanes admite apenas uma espécie, a prudência. Das formas de excelência algumas são primárias, e outras são subordinadas a estas. As primárias são as seguintes: prudência, coragem, justiça e moderação. São formas de excelência especiais: a magnanimidade, a continência, a perseverança, a perspicácia e o bom-senso. A prudência é o conhecimento do mal e do bem e do que não é nem mal nem bem; a coragem é o conhecimento do que se deve escolher e do que se deve evitar, e do que nem se deve escolher nem evitar; justiça...⁷²

93. A magnanimidade é o conhecimento ou atitude que torna uma pessoa superior a tudo que acontece, seja bom ou mau; a continência é a disposição espiritual inabalavelmente aderente aos princípios da reta razão, ou a capacidade de não nos deixarmos dominar pelos prazeres; a perseverança é o conhecimento ou atitude que mostra a que coisas devemos apegar-nos e a que coisas não devemos, e a que coisas não devemos apegar-nos nem deixar de apegar-nos; a perspicácia é a faculdade de perceber o que é conveniente fazer em qualquer ocasião; o bom-senso é o conhecimento que nos permite distinguir o que devemos fazer e como devemos fazer para agir de acordo com nossos interesses. Analogamente, dos vícios alguns são primários, e outros são subordinados; por exemplo, são vícios primários a imprudência, a covardia, a injustiça, a imoderação; são subordinadas a estas a incontinência, a estupidez e a insensatez. Os estoicos

sustentam que os vícios são formas de ignorância daquelas coisas das quais as virtudes correspondentes são o conhecimento.

94. De um modo geral o bem é aquilo de que advém alguma utilidade, e com maior propriedade pode-se dizer que é idêntico ao útil ou não se distingue dele. Consequentemente, a própria excelência e o bem inerente a ela assumem o tríplice significado seguinte: (I) o bem de que deriva o útil; (II) aquilo de que resulta o bem (por exemplo, o ato excelente); (III) o bem que opera o útil (por exemplo, o homem bom que participa da excelência). Outra definição mais particular que os estoicos dão do bem é a "perfeição natural de um ser racional enquanto racional". A isso correspondem a excelência e, por participarem da excelência, os atos excelentes e os homens bons; e também os fenômenos acessórios - o júbilo, a alegria e similares.

95. Da mesma forma são deficiências a imprudência, a covardia, a injustiça e similares, ou coisas que participam da deficiência, inclusive os atos condenáveis e as pessoas deficientes, bem como fenômenos acessórios - a aflição, a tristeza e similares. Além disso, dos bens alguns são da alma, outros são exteriores. Os bens da alma são a excelência e os atos excelentes; os bens exteriores são ter uma pátria digna ou um amigo digno, e a felicidade de ambos. Ser bom e feliz pertence à classe dos bens que não são nem exteriores nem da alma.

96. Quanto aos males, alguns são da alma, como as deficiências e ações deficientes; outros são exteriores, como ter uma pátria indigna ou ter um amigo indigno, e a infelicidade de ambos. Outros males não são nem da alma nem exteriores, como ser mau ou infeliz. Mais ainda: alguns bens são absolutos, outros são eficientes, e outros são absolutos e eficientes. O amigo e as vantagens que derivam dele são bens eficientes; a coragem, a nobreza, a liberdade, o deleite, a alegria, a ausência de sofrimentos e todas as

ações excelentes são bens absolutos.

97. As formas de virtude (excelência) são bens eficientes e absolutos. Enquanto produzem a felicidade são bens eficientes, e por outro lado enquanto a tornam completa e passam portanto a ser partes dela, são bens absolutos. Da mesma forma também os males são absolutos ou eficientes, ou são absolutos e eficientes. O inimigo e o dano que ele causa são males eficientes; a consternação, a mesquinhez, a escravidão, a ausência de alegria, a tristeza, a aflição e todas as ações deficientes são males absolutos. As formas de deficiência são males eficientes e absolutos. Enquanto produzem a infelicidade são males eficientes, e enquanto a tornam completa e passam portanto a ser partes dela são males absolutos.

98. Dos bens da alma alguns são hábitos, outros são disposições, outros não são nem hábitos nem disposições. Disposições são as formas de excelência, hábitos são as ocupações, e nem disposições nem hábitos são as ações. Em geral são bens mistos a felicidade dos filhos e a velhice feliz; o conhecimento, ao contrário, é um bem simples. As formas de excelência são bens permanentes, enquanto são bens transitórios, por exemplo, a alegria e o poder de passear livremente.

99. Segundo os estoicos, todo bem é conveniente, compulsório, compensador, útil, benéfico, belo, vantajoso, desejável e justo. O bem é conveniente porque proporciona coisas de tal natureza que sua ocorrência nos recompensa; é compulsório porque causa unidade onde a unidade é necessária; é compensador porque retribui os gastos que ocasiona, de tal modo que o ganho resultante da operação supera em vantagem a despesa; é útil porque proporciona o uso dos benefícios; é benéfico porque a utilidade que traz é digna de louvor; é belo porque o bem é proporcional ao seu uso; é vantajoso porque por sua própria natureza traz benefícios; é desejável porque, graças ao seu conteúdo, é

razoável escolhê-lo; e é justo porque está em harmonia com a lei e tende a constituir a comunidade.

100. Eles qualificam o belo de bem perfeito(virtude), porque está repleto de todos os fatores requeridos pela natureza, ou porque tem proporções perfeitas. São quatro as formas do belo: o que é justo, corajoso, ordenado e sábio; com efeito, é nessas formas que se realizam as belas ações. Analogamente há quatro espécies de feio(vício): o que é injusto, covarde, desordenado e estulto. Os estoicos consideram belo unicamente o bem que torna dignos de louvor aqueles que o têm, ou o bem que é digno de louvor; em outro sentido o belo é a boa aptidão natural para uma função própria, ou então aquilo que ilustra, como quando dizemos que somente o sábio é bom e belo.

101. E afirmam que somente o belo é bom, e assim dizem Hécato no terceiro livro de sua obra *Dos Bens*, e Crísipo em sua obra *Do Belo*. É essa a natureza da excelência e do que participa da mesma, o que equivale a afirmar que todo bem é belo, e que a palavra "belo" tem o mesmo significado da palavra "bem", porquanto um é igual ao outro. Se algo é bom, é belo; mas é belo, logo é bom. Os estoicos sustentam que todos os bens são iguais, e que todo bem é desejável em altíssimo grau, e não é susceptível nem de diminuição nem de aumento. Das coisas existentes dizem que algumas são boas e outras são más; outras não são nem boas nem más (isto é, são indiferentes).

102. Boas são as formas de excelência chamadas prudência, coragem, moderação, etc.; más são as formas de deficiência chamadas imprudência, injustiça, etc.; indiferentes são todas as coisas que não beneficiam nem prejudicam - por exemplo: a vida, a saúde, o prazer, a beleza, a força, a riqueza, a boa reputação, a nobreza de nascimento, e seus contrários: a morte, a doença, o sofrimento, a feiura, a debilidade, a pobreza, a mediocridade, o nascimento humilde e similares, como

afirmam Hécato no sétimo livro de sua obra *Do Fim Supremo*, e Apolodoro na *Ética*, e Crísipo. Estes, então, não constituem bens, sendo coisas indiferentes e dignas de serem desejadas em sentido relativo, não em sentido absoluto.

103. Da mesma forma que a propriedade do quente é aquecer, e não esfriar, a propriedade do bem é beneficiar, e não prejudicar; a riqueza e a saúde causam mais danos que vantagens, e portanto nem a riqueza é um bem, nem a saúde. Além disso dizem que não é um bem aquilo cujo uso nos pode fazer bem ou mal; já que tanto a riqueza como a saúde podem ser usadas para fazer bem ou mal, nem a riqueza é um bem, nem a saúde. Posidônio, todavia, enumera esta última entre os bens. Hécato no nono livro de sua obra *Dos Bens* e Crísipo em sua obra *Do Prazer* sustentam que o prazer não é tampouco um bem; há realmente prazeres vergonhosos, e nada que seja vergonhoso pode ser um bem.

104. Ser útil é um movimento ou comportamento inspirado pela excelência; prejudicar é um movimento ou comportamento inspirado pela deficiência. O termo "**indiferente**" tem um sentido duplo. Em primeiro lugar significa o que não contribui nem para a felicidade nem para a infelicidade - por exemplo: a riqueza, a glória, a saúde, a força e similares -; de fato, mesmo sem estas é possível obter a felicidade, desde que do uso que se faz delas possa resultar felicidade ou infelicidade. Em segundo lugar o termo "indiferente" significa aquilo que não provoca nem propensão nem aversão- por exemplo: ter na cabeça um número de cabelos par ou ímpar, ou ter o dedo reto ou dobrado. As coisas antes mencionadas não são definidas como indiferentes nesse sentido, porque podem provocar propensão ou aversão.

105. Por isso tais coisas em parte são escolhidas, em parte são recusadas, enquanto as outras não suscitam o problema

de escolha ou rejeição. Das coisas indiferentes dizem que algumas merecem ser escolhidas, e outras merecem ser rejeitadas. Dignas de escolha são aquelas que têm valor; merecedoras de rejeição serão as destituídas de valor. Eles entendem por "valor" uma certa contribuição à vida equilibrada pela razão, requisito de todo bem; mas, entendem também uma certa potência ou utilidade mediata que contribui para a vida conforme a natureza, como a contribuição que a saúde e a riqueza trazem à vida segundo a natureza⁷³; os estoicos tiram outro significado do termo "valor" da troca de mercadorias calculada por um perito no assunto - por exemplo: trocar uma carga de trigo por uma carga de cevada mais a mula que a carrega⁷⁴.

106. Então merece escolha tudo que tem valor: no âmbito espiritual, os dotes naturais de habilidade, a capacidade técnica, a capacidade de progredir e similares; no âmbito corporal, a vida, a saúde, a força, a boa compleição física, a integridade física, a beleza e similares; no âmbito dos bens exteriores, a riqueza, a glória, a nobreza de nascimento e similares. Ao contrário, merecem ser rejeitadas: no âmbito espiritual a ausência de dotes naturais ou técnicos e similares; no âmbito corporal a morte, a doença, a debilidade, a má aparência física, a mutilação, a feiura e similares; no âmbito externo a pobreza, a mediocridade, a humildade de nascimento e similares. Existem, entretanto, coisas que não se incluem em nenhuma das duas classes, e, portanto, não são escolhidas nem rejeitadas.

107. Além disso, das coisas escolhidas algumas merecem ser escolhidas por si mesmas, outras por motivos diversos, outras ainda por si mesmas e por motivos diversos. São escolhidos por si mesmos os dotes naturais de habilidade, a capacidade de progredir e similares; por motivos diversos a riqueza, a nobreza de nascimento e similares; por si mesmas e por motivos diversos a força, a perspicácia dos sentidos, a integridade física. As coisas merecem ser

escolhidas por si mesma por serem conformes à natureza, e por outros motivos por proporcionarem vantagens.

Analogamente as coisas que merecem ser rejeitadas são rejeitadas por motivos opostos a estes. Eles entendem por "dever⁷⁵" o ato passível de ser justificado racionalmente, desde que seja conforme à natureza na vida, que se estende até as plantas e os animais, pois, segundo os estoicos, mesmo nelas e neles distinguem-se deveres.

108). Zenão foi o primeiro a usar o termo "dever" (καθήκον), derivado de κατά τινας ἕκειν, porquanto o dever se dirige ou incumbe a certos homens, e é um ato coerente com as disposições da natureza. Das ações inspiradas pelo impulso algumas são conformes ao dever, outras são contrárias ao dever, e outras nem são conformes nem contrárias ao dever. São conformes ao dever as ações ditadas pela razão - por exemplo: honrar os pais, os irmãos, a pátria, manter boas relações com os amigos; não são conformes ao dever as ações não aceitas pela razão - por exemplo: descuidar-se dos pais, não cuidar dos irmãos, não viver em harmonia com os amigos, desprezar a pátria e similares.

109. Nem conformes nem contrárias ao dever são todas as ações cuja prática a razão não impõe nem veta por exemplo: arrancar os ramos secos, segurar uma caneta ou um estilete e similares. Dos deveres alguns são incondicionados, outros são condicionados. São deveres incondicionados os seguintes: cuidar da saúde e dos órgãos sensoriais e similares; são deveres condicionados mutilar-se e sacrificar uma propriedade, se imposto pelas circunstâncias. Há uma distinção análoga nas ações contrárias ao dever. Outra distinção dos deveres é que alguns são sempre impositivos, e outros nem sempre são impositivos. É dever sempre impositivo, por exemplo, viver de acordo com os ditames da excelência, e nem sempre impositivo interrogar e responder, passear e similares. Aplica-se o mesmo critério às ações contrárias ao dever.

110. Há também um dever que se pode considerar intermediário- por exemplo: que as crianças obedeam aos preceptores. Segundo os estoicos, **a alma se compõe de oito partes:** os cinco sentidos, o órgão vocal, a faculdade de pensar (que é a própria mente) e a faculdade geradora. Do falso resulta a perversão do pensamento, e dessa perversão resultam muitas paixões causadoras de instabilidade. A própria paixão, segundo Zenão, é um movimento da alma, irracional e contrário à natureza, ou um impulso excessivo. Hécato no segundo livro de sua obra *Das Paixões* e Zenão em sua obra *Das Paixões* afirmam que os principais gêneros de paixões são quatro: dor, medo, desejo e prazer.

111. Sustentam que as paixões são juízos, como afirma Crísipo na obra *Das Paixões*. Com efeito, a avareza faz supor que o dinheiro seja belo, e analogamente a embriaguez, a imoderação e outras paixões. A dor é uma contração irracional da alma; suas espécies são: compaixão, inveja, ciúme, rivalidade, aflição, melancolia, inquietação, angústia, desvario. A compaixão é a dor por um sofrimento imerecido de outrem; a inveja é a dor pela prosperidade alheia; o ciúme é a dor de quem vê possuído por outrem o que ele mesmo deseja; a rivalidade é a dor de quem vê que outros possuem aquilo que ele mesmo tem; (112.) a aflição é uma dor que oprime; a melancolia é uma dor constrangedora e depressiva; a inquietação é uma dor que se forma e desenvolve por causa de considerações falsas; a angústia é uma dor penosa; o desvario é uma dor irracional, que piora constantemente e impede a visão global do presente.

O medo é a expectativa de um mal. Existem as seguintes espécies de medo: terror, hesitação, vergonha, consternação, pânico e inquietação. O terror é o medo causador de angústia; a vergonha é o medo da desonra; a hesitação é o medo diante da ação a realizar; a consternação é o medo produzido pela impressão de um

acontecimento insólito; (113) o pânico é o medo em que ocorre a elevação da voz; a inquietação é o medo provocado por um fato obscuro. A concupiscência é um apetite irracional, e a ela subordinam-se as seguintes espécies: necessidade, ódio, ambição, ira, amor, cólera, ressentimento. A necessidade é uma concupiscência determinada pela posse frustrada de alguma coisa, em que a pessoa é como que separada do objeto desejado, sendo, porém, impelida para ele num ímpeto desesperado; o ódio é uma concupiscência crescente e duradoura, em que se anseia pelo mal de alguém; a ambição é uma cobiça relativa à escolha de fins pessoais; a ira é a cobiça da vingança contra quem se pensa ser o autor de um mal imerecido; o amor é uma cobiça que não afeta os homens sérios, pois é a tentativa de conquistar afeição por causa de uma beleza exterior; (114) a cólera é uma ira inveterada e rancorosa, que espreita a ocasião da vingança, como evidenciam os seguintes versos⁷⁶:

"Embora por um dia ele engula a bile, conserva depois o rancor até havê-lo satisfeito."

O ressentimento é a primeira manifestação da ira. O prazer é uma exaltação irracional diante daquilo que se considera digno de ser escolhido. A ele subordinam-se o encantamento, o gozo malévolos, o deleite, a efusão. O encantamento é um prazer que provoca o arrebatamento por meio dos ouvidos; o gozo malévolos é o prazer em face dos males de outrem; o deleite é como se fosse um arrebatamento, ou seja, um impulso da alma em direção ao relaxamento; a efusão é a dissolução da excelência.

115. Da mesma forma que se fala de algumas enfermidades do corpo, como a gota e o artritismo, também existem enfermidades da alma, como o amor à glória, a busca do prazer e similares. A enfermidade da alma é uma infecção ligada à debilidade, e consiste em imaginar que uma coisa é fortemente desejável, quando na realidade não é. E da

mesma forma que se fala de indisposições que afetam facilmente o corpo, como os resfriados e a diarreia, também a alma é facilmente levada à inveja, à piedade, às contendas e similares.

116. De acordo com eles, existem igualmente três disposições passionais boas da alma: a alegria, a cautela e a vontade. Eles dizem que a alegria é contrária ao prazer, porquanto é uma exaltação racional; a cautela é contrária ao medo, porquanto evita racionalmente o perigo. Logo, o sábio nunca será medroso, e sim cauteloso. Os estoicos dizem ainda que a vontade se opõe à concupiscência, por ser um apetite racional. Como às paixões primárias se subordinam algumas outras, da mesma forma outras são subordinadas às disposições passionais primárias da alma; subordinam-se à vontade: a afabilidade, a complacência e a cordialidade subordinam-se à cautela: o pudor e a pureza; subordinam-se à alegria: o arrebatamento, o contentamento, a equanimidade.

117. Dizem ainda que o sábio é imune às paixões porque não pode cair diante delas. Mas, o termo "apatia", que designa propriamente a ausência de paixões, pode aplicar-se também ao homem mau, no sentido de que ele é insensível e não se deixa comover. O sábio é igualmente imune à soberba e à vaidade, e é também indiferente à glória e à obscuridade. Entretanto o termo "indiferente", que designa propriamente a pessoa imune à vaidade, pode referir-se igualmente a quem se inclui entre os temerários, ou seja, a um estulto. Esses filósofos dizem que todas as pessoas excelentes são austeras, porquanto nem elas por si mesmas dão importância ao prazer, nem se deixam levar por outras às seduções do prazer. O termo "austero" se aplica a outras pessoas, porém sua austeridade assemelha-se à aspereza do vinho próprio para fins medicinais, que não serve para ser bebido normalmente.

118. As pessoas boas são sinceras e cuidadosas de seu

próprio desenvolvimento, vivendo de maneira a fazer desaparecer o mal e revelando todos os bens possíveis; além disso tais pessoas são livres de falsidades, pois baniram a hipocrisia tanto nas palavras como nas atitudes. Os homens bons também não se imiscuem nos negócios, mantendo-se à distância deles porque repudiam qualquer ação que possa entrar em conflito com o dever. Beberão vinho, mas não se embriagarão. Jamais poderão ser vítimas da loucura, embora estejam sujeitos a sensações absurdas em seguida a uma crise de melancolia ou a um delírio, ideias essas contrárias à natureza e não devidas ao critério do que é digno de ser escolhido. Os sábios tampouco se deixarão entristecer pelo sofrimento, porque este é uma reação irracional da alma, de acordo com a definição de Apolodoro na *Ética*.

119. Os sábios são criaturas divinas, pois têm em si, por assim dizer, a divindade, enquanto o homem mau é ateu. A palavra "ateu" tem um duplo sentido: em primeiro lugar indica quem é o oposto do divino, e em segundo lugar quem não reconhece a existência da divindade, e nesta última acepção, "ateu" não se aplica a todo homem mau. Os homens bons veneram a divindade, pois estão a par de tudo que se relaciona com os deuses, e a piedade é o conhecimento do culto dos deuses. Por isso oferecem sacrifícios aos deuses e se mantêm puros, e evitam todos os atos ofensivos aos deuses. E por serem santos e justos em tudo que se refere aos deuses, desfrutam do amor e dos favores divinos. Os sábios são os únicos sacerdotes porque têm ideias claras sobre os sacrifícios, sobre a construção dos templos, sobre as purificações e os demais assuntos divinos.

120. De acordo com os estoicos, devemos honrar os pais e os irmãos em segundo lugar, logo após os deuses. Também afirmam que o amor extremado aos filhos é natural nos homens bons, mas não o é nos maus. Para eles os pecados

são iguais, como dizem Crísipo no quarto livro *das Questões Éticas* e também Perseu e Zenão. Com efeito, se uma verdade não é mais verdadeira que outra, nem uma falsidade é mais falsa que outra, e um engano não é mais enganoso que outro, tampouco um pecado é mais pecaminoso que outro. Pessoas que se encontram a cem estádios⁷⁷ de distância de Canopos e pessoas que estão somente a um estádio não se encontram igualmente em Canopos. Da mesma forma, uma pessoa que erra mais e uma pessoa que erra menos se acham igualmente fora do caminho correto.

121. Entretanto, Heracleides de Tarsos, discípulo de Antípatro de Tarsos, e Atenodoro afirmam que as culpas não são iguais. No primeiro livro de sua obra *Dos -Modos de Vida*, Crísipo sustenta que o sábio participará da vida política, se nada o impedir, pois assim ele conterà a deficiência e propagará a excelência. Na *República*, Zenão afirma que o sábio se casará e gerará filhos. Mais ainda: o sábio jamais confiará em simples opiniões, ou seja, jamais compactuará com o falso. O sábio também parecerá um cínico, pois a filosofia cínica é o caminho mais curto para a excelência, de acordo com a definição de Apolodoro na *Ética*. Premido pelas circunstâncias, o sábio poderá tomar-se até um canibal. Somente o sábio é livre, mas os estultos são escravos, pois a liberdade é a faculdade de agir independentemente e a servidão é a privação dessa faculdade.

122. Há outra forma de escravidão, consistente na subordinação, e uma terceira consistente em ser propriedade de outrem e também na subordinação, à qual se contrapõe o senhorio, que é igualmente reprovável. Além disso, os sábios não são somente livres, mas são também reis, porque reinar é uma forma de domínio isenta de prestação de contas, que pode subsistir apenas nas mãos dos sábios; esta é a tese defendida por Crísipo em sua obra

Da Propriedade dos Termos Usados por Zenão. Com efeito, ele sustenta que o conhecimento do bem e do mal é um atributo necessário ao governante, e que nenhum homem mau possui essa ciência. Da mesma forma, somente os sábios estão capacitados para governar, para administrar a justiça e para praticar a oratória, enquanto dos homens maus nenhum é capaz. Mais ainda: os sábios são infalíveis, porque não estão sujeitos a errar.

123. Os sábios são ainda inofensivos, pois não fazem mal a si mesmos nem aos outros. Eles também não são complacentes nem perdoam seja quem for, nem deixam de aplicar as penalidades impostas pela lei (a indulgência, a compaixão e a própria condescendência revelam uma alma débil ostentando uma bondade artificial em face das punições), nem as consideram muito severas. E o sábio não se admira do que parece extraordinário e imprevisto, como a porta dos condenados à morte denominada Cáron⁷⁸, o fluxo e o refluxo das marés, as nascentes de água quente ou as erupções de fogo. Tampouco o homem bom viverá na solidão pois nasceu para a vida comunitária e ativa, nem descuidará dos exercidos destinados a dar força e resistência ao corpo.

124. Posidônio no primeiro livro de sua obra *Dos Deveres*, e Hécato no terceiro livro de sua obra *Dos Paradoxos*, dizem que o sábio fará preces e pedirá coisas boas aos deuses. De acordo com os estoicos, a amizade existe somente entre os homens bons, porque estes se assemelham entre si. Definem a amizade como uma certa comunidade de tudo que interessa à vida, enquanto tratamos os amigos como nos trataríamos a nós mesmos. Afirmam que o amigo é digno de ser escolhido por seus próprios méritos, e que é um bem ter muitos amigos. Não pode perdurar a amizade entre pessoas más, e nenhum homem mau tem um amigo sequer. Todos os estultos são loucos; com efeito, não são prudentes, agindo em todas as circunstâncias com loucura,

que é o equivalente da estupidez.

125. O sábio é bem-sucedido em todas as suas ações, da mesma forma que dizemos que Ismenias toca bem todas as notas na flauta. Tudo pertence ao sábio, porque a lei lhes conferiu um poder absoluto sobre todas as coisas. Aos estultos, da mesma forma que aos injustos, pertencem somente alguns bens, tanto quanto se pode dizer em certo sentido que os bens obtidos desonestamente pertencem ao Estado, e em outro sentido àqueles que os usam. Dizem ainda que as formas de excelência se relacionam estreitamente umas com as outras, e que o possuidor de uma delas possui todas, porque elas têm princípios comuns, como afirma Crísipo no primeiro livro de sua obra *Das Formas de Excelência*, Apolodoro em sua obra *Física de Acordo com a Escola Antiga*, e Hécato no terceiro livro de sua obra *Das Formas de Excelência*.

126. O homem excelente não tem apenas uma formação teórica, mas também pode pôr em prática o que deve ser feito. Sua ação se desenvolve mediante uma escolha correta, perseverança, fidelidade, imparcialidade, de tal maneira que se um homem faz algumas coisas demonstrando escolha inteligente, outras coisas com coragem, outras coisas por meio de uma distribuição justa, e outras prontamente, ele é ao mesmo tempo sábio, corajoso, justo e moderado. De fato, cada forma de excelência constitui um princípio básico que leva à realização de um objetivo particular, como, por exemplo, a coragem se relaciona com o que deve ser suportado, a prudência com os atos que devem ser praticados, com os atos que não devem ser praticados e com os atos que nem devem ser praticados nem devem deixar de sê-lo. Assim, analogamente cada uma das outras formas de excelência se relaciona com sua própria esfera de ação: à prudência se subordinam o bom-senso e a inteligência, à moderação, o amor, à ordem e à disciplina, a justiça, a equidade e a

probidade, à coragem, a constância e o esforço.

127. Segundo eles, nada há de intermediário entre a excelência/virtude e a deficiência/vício, enquanto de acordo com os peripatéticos existe esse grau intermediário, que é o estágio de progresso moral. Com efeito, os estoicos sustentam que, da mesma forma que um bastão deve ser reto ou tondo, um homem é justo ou injusto, não existindo um grau menor ou maior de injustiça; acontece o mesmo com as demais formas de excelência. Crísipo afirma que a excelência pode ser perdida, enquanto Cleantes sustenta que não pode. Para o primeiro pode-se perder a excelência por causa da embriaguez ou da melancolia; para o segundo ela nunca pode ser perdida porque se baseia em conhecimentos sólidos. A excelência é digna de ser escolhida por si mesma, e por outro lado corremos se praticamos alguma ação má, porque sabemos que somente o belo é bom. Zenão e Crísipo no primeiro livro de sua obra *Da Excelência*, e Hécato no segundo livro de sua obra *Dos Bens* sustentam que a excelência é suficiente para assegurar a felicidade.

128. Realmente Hécato diz: "Se a magnanimidade basta por si mesma para elevar-nos acima de tudo, e ela é uma parte da virtude, então a própria virtude será suficiente para a felicidade, removendo tudo que possa perturbá-la." Entretanto Panécio e Posidônio afirmam que a excelência não é suficiente, sendo necessárias ainda a boa saúde, a abundância de meios de vida e a força. Cleantes e seus adeptos afirmam que temos de fazer uso constante da excelência, pois não se pode perdê-la, e o homem excelente não renuncia em caso algum a servir-se dela, que é perfeita. A justiça existe por natureza, e não por convenção, da mesma forma que a lei e a reta razão, como diz Crísipo em sua obra *Do Belo*.

129. De acordo com eles, nenhuma divergência de opinião entre filósofos é motivo para desistirmos da filosofia, ou

então deveríamos renunciar a toda a vida por esse motivo; assim se manifesta Posidônio em suas *Exortações*. Crísipo, por seu turno, declara que a educação enciclopédica é útil. Além disso, segundo a doutrina estoica, não pode haver qualquer relação jurídica entre o homem e os outros animais, porque não há semelhança entre eles, como sustentam Crísipo no primeiro livro de sua obra *Da justiça* e Posidônio no primeiro livro de sua obra *Dos Deveres*. Também dizem que o sábio sentirá afeição pelos jovens que por sua atitude mostram um pendor natural para a excelência, como dizem Zenão na *República*, Crísipo no primeiro livro de sua obra *Dos Modos de Vida*, e Apolodoro na *Ética*.

130. O amor é um esforço no sentido de estabelecer a amizade, provocado pela beleza exterior; não se trata de relações sexuais, e sim de amizade. Os estoicos apresentam o exemplo de Trasonides, que, embora tivesse a amante à sua disposição, se abstinha dela porque ela o detestava. Com efeito, os estoicos pensam que o amor depende da amizade, como diz Crísipo em sua obra *Do Amor*, e não é enviado pelos deuses. E a beleza é definida por eles como a flor da excelência. Dos três modos de vida: o contemplativo, o prático e o racional – eles dizem que se deve escolher o terceiro, pois a natureza criou o ser racional adaptado para a contemplação e a ação. Os estoicos afirmam que o sábio desprezará a vida se tiver motivos razoáveis, como por exemplo a salvação da pátria ou dos amigos, ou se for atormentado por dores insuportáveis, mutilação ou doenças incuráveis.

131. Também faz parte da doutrina estoica que entre os sábios deve haver comunidade de mulheres com livre escolha de parceiros, como dizem Zenão em sua *República* e Crísipo em sua obra *Do Governo*⁷⁹. Amariam os assim todas as crianças com igual amor paternal e teria fim o ciúme resultante do adultério. Para os estoicos a melhor

constituição política é a mista, resultante de uma combinação de democracia, monarquia e aristocracia. Na esfera da ética são essas as doutrinas enunciadas por eles, e muitas outras além destas, juntamente com as demonstrações pertinentes, porém basta-nos haver exposto seus elementos principais numa forma elementar.

132. A doutrina física dos estoicos divide-se em seções acerca dos corpos, dos princípios, dos elementos, dos deuses, dos limites, do espaço e do vazio. Essa é a divisão por espécies, mas existe ainda uma por gêneros composta de três partes: uma trata do cosmos, outra dos elementos e a terceira das causas. Por sua vez a doutrina dos corpos é dividida por eles em dois componentes. O âmbito e o método de pesquisa relativos a algumas questões são comuns também à matemática; versam sobre as estrelas fixas e os planetas – se, por exemplo, o sol ou a lua é tão grande quanto parece – e sobre o movimento de revolução e questões afins.

133. Mas, o âmbito e o método de pesquisa relativos a outras questões pertencem exclusivamente à física: a indagação acerca da substância do cosmos, se este foi gerado ou não, se é animado ou inanimado, se é corrompível ou incorruptível, se é governado pela providência, e tudo mais. A doutrina referente às causas divide-se em duas partes; o âmbito e o método de pesquisa relativos a algumas questões são comuns também à medicina; tratam da parte principal da alma, dos fenômenos da alma, do sêmen e similares; mas existem ainda um âmbito e um método de pesquisa comuns também à matemática: relacionam-se com a explicação de nossa capacidade visual, com a causa das imagens num espelho, com a origem das nuvens, dos trovões, do arco-íris, do halo, dos cometas e similares.

134. De acordo com os estoicos, os princípios são dois: o ativo e o passivo. O princípio passivo é a essência sem

qualidade - a matéria -; o princípio ativo é a razão na matéria, ou seja, Deus. E Deus, que é eterno, é o criador de todas as coisas no processo relativo à matéria. Essa doutrina é exposta por Zenão de Cítio na obra *Da Substância*, por Cleantes na obra *Dos Átomos*, por Crísipo na parte final do primeiro livro *da Física*, por Arquedemo na obra *Dos Elementos* e por Posidônio no segundo livro de sua *Física*. De conformidade com os estoicos, há uma diferença entre princípios e elementos: os princípios não foram gerados e são incorruptíveis, enquanto os elementos se corrompem quando ocorre a conflagração do cosmos. Além disso os princípios são incorpóreos e informes, enquanto os elementos têm uma forma determinada.

135. Segundo a *Física* de Apolodoro, é corpo aquilo que tem três dimensões: comprimento, largura e altura. Dá-se também a isso o nome de corpo sólido. Superfície é o limite do corpo, ou aquilo que tem somente comprimento e largura, e não tem altura. No terceiro livro de sua obra *Dos Fenômenos Celestes* Posidônio demonstra que a superfície existe não somente no pensamento, mas também na realidade. Linha é o limite da superfície, ou o comprimento sem largura, ou aquilo que tem somente comprimento. Ponto é o limite da linha, e constitui o menor sinal visível. Deus é uma substância única, quer se chame razão, ou destino, ou Zeus, mas é designado ainda por muitos outros nomes.

136. No princípio, Deus estava só em seu ser, e transformava toda a substância em sua volta por meio do ar em água; e como no sêmen está o germe, da mesma forma aquilo que é a razão seminal do cosmos permanece como criador, de tal maneira que a matéria passa a ter por sua obra a faculdade de continuar a gerar. O próprio Deus criou em primeiro lugar os quatro elementos: fogo, água, ar e terra. Esse ponto é discutido por Zenão em sua obra *Do Cosmos*, por Crísipo no primeiro livro de sua *Física*, e por

Arquedemo na obra *Dos Elementos*. "Elemento" é definido como aquilo de que todas as coisas tiram sua existência e em que afinal se dissolvem.

137. Os quatro elementos juntos constituem a substância não qualificada, ou seja, a matéria; o fogo é o elemento quente, a água é o úmido, o ar é o frio e a terra é o seco. Mas a mesma parte, isto é, o seco, está igualmente no ar⁸⁰. No lugar mais alto está o fogo, que se chama éter, onde se forma primeiro a esfera das estrelas fixas e depois a dos planetas, ao qual se seguem o ar e depois a água; no lugar mais baixo está a terra, que fica no centro de todas as coisas. O termo "cosmos" tem para os estoicos uma significação tríplice: primeiro, o próprio Deus, cuja qualidade é idêntica àquela de toda a substância do cosmos; ele é por isso incorruptível e incriado⁸¹, autor da ordem universal, que em períodos de tempo predeterminados absorve em si toda a substância do cosmos, e por seu turno a gera de si.

138. Segundo, a ordem cósmica das estrelas; terceiro, o conjunto resultante de ambas essas partes. O cosmos em sua individualidade possui a qualidade da substância universal, ou, como o define Posidônio em seus *Elementos de Meteorologia*, é um sistema constituído de céu e terra e de suas naturezas intrínsecas, ou seja, é um sistema de deuses e homens e de tudo que é criado por obra sua. O céu é a circunferência extrema em que a divindade tem sede. O cosmos é ordenado pela razão e pela providência, como dizem Crísipo no quinto livro de sua obra *Da Providência*, e Posidônio no terceiro livro de sua obra *Dos Deuses*, enquanto a mente penetra em todas as partes do cosmos, como a alma em nós. Entretanto, em algumas partes penetra mais, e em outras menos.

139. Com efeito, em algumas partes penetra como princípio de coesão - por exemplo os ossos e os nervos; em outras penetra como inteligência - por exemplo na parte principal da alma. Assim então o cosmos inteiro, enquanto é vivo,

animado e racional, tem seu princípio dominante no éter (segundo Antípatro de Tiros no oitavo livro de sua obra *Do Cosmos*), no céu (segundo Crísipo no primeiro livro de sua obra *Da Providência* e Posidônio em sua obra *Dos Deuses*), no sol (segundo Cleantes). Crísipo, todavia, contradiz-se quando afirma que o princípio dominante é a parte mais pura do éter, que os estoicos definem como Deus em primeiro lugar, embora sem provas lógicas e apenas com a evidência dos sentidos, enquanto penetrou e penetra tudo que está no ar e todos os animais e plantas, e a própria terra como princípio de coesão.

140. O mundo⁸² é um só e finito e sua forma é esférica, porque essa forma é compatível com o movimento, como afirmam Posidônio no quinto livro de sua *Física* e Antípatro e seus adeptos na obra *Sobre o Cosmos*. Além do cosmos difunde-se o vazio infinito, que é incorpóreo. Incorpóreo é aquilo que, embora seja capaz de conter corpos, não os contém. No cosmos não existe o vazio, sendo ele uma unidade compacta. Essa unidade é o resultado necessário da afinidade e sintonia predominantes entre as coisas celestes e terrestres. Tratam do vazio Crísipo em sua obra *Do Vazio* e no primeiro livro de sua obra *Das Ciências Físicas*, e Apolodoro e Posidônio no segundo livro de sua *Física*. E estas, ou seja, a afinidade e a sintonia, são incorpóreas como o vazio⁸³.

141. O tempo também é incorpóreo, sendo a medida do movimento. O tempo passado e o futuro são infinitos, e o presente é finito. Mas, os estoicos admitem ainda que o cosmos seja corruptível, pois foi gerado analogamente às coisas apreendidas pelos sentidos; com efeito, se as partes são corruptíveis, o todo também é corruptível. Ora: as partes do cosmos são corruptíveis, porquanto se transformam umas nas outras; logo, o cosmos é corruptível. Mais ainda: se é corruptível aquilo que é susceptível de mudança para pior, o cosmos também é corruptível, pois

primeiro evapora-se e depois dissolve-se na água.

142. O cosmos formou-se quando sua substância primeiro se converteu de fogo que era (por meio do ar) em umidade, e então a parte mais densa da umidade se converteu em terra, enquanto as partículas mais sutis se transformaram em ar e, tornando-se sempre mais rarefeitas, geraram o fogo. Sendo assim, do processo de mescla desses elementos derivam as plantas e os animais e os outros gêneros de coisas. Tratam da gênese e dissolução do cosmos: Zenão em sua obra *Do Universo*; Crísipo no primeiro livro de sua *Física*; Posidônio no primeiro livro de sua obra *Do Cosmos*; e Cleantes e Antípatro no décimo livro de sua obra *Do Cosmos*. Panécio, entretanto, sustenta a incorruptibilidade do cosmos. Crísipo no primeiro livro de sua obra *Da Providência*, Apolodoro em sua *Física*, e Posidônio sustentam que o cosmos é um ser vivo, racional, animado e inteligente, (143.) um ser vivo no sentido de que o cosmos é uma substância animada, dotada da faculdade de percepção sensível. O ser vivo é superior ao ser sem vida; nada é superior ao cosmos; logo, o cosmos é um ser vivo. O cosmos é animado, e isso se evidencia diante do fato de nossas próprias almas serem cada uma um fragmento dele. Boêto, entretanto, diz que o cosmos não é um ser vivo. A unidade do cosmos é demonstrada por Zenão em sua obra *Do Universo*, por Apolodoro em sua *Física*, e por Posidônio no primeiro livro de sua *Física*. De acordo com a definição de Apolodoro, no conceito de totalidade estão compreendidos tanto o cosmos como em outro sentido o sistema do cosmos e o vazio que o envolve por fora. O cosmos é, portanto, finito, e o vazio é infinito.

144. Dos astros, as estrelas giram juntamente com todo o céu, enquanto os planetas têm seu movimento especial. O sol perfaz uma trajetória oblíqua através do zodíaco, e analogamente a lua se move num itinerário espiralado. O sol é um fogo absolutamente puro, segundo a afirmação de

Posidônio no sétimo livro de sua obra *Dos Fenômenos Celestes*, e é maior que a terra, como diz o mesmo autor no sétimo livro de sua Física. A semelhança do cosmos ele é esférico, de acordo com a afirmação do mesmo autor e de seus seguidores. É fogo porque produz todos os efeitos do fogo, e é maior que a terra porque não somente a terra toda é iluminada por ele, mas também o céu. O fato de o sol ser maior que a terra é indicado ainda pela circunstancia de a terra produzir uma sombra de forma cônica; e por sua grandeza ele é visível de todas as partes da terra.

145. A lua, entretanto, é de uma composição predominantemente terráquea, pois está mais próxima da terra. Esses corpos de fogo, assim como os outros astros, têm fontes particulares de nutrição: o sol, que é massa ígnea provida de intelecto, nutre-se do grande oceano; a lua, que contém uma mistura de ar e está mais próxima da terra, tira sua nutrição das águas potáveis, como afirma Posidônio no sexto livro de sua *Física*; os outros astros nutrem-se da terra. Segundo os estoicos, os próprios astros e a terra, que é imóvel, têm forma esférica. A lua não tem luz própria, recebendo-a do sol, pelo qual é iluminada. Em sua obra *Do Universo*, Zenão demonstra, graças a um diagrama, que os eclipses do sol ocorrem quando a lua se encontra diante dele, na parte que olha para nós.

146. Percebe-se, de fato, que a lua se aproxima do sol e primeiro o esconde, deixando-o depois visível; pode-se observar o fenômeno por meio de uma bacia cheia d'água. O eclipse da lua ocorre quando ela entra na sombra da terra; por isso a lua se eclipsa somente com lua cheia, embora todos os meses fique diametralmente oposta ao sol; movendo-se em uma órbita oblíqua, diverge em latitude da órbita do sol, porque se acha mais ao norte ou mais ao sul. Mas, quando o movimento da lua em latitude entra na órbita do sol e do zodíaco, e fica assim diametralmente oposta ao sol, então a lua se eclipsa. Ora: a lua se encontra

em latitude na órbita do zodíaco quando está na constelação de Câncer, de Escorpião, de Áries e de Touro, como afirmam Posidônio e sua escola.

147. Deus é um ser imortal, racional, perfeito e inteligente, feliz, insusceptível de qualquer mal, solícito em sua providência, em relação ao cosmos e a tudo que está no mesmo, mas não tem forma humana. É o criador do universo e, como se fosse o pai de todas as coisas, é aquilo que penetra em toda parte, total ou parcialmente, e recebe muitos nomes de acordo com as várias modalidades de sua potência. Chama-se Dia (Δία) porque tudo acontece graças a ele (διά); Zeus (Ζῆνα) porque é causa da vida (ζῆν) ou porque permeia toda a vida; Atena (Athenan) porque sua hegemonia se estende ao éter (aithera); Hera (Héran) porque domina o ar (aera); Héfaistos porque é senhor do fogo criador; Poseidon porque domina o elemento líquido, e Dêmetra porque domina toda a terra. Os homens lhe deram ainda outros nomes, para salientar outras propriedades particulares suas.

148. Zenão diz que a substância de Deus é o cosmos inteiro e o céu, da mesma forma que Crísipo no primeiro livro de sua obra *Dos Deuses* e Posidônio no primeiro livro de sua obra *Dos Deuses*. Antípatro no sétimo livro de sua obra *Do Cosmos* diz que sua substância se assemelha ao ar, enquanto Boêto em sua obra *Da Natureza* define a substância de Deus como a esfera das estrelas fixas. O termo "*natureza*" é usado pelos estoicos para significar às vezes aquilo que mantém o cosmos unido, e às vezes a causa do desenvolvimento das coisas terrestres. A natureza é a capacidade movida por si mesma que, de conformidade com os principias seminais⁸⁴, produz e conserva tudo que brota por si em períodos definidos, fazendo as coisas como elas são e obtendo resultados harmônicos com suas fontes.

149. A natureza visa à utilidade e ao prazer, e isso se evidencia pela analogia com o espírito criador do homem.

Que todas as coisas acontecem de acordo com o destino dizem Crísipo em sua obra *Do Destino*, Posidônio no segundo livro de sua obra *Do Destino*, e Zenão e Boêto no primeiro livro da obra *Do Destino*. O destino é um encadeamento de causas daquilo que existe, ou a razão que dirige e governa o cosmos. Mais ainda: eles dizem que a adivinhação em todas as suas formas é um fato real e substancial, se há realmente uma providência, e provam que ela é de fato uma ciência diante da evidência de certos resultados, como afirmam Zenão, Crísipo no segundo livro de sua obra *Da Adivinhação*, Atenodoro e Posidônio no segundo livro de sua *Física* e no quinto livro da obra *Da Adivinhação*. Panécio, entretanto, diz que a adivinhação é absolutamente inexistente.

150. Chamam de substância a matéria-prima de todas as coisas; assim dizem Crísipo no primeiro livro de sua *Física* e Zenão. Matéria é aquilo a partir de que se produzem todas as coisas. A definição dos termos "substância" e "matéria" é dupla, podendo uma ou outra significar o universal ou o particular. A substância ou matéria do universal não cresce nem decresce, mas a substância ou matéria do particular cresce e decresce. Segundo eles, a substância é corpórea e finita (essa é a definição constante do segundo livro *Da Essência* de Antípatro e da *Física* de Apolodoro). A substância é susceptível de transformações, como afirma o mesmo Apolodoro, pois se fosse imutável já não seria a fonte da criação. Daí deriva a teoria da divisão da substância ao infinito. Crísipo, todavia, admite que a substância é infinita, mas sua divisão não se efetua ao infinito, porque não existe um infinito passível de ser dividido. A divisão, porém, é incessante.

151. Assim, mais uma vez, sua explicação da mistura de duas substâncias é, segundo Crísipo no terceiro livro de sua *Física*, que elas permeiam uma à outra através da outra, e que as partículas de uma não se limitam a cercar as da

outra ou repousam ao seu lado. Sendo assim, uma gota de vinho derramada no mar somente por momentos resistirá à assimilação, e então se misturará com ele. Afirmam também que existem alguns demônios dotados de afetos e sentimentos comuns à condição humana, que vigiam as adversidades humanas. Acreditam ainda nos heróis, que são almas sobreviventes de homens excelentes. Quanto aos fenômenos do ar, dizem que o inverno é o resfriamento do ar em decorrência do maior afastamento do sol em relação à terra; a primavera é a temperatura equilibrada do ar em seguida à reaproximação do sol em relação a nós; (152.) o verão é o aquecimento do ar causado pela viagem do sol ao norte, e o outono coincide com o retorno do sol ao sul. Os ventos são correntes de ar; a disparidade de seus nomes explica-se por sua proveniência de lugares diferentes. A causa de sua ocorrência é o sol, mediante a evaporação das nuvens. O arco-íris é o reflexo dos raios do sol nas nuvens ou, como diz Posidônio em sua *Meteorologia*, é o reflexo de um segmento do sol em uma nuvem de orvalho, oca e visível ininterruptamente, que aparece como num espelho sob a forma de um arco circular. Os cometas, as estrelas de barba e os meteoros são fogos que se formam quando o ar denso se eleva até a região etérea.

153. A estrela cadente é a ignição súbita de uma massa inflamada em movimento rápido através do ar, deixando um longo rastro atrás de si. A chuva é a transformação de uma nuvem em água, quando a umidade sugada pelo sol da terra ou do mar vaporiza-se pela ação do sol; se ocorre um resfriamento, forma-se então a geada. O granizo é uma nuvem gelada, dispersa pelo vento; a neve é a umidade de uma nuvem gelada, segundo a definição de Posidônio no oitavo livro de sua *Física*; o relâmpago é uma ignição de nuvens que se rompem por causa do vento, como diz Zenão em sua obra *Do Universo*; (154.) o trovão resulta do atrito ou do rompimento de nuvens; o raio é o fogo ardente

violentamente e projetado com grande força para o solo quando as nuvens se chocam ou são irrompidas pelo vento. Segundo outros autores, o raio é a compressão de ar inflamado descendo violentamente. O tufão é uma tempestade grossa e violenta, semelhante a um turbilhão de vento ou a um turbilhão de fumaça que sai de uma nuvem rompida; o fulgor é uma nuvem lacerada pelo fogo e pelo vento. Os terremotos, dizem eles, ocorrem quando o vento penetra ou é aprisionado nas cavidades da terra, como explica Posidônio em seu oitavo livro; alguns deles podem ser tremores, outros podem ser fendas na terra, outros deslocamentos laterais, e outros deslocamentos verticais.

155. Eles sustentam que as partes do mundo estão assim dispostas. A terra está no meio respondendo a um centro; em seguida vem a água, que tem a forma de uma esfera ao seu redor, concêntrica com a terra, para que a terra esteja na água. Após a água vem uma camada esférica de ar. Há cinco círculos celestes: primeiro, o círculo ártico, que é sempre visível; segundo, o trópico de verão; terceiro, o círculo do equinócio; quarto, o trópico de inverno; e quinto, o antártico, que é invisível para nós. São chamados de paralelos, porque não se inclinam uns para os outros; no entanto, são descritos ao redor do mesmo centro⁸⁵. O zodíaco é um círculo oblíquo, pois atravessa os círculos paralelos.

156. E há cinco zonas terrestres: primeiro, a zona norte, que está além do círculo ártico, inabitável por causa do frio; segundo, uma zona temperada; terceiro, inabitável por causa de grandes calores, chamada zona tórrida; quarto, uma zona contra temperada; quinto, a zona sul, inabitável por causa do frio. A natureza, na sua visão, é uma fogueira artesanal, indo em seu caminho para criar; o que equivale a um sopro ardente, criativo, ou de modelagem. E a alma é uma natureza capaz de percepção. E a consideram como

um sopro de vida, congênito conosco; do qual inferem, primeiro, que é um corpo e que sobrevive à morte. Mas é perecível, embora a alma do universo, da qual as almas individuais dos animais são partes, seja indestrutível.

157. Zenão de Cítio e Antípatro, em seus tratados *Da Alma*, e Posidônio definem a alma como um sopro quente; pois com isso nos tornamos animados e isso nos permite nos mover. Cleantes, de fato, sustenta que todas as almas continuam a existir até a conflagração geral; mas Crísipo diz que só as almas dos sábios o fazem. Eles contam oito partes da alma: os cinco sentidos, o poder generativo em nós, o nosso poder de fala e o do raciocínio. Eles sustentam que vemos quando a luz entre o órgão visual e o objeto se projeta na forma de um cone: assim diz Crísipo no segundo livro de sua *Física* e Apolodoro. O ápice do cone no ar está no olho, a base no objeto visto. Assim, a coisa vista nos é relatada pelo meio do ar que se estende em sua direção, como se fosse por um bastão.

158. Ouvimos quando o ar entre o corpo sonoro e o órgão da audição sofre impacto, uma vibração que se espalha de forma esférica e depois forma ondas e golpes nos ouvidos, assim como a água de um reservatório forma círculos ondulados quando uma pedra é jogada dentro dele. O sono é causado, dizem, pelo afrouxamento da tensão em nossos sentidos, que afeta a parte dominante da alma. Eles consideram que as paixões são causadas pelas variações da respiração vital. O sêmen é definido por eles como aquilo que é capaz de gerar descendência como o pai. E o sêmen humano que é emitido por um pai humano num veículo úmido mesclado com partes da alma, misturado na mesma proporção em que estão presentes no pai.

159. Crísipo, no segundo livro de sua *Física*, declara-o em substância idêntica à respiração vital ou espírito. Isto, pensa ele, pode ser visto a partir das sementes lançadas na terra, que, se conservadas até a velhice, não germinam,

claramente porque sua fertilidade se evaporou. Esfero do Bósforo e seus seguidores também sustentam que o sêmen deriva da origem de todo o corpo; em todo caso, cada parte do corpo pode ser reproduzida a partir dele. O da fêmea é, segundo eles, estéril, sendo, como diz Esfero, sem tensão, escasso e aquoso. Por governar parte da alma se entende o que é mais propriamente alma própria, em que surgem apresentações e impulsos e do qual se origina a fala racional. E tem sua origem no coração.

160. Tal é o resumo da física estoica que tenho considerado adequado, sendo meu objetivo preservar uma proporção devida em meu trabalho. Mas os pontos sobre os quais alguns dos estoicos se diferenciaram dos demais são os seguintes:

ARÍSTON⁸⁶

Ariston, o Calvo, nasceu em Quios, e era conhecido por Sereia. Afirmava que o fim supremo é viver perfeitamente indiferente a tudo que não é excelência ou deficiência, não admitindo distinção alguma entre coisas indiferentes, pois as considerava todas iguais. Comparava o sábio a um ator talentoso que, devendo pôr a máscara de Tércites⁸⁷ ou de Agamêmnon, representa os dois papéis competentemente. Aríston suprimiu a física e a lógica, argumentando que a primeira está acima de nossas forças, e a segunda nada tem a ver conosco; somente a ética nos interessa.

161. Comparava os discursos dialéticos a teias de aranha, que embora tenham aparentemente algo de artístico, são, todavia, inúteis. Não admitia uma pluralidade de formas de virtudes, como Zenão, nem a existência de uma só com muitos nomes, como os megáricos, mas considerava a virtude em relação aos modos devida. Ensinando essa filosofia e dando suas aulas no Cinosargo⁸⁸, exerceu tanta influência que chegou a ser considerado fundador de escola. De qualquer modo Milcíades e Dífilo eram chamados aristônicos. Possuía grande força de persuasão e agradava ao gosto do público em geral. Daí os versos de Timon a seu respeito⁸⁹:

"Alguém que se diz descendente do sedutor Aríston."

162. Depois de encontrar Polemo ele se renegou, diz Diócles de Magnesia, enquanto Zenão sofria de uma doença prolongada. A doutrina estoica à qual ele atribuía maior importância era a recusa do homem sábio em ter meras opiniões. E contra essa doutrina Perseu estava lutando quando persuadiu um de um par de gêmeos a depositar

uma certa soma com Aríston e depois fez que o outro a reclamasse. Aríston sendo assim levado à perplexidade, foi refutado. Ele estava em desacordo com Arcesilau⁹⁰; e um dia, quando viu um aborto em forma de touro com útero, disse: "Ai de mim, aqui Arcesilau tem em sua mão um argumento contra a evidência dos sentidos".

163. Quando algum acadêmico alegou que não tinha certeza de nada, Ariston disse: "Você não vê nem mesmo o seu vizinho sentado ao seu lado?" e quando o outro respondeu "Não", ele se voltou, recitando os versos:

"Quem pode ter lhe cegado? Quem lhe tirou a luz dos olhos?"

Os livros atribuídos a ele são os seguintes:

- *Exortações*, em dois livros;
- *A Doutrina de Zenão*;
- *Diálogos*; lições, em seis livros;
- *Dissertações sobre Filosofia*, em sete livros;
- *Dissertações sobre o Amor*;
- *Notas sobre a Van glória*;
- *Notas*, em vinte e quatro livros;
- *Comentários*, em três livros;
- *Anedotas*, em onze livros;
- *Contra os Retores*;
- *Respostas às Acusações de Alexinos*;
- *Contra os Dialéticos*, em três livros;
- *A Cleantes*;
- *Epístolas*, em quatro livros.

Panécio e Sócrates consideram autênticas somente as *Epístolas* e atribuem todas as outras obras ao Aríston peripatético.

164. Conta-se que, sendo calvo, Aríston foi vítima de uma insolação e morreu por isso. Dedicamos-lhe como gracejo o seguinte poema no metro colímbico⁹¹:

"Por que, Aríston, velho e calvo, deixaste o sol assar-te a cabeça? Buscando o calor mais do que era necessário, contra a tua vontade foste para o frio Hades."

Houve outro Aríston, natural de Lúlis; outro ainda, de Atenas, músico; um quarto, poeta trágico; um quinto, de Hálai, autor de manuais de retórica; e um sexto, de Alexandria, filósofo peripatético.

Hérilos de Cartago⁹²

165. Hérilos de Cartago declarou o fim supremo como sendo o conhecimento, isto é, viver sempre para fazer da vida científica o padrão em todas as coisas e não ser enganado pela ignorância. O Conhecimento ele definiu como um hábito da mente, não se deixar perturbar pela argumentação, na aceitação das exposições. Às vezes ele costumava dizer que não havia um único fim de ação, mas ele mudava de acordo com circunstâncias e objetos variados, pois o mesmo bronze poderia se tornar uma estátua de Alexandre ou de Sócrates. Ele fazia uma distinção entre fim superior e fim subordinado: mesmo os insensatos podem apontar para o último, mas apenas os sábios procuram o verdadeiro fim para a vida. Tudo o que está entre a virtude e o vício, ele pronunciou indiferente. Os seus escritos, embora não ocupem muito espaço, são cheias de vigor e contêm algumas passagens controversas em resposta a Zenão.

166. Diz-se que ele teve muitos admiradores quando jovem; e como Zenão desejava afastá-los, ele obrigou Hérilos a ter sua cabeça raspada, o que os desagradava.

Os seus livros são os seguintes:

- *Do Exercício;*
- *Das Paixões;*
- *Da Suposição;*
- *O Legislador;*
- *O Obstetra;*
- *O Desafiante;*
- *O Mestre;*

- *O Revisor;*
- *O Fiscal das Contas;*
- *Hermes;*
- *Medéia;*
- *Diálogos;*
- *Temas Éticos.*

Dionísios⁹³

Dionísios, o Renegado, afirmava que o fim supremo é o prazer; ele fez essa afirmação sob os efeitos de um ataque de oftalmia. De fato, sofrendo intensamente, viu-se impedido de definir a dor como indiferente. Era filho de Teôfrasto, e sua cidade natal era Heraclea. Inicialmente, como diz Dioclés, foi aluno de seu concidadão Heracleides, depois de Alexinos e de Menêdemos, e finalmente de Zenão.

167. A princípio, sendo um amante da literatura, tentou dedicar-se a todos os gêneros de poesia; em seguida manifestou predileção por Áratos e procurou imitá-lo. Abandonando Zenão, optou pelos cirenaicos e passou a frequentar bordéis, entregando-se despudoradamente a todas as tentações da vida. Viveu até quase os oitenta anos, e cometeu suicídio por inanição.

Atribuem a ele as seguintes obras:

- *Do Exercício*, em dois livros;
- *Do Prazer*, em quatro livros;
- *Da Riqueza, da Popularidade e da Vingança*;
- *Como Viver entre os Homens*;
- *Da Felicidade*;
- *Dos Reis Antigos*;
- *Dos que São Dignos de Louvor*;
- *Dos Costumes dos Bárbaros*.

Foram estes, então, os estoicos heterodoxos. O sucessor de Zenão foi Cleantes, de quem falaremos agora.

Cleantes⁹⁴

168. Cleantes, filho de Fanias, nasceu em Assos. Inicialmente foi pugilista, como diz Antístenes em sua obra *Sucessão dos Filósofos*. Chegou a Atenas com quatro dracmas, segundo alguns autores, e encontrando-se com Zenão passou a estudar filosofia, demonstrando grande dedicação, e permaneceu fiel à sua doutrina. Sua indústria tomou-se famosa, pois sua extrema pobreza obrigava-o a trabalhar para viver. Assim, enquanto à noite tirava água dos poços dos jardins, durante o dia exercitava-se no debate; daí vem o seu apelido de Freantles, ou seja, tirador de água de poço. Dizem ainda que foi levado aos tribunais para explicar de onde tirava os meios de vida, sendo uma pessoa de constituição física sã e robusta, porém foi absolvido ao apresentar como testemunha o jardineiro junto ao qual tirava água dos poços, e a vendedora de farinha para quem moía trigo.

169. Os juízes do Areópago ficaram satisfeitos e decretaram que lhe fossem dadas dez minas; Zenão proibiu-o de aceitá-las. Dizem ainda que Antígono lhe tinha dado três mil dracmas. Certa vez, quando levava um grupo de jovens a um espetáculo público, o vento levantou-lhe o manto e ele apareceu nu, pois não usava túnica, tendo sido aplaudido pelos atenienses como conta Demétrio em sua obra *Homônimos*. Esse episódio aumentou a admiração de que já era objeto. Conta-se também que Antígono, ouvindo suas lições, perguntou-lhe por que tirava água e recebeu a resposta: "Tirar água é tudo que faço? Não rego o jardim e não faço tudo isso por amor à Filosofia?" Zenão queria que ele realizasse essas tarefas sistematicamente, e lhe pedia

como retribuição um óbolo⁹⁵ de seu salário⁹⁶.

170. Certa vez, depois de haver recolhido um punhado de moedas as levou para seus amigos e disse: "Cleantes poderia sustentar outro Cleantes, se quisesse, enquanto aqueles que dispõem de meios de vida procuram deixar-se sustentar por outros, embora tenham muito tempo para dedicar-se à filosofia." Por isso chamavam Cleantes de um segundo Hércules. Era diligente, mas faltava a ele naturalidade nas atitudes e se mostrava excessivamente lento. Essa é a razão de Tímon ter dito dele⁹⁷:

"Quem é este que como um sinete percorre as fileiras de homens, um obtuso, rocha de Assos, um pilão passivo?"

Cleantes suportava pacientemente os gracejos de seus colegas, e quando o chamavam de asno não se aborrecia, dizendo que somente ele era capaz de suportar o fardo de Zenão.

171. A quem o censurava por sua timidez, respondia: "Por isso erro pouco." Considerava sua vida superior à dos ricos, dizendo que enquanto estes jogavam bola ele trabalhava cavando a terra dura e árida. Costumava falar mal de si mesmo; em certa ocasião, quando Aríston o ouviu e perguntou: "Quem está repreendendo?", Cleantes respondeu rindo: ""Um velho com cabelos grisalhos e sem inteligência." Dizendo alguém que Arcesilau não fazia o que devia, sua resposta foi: "Pare! Não o censure! Se em palavras ele despreza o dever, nos atos mantém a sua palavra." Arcesilau disse-lhe: "Sou imune à adulação!" Cleantes respondeu: "É verdade; minha adulação consiste em dizer que fala uma coisa, mas faz outra!"

172, A alguém perguntando que lição devia dar a seu filho, Cleantes respondeu com as palavras de Electra⁹⁸:

"Silêncio! Silêncio! Seja leve a sua marcha!"

Dizendo-lhe um espartano que a fadiga é um bem, Cleantes alegrou-se e recitou o verso⁹⁹:

"Seu sangue é bom, meu filho."

Em suas *Sentenças*, Hécato conta que a um belo rapaz lhe dissera: "Se quem entrechoca o ventre pratica a arte do ventre, quem entrechoca as coxas pratica a arte das coxas", Cleantes replicou: "Guarda então para ti a arte das coxas."¹⁰⁰ Conversando em certa ocasião com um rapaz, perguntou-lhe se estava vendo; o rapaz respondeu que estava; e Cleantes prosseguiu: "Por que então não vejo que está vendo?"

173. Quando o poeta Sosíteo dirigiu-lhe no teatro a que estava presente as palavras¹⁰¹:

"Levados ao pasto pela loucura de Cleantes, como bois", ele permaneceu impassível e imóvel. Os espectadores ficaram tão admirados que o aplaudiram e expulsaram Sosítes do teatro. Depois, quando o poeta pediu desculpas pelo insulto, o filósofo aceitou-as dizendo que seria estranho se, enquanto Dioníso e Hércules ridicularizados em cena pelos poetas, não se encolerizavam, ele se aborrecesse por um insulto casual. Cleantes comentava que com os peripatéticos acontecia o mesmo que com as liras: emitiam belos sons sem ouvi-los. Contava-se que ele costumava repetir a máxima de Zenão segundo a qual se percebe o caráter de um homem por seu aspecto; então certa vez uns rapazes brincalhões levaram à sua presença um homem do campo com as mãos calejadas pelo trabalho e lhe pediram para dar uma opinião a respeito de seu caráter; Cleantes ficou perplexo durante alguns momentos e depois mandou-o ir embora; quando o homem se retirava espirrou, e Cleantes gritou: "Já sei! É um efeminado!"

174. A um homem solitário que falava consigo mesmo ele disse: "Não está falando com um homem mau." A alguém que o ridicularizava por causa de sua idade avançada Cleantes ponderou: "Também estou pronto para partir, mas, quando considero que estou em perfeita saúde e escrevo e leio, fico à espera com satisfação." Conta-se que ele

escrevia em conchas e em ossos de bois os apontamentos das aulas de Zenão, pois lhe faltava dinheiro para comprar papel. Ele era assim e sobressaiu de tal maneira entre os discípulos de Zenão, que por sinal eram numerosos e notáveis, que o sucedeu na direção da escola. Cleantes deixou excelentes obras, relacionadas a seguir:

- *Do Tempo;*
- *Sobre a Filosofia Natural de Zenão, em dois livros;*
- *Interpretações de Heráclito, em quatro livros;*
- *Da Sensibilidade;*
- *Da Arte;*
- *Contra Demócrito;*
- *Contra Arístarco;*
- *Contra Hérilos; (175.)*
- *Do Impulso, em dois livros;*
- *Antiguidades;*
- *Dos Deuses;*
- *Dos Gigantes;*
- *Do Casamento;*
- *Do Poeta;*
- *Do Dever, em três livros;*
- *Do Bom Conselho;*
- *Da Gratidão;*
- *Exortação;*
- *Da Excelência;*
- *Das Aptidões Naturais;*
- *Sobre Gárgipo;*
- *Da Inveja;*
- *Do Amor;*
- *Da Liberdade;*
- *A Arte de Amar;*
- *Da Honra;*
- *Da Glória;*
- *O Estadista;*
- *Da Deliberação;*

- *Das Leis;*
- *Do julgamento;*
- *Da Educação;*
- *Lógica, em três livros;*
- *Do Fim Supremo;*
- *Da Beleza;*
- *Da Conduta;*
- *Do Conhecimento;*
- *Da Realeza;*
- *Da Amizade;*
- *Do Banquete;*
- *Sobre a Tese de que a Excelência é a Mesma no Homem e na Mulher;*
- *Do Sábio que Usa Sofismas;*
- *Das Vantagens;*
- *Diatribes, em dois livros;*
- *Do Prazer;*
- *Das Características Próprias;*
- *Problemas Insolúveis;*
- *Da Dialética;*
- *Os Tropos;*
- *Os Predicados.*

São essas as suas obras.

176. Sua morte ocorreu da maneira seguinte. Sobreveio-lhe uma inflamação nos dentes, e por prescrição médica o filósofo se absteve de alimentos durante dois dias. Quando se restabeleceu, os médicos lhe permitiram voltar à dieta normal, mas Cleantes não quis e continuou em jejum. Disse que já percorrera um longo caminho, e nos dias restantes não ingeriu alimentos. Cleantes morreu com a mesma idade de Zenão, de acordo com alguns autores, tendo sido discípulo de Zenão durante dezenove anos. Nossos versos a seu respeito são os seguintes:¹⁰²

"Louvo Cleantes, porém ainda mais o Hades, que não

teve ânimo de vê-lo tão velho, e quis afinal que ao menos entre os monos encontrasse sossego aquele homem, que havia tirado água do poço durante toda a vida."

Esfero¹⁰³

177. Entre aqueles que após a morte de Zenão se tornaram alunos do Cleantes estava Esfero do Bósforo, como já mencionado¹⁰⁴. Depois de fazer consideráveis progressos em seus estudos, ele foi para Alexandria, para a corte do rei Ptolomeu Filópator¹⁰⁵. Um dia, quando surgiu uma discussão sobre a questão de se o sábio poderia mudar de opinião¹⁰⁶, e Esfero havia sustentado que isso era impossível, o rei, desejando refutá-lo, ordenou que algumas romãs de cera fossem colocadas sobre a mesa. Esfero foi conduzido e o rei gritou: "Você deu o seu consentimento a uma apresentação que é falsa". Mas Esfero estava pronto com uma bela resposta. "Eu consenti não com a proposta de que elas são romãs, mas com a outra, de que há bons motivos para pensar que são romãs". Certeza de apresentação e probabilidade razoável são duas coisas totalmente diferentes". Mnesístratos tendo-o acusado de negar que Ptolomeu era um rei, sua resposta foi: "Sendo de tal qualidade, Ptolomeu é de fato um rei".

178. Os livros que ele escreveu foram os seguintes:

- *Do Mundo*, em dois livros;
- *Dos Elementos*;
- *Do Sêmen*;
- *Da Sorte*;
- *Dos Corpos Mínimos*;
- *Contra os Átomos e as Imagens*;
- *Dos Órgãos Sensoriais*;
- *Cinco Diatribes sobre Heracleides*;
- *Do Sistema Ético*;

- *Do Dever,*
- *Do Impulso;*
- *Das Paixões, em dois livros;*
- *Da Realeza, A Constituição Espartana;*
- *Licurgo e Sócrates, em três livros;*
- *Das Leis;*
- *Da Arte Divinatória;*
- *Diálogos sobre o Amor;*
- *Os Filósofos de Erétria;*
- *Dos Similares;*
- *Definições;*
- *Dos Hábitos;*
- *Das Contradições, em três livros;*
- *Da Razão;*
- *Da Riqueza;*
- *Da Glória;*
- *Da Morte;*
- *Da Arte Dialética;*
- *Dos Predicados;*
- *Dos Termos Ambíguos;*
- *Epístolas.*

Crísipo¹⁰⁷

179. Crísipo, o filho de Apolônio, veio ou de Solos ou de Tarso, como relata Alexandre em suas Sucessões. Ele era um aluno de Cleantes. Antes disso ele costumava praticar como corredor de longa distância; mas depois veio a ouvir Zenão, ou, como dizem Diócles e a maioria das pessoas, Cleantes; e então, enquanto Cleantes ainda vivia, retirou-se de sua escola e alcançou uma eminência excepcional como filósofo. Ele apresentava bons aspectos naturais e demonstrava a maior acuidade em cada ramo do assunto; tanto que se diferenciava na maioria dos pontos de Zenão, e também de Cleantes, a quem costumava dizer que tudo o que queria era que lhe dissessem quais eram as doutrinas; ele descobriria as provas por si mesmo. No entanto, sempre que se opunha a Cleantes, sentia depois remorsos, de modo que vinha constantemente com as falas:¹⁰⁸.

"Em todas as outras coisas sou um homem venturoso, salvo em relação a Cleantes; nisso não sou feliz."

180. Esse filósofo conquistou tanta fama na dialética que a maioria das pessoas pensava que se os deuses sentissem necessidade da dialética não adotariam outro sistema senão o de Crísipo. Os argumentos lhe ocorriam copiosamente, porém seu estilo era imperfeito. Em indústria, Crisipo superava qualquer outro, como o catálogo de suas obras evidencia; com efeito, estas ultrapassam o número de setecentas e cinco. Ele chegou a esse número elevado tratando repetidamente do mesmo assunto, escrevendo tudo que lhe ocorria, fazendo muitas correções e citando inúmeros testemunhos. Conta-se a propósito que como em uma de suas obras havia citado quase toda a *Medéia* de

Eurípides, alguém que tinha o livro nas mãos, quando lhe perguntaram o que estava lendo respondeu: "A *Medéia* de Crísipo."

181. E Apolodoro de Atenas em sua *Coleção de Doutrinas*, querendo mostrar que as obras de Epicuro, escritas com vigor natural e originalidade e livres de citações alheias, eram muito mais numerosas que os livros de Crísipo, diz literalmente o seguinte: "Se tirássemos das obras de Crísipo todas as citações alheias, suas páginas ficariam em branco." Assim se exprime Apolodoro. Por outro lado, Dioclés registra a menção de sua velha governanta segundo a qual Crísipo escrevia quinhentas linhas por dia. Hécató afirma que ele se dedicou à filosofia porque sua herança paterna havia sido confiscada pelo rei.

182. Nosso filósofo era insignificante de corpo, como se pode ver pela estátua existente no Cerâmico, que é quase totalmente escondida pela estátua equestre vizinha; e por isso Carnéades¹⁰⁹ o chamou de Crísipo (ou seja, escondido pelo cavalo). A alguém que o recriminava por não seguir a maioria, sua resposta foi: "Se quisesse seguir a multidão, não me teria dedicado à filosofia." A um dialético que agredia Cleantes propondo-lhe sofismas, Crísipo disse: "Pare de distrair o ancião de suas graves meditações; apresente seus sofismas a nós, os jovens." Em outra ocasião, a alguém que lhe fora submeter um quesito reservadamente, e ao ver aproximar-se um grupo começou a mostrar-se mais exaltado, citou os versos seguintes:¹¹⁰

"Ah! Irmão! Seu olhar está transtornado. Até há pouco parecias são e agora se enfurece!"

183. Durante as reuniões para beber vinho ele se comportava tranquilamente, mas suas pernas pouco firmes movimentavam-se, de tal maneira que a serva dizia:

"Somente as pernas de Crísipo estão embriagadas." O filósofo julgava-se tão superior que a um pai que lhe

perguntou a quem deveria confiar o filho sua resposta foi: "A mim; se acreditasse na existência de alguém melhor do que eu, eu mesmo teria ido estudar com essa pessoa." Por isso dizem que se lhe aplicava o verso:¹¹¹

"Somente ele é sábio; os outros são sombras esvoaçantes."

E este outro:

"Sem Crísipo não existiria a escola estoica."

Finalmente, como diz Sotion em seu oitavo livro, encontrando-se com Arcesilau e Lácides¹¹² tornou-se discípulo de ambos em filosofia.

184. Essa circunstância explica por que Crísipo escreveu contra e a favor do senso comum e por que se ocupou da grandeza e dos números, adotando o método dos acadêmicos. Conta Hermipo¹¹³ que, enquanto dava lições no Odeão, foi convidado por seus discípulos a participar de um sacrifício. Crísipo bebeu vinho doce sem mistura e passou a ter vertigens, e no quinto dia partiu desta vida, aos setenta e três anos de idade, na 143ª Olimpíada¹¹⁴, como diz Apolodoro em sua *Crônica*. Escrevi os seguintes versos a seu respeito¹¹⁵:

"Crísipo bebeu de um único trago vinho puro e teve vertigens. Não pensou no Pórtico, nem na pátria, nem na vida, e viajou diretamente para a casa de Hades."

185. Segundo outros autores, Crísipo teria morrido em seguida a uma grande gargalhada: um jumento havia comido seus figos e ele ordenou à sua velha criada que desse vinho puro ao jumento, iniciando em seguida uma gargalhada tão forte que faleceu. Parece que Crísipo foi extremamente arrogante; com efeito, apesar de haver escrito tantas obras, não dedicou uma sequer a nenhum dos reis. Como afirma Demétrio nos *Homônimos*, contentava-se com a opinião de uma velhinha. Quando Ptolemeu escreveu a Cleantes pedindo-lhe para vir pessoalmente ou mandar

alguém à corte, Esfero empreendeu a viagem, mas Crísipo recusou-se a ir. Em vez disso mandou virem para sua companhia os filhos de sua irmã, Aristocreon e Filócrates, e os educou. De acordo com as palavras de Demétrio, mencionado pouco acima, Crísipo foi o primeiro filósofo a aventurar-se a dar lições ao ar livre no Liceu.

186. Houve outro Crísipo, de Cnido, médico, de quem Erasítrato diz ter aprendido muito. Existiu também outro, neto do precedente, médico na corte de Ptolomeu, que em seguida a uma acusação de calúnia foi afastado e chicoteado. Houve ainda outro, discípulo de Erasítrato, e mais outro, autor de uma obra *Sobre a Agricultura*. Voltando ao nosso filósofo, ele costumava raciocinar da seguinte maneira: "Quem revela os mistérios aos não-iniciados comete impiedade; ora: o hierofante¹¹⁶ os revela aos não-iniciados; logo, o hierofante comete impiedade." Outro raciocínio seu: "O que não está na cidade, também não está na casa; não há poço na cidade; logo, não há poço na casa." Outro: "Há uma certa cabeça, e você não a tem; sendo assim, há uma cabeça que não tem; logo, não tem cabeça."

187. Outro: "Se alguém está em Mégara, não está em Atenas; mas há um homem em Mégara; logo, não há um homem em Atenas." Mais um: "O que diz passa por sua boca; diga 'carro'; logo, um carro passa por sua boca." E outros: "Tem o que não perdeu; mas não perdeu os chifres; logo, tem chifres." Certos autores atribuem este último raciocínio a Ebulides¹¹⁷. Alguns críticos fazem restrições a Crísipo por haver abordado em suas obras muitos assuntos de maneira grosseira e indecente. Assim, em sua obra *Sobre os Antigos Filósofos Naturalistas* divulga certas histórias referentes a Hera e Zeus escandalosamente interpretadas e apresentadas ao longo de seiscentas linhas, que ninguém poderia repetir sem sujar a boca.

188. Segundo esses críticos, as histórias por ele inventadas são tão escandalosas que, se são elogiosas do ponto de

vista naturalista, são mais condizentes com prostitutas que com as divindades, e não são sequer catalogadas pelos bibliógrafos que escreveram sobre os títulos de seus livros. As histórias são totalmente inventadas por ele, pois nem Polemo nem Hypsicrates e nem mesmo Antígono as citam. Criticam-no além disso porque em sua *República* admite relações sexuais entre mães, filhos e filhas; Crísipo diz o mesmo também no início de sua obra *Sobre as Coisas que não São Preferíveis por si mesmas*. No terceiro livro de sua obra *Da justiça* ele se estende por cerca de mil linhas para prescrever que se comam cadáveres. No segundo livro da obra *Da Vida e dos Meios de Preservá-la*, onde sustenta que está examinando a priori se o sábio deve proporcionar-se meios de subsistência, ocorrem as palavras seguintes:

189. "Por que o sábio haveria de proporcionar-se meios de subsistência? Se é pela própria vida, a vida é indiferente; se é pelo prazer, o prazer também é indiferente; se é pela virtude, a virtude basta por si mesma para a felicidade. São ridículos, portanto, os modos de proporcionar-se meios de subsistência. Se alguém os obtém de um rei, deve ceder a seus caprichos e a suas vontades; se os obtém dos amigos, compra-se a amizade pelo ganho; se os obtém por meio da sabedoria, torna a sabedoria mercenária."

São essas as objeções de seus críticos.

Considerando a fama de suas obras, pareceu oportuno relacioná-las aqui num catálogo, onde as distinguiremos por assuntos.

I. Lógica em geral:

- *Teses Lógicas*;
- *Meditações Filosóficas*;
- *Definições Dialéticas a Metrodoro*, em seis livros;
- *Termos Usados na Dialética, a Zenão*, em um livro; (190.)
- *Arte Dialética, a Aristágoras*, em um livro;

- *Juízos Prováveis Hipoteticamente Conjuntivos a Dioscuride*, em quatro livros.

II. Lógica das coisas.

- Primeira série:
 - *Dos Juízos*, em um livro;
 - *Dos Juízos não-Simples*, em um livro;
 - *Dos Juízos Complexos*, a Atenades, em dois livros;
 - *Dos Juízos Negativos*, a Aristágoras, em três livros;
 - *Dos Juízos Afirmativos*, a Atenodoro, em um livro;
 - *Dos Juízos Expressos por Privação*, a Teáno, em um livro;
 - *Dos Juízos Indefinidos*, em quatro livros;
 - *Dos Juízos Temporais*, em dois livros;
 - *Dos Juízos Completos*, em dois livros.
- Segunda série:
 - *Do juízo Disjuntivo Verdadeiro*, a Gorgipide, em um livro;
 - *Do juízo Hipoteticamente Conjuntivo*, a Gorgipide, em quatro livros;
 - *A Escolha entre Alternativas*, a Gorgipide, em um livro;
 - *Sobre a Teoria das Frases Consequentes*, em um livro; (191.)
 - *Do Juízo Expresso em Três Membros*, a Gorgipides, em um livro;
 - *Dos Juízos Possíveis*, a Cleitos, em quatro livros;
 - *Réplica à Obra de Filon sobre as Significações*, em um livro;
 - *Quais são os Juízos Falsos?*, em um livro.
- Terceira série:
 - *Dos Imperativos*, em dois livros;
 - *Das Perguntas*, em dois livros;
 - *Da Indagação*, em quatro livros;
 - *Epítome sobre a Pergunta e a Indagação*, em um

livro;

- *Da Resposta*, em quatro livros;
- *Epítome sobre a Resposta*, em um livro;
- *Da Investigação*, em um livro;
- *Da Pesquisa*, em dois livros. (192)
- Quarta série:
- *Dos Predicados, a Metrodoro*, em dez livros;
- *Dos Predicados Ativos e Passivos, a Fílarcos*, em um livro;
- *Dos Casos Nominativos e Oblíquos, a Apolonides*, em um livro;
- *Sobre os Predicados, a Pásilos*, em quatro livros.
- Quinta série:
- *Dos Cinco Casos*;
- *Dos Enunciados Definidos Segundo o Assunto*, em um livro;
- *Da Significação Acessória, a Stesagoras*, em dois livros;
- *Da Apóstrofe*, em dois livros.

III. Lógica das expressões e do discurso por elas constituído.

- Primeira série:
- *Dos Enunciados no Singular e no Plural*, em seis livros;
- *Das Espécies de Estilo, a Sosigenes e Alêxandros*, em cinco livros;
- *Da Anomalia nas Expressões, a Díon*, em quatro livros;
- *Dos Sorites Aplicados às Palavras Proferidas*, em três livros;
- *Dos Solecismos*, em um livro;
- *Das Frases Solecizantes, a Dionísios*, em um livro;
- *Das Expressões Insólitas*, em um livro;
- *A Expressão, a Dionísios*, em um livro.
- Segunda série:

- *Dos Elementos do Discurso e da Frase*, em cinco livros;
- *Sobre a Sintaxe da Frase*, em quatro livros; (193.)
- *Da Sintaxe e dos Elementos da Frase, a Filípos*, em três livros;
- *Dos Elementos do Discurso, a Nícias*, em um livro;
- *Dos Termos Relativos*, em um livro.
- Terceira série:
- *Contra os que não Admitem as Divisões*, em dois livros;
- *Das Ambiguidades Verbais, a Apolás*, em quatro livros;
- *Sobre a Ambiguidade das Figuras*, em um livro;
- *Sobre a Ambiguidade das Figuras Compostas*, em dois livros;
- *Réplica à Obra de Pantoídas sobre a Ambiguidade*, em dois livros;
- *Introdução às Ambiguidades*, em cinco livros;
- *Epítome sobre as Ambiguidades, a Epicrates*, em um livro;
- *Material Coligido para a Introdução ao Estudo das Ambiguidades*, em dois livros.

IV. Lógica dos raciocínios silogísticos e trópicos.

- Primeira série:
- *Manual dos Raciocínios Silogísticos e Trópicos, a Dioscurides*, em cinco livros; (194)
- *Dos Raciocínios*, em três livros;
- *Da Constituição dos Trapos, a Stesagoras*, em dois livros;
- *Comparação dos Enunciados Trópicos*, em um livro;
- *Dos Raciocínios Recíprocos e Hipoteticamente Conjuntos*, em um livro;
- *Dos Problemas Dispostos em Séries, a Agáton*, em um livro;

- Da Validade Silogística de um juízo Conjunto com um ou mais juízos, em um livro;
- Dos Enunciados Conclusivos, a Aristagoras, em um livro;
- Como o Mesmo Raciocínio Pode Ser Ordenado de Muitos Modos, em um livro;
- Réplica às Objeções no Sentido de que o Mesmo Raciocínio Pode Ser Ordenado de Forma Silogística e não-Silogística, em dois livros;
- Réplica às Objeções contra a Análise dos Silogismos, em três livros; Réplica à Obra de Faon sobre os Tropos, a Timôstratos, em um livro; Coleção de Objeções Lógicas às Obras de Timocrates e Filomates sobre os Raciocínios e os Tropos, em um livro. (195)
- Segunda série:
 - Dos Raciocínios Concludentes, a Zenão, em um livro;
 - Da Análise dos Silogismos, em um livro;
 - Dos Raciocínios Prolixos, a Pásilos, em dois livros;
 - Da Teoria dos Silogismos, em um livro; Silogismos Introdutivos, a Zenão, em um livro;
 - Tropos Introdutivos, a Zenão, em três livros; Silogismos sob Figuras Falsas, em cinco livros;
 - Raciocínios Silogísticos Resolvidos em Silogismos Indemonstrados, em um livro;
 - Investigações sobre os Tropos, a Zenão e Filomates, em um livro (esta obra é considerada espúria).
- Terceira série:
 - Dos Raciocínios Invertíveis, a Atenades, em um livro (obra espúria); (196)
 - Dos Raciocínios Invertíveis Segundo o Membro Médio, em três livros (obra espúria);
 - Réplica aos Raciocínios Disjuntivos de Ameinias, em um livro.
- Quarta série:
 - Das Hipóteses, a Melêagros, em três livros;

- Raciocínios Hipotéticos sobre as Leis, também dedicado a Melêagros, em um livro;
- Introdução aos Raciocínios Hipotéticos, em dois livros;
- Raciocínios sobre Teoremas, em dois livros;
- Soluções dos Raciocínios Hipotéticos de Hédilos, em dois livros;
- Soluções dos Raciocínios Hipotéticos de Alêxandros, em três livros (obra espúria);
- Das Exposições, a Laodamas, em um livro.
- Quinta série:
- Introdução ao Sofisma “Mentiroso”, a Aristocrêon, em um livro;
- O Sofisma “Mentiroso”, para Servir como Introdução, em um livro;
- Do Sofisma “Mentiroso”, a Aristocrêon, em seis livros.
- Sexta série:
- Contra os que Consideram que os Raciocínios São ao Mesmo Tempo Falsos e Verdadeiros, em um livro; (197)
- Contra os que Dividem em Partes o Sofisma “Mentiroso”, em dois livros;
- Provas de que os Raciocínios Indefinidos não Devem Ser Divididos, em um livro;
- Réplica às Objeções aos Argumentos contra a Divisão do Raciocínio Indefinido, a Pásilos, em três livros;
- Soluções Segundo os Antigos, a Dioscurides, em um livro;
- Sobre a Soluções do “Mentiroso”, a Aristocrêon, em três livros;
- Soluções dos Raciocínios Hipotéticos de Hédilos, a Aristocrêon e Apolás, em um livro.
- Sétima série:
- Contra os que Afirmam que as Premissas do

- “Mentiroso” são Falsas, em um livro;
- Do Raciocínio Negativo, a Aristocrêon, em dois livros;
 - Raciocínios Negativos para Exercícios, em um livro;
 - Do Raciocínio que Parte dos Pequenos Incrementos, a Stesagoras, em dois livros;
 - Dos Raciocínios Referentes às Suposições, e dos Ineficientes, a Onétor, em dois livros; (198)
 - Do Sofisma "Velado", a Aristôbulos, em dois livros;
 - Do Sofisma "Oculto", a Atenagoras, em um livro.
 - Oitava série:
 - Do Sofisma "Nenhum", a Menecrates, em oito livros;
 - Dos Raciocínios Derivados de Frases Indefinidas e Definidas, a Pásilos, em dois livros;
 - Do Silogismo "Nenhum", a Epicrates, em um livro.
 - Nona série:
 - Dos Sofismas, a Heracleules e Polis, em dois livros;
 - Questões Dialéticas Insolúveis, a Discurides, em cinco livros;
 - Contra o Método de Arcesilau, a Esfero, em um livro.
 - Décima série:
 - Ataque ao Senso Comum, a Metrodoro, em seis livros;
 - Defesa do Senso Comum, a Gorgipide, em sete livros.

V. Lógica.

Pertencem a esta seção trinta e nove investigações, que não podem ser incluídas nas quatro seções precedentes porque abrangem questões lógicas isoladas, não incorporadas em um conjunto orgânico. Os escritos lógicos são trezentos e onze.

199. VI. Ética. Classificação de conceitos éticos.

- Primeira série:

- Esboço da Doutrina Ética, a Teóporo, em um livro;
- Teses Éticas, em um livro;
- Premissas Prováveis à Doutrina Ética, a Filomates, em três livros;
- Definições do Homem Excelente, a Metrodoro, em dois livros;
- Definições do Homem Deficiente, a Metrodoro, em dois livros;
- Definições do Homem Medíocre em Termos de Excelência Moral, a Metrodoro, em dois livros;
- Definições de Conceitos Gerais, a Metrodoro, em sete livros;
- Definições de outras Ciências Particulares, a Metrodoro, em dois livros.
- Segunda série:
 - Do Similar, a Aristócles, em três livros;
 - Das Definições, a Metrodoro, em sete livros.
- Terceira série:
 - Das Objeções Falsas às Definições, a Laodamas, em sete livros;(200)
 - Probabilidades em Apoio às Definições, a Dioscurides, em dois livros;
 - Das Espécies e seus Gêneros, a Gorgipides, em dois livros;
 - Das Classificações, em um livro;
 - Dos Contrários, a Dionísios, em dois livros;
 - Argumentos Plausíveis a Favor das Classificações, dos Gêneros e Espécies, e dos Contrários, em um livro.
- Quarta série:
 - Da Etimologia, a Dioclés, em sete livros;
 - Questões Etimológicas, a Dioclés, em quatro livros.
- Quinta série:
 - Dos Provérbios, a Zenodoto, em dois livros;
 - Da Poesia, a Filomates, em um livro;
 - Como se Deve Ouvir a Poesia, em dois livros;
 - Contra os Críticos, a Diodoro, em um livro.

201. VII. Ética. Os pontos de vista comuns da ética, e as ciências e formas de excelência dela derivadas.

- Primeira série:
- Contra a Restauração de Pinturas, a Tímonax, em um livro;
- Das Concepções, a Laodamas, em dois livros;
- Das Suposições, a Pitómax, em três livros; Provas de que o Sábio não Emitirá Opiniões, em um livro¹¹⁸;
- Da Apreensão, do Conhecimento e da Ignorância¹¹⁹, em quatro livros;
- Da Razão, em dois livros;
- Do Uso da Razão, a Leptines.
- Segunda série:
- Que os Antigos Aprovaram a Dialética com as Demonstrações, a Zenão, em dois livros; (202.)
- Da Dialética, a Aristocreon, em quatro livros;
- Das Objeções aos Dialéticos, em três livros;
- Da Retórica, a Dioscurides, em quatro livros.
- Terceira série:
- Dos Hábitos Mentais, a Clêon, em três livros;
- Da Técnica e da Imperícia, a Aristocreon, em quatro livros;
- Da Diferença entre as Formas de Excelência, a Diodoro, em quatro livros;
- Das Características das Formas de Excelência, em um livro;
- Das Formas de Excelência, a Polis, em dois livros.

VIII. Ética. Dos Bens e dos Males.

- Primeira série: Do Belo e do Prazer, a Aristocreon, em dez livros;
- Provas de que o Prazer não é o Fim Supremo, em quatro livros;
- Provas de que o Prazer não é um Bem, em quatro

livros;

- Dos Argumentos Geralmente Usados em Defesa do Prazer...¹²⁰

O Livro VII está incompleto e termina abruptamente neste ponto. De um índice de um dos manuscritos, sabe-se que continuou com Zenão de Tarso¹²¹, Diógenes¹²², Apolodoro¹²³, Boêto, Mnesarco, Mnaságoras, Nestório, Basílicas, Dárdano¹²⁴, Antípatro de Tarso¹²⁵, Heracleides, Sosigenes, Panécio¹²⁶, Hécato¹²⁷, Posidônio¹²⁸, Atenodoro¹²⁹, Atenodoro de Tarso¹³⁰, Antípatro de Tiro¹³¹, Ário¹³² e Cornuto¹³³.

Notas

14 333-261 a.C.

15 **Perseu de Cítio** (306 a.C. — 243 a.C.), filho de Demetrius, foi uma filósofo estoico, amigo e estudante de Zenão de Cítio. Viveu na mesma casa que Zenão.

16 **Crates de Tebas** (Κράτης; c. 365 – c. 285 BC) foi um filósofo cínico. Crates doou seu dinheiro para viver uma vida de pobreza nas ruas de Atenas. Respeitado pelo povo de Atenas, ele é lembrado por ser o professor de Zenão de Cítio, o fundador do Estoicismo. Vários fragmentos de ensinamentos Crates sobreviveram, incluindo sua descrição do de um estado cínico ideal.

17 **Polemo de Atenas** foi um proeminente filósofo Platonista e terceiro sucessor de Platão como mestre na Academia de Platão de 314/313 até 270/269 a.C. Discípulo de Xenócrates, acreditava que a filosofia deve ser praticada e não apenas estudada e destacava que o bem maior era viver de acordo com a natureza.

18 **Hécato de Rodas** (Ἑκάτων; c. 100 a.C.), foi um filósofo estoico, discípulo de Panécio de Rodas.

19 **Pireu** é um município vizinho a Atenas e situado em sua zona urbana, no qual se localiza o porto daquela cidade, o principal da Grécia. O local já era usado como ancoradouro no século VII a.C..

20 **Cerâmico** (Κεραμεικος; transl.: Kerameikos), também chamado de Cerameico, é um cemitério situado na região da Ática na Grécia, região esta onde estava localizada a pólis ateniense.

21 **Cinosura** era o nome de um promontório nas proximidades de Atenas,

significando "cauda de cão."

22 A nossa palavra "colunata" descreve melhor um edifício coberto, apoiado pelo menos de um lado por pilares e, portanto, oferecendo uma via pública como uma arcada ou um claustro, mas aberto ao sol e ao ar. No entanto, devido ao latim "porticus" a escola de Zenão recebeu na literatura a denominação de "Pórtico".

23 Provavelmente os Trinta encontraram-se na Stoa e pronunciaram ali a sentença de morte. Não é provável que este tenha sido o local de execução.

24 **Eratóstenes de Cirene** (Ἐρατοσθένης) foi um matemático, gramático, poeta, geógrafo, bibliotecário e astrônomo da Grécia Antiga, conhecido por calcular a circunferência da Terra.

25 **Antígono II Gônatas** foi um governante que estabeleceu a dinastia antigônida na Macedônia e notabilizou-se por sua vitória contra os Gauleses que tinham invadido os Bálcãs. Foi um governante eminentemente político e não bélico.

26 260-256 a.C.

27 Investimentos marítimos. A garantia do empréstimo era a carga embarcada ou o próprio navio. Como o risco era grande, os juros eram proporcionalmente altos.

28 Zenão deve ter previsto que este louvor seria seguido de um pedido para usar sua indubitável influência junto ao rei em nome de Democares, que, como patriota ateniense e sobrinho de Demóstenes, estava fora de favor na corte macedônica.

29 Cemitério já referido.

30 **Antístenes** foi um filósofo grego considerado o fundador da filosofia cínica, aprendeu retórica com Górgias antes de se tornar um discípulo de Sócrates. Era filho de um ateniense com uma escrava trácia, por isso, não tinha nem o título nem o direito de cidadão ateniense. Nenhuma de suas obras sobreviveu, e de sua produção restaram apenas fragmentos.

31 **Eurípides** (também grafado Eurípedes; do grego antigo: Εὐριπίδης) foi um poeta trágico grego, do século V a.C., o mais jovem dos três grandes expoentes da tragédia grega clássica, que ressaltou em suas obras as agitações da alma humana e em especial a feminina.

32 **Ptolemeu I Sóter** (transl. Ptolemaíó) foi um general macedônio de Alexandre, o Grande que se tornou sátrapa do Egito de 323 a.C. a 283 a.C., fundando a Dinastia Ptolemaica.

33 Kathékon, no sentido de obrigação.

34 *Os Trabalhos e os Dias*, versos 291 e 295, cuja tradução é: "Quem descobre tudo por si mesmo é o melhor de todos; também é bom quem ouve os bons conselhos."

35 Veja §32 do Livro II

36 De Timóteo.

37 Antologia Palatina, III, 104.

38 Antologia Palatina, VII, 117.

39 **Cadmo**, na mitologia grega, foi um herói lendário, fundador da cidade grega de Tebas e introdutor do alfabeto fenício na Grécia. Era filho do rei Agenor de Tiro e irmão mais velho de Europa, Cílix e Fênix.

40 Antologia Palatina, IX, 496.

41 Antologia Palatina, VII, 118 - **Pammetros** uma coleção de poemas em vários metros, também chamado "Livro em Metros de Todos os Tipos"

42 i.e. direitos iguais.

43 **Pérgamo** foi uma antiga cidade grega rica e poderosa na Eólia. Está localizada a 26 quilômetros da costa do mar Egeu, em um promontório no lado norte do rio Caicos e a noroeste da moderna cidade de Bergama (hoje território da Turquia).

44 **Escola eleática** é uma escola filosófica pré-socrática. Recebeu esse nome em função da cidade Eleia (da antiga Magna Grécia), situada no sul da Itália e local de seu florescimento e beleza. Nessa escola encontramos quatro grandes filósofos: Xenófanes, Parmênides, Zenão e Melisso.

45 Talvez um engano por Zenão de Tarso.

46 Laércio adere ao seu plano de organizar a doutrina sob duas frentes: (1) uma geral ou sumária, (2) uma particular. A classificação é aproximadamente a seguinte: divisões da Filosofia, 39-41; Lógica, 42-83; Ética, 84-131; Física, 132-160.

47 "Espécie" ~ eide, e em seguida "gênero" = genos.

48 A palavra φαντασία (=aparência ou aparecimento) é um termo técnico na lógica estoica para o qual ainda não foi adotado por unanimidade um equivalente em português. Denota o dado imediato da consciência ou da experiência, quer seja apresentado para os sentidos ou, em certos casos, para a mente. Assim, "apresentação" é mais próximo do que "percepção" ou "impressão". Poder-se-ia pensar que corresponde às "ideias simples" de Locke, para as quais Hume substituiu "impressões e ideias"; mas isto dificilmente é assim; pois φαντασία são "atribuídas" por assim dizer de fora, e depois com elas como materiais e com elas a própria mente constrói noções e conceitos gerais.

49 **Anfibolia**: Equívoco, que, segundo Kant, consiste em considerar da mesma forma e atribuir à mesma faculdade objetos próprios de faculdades diferentes.

50 Phantasia

51 **Tício** (em grego antigo: Τιτυός; transl. Tityós), na mitologia grega era um

gigante, filho de Zeus e Elara, filha de Orcómeno. Zeus escondeu Elara de sua esposa, Hera, embaixo da Terra, onde ela deu à luz. Tício cresceu tanto que acabou por dividir o ventre de sua mãe em duas partes.

52 Diógenes da Babilônia (também conhecido como Diógenes, o Estoico ou Diógenes da Selêucia; c. 230 a.C. - ca. 150/140 a.C.) foi um filósofo estoico da Grécia Antiga. Foi o principal líder da escola estoica em Atenas, e um dos três filósofos enviados a Roma em 155 a.C. Escreveu diversas obras, porém nenhuma foi preservada até os dias de hoje; existem apenas citações suas feitas por autores posteriores.

53 Provavelmente o adverbio

54 Apolodoro e sua escola; veja-se o §64 deste livro.

55 ὁ, ἡ, τό, οἱ, αἱ, τά: masc., fem. e neutro., singular e plural.

56 Eurípides, fragmento 839.

57 O autor parece ter confundido "termo", que Antipatro define, com "definição", que, como diz Crísipo, é simplesmente "devolver" o significado em outras palavras.

58 Ver §43 deste livro.

59 ὁ ἄνθρωπος καὶ καὶ ἀντιδρᾷ ἑαυτὸν ὡσπερ ὡσπερ ἄνθρωπος σχηματίζων σχηματίζων ἑαυτὸν πρὸς πρὸς κείρεσθαι, "o homem" - ao contrário de um velo sendo tosquiado - "é ao mesmo tempo ativo e passivo, como ele se adequa às suas razões para o barbear.

60 Fragmento trágico anônimo, n 177 da coletânea de Nauck.

61 Neste trecho há uma lacuna nos manuscritos.

62 Ilíada, IX, 96.

63 O segundo verso é de um autor de tragédia anônimo, fragmento 286 Nauck.

64 Sexto. Empírico. Adv. math. viii. 429.

65 O exemplo é mal escolhido, confundindo o contrário com contraditório.

66 Isto é, sofismas.

67 Trecho com lacuna no original. O exemplo seguinte é do sorites.

68 Há aqui uma terceira lacuna nos manuscritos.

69 A vulgata, na qual eu não fiz nenhuma mudança, foi considerada com suspeita. Von Arnim faz conjecturas: "Pois se o lógico deveria ter algo a dizer sobre o uso correto dos termos, como ele poderia deixar de estabelecer os nomes próprios para as ações?"

70 Em oposição a Epicuro.

71 Panécio de Rodes (em grego: Παναίτιος; ca. 185 — ca. 110/09 a.C.) foi

discípulo de Diógenes da Babilónia e de Antípatro de Tarso, antes de viajar para Roma onde foi influente na introdução das doutrinas estoicas. Depois da morte de Cipião em 129, regressou à escola estoica em Atenas, tendo sido o seu último escolarca. Com Panécio, o estoicismo tornou-se mais eclético. A sua obra mais famosa foi "Sobre os Deveres", a fonte principal de Cícero na sua própria obra com o mesmo nome.

72 Obviamente não é a coragem que está aqui definida, mas aparentemente a prudência de novo. Daí uma lacuna que deixei marcada.

73 "Indiretamente": literalmente "contribuindo, como intermediário (μέσσην)".

74 Com a correção do Arnim, o trigo trocaria por 1 1/2 vez a quantidade de cevada. Os três significados de ἀξία também são dados, mas em uma ordem diferente, por Stobaeus, que explica isso como ἀμοιβήν τοῦ δοκιμαστοῦ.

75 A leitura προαχθέν é agora aceita no lugar deπραχθέν. O "Dever", note-se, é uma interpretação muito inadequada de καθήκον, que na presente passagem se aplica ao comportamento adequado de plantas e animais não menos do que ao dos seres humanos.

76 Ilíada, I, 81.

77 O **estádio** era uma unidade de medida de comprimento usada na Grécia Clássica. O padrão desta medida era a pista de corrida de Olímpia, onde era disputada a prova do estádio. O estádio olímpico media 600 pés de Hércules e, como Hércules era de estatura maior que os outros homens, 600 de seus pés correspondiam, segundo Plínio, a 625 pés romanos. Em alguns lugares, usava-se um estádio que valia 600 pés comuns.

78 Consideradas como passagens para o submundo. Virgílio. Eneida. vi. 240 seq., 299.

79 Tem nos manuscritos a frase: "Não somente eles, mas também Diógenes, o Cínico, e Platão", considerada espúria pelos editores e eliminada do texto.

80 "A mesma parte" τὸ αὐτὸ αὐτὸ pode se referir à qualidade da secura mencionada por último.

81 Que existe sem ter sido criado.

82 O "Mundo" é normalmente a melhor interpretação de κόσμος. "Universo", o que alguns preferem, melhor serve τὸ ὅλον.

83 A leitura ἀσώματα pode ser mantida se alterarmos ταῦτα para λεκτά, sendo assim o sentido "os significados das palavras faladas também são incorpóreos". No entanto, uma mudança paralela é necessária em 134. O professor Pearson sugere εἶναι δὲ καὶ καὶ τὰ εἶναι ἀσώματα, introduzindo 141.

84 Ou talvez "proporções seminais". Esta expressão obscura parece destinada a assimilar todo o desenvolvimento e evolução ao crescimento, seja de plantas ou animais, a partir da semente.

85 O κέντρον é mais um eixo (isto é, um diâmetro da esfera celeste) do que um

ponto.

86 Aproximadamente 320-250 a.C..

87 **Térsites**, na mitologia grega, era filho de Ágrio, lutou pelos gregos na Guerra de Troia. Durante a guerra, Aquiles se apaixonou pela amazona Pentésilieia, filha de Ares e Otrera, após havê-la matado; Térsites zombou de Aquiles e foi morto por ele.

88 **Cinosargo** ou **Cinosarges** (em grego: Κυνόσαργες) era um Ginásio público localizado fora dos muros da Atenas da Grécia Antiga na margem sul do rio Ilissos. A palavra Cynosarges significa ou pode significar ainda "alimento de cão", "cão branco", ou "cão rápido".

89 Fragmento 40 Diels

90 **Arcesilau** (em grego: Ἀρκεσίλαος) foi um filósofo grego e fundador da Segunda ou Média Academia—a fase de ceticismo acadêmico. Ele não preservou seus pensamentos por escrito, assim, suas opiniões só podem ser colhidas indiretamente do que foi preservado por escritores posteriores. Foi o primeiro acadêmico a adotar uma posição de ceticismo filosófico, isto é, ele duvidava da capacidade dos sentidos para descobrir a verdade sobre o mundo, embora possa ter continuado a acreditar na existência da própria verdade. Isso resultou na fase cética da Academia. Seus principais oponentes foram os estoicos e sua crença de que a realidade pode ser compreendida com certeza.

91 Antologia Palatina, V, 38.

92 Esteve no apogeu aproximadamente em 260 a.C.

93 Aproximadamente 330-250 a.C.

94 331-232 a.C.

95 Óbolo (em grego antigo: ὀβολός, obolós; plural ὀβολοί, oboloí; pelo latim obolus, obolos; literalmente "haste de ferro") foi uma unidade de massa na Grécia Antiga correspondente a cerca de 0,5 grama. Como esses pesos eram usados para medir a quantidade de metal precioso numa moeda, óbolo também se tornou uma moeda de menor valor, correspondendo à sexta parte de uma dracma, pesando 0,5 grama de prata.

96 Um escravo autorizado pelo seu senhor a se contratar para outro senhor estava obrigado por lei do Ático a reembolsar ao seu próprio senhor uma parte dos salários que recebia. Zenão reivindicava uma parte do salário de seu aluno.

97 Fragmento 41 Diels.

98 Eurípides, Orestes, 140.

99 Odisséia, IV, 611.

100 nota original: Hicks preferiu traduzir esta anedota esquisita para o latim:

Dicit autem Hecato in Sententiis eum, cum adulescens quidam formosus dixisset, Si pulsans ventrem ventrizat, pulsans coxas coxizat, dixisse, Tibi

habeas, adulescens, coxizationes: nempe vocabula quae conveniunt analogia non semper etiam significatione conveniunt.

Outra tradução aproximada do texto grego para o português é: "Hécato nos diz em suas Sentenças, que uma vez, quando um garoto bonito inventou uma palavra para bater as coxas (mêrizei) por analogia com a palavra para bater a barriga (gastrizei), Cleantes respondeu que ele deveria se ater a separar as coxas (diamêrizei), pois palavras que correspondem por analogia nem sempre correspondem por significado".

101 [Fragmemo 4 Nauck](#)

102 [Antologia Palatina, V, 36.](#)

103 [Teve seu apogeu em aproximadamente em 220 a.C ..](#)

104 [Veja o § 87 deste livro.](#)

105 **Ptolemeu IV Filópator** (ca. 244 a.C. — ca. 205 a.C.) foi o quarto soberano da dinastia ptolemaica que governou de 224 a.C. até à sua morte. Durante o seu reinado iniciou-se a decadência do Egito ptolemaico.

106 [Veja o § 162 deste livro.](#)

107 [Aproximadamente de 282-206 a.C ..](#)

108 [Eurípides, Orestes, 540-541.](#)

109 **Carnéades**, dito o platônico (em grego: Καρνεάδης; transl.: Karneádēs), foi um filósofo grego nascido em Cirene no ano de 214 a.C.. Suas ideias filosóficas iam contra vários antigos preceitos. Foi um crítico do estoicismo, criando as bases do ceticismo. Foi escolarca da Academia Platônica. Batizaram com o seu nome o experimento mental denominado Tábua de Carnéades.

110 [Eurípides, Orestes, 253](#)

111 [Odisséia, X, 495](#)

112 **Lácides** (em grego: Λακύδης) de Cirene (cidade), foi um filósofo que sucedeu Arcesilau na Academia de Platão em Atenas em 240 a.C. Ele foi forçado a demitir-se em 215 a.C., devido a problemas de saúde, e morreu c. 205 a.C. Nada restou de suas obras.

113 **Hermipo de Esmirna** (em grego antigo: Ἑρμιππος ὁ Σμυρναίος) foi um filósofo peripatético. Apelidado por escritores antigos como o Calimáqueo (em grego antigo: ὁ Καλλιμάχειος), pode-se inferir que ele era um discípulo de Calímaco em meados do século III a.C. Da mesma forma, o fato de ele ter escrito a vida de Crísipo indica que ele viveu até o final do século.

114 [208-204 a.C.](#)

115 [Antologia Palatina, VII, 706.](#)

116 **Hierofante** é o termo usado para designar os sacerdotes da alta hierarquia dos mistérios da Grécia e do Egito. É o sacerdote supremo, que pode ser

chamado também de Sumo Sacerdote. Hierofante: do grego *Hierophantes*, que significa literalmente “aquele que explica as coisas sagradas”. O revelador da ciência sagrada e chefe dos iniciados.

117 Ebulides de Mileto foi um filósofo grego da escola megárica, discípulo de sucessor de Euclides de Mégara, que viveu no Século IV a.C.. Segundo Diógenes Laércio e Plutarco, foi ele quem ensinou a dialética a Demóstenes. Suas obras, se é que as escreveu, não chegaram aos nossos dias.

118 Veja § 162 deste livro.

119 Cícero em Acad. usa "sed inter scientiam et inscientiam comprehensionem illam, quam dixi, collocabat"

120 A parte final deste livro foi perdida. A conclusão do último título (do Prazer) é conjectura de alguns editores.

121 Zenão de Tarso foi aluno de Crisipo, e quando este morreu por volta de 206 a.C., sucedeu-o tornando-se o quarto líder da escola estoica em Atenas.

122 Diógenes da Babilônia (também conhecido como **Diógenes, o Estoico**) foi o principal líder da escola estoica em Atenas, e um dos três filósofos enviados a Roma em 155 a.C..

123 Apolodoro de Selêucia foi discípulo de Diógenes da Babilônia. Escreveu uma série de obras, nomeadamente sobre Ética e Física. Apolodoro é famoso por descrever o Cinismo como "a via curta para a virtude". tendo sido o primeiro estoico depois da época de Zenão de Cítio a tentar uma sistemática reconciliação do estoicismo com o cinismo.

124 Dárdano de Atenas foi um discípulo de Diógenes da Babilônia e Antípatro de Tarso. Cícero menciona-o[como sendo um dos líderes da escola estoica em Atenas juntamente com Mnesarco de Atenas. Depois da morte de Panécio de Rodes (109 a.C.), a escola estoica em Atenas parece ter-se desmembrado, e Dárdano foi provavelmente um dos líderes no ensino estoico nessa época.

125 Antípatro de Tarso (em grego: Ἀντίπατρος;) foi um filósofo estoico, discípulo e sucessor de Diógenes da Babilônia na escola estoica além de professor de Panécio de Rodes.

126 Panécio de Rodes foi discípulo de Diógenes da Babilônia e de Antípatro de Tarso, antes de viajar para Roma onde foi influente na introdução das doutrinas estoicas. Depois da morte de Cipião em 129, regressou à escola estoica em Atenas, tendo sido o seu último escolarca. A sua obra mais famosa foi "Sobre os Deveres", a fonte principal de Cícero na sua própria obra com o mesmo nome.

127 Hécato de Rodes foi discípulo de Panécio de Rodes. Não se conhecem outros detalhes da sua vida, mas era um filósofo eminente entre os estoicos deste período. Cícero indica que Hécato escreveu uma obra Sobre os deveres, ("De Officiis") Hécato é mencionado frequentemente por Sêneca no seu tratado De Beneficiis.

128 Posidônio foi um político, astrônomo, geógrafo, historiador e filósofo

estoico grego. Estudou em Atenas com Panécio de Rodes, cabeça, naquele tempo, da escola estoica. Posidônio fez depois longas viagens, por exemplo, ao Egito ou à Península Ibérica. As suas conexões com a classe dirigente romana serviram para as suas explorações geográficas. Visitou e descreveu o mundo bárbaro, em especial os Celtas. Por volta de 100 a.C., Posidônio observou que a estrela Canopus tinha uma altura de 7°30' em Alexandria enquanto em Rodes apenas era divisada sobre o horizonte. Estimou a distância entre ambas as cidades em 5000 estádios e obteve a medida da circunferência terrestre (aproximadamente 44 000 quilômetros).

129 Atenodoro, foi guardião da biblioteca de Pérgamo. Na ansiedade de preservar as doutrinas de sua seita em sua pureza original, costumava suprimir, das obras dos escritores estoicos, partes que lhe pareciam errôneas ou inconsistentes. Em sua velhice, Atenodoro mudou-se para Roma, onde viveu na casa de Catão, o Jovem até a sua morte.

130 Atenodoro de Tarso ou Atenodoro Cananita foi aluno de Posidônio de Rodes, e professor de Otaviano (futuro Augusto) em Apolónia. Em 44 a.C., seguiu Otaviano até Roma e continuou a ser seu mentor.

131 Antípatro de Tiro (em grego: Ἀντίπατρος; século a.C.) foi um filósofo estoico, contemporâneo de Marco Pórcio Catão Uticense e Cícero. Diz-se que Antípatro se tornou amigo de Catão quando este era jovem.

132 Ário Dídimo ou Arieu Dídimo (em grego: Ἄρειος Διδύμος;) de Alexandria, foi um filósofo estoico e professor de Augusto. Fragmentos de seus manuais sumarizando as doutrinas estoicas e peripatéticas estão preservados nas obras de Estobeu e Eusébio de Cesareia.

133 Lúcio Aneu Cornuto (em latim: Lucius Annaeus Cornutus) foi um escravo libertado do filósofo Sêneca. Depois de libertado por Sêneca, abriu uma escola que ensinava a doutrina estoica à juventude romana.

Original em Grego

Original em grego disponível em mikrosapoplous.gr

Βιβλίου Ζ'

ΖΗΝΩΝ

1 Ζήνων Μνασέου ἢ Δημέου, Κιτιεὺς ἀπὸ Κύπρου, πολίσματος

Ἑλληνικοῦ Φοίνικας ἐποίκου ἐσχηκός.

Τὸν τράχηλον ἐπὶ θάτερα νενευκῶς ἦν, ὡς φησι Τιμόθεος ὁ Ἀθηναῖος ἐν τῷ Περί βίων (FHG iv. 523)· καὶ Ἀπολλώνιος δέ φησιν ὁ Τύριος ὅτι ἰσχνὸς ἦν, ὑπομήκης, μελάγχρωσ-ᾧθεν τις

αὐτὸν εἶπεν Αἰγυπτίαν κληματίδα, καθά φησι Χρύσιππος ἐν πρώτῳ Παροιμιῶν-παχύκνημός τε καὶ ἀπαγῆς καὶ ἀσθενῆς· διὸ

καὶ φησι Περσαῖος ἐν Ὑπομνήμασι συμποτικοῖς (SVF i. 453) τὰ

πλεῖστα αὐτὸν δεῖπνα παραιτεῖσθαι. ἔχαιρε δέ, φασί, σύκοις χλωροῖς καὶ ἡλιοκαΐαις.

2 Διήκουσε δέ, καθάπερ προεῖρηται, Κράτητος· εἶτα καὶ Στίλ-

πωνος ἀκοῦσαί φασιν αὐτὸν καὶ Ξενοκράτους ἔτη δέκα, ὡς Τιμοκράτης ἐν τῷ Δίῳ· ἀλλὰ καὶ Πολέμωνος. Ἐκάτων (Gomoll

26) δέ φησι καὶ Ἀπολλώνιος ὁ Τύριος ἐν πρώτῳ Περί Ζήνωνος,

χρηστηριασαμένου αὐτοῦ τί πράττων ἄριστα βιώσεται, ἀπο-

κρίνασθαι τὸν θεόν, εἰ συγχρωτίζοιτο τοῖς νεκροῖς· ᾧθεν ξυνέντα

τὰ τῶν ἀρχαίων ἀναγινώσκειν. τῷ οὖν Κράτητι παρέβαλε τοῦτον

τὸν τρόπον. πορφύραν ἐμπεπορευμένος ἀπὸ τῆς Φοινίκης

πρὸς
τῷ Πειραιεῖ ἐναυάγησεν. ἀνελθὼν δ' εἰς τὰς Ἀθήνας ἤδη
τρια-
κοντούτης ἐκάθισε παρά τινα βιβλιοπώλην.
ἀναγινώσκοντας δ'
ἐκείνου τὸ δεύτερον τῶν Ξενοφῶντος Ἀπομνημονευμάτων,
ἤσθεις
3 ἐπύθετο ποῦ διατρίβοιεν οἱ τοιοῦτοι ἄνδρες. εὐκαίρως δὲ
παριόν-
τος Κράτητος, ὁ βιβλιοπώλης δείξας αὐτόν φησι, "τούτῳ
παρα-
κολούθησον." ἐντεῦθεν ἤκουσε τοῦ Κράτητος, ἄλλως μὲν
εὐτονος
πρὸς φιλοσοφίαν, αἰδήμων δὲ ὡς πρὸς τὴν Κυνικὴν
ἀναισχυντίαν.
ὅθεν ὁ Κράτης βουλόμενος αὐτὸν καὶ τούτου θεραπεῦσαι
δίδωσι
χύτραν φακῆς διὰ τοῦ Κεραμικοῦ φέρειν. ἐπεὶ δ' εἶδεν
αὐτὸν
αἰδούμενον καὶ περικαλύπτοντα, παίσας τῆ βακτηρίᾳ
κατάγνυσι
τὴν χύτραν· φεύγοντος δ' αὐτοῦ καὶ τῆς φακῆς κατὰ τῶν
σκελῶν
ῥεούσης, φησὶν ὁ Κράτης, "τί φεύγεις, Φοινικίδιον; οὐδὲν
δεινὸν
πέπονθας."
4 Ἔως μὲν οὖν τινὸς ἤκουε τοῦ Κράτητος· ὅτε καὶ τὴν
Πολιτείαν
αὐτοῦ γράψαντος, τινὲς ἔλεγον παίζοντες ἐπὶ τῆς τοῦ
κυνὸς οὐράς
αὐτὴν γεγραφέναι. γέγραφε δὲ πρὸς τῆ Πολιτεία καὶ τάδε·
Περὶ τοῦ κατὰ φύσιν βίου,
Περὶ ὁρμῆς ἢ περὶ ἀνθρώπων φύσεως,
Περὶ παθῶν,
Περὶ τοῦ καθήκοντος,

Περὶ νόμου,
Περὶ τῆς Ἑλληνικῆς παιδείας,
Περὶ ὄψεως,
Περὶ τοῦ ὄλου,
Περὶ σημείων,
Πυθαγορικά,
Καθολικά,
Περὶ λέξεων,
Προβλημάτων Ὀμηρικῶν πέντε,
Περὶ ποιητικῆς ἀκροάσεως.

Ἔστι δ' αὐτοῦ καὶ

Τέχνη καὶ
Λύσεις καὶ
Ἐλεγχοὶ δύο,
Ἀπομνημονεύματα Κράτητος,
Ἠθικά.

Καὶ τάδε μὲν τὰ βιβλία. τελευταῖον δὲ ἀπέστη καὶ τῶν
προειρημένων ἤκουσεν ἕως ἐτῶν εἴκοσιν· ἵνα καὶ φασιν
αὐτὸν

εἶπεῖν, "νῦν εὐπλόηκα, ὅτε νεναναύγηκα." οἱ δ' ἐπὶ τοῦ
Κράτητος

5 τοῦτ' αὐτὸν εἶπεῖν· ἄλλοι δὲ διατρίβοντα ἐν ταῖς Ἀθήναις
ἀκοῦσαι

τὴν ναυαγίαν καὶ εἶπεῖν, "εὖ γε ποιεῖ ἡ τύχη προσελαύνουσα
ἡμᾶς φιλοσοφία." ἔνιοι <δέ>, διαθέμενον Ἀθήνησι τὰ
φορτία,

οὕτω τραπήναι πρὸς φιλοσοφίαν.

Ἀνακάμπτων δὲ ἐν τῇ ποικίλῃ στοᾶ τῇ καὶ Πεισιανακτίῳ
καλουμένη, ἀπὸ δὲ τῆς γραφῆς τῆς Πολυγνώτου ποικίλῃ,
διετίθετο

τοὺς λόγους, βουλόμενος καὶ τὸ χωρίον ἀπερίστατον
ποιῆσαι.

ἐπὶ γὰρ τῶν τριάκοντα τῶν πολιτῶν πρὸς τοῖς χιλίοις
τετρα-

κόσιοι ἀνήρηντ' ἐν αὐτῷ. προσήεσαν δὴ λοιπὸν ἀκούοντες αὐτοῦ

καὶ διὰ τοῦτο Στωικοὶ ἐκλήθησαν καὶ οἱ ἀπ' αὐτοῦ ὁμοίως, πρότερον Ζηνώνειοι καλούμενοι, καθά φησι καὶ Ἐπίκουρος ἐν

ἐπιστολαῖς (Usener 198). καὶ πρότερόν γε Στωικοὶ ἐκαλοῦντο οἱ

διατρίβοντες ἐν αὐτῇ ποιηταί, καθά φησιν Ἐρατοσθένης ἐν ὀγδόῃ

Περὶ τῆς ἀρχαίας κωμωδίας, οἱ καὶ τὸν λόγον ἐπὶ πλεῖον ἠύξησαν.

6 Ἐτίμων δὴ οὖν Ἀθηναῖοι σφόδρα τὸν Ζήνωνα, οὕτως ὡς καὶ

τῶν τειχῶν αὐτῷ τὰς κλεῖς παρακαταθέσθαι καὶ χρυσῷ στεφάνῳ

τιμῆσαι καὶ χαλκῇ εἰκόνι. τοῦτο δὲ καὶ τοὺς πολίτας αὐτοῦ ποιῆσαι, κόσμον ἡγουμένους τὴν τάνδρὸς εἰκόνα.

ἀντεποιοῦντο

δ' αὐτοῦ καὶ οἱ ἐν Σιδῶνι Κιτιεῖς. ἀπεδέχετο δ' αὐτὸν καὶ Ἀντίγονος, καὶ εἴ ποτ' Ἀθήναζε ἤκοι ἤκουεν αὐτοῦ πολλά τε παρεκάλει ἀφίκεσθαι ὡς αὐτόν. ὁ δὲ τοῦτο μὲν παρητήσατο,

Περσαῖον δ' ἓνα τῶν γνωρίμων ἀπέστειλεν, ὃς ἦν Δημητρίου μὲν

υἱός, Κιτιεὺς δὲ τὸ γένος, καὶ ἤκμαζε κατὰ τὴν τριακοστὴν καὶ ἑκατοστὴν Ὀλυμπιάδα, ἤδη γέροντος ὄντος Ζήνωνος. ἡ δ'

ἐπιστολὴ ἢ τοῦ Ἀντιγόπου τοῦτον εἶχε τὸν τρόπον, καθὰ καὶ Ἀπολλώνιος ὁ Τύριος ἐν τοῖς Περὶ Ζήνωνός φησι (Hercher, p. 107).

7 "Βασιλεὺς Ἀντίγονος Ζήνωνι φιλοσόφῳ χαίρειν.

"Ἐγὼ τύχη μὲν καὶ δόξῃ νομίζω προτερεῖν τοῦ σοῦ βίου, λόγου δὲ καὶ παιδείας καθυστερεῖν καὶ τῆς τελείας εὐδαιμονίας

ἦν σὺ κέκτησαι. διόπερ ἔκρινα προσφωνῆσαί σοι

παραγενέσθαι
πρὸς ἐμέ, πεπεισμένος σε μὴ ἀντερεῖν πρὸς τὸ ἀξιούμενον.
σὺ
οὖν πειράθητι ἐκ παντὸς τρόπου συμμίξαι μοι, διειληφῶς
τοῦτο
διότι οὐχ ἑνὸς ἐμοῦ παιδευτῆς ἔσει, πάντων δὲ Μακεδόνων
συλ-
λήβδην. ὁ γὰρ τὸν τῆς Μακεδονίας ἄρχοντα καὶ παιδεύων
καὶ
ἄγων ἐπὶ τὰ κατ' ἀρετὴν φανερός ἐστι καὶ τοὺς
ὑποτεταγμένους
παρασκευάζων πρὸς εὐανδρίαν. οἷος γὰρ ἂν ὁ ἡγούμενος ἦ,
τοιούτους εἰκὸς ὡς ἐπὶ τὸ πολὺ γίγνεσθαι καὶ τοὺς
ὑποτετα-
γμένους."

Καὶ ὁ Ζήνων ἀντιγράφει ὧδε (Hercher, p. 792).

8 "Βασιλεῖ Ἀντιγόνῳ Ζήνων χαίρειν.

"Ἀποδέχομαί σου τὴν φιλομάθειαν καθόσον τῆς ἀληθινῆς
καὶ

εἰς ὄνησιν τεινούσης, ἀλλ' οὐχὶ τῆς δημώδους καὶ εἰς
διαστροφὴν

ἡθῶν ἀντέχη παιδείας. ὁ δὲ φιλοσοφίας ὠρεγμένος,
ἐκκλίνων δὲ

τὴν πολυθρύλητον ἡδονὴν ἢ τινῶν θηλύνει νέων ψυχάς,
φανερός

ἐστὶν οὐ μόνον φύσει πρὸς εὐγένειαν κλίνων, ἀλλὰ καὶ
προαιρέσει.

φύσις δὲ εὐγενῆς μετρίαν ἄσκησιν προσλαβοῦσα, ἔτι δὲ τὸν
ἀφθόνως διδάξοντα, ῥαδίως ἔρχεται πρὸς τὴν τελείαν
ἀνάληψιν

9 τῆς ἀρετῆς. ἐγὼ δὲ συνέχομαι σώματι ἀσθενεῖ διὰ γῆρας·
ἐτῶν

γάρ εἰμι ὀγδοήκοντα· διόπερ οὐ δύναμαί σοι συμμίξαι.
ἀποστέλλω

δέ σοί τινας τῶν ἐμαυτοῦ συσχολαστῶν, οἱ τοῖς μὲν κατὰ

ψυχὴν
οὐκ ἀπολείπονται ἐμοῦ, τοῖς δὲ κατὰ σῶμα προτεροῦσιν· οἷς
συνῶν οὐδενὸς καθυστερήσεις τῶν πρὸς τὴν τελείαν
εὐδαιμονίαν
ἀνηκόντων."

Ἀπέστειλε δὲ Περσαῖον καὶ Φιλωνίδην τὸν Θηβαῖον, ὧν
ἀμφο-
τέρων Ἐπίκουρος μνημονεύει ὡς συνόντων Ἀντιγόνῳ ἐν τῇ
πρὸς
Ἀριστόβουλον τὸν ἀδελφὸν ἐπιστολῇ. ἔδοξε δέ μοι καὶ τὸ
ψήφισμα
10 τὸ περὶ αὐτοῦ τῶν Ἀθηναίων ὑπογράψαι. καὶ ἔχει δὲ ὧδε.

ΨΗΦΙΣΜΑ

"Ἐπ' Ἀρρενίδου ἄρχοντος, ἐπὶ τῆς Ἀκαμαντίδος πέμπτης
πρυτανείας, Μαιμακτηριῶνος δεκάτῃ ὑστέρᾳ, τρίτῃ καὶ
εἰκοστῇ
τῆς πρυτανείας, ἐκκλησία κυρία, τῶν προέδρων ἐπεψήφισεν
ἵπ-
πων Κρατιστοτέλους Ξυπεταιῶν καὶ οἱ συμπρόεδροι,
Θράσων
Θράσωνος Ἀνακαιοῦς εἶπεν·

"Ἐπειδὴ Ζήνων Μνασέου Κιτιεὺς ἔτη πολλὰ κατὰ φιλοσοφίαν
ἐν τῇ πόλει γενόμενος ἔν τε τοῖς λοιποῖς ἀνὴρ ἀγαθὸς ὧν
διετέλεσε
καὶ τοὺς εἰς σύστασιν αὐτῷ τῶν νέων πορευομένους
παρακαλῶν
ἐπ' ἀρετὴν καὶ σωφροσύνην παρώρμα πρὸς τὰ βέλτιστα,
παρά-
δειγμα τὸν ἴδιον βίον ἐκθεῖς ἅπασιν ἀκόλουθον ὄντα τοῖς
λόγοις
11 οἷς διελέγετο, τύχη ἀγαθῇ δεδόχθαι τῷ δήμῳ, ἐπαινέσαι
μὲν
Ζήωνα Μνασέου Κιτιέα καὶ στεφανῶσαι χρυσῷ στεφάνῳ
κατὰ

τὸν νόμον ἀρετῆς ἕνεκεν καὶ σωφροσύνης, οἰκοδομησαὶ δὲ αὐτῷ

καὶ τάφον ἐπὶ τοῦ Κεραμικοῦ δημοσίᾳ· τῆς δὲ ποιήσεως τοῦ

στεφάνου καὶ τῆς οἰκοδομῆς τοῦ τάφου χειροτονῆσαι τὸν δῆμον

ἤδη τοὺς ἐπιμελησομένους πέντε ἄνδρας ἐξ Ἀθηναίων. ἐγγράψαι

δὲ τὸ ψήφισμα τὸν γραμματέα τοῦ δήμου ἐν στήλαις δύο καὶ

ἐξεῖναι αὐτῶν θεῖναι τὴν μὲν ἐν Ἀκαδημείᾳ, τὴν δὲ ἐν Λυκείῳ. τὸ

δὲ ἀνάλωμα τὸ εἰς τὰς στήλας γινόμενον μερίσαι τὸν ἐπὶ τῆς

διοικήσεως ὅπως ἅπαντες ἴδωσιν ὅτι ὁ δῆμος ὁ τῶν Ἀθηναίων

12 τοὺς ἀγαθοὺς καὶ ζῶντας τιμᾶ καὶ τελευτήσαντας. ἐπὶ δὲ

τὴν οἰκοδομὴν κεχειροτόνηνται Θράσων Ἀνακαιοῦς, Φιλοκλῆς

Πειραιεῦς, Φαῖδρος Ἀναφλύστιος, Μέδων Ἀχαρνεῦς, Σμίκυθος

Συπαληττεύς[, Δίων Παιανιεῦς]."

Καὶ τὸ ψήφισμα μὲν ὧδε ἔχει.

Φησὶ δ' Ἀντίγονος ὁ Καρύστιος (Wil. Ant. v. Kar., p. 116)

οὐκ ἀρνεῖσθαι αὐτὸν εἶναι Κιτιέα. τῶν γὰρ εἰς τὴν ἐπισκευὴν

τοῦ λουτρῶνος συμβαλλομένων εἷς ὢν καὶ ἀναγραφόμενος ἐν τῇ

στήλῃ, "Ζήνωνος τοῦ φιλοσόφου," ἠξίωσε καὶ τὸ Κιτιεῦς προστεθῆναι. ποιήσας δὲ ποτε κοῖλον ἐπίθημα τῇ ληκύθῳ περι-

έφερε νόμισμα, λύσιν ἐτοίμην τῶν ἀναγκαίων ἴν' ἔχοι Κράτης ὁ

13 διδάσκαλος. φασὶ δ' αὐτὸν ὑπὲρ χίλια τάλαντα ἔχοντα

ἐλθεῖν εἰς

τὴν Ἑλλάδα καὶ ταῦτα δανείζειν ναυτικῶς. ἤσθιε δέ, φησί, ἄρτιδια καὶ μέλι καὶ ὀλίγον εὐώδους οἴναρίου ἔπινε.

παιδαρίοις

τε ἐχρήτο σπανίως, ἅπαξ ἢ δῖς που παιδισκαρίῳ τινί, ἵνα μὴ δοκοίη μισογύνης εἶναι, σὺν τε Περσαίῳ τὴν αὐτὴν οἰκίαν ὥκει·

καὶ αὐτοῦ ἀλητρίδιον εἰσαγαγόντος πρὸς αὐτόν, σπάσας πρὸς τὸν

Περσαῖον αὐτὸ ἀπήγαγεν. ἦν τε, φασίν, εὐσυμπερίφορος, ὡς πολλάκις Ἀντίγονον τὸν βασιλέα ἐπικωμάσαι αὐτῷ καὶ πρὸς Ἀριστοκλέα τὸν κιθαρωδὸν ἅμ' αὐτῷ ἐλθεῖν ἐπὶ κῶμον, εἶτα 14 μέντοι ὑποδῦναι. ἐξέκλινε δέ, φησί, καὶ τὸ πολυδημῶδες, ὡς

ἐπ' ἄκρου καθίζεσθαι τοῦ βάθρου, κερδαίνοντα τὸ γοῦν ἕτερον

μέρος τῆς ἐνοχλήσεως. οὐ μὴν οὐδὲ μετὰ πλειόνων δύο ἢ τριῶν

περιεπάτει. ἐνίοτε δὲ καὶ χαλκὸν εἰσέπραττε τοὺς περισταμέ-

νους, ὥστε δεδιότας τὸ διδόναι μὴ ἐνοχλεῖν, καθά φησι Κλεάνθης

ἐν τῷ Περὶ χαλκοῦ (SVF i. 589)· πλειόνων τε περιστάντων αὐτόν,

δείξας ἐν τῇ στοᾷ κατ' ἄκρου τὸ ξύλινον περιφερὲς τοῦ βωμοῦ

ἔφη, "τοῦτό ποτ' ἐν μέσῳ ἔκειτο, διὰ δὲ τὸ ἐμποδίζειν ἰδίᾳ ἐτέθη·

καὶ ὑμεῖς οὖν ἐκ τοῦ μέσου βαστάσαντες αὐτοὺς ἤττον ἡμῖν ἐνοχλήσετε."

Δημοχάρους δὲ τοῦ Λάχητος ἀσπαζομένου αὐτόν καὶ φάσκοντος

λέγειν καὶ γράφειν ὧν ἂν χρεῖαν ἔχη πρὸς Ἀντίγονον, ὡς ἐκείνου

15 πάντα παρέξοντος, ἀκούσας οὐκέτ' αὐτῷ συνδιέτριψε.

λέγεται

δὲ καὶ μετὰ τὴν τελευτὴν τοῦ Ζήνωνος εἶπεῖν τὸν Ἀντίγονον οἶον

εἶη θεάτρον ἀπολωλεκώς· ὅθεν καὶ διὰ Θράσωνος πρεσβευτοῦ

παρὰ τῶν Ἀθηναίων ἤτησεν αὐτῷ τὴν ἐν Κεραμεικῷ ταφὴν. ἐρωτηθεὶς δὲ διὰ τί θαυμάζει αὐτόν, "ὅτι," ἔφη, "πολλῶν καὶ

μεγάλων αὐτῷ διδομένων ὑπ' ἐμοῦ οὐδεπώποτε ἐχαυνώθη οὐδὲ

ταπεινὸς ὤφθη."

Ἦν δὲ καὶ ζητητικὸς καὶ περὶ πάντων ἀκριβολογούμενος· ὅθεν καὶ ὁ Τίμων ἐν τοῖς Σίλλοις φησὶν οὕτω (Diels 38)·

καὶ Φοίνισσαν ἴδον λιχνόγραυν σκιερῷ ἐνὶ τύφῳ

πάντων ἰμείρουσαν· ὁ δ' ἔρρει γυργαθὸς αὐτῆς σμικρὸς ἔων· νοῦν δ' εἶχεν ἐλάσσονα κινδαψοῖο.

16 Ἐπιμελῶς δὲ καὶ πρὸς Φίλωνα τὸν διαλεκτικὸν διεκρίνετο

καὶ συνεσχόλαζεν αὐτῷ· ὅθεν καὶ θαυμασθῆναι ὑπὸ Ζήνωνος τοῦ

νεωτέρου οὐχ ἦττον Διοδώρου τοῦ διδασκάλου αὐτοῦ. ἦσαν δὲ

περὶ αὐτόν καὶ γυμνορρύπαροί τινες, ὡς φησι καὶ ὁ Τίμων (Diels 39)·

ὄφρα πενεστάων σύναγεν νέφος, οἱ περὶ πάντων πτωχότατοί τ' ἦσαν καὶ κουφότατοι βροτοὶ ἀστῶν.

Αὐτὸν δὲ στυγνόν τ' εἶναι καὶ πικρόν, καὶ τὸ πρόσωπον συνεσπασμένον. ἦν εὐτελής τε σφόδρα καὶ βαρβαρικῆς ἐχόμενος

μικρολογίας, προσχήματι οἰκονομίας. εἰ δέ τινα ἐπισκώπτοι, περιεσταλμένως καὶ οὐχ ἄδην, ἀλλὰ πόρρωθεν· λέγω δὲ οἶον

17 ἐπὶ τοῦ καλλωπιζομένου ποτὲ ἔφη· ὀχέτιον γάρ τι ὀκνηρῶς

αὐτοῦ ὑπερβαίνοντος, "δικαίως," εἶπεν, "ὑφορᾷ τὸν πηλόν· οὐ γὰρ ἔστιν ἐν αὐτῷ κατοπτρίσασθαι." ὡς δὲ Κυνικός τις οὐ φήσας ἔλαιον ἔχειν ἐν τῇ ληκύθῳ προσήτησεν αὐτόν, οὐκ ἔφη δώσειν· ἀπελθόντα μέντοι ἐκέλευσε σκέψασθαι ὁπότερος εἶη ἀναιδέστερος. ἐρωτικῶς δὲ διακείμενος Χρεμωνίδου, παρακαθίζόντων αὐτοῦ τε καὶ Κλεάνθους, ἀνέστη· θαυμάζοντος δὲ τοῦ Κλεάνθους ἔφη, "καὶ τῶν ἰατρῶν ἀκούω τῶν ἀγαθῶν, κράτιστον εἶναι φάρμακον πρὸς τὰ φλεγμαίνοντα ἡσυχίαν." δυοῖν δ' ὑπανακειμένοι ἐν πότῳ καὶ τοῦ ὑπ' αὐτόν τὸν ὑφ' ἑαυτὸν σκιμαλίζοντος τῷ ποδί, αὐτὸς ἐκεῖνον τῷ γόνατι. ἐπιστραφέντος δέ, "τί οὖν," 18 ἔφη, "οἶει τὸν ὑποκάτω σου πάσχειν ὑπὸ σοῦ;" πρὸς δὲ τὸν φιλόπαιδα οὔτε τοὺς διδασκάλους ἔφη φρένας ἔχειν, ἀεὶ διατρίβοντας ἐν παιδαρίοις, οὔτ' ἐκείνους. ἔφασκε δὲ τοὺς μὲν τῶν ἀσολοίκων λόγους καὶ ἀπηρτισμένους ὁμοίους εἶναι τῷ ἀργυρίῳ τῷ Ἀλεξανδρινῷ· εὐοφθάλμους μὲν καὶ περιγεγραμμένους καθὰ καὶ τὸ νόμισμα, οὐδὲν δὲ διὰ ταῦτα βελτίονας. τοὺς δὲ τούναντίον ἀφωμοίου τοῖς Ἀττικοῖς τετραδράχμοις εἰκῆ μὲν κεκομμένοις καὶ σολοίκως, καθέλκειν μέντοι πολλάκις τὰς κεκαλλιγραφημένας

λέξεις. Ἀρίστωνος δὲ τοῦ μαθητοῦ πολλὰ διαλεγομένου οὐκ εὐφυῶς, ἔνια δὲ καὶ προπετῶς καὶ θρασέως, "ἀδύνατον," εἶπεῖν,

"εἰ μὴ σε ὁ πατὴρ μεθύων ἐγέννησεν·" ὅθεν αὐτὸν καὶ λάλον ἀπεκάλει, βραχυλόγος ὤν.

19 Πρὸς δὲ τὸν ὀψοφάγον μηδὲν τοῖς συμβιωταῖς καταλιπόντα,

παρατεθέντος ποτὲ μεγάλου ἰχθύος, ἄρας οἷός τ' ἦν κατεσθίειν·

ἐμβλέψαντι δέ, "τί οὖν," ἔφη, "τοὺς συμβιωτὰς οἷει πάσχειν καθ' ἡμέραν, εἰ σὺ μὴ δύνασαι ἐνεγκεῖν τὴν ἐμὴν ὀψοφαγίαν;"

μειρακίου δὲ περιεργότερον παρὰ τὴν ἡλικίαν ἐρωτῶντος ζήτημά

τι, προσήγαγε πρὸς κάτοπτρον καὶ ἐκέλευσεν ἐμβλέψαι· ἔπειτ'

ἠρώτησεν εἰ δοκεῖ αὐτῷ ἀρμόττοντα εἶναι ὅψει τοιαύτη τοιαῦτα

ζητήματα. πρὸς δὲ τὸν φάσκοντα ὡς τὰ πολλὰ αὐτῷ

Ἀντισθένης

οὐκ ἀρέσκοι, χρεῖαν Σοφοκλέους προενεγκάμενος ἠρώτησεν εἴ

τινα καὶ καλὰ ἔχειν αὐτῷ δοκεῖ· τοῦ δ' οὐκ εἰδέναι φήσαντος,

"εἴτ' οὐκ αἰσχύνῃ," ἔφη, "εἰ μὲν τι κακὸν ἦν εἰρημένον ὑπ' Ἀντισθένης, τοῦτ' ἐκλεγόμενος καὶ μνημονεύων, εἰ δέ τι καλόν,

οὐδ' ἐπιβαλλόμενος κατέχειν;"

20 Εἰπόντος δέ τινος ὅτι μικρὰ αὐτῷ δοκεῖ τὰ λογάρια τῶν φιλοσόφων, "λέγεις," εἶπε, "τᾶληθῆ· δεῖ μέντοι καὶ τὰς συλλα-

βὰς αὐτῶν βραχείας εἶναι, εἰ δυνατόν." λέγοντος δέ τινος αὐτῷ

περὶ Πολέμωνος ὡς ἄλλα προθέμενος ἄλλα λέγει, σκυθρωπάσας

ἔφη, "πόσου γὰρ <ἂν> ἠγάπας τὰ διδόμενα;" δεῖν δ' ἔφη
τόνῳ
διαλεγόμενον ὥσπερ τοὺς ὑποκριτὰς τὴν μὲν φωνὴν καὶ τὴν
δύναμιν μεγάλην ἔχειν, τὸ μέντοι στόμα μὴ διέλκειν· ὃ
ποιεῖν
τοὺς πολλὰ μὲν λαλοῦντας, ἀδύνατα δέ. τοῖς εὖ λεγομένοις
οὐκ
ἔφη δεῖν καταλείπεσθαι τόπον ὥσπερ τοῖς ἀγαθοῖς
τεχνίταις εἰς
τὸ θεάσασθαι, τούναντίον δὲ τὸν ἀκούοντα οὕτω πρὸς τοῖς
λεγο-
μένοις γίνεσθαι ὥστε μὴ λαμβάνειν χρόνον εἰς τὴν
ἐπισημείωσιν.

21 Νεανίσκου πολλὰ λαλοῦντος ἔφη, "τὰ ὧτά σου εἰς τὴν
γλῶτ-
ταν συνερρήκεν." πρὸς τὸν καλὸν εἰπόντα ὅτι οὐ δοκεῖ
αὐτῷ
ἐρασθήσεσθαι ὁ σοφός, "οὐδέν," ἔφη, "ὑμῶν ἀθλιώτερον
ἔσεσθαι
τῶν καλῶν." ἔλεγε δὲ καὶ τῶν φιλοσόφων τοὺς πλείστους
τὰ μὲν
πολλὰ ἀσόφους εἶναι, τὰ δὲ μικρὰ καὶ τυχηρὰ ἀμαθεῖς. καὶ
προεφέρετο τὸ τοῦ Καφισίου, ὃς ἐπιβαλλομένου τινὸς τῶν
μαθη-
τῶν μεγάλα φουσᾶν, πατάξας εἶπεν ὡς οὐκ ἐν τῷ μεγάλῳ τὸ
εὖ
κείμενον εἴη, ἀλλ' ἐν τῷ εὖ τὸ μέγα. νεανίσκου δὲ τινος
θρασύ-
τερον διαλεγομένου, "οὐκ ἂν εἴποιμι," ἔφη, "μειράκιον, ἃ
ἐπέρχεταιί μοι."

22 Ῥοδίου δὲ τινος καλοῦ καὶ πλουσίου ἄλλως δὲ μηδέν,
προσκει-
μένου αὐτῷ, μὴ βουλόμενος ἀνέχεσθαι, πρῶτον μὲν ἐπὶ τὰ
κεκονιμένα τῶν βάρθρων ἐκάθιζεν αὐτόν, ἵνα μολύνῃ τὴν
χλανίδα·

ἔπειτα εἰς τὸν τῶν πτωχῶν τόπον, ὥστε συνανατρίβεσθαι
τοῖς
ῥάκεσιν αὐτῶν· καὶ τέλος ἀπῆλθεν ὁ νεανίσκος. πάντων
ἔλεγεν
ἀπρεπέστερον εἶναι τὸν τυφόν, καὶ μάλιστα ἐπὶ τῶν νέων.
μὴ τὰς
φωνὰς καὶ τὰς λέξεις ἀπομνημονεύειν, ἀλλὰ περὶ τὴν
διάθεσιν
τῆς χρείας τὸν νοῦν ἀσχολεῖσθαι, μὴ ὥσπερ ἔψησίν τινα ἢ
σκευασίαν ἀναλαμβάνοντας. δεῖν τ' ἔλεγε τοὺς νέους πάση
κοσμιότητι χρῆσθαι ἐν πορείᾳ καὶ σχήματι καὶ περιβολῇ·
συνεχές
τε προεφέρετο τοὺς ἐπὶ τοῦ Καπανέως Εὐριπίδου στίχους,
ὅτι
βίος μὲν ἦν αὐτῷ (Suppl. 861-3)
ἦκιστα δ' ὄλβω γαῦρος ἦν, φρόνημα δὲ
οὐδέν τι μεῖζον εἶχεν ἢ πένης ἀνήρ.
23 Ἔλεγε δὲ μηδὲν εἶναι τῆς οἰήσεως ἀλλοτριώτερον πρὸς
κατά-
ληψιν τῶν ἐπιστημῶν, μηδενός θ' ἡμᾶς οὕτως εἶναι ἐνδεεῖς
ὥς
χρόνου. ἐρωτηθεὶς τίς ἐστι φίλος, "ἄλλος," <ἔφη,> "ἐγώ."
δοῦλον ἐπὶ κλοπῇ, φασίν, ἐμαστίγου· τοῦ δ' εἰπόντος,
"εἴμαρτό
μοι κλέψαι," ἔφη, "καὶ δαρῆναι." τὸ κάλλος εἶπε τῆς σωφρο-
σύνης ἄνθος εἶναι· οἱ δὲ τοῦ κάλλους τὴν σωφροσύνην. τῶν
γνωρίμων τινὸς παιδάριον μεμωλωπισμένον θεασάμενος
πρὸς
αὐτόν "ὄρῳ σου" ἔφη, "τοῦ θυμοῦ τὰ ἴχνη·" πρὸς τὸν κεκρι-
σμένον τῷ μύρῳ, "τίς ἐστίν," ἔφη, "ὁ γυναικὸς ὄζων;"
Διονυσίου
δὲ τοῦ Μεταθεμένου εἰπόντος αὐτῷ διὰ τί αὐτόν μόνον οὐ
διορθοῖ,
ἔφη, "οὐ γὰρ σοι πιστεύω." πρὸς τὸ φλυαροῦν μειράκιον,
"διὰ

τοῦτο," εἶπε, "δύο ὦτα ἔχομεν, στόμα δὲ ἓν, ἵνα πλείονα μὲν
24 ἀκούωμεν, ἥττονα δὲ λέγωμεν." ἐν συμποσίῳ
κατακείμενος σιγῇ
τὴν αἰτίαν ἠρωτήθη· ἔφη οὖν τῷ ἐγκαλέσαντι ἀπαγγεῖλαι
πρὸς
τὸν βασιλέα ὅτι παρῆν τις σιωπᾶν ἐπιστάμενος· ἦσαν δὲ οἱ
ἐρωτήσαντες παρὰ Πτολεμαίου πρέσβεις ἀφικόμενοι καὶ
βουλό-
μενοι μαθεῖν τί εἶποιεν παρ' αὐτοῦ πρὸς τὸν βασιλέα.
ἐρωτηθεὶς
πῶς ἔχει πρὸς λαιδορίαν, "καθάπερ," εἶπεν, "εἰ πρεσβευτῆς
ἀναπόκριτος ἀποστέλλοιτο." φησὶ δ' Ἀπολλώνιος ὁ Τύριος,
ἔλκοντος αὐτὸν Κράτητος τοῦ ἱματίου ἀπὸ Στίλπωνος,
εἰπεῖν,
"ὦ Κράτης, λαβὴ φιλοσόφων ἐστὶν ἐπιδέξιος ἢ διὰ τῶν
ὤτων·
πείσας οὖν ἔλκε τούτων· εἰ δέ με βιάζῃ, τὸ μὲν σῶμα παρὰ
σοὶ
ἔσται, ἡ δὲ ψυχὴ παρὰ Στίλπωνι."
25 Συνδιέτριψε δὲ καὶ Διοδώρω, καθά φησιν Ἰππόβοτος·
παρ'
ᾧ καὶ τὰ διαλεκτικὰ ἐξεπόνησεν. ἤδη δὲ προκόπτων εἰσῆει
καὶ
πρὸς Πολέμωνα ὑπ' ἀτυφίας, ὥστε φασὶ λέγειν ἐκεῖνον, "οὐ
λανθάνεις, ὦ Ζήνων, ταῖς κηπαίαις παρεισρέων θύραις καὶ
τὰ
δόγματα κλέπτων Φοινικικῶς μεταμφιευνύς." καὶ πρὸς τὸν
δείξαντα δ' αὐτῷ διαλεκτικὸν ἐν τῷ θερίζοντι λόγῳ ἑπτὰ
διαλεκτι-
κὰς ἰδέας πυθέσθαι, πόσας εἰσπράττεται μισθοῦ· ἀκούσαντα
δὲ
ἑκατόν, διακοσίας αὐτῷ δοῦναι. τοσοῦτον ἥσκει
φιλομάθειαν.
φασὶ δὲ καὶ πρῶτον καθῆκον ὠνομακέναι καὶ λόγον περὶ
αὐτοῦ

πεποικηκέναι. τούς θ' Ἡσιόδου στίχους μεταγράφειν οὕτω
(Op.
293 et Schol.)·

κεῖνος μὲν πανάριστος ὃς εὖ εἰπόντι πίθηται,
ἔσθλος δ' αὖ κἀκεῖνος ὃς αὐτὸς πάντα νοήσῃ.

26 κρείττονα γὰρ εἶναι τὸν ἀκοῦσαι καλῶς δυνάμενον τὸ
λεγόμενον
καὶ χρῆσθαι αὐτῷ τοῦ δι' αὐτοῦ τὸ πᾶν συννοήσαντος· τῷ
μὲν γὰρ
εἶναι μόνον τὸ συνεῖναι, τῷ δ' εὖ πεισθέντι προσεῖναι καὶ
τὴν
πρᾶξιν.

Ἐρωτηθεὶς δέ, φησί, διὰ τί αὐστηρὸς ὢν ἐν τῷ πότῳ δια-
χειῖται ἔφη, "καὶ οἱ θερμοὶ πικροὶ ὄντες βρεχόμενοι
γλυκαίνον-

ται." φησὶ δὲ καὶ Ἐκάτων ἐν τῷ δευτέρῳ τῶν Χρειῶν
(Gomoll

24) ἀνίσσθαι αὐτὸν ἐν ταῖς τοιαύταις κοινωνίαις. ἔλεγέ τε
κρεῖτ-

τον εἶναι τοῖς ποσὶν ὀλισθεῖν ἢ τῇ γλώττῃ. τὸ εὖ γίνεσθαι
μὲν

παρὰ μικρὸν, οὐ μὴν μικρὸν εἶναι. οἱ δὲ Σωκράτους.

Ἦν δὲ καρτερικώτατος καὶ λιτότατος, ἀπύρῳ τροφῇ
χρῶμενος

27 καὶ τρίβωνι λεπτῷ, ὥστε λέγεσθαι ἐπ' αὐτοῦ·

τὸν δ' οὐτ' ἄρ χειμῶν κρυόεις, οὐκ ὄμβρος ἀπείρων,
οὐ φλόξ ἠελίοιο δαμάζεται, οὐ νόσος αἰνή,
οὐκ ἔροτις δήμου ἐναρεῖ μένος, ἀλλ' ὃ γ' ἀτειρῆς
ἀμφὶ διδασκαλίῃ τέταται νύκτας τε καὶ ἡμαρ.

οἱ γε μὴν κωμικοὶ ἐλάνθανον ἐπαινοῦντες αὐτὸν διὰ τῶν
σκωμ-

μάτων. ἵνα καὶ Φιλήμων φησὶν οὕτως ἐν δράματι
Φιλοσόφοις

(Kock ii, pp. 502 sq.)·

εἷς ἄρτος, ὄψον ἰσχάς, ἐπιπιεῖν ὕδωρ.
φιλοσοφίαν καινὴν γὰρ οὗτος φιλοσοφεῖ,
πεινῆν διδάσκει καὶ μαθητὰς λαμβάνει·
οἱ δὲ Ποσειδίππου.

Ἦδη δὲ καὶ εἰς παροιμίαν σχεδὸν ἐχώρησεν. ἐλέγετο γοῦν
ἐπ' αὐτοῦ·

τοῦ φιλοσόφου Ζήνωνος ἐγκρατέστερος.

ἀλλὰ καὶ Ποσειδίππος Μεταφερομένοις (Kock iii, p. 340)·

ὥστ' ἐν ἡμέραις δέκα

εἶναι δοκεῖν Ζήνωνος ἐγκρατέστερον.

28 Τῷ γὰρ ὄντι πάντας ὑπερεβάλλετο τῷ τ' εἶδει τούτῳ καὶ
τῇ

σεμνότητι καὶ δὴ νῆ Δία τῇ μακαριότητι· ὀκτῶ γὰρ πρὸς
τοῖς

ἐνενήκοντα βιοῦς ἔτη κατέστρεψεν, ἄνοσος καὶ ὑγιῆς
διατελέσας.

Περσαῖος δὲ φησιν ἐν ταῖς Ἠθικαῖς σχολαῖς (SVF i. 458) δύο
καὶ ἑβδομήκοντα ἔτῶν τελευτῆσαι αὐτόν, ἐλθεῖν δ' Ἀθήναζε
δύο

καὶ εἴκοσιν ἔτῶν· ὁ δ' Ἀπολλώνιος φησιν ἀφηγήσασθαι τῆς
σχολῆς αὐτόν ἔτη δυοῖν δέοντα ἐξήκοντα. ἐτελεύτα δὴ
οὕτως· ἐκ

τῆς σχολῆς ἀπιὼν προσέπταισε καὶ τὸν δάκτυλον
περιέρρηξε·

παίσας δὲ τὴν γῆν τῇ χειρί, φησὶ τὸ ἐκ τῆς Νιόβης (Page
787),

ἔρχομαι· τί μ' αὔεις;

καὶ παραχρῆμα ἐτελεύτησεν, ἀποπνίξας ἑαυτόν.

29 Ἀθηναῖοι δ' ἔθαψαν αὐτόν ἐν τῷ Κεραμεικῷ καὶ
ψηφίσμασι

τοῖς προειρημένοις ἐτίμησαν, τὴν ἀρετὴν αὐτῷ
προσμαρτυροῦντες.

καὶ Ἀντίπατρος ὁ Σιδώνιος ἐποίησεν οὕτως (App. Anth. iii.

104)·

τῆνος ὄδε Ζήνων Κιτίω φίλος, ὅς ποτ' Ὀλυμπον
ἔδραμεν, οὐκ Ὅσση Πήλιον ἀνθέμενος,
οὐδὲ τὰ γ' Ἡρακλῆος ἀέθλεε· τὰν δέ ποτ' ἄστρα
ἀτραπιτὸν μούνας εὔρε σαοφροσύνας.

30 καὶ ἄλλο Ζηνόδοτος ὁ στωικός, Διογένους μαθητής (A.
Pal.

vii. 117)·

ἔκτισας αὐτάρκειαν, ἀφείς κενεαυχέα πλοῦτον,
Ζήνων, σὺν πολιῶ σεμνὸς ἐπισκυνίω·

ἄρσενά γὰρ λόγον εὔρες, ἐνηθλήσω δὲ προνοίᾳ,
αἴρεσιν, ἀτρέστου ματέρ' ἐλευθερίας·

εἰ δὲ πάτρα Φοίνισσα, τίς ὁ φθόνος; οὐ καὶ ὁ Κάδμος
κεῖνος, ἀφ' οὗ γραπτὰν Ἑλλάς ἔχει σελίδα;

καὶ κοινῇ δὲ καὶ περὶ πάντων τῶν στωικῶν Ἀθήναιος ὁ
ἐπιγραμ-

ματοποιός φησιν οὕτως (A. Pal. ix. 496)·

ὧ στωικῶν μύθων εἰδήμονες, ὧ πανάριστα

δόγματα ταῖς ἱεραῖς ἐνθέμενοι σελίσιν,

τὰν ἀρετὰν ψυχᾶς ἀγαθὸν μόνον· ἄδε γὰρ ἀνδρῶν
μούνα καὶ βιοτὰν ρύσατο καὶ πόλιας.

σαρκὸς δ' ἠδυπάθημα, φίλον τέλος ἀνδράσιν ἄλλοις,
ἢ μία τῶν Μνήμης ἤνυσε θυγατέρων.

31 Εἶπομεν ὡς ἐτελεύτα ὁ Ζήνων καὶ ἡμεῖς ἐν τῇ Παμμέτρῳ
τοῦτον τὸν τρόπον (A. Pal. vii. 118)·

τὸν Κιτιᾶ Ζήνωνα θανεῖν λόγος ὡς ὑπὸ γήρωσ
πολλὰ καμῶν ἐλύθη μένων ἄσιτος·

οἱ δ' ὅτι προσκόψας ποτ' ἔφη χερὶ γαῖαν ἀλοίσας
ἔρχομαι αὐτόματος· τί δὴ καλεῖς με;

ἐνιοὶ γὰρ καὶ τοῦτον τὸν τρόπον τελευτῆσαί φασιν αὐτόν.

Καὶ περὶ μὲν τῆς τελευτῆς ταῦτα.

Φησὶ δὲ Δημήτριος ὁ Μάγνης ἐν τοῖς Ὀμωνύμοις τὸν πατέρα αὐτοῦ Μνασέα πολλὰκις ἅτ' ἔμπορον Ἀθήναζε παραγίνεσθαι καὶ πολλὰ τῶν Σωκρατικῶν ἀποφέρειν ἔτι παιδὶ ὄντι τῷ Ζήνωνι.

32 ὅθεν καὶ ἐν τῇ πατρίδι συγκεκροτῆσθαι. καὶ οὕτως ἐλθόντα εἰς Ἀθήνας Κράτητι παραβαλεῖν. δοκεῖ δέ, φησί, καὶ τὸ τέλος αὐτὸς ὀρίσαι τῶν πλανωμένων περὶ τὰς ἀποφάσεις. ὤμνυε δέ, φασί, καὶ κάππαριν, καθάπερ Σωκράτης τὸν κύνα. ἔνιοι μέντοι, ἐξ ὧν εἰσιν οἱ περὶ Κάσσιον τὸν σκεπτικόν, ἐν πολλοῖς κατηγοροῦντες τοῦ Ζήνωνος, πρῶτον μὲν τὴν ἐγκύκλιον παιδείαν ἄχρηστον ἀποφαίνειν λέγουσιν ἐν ἀρχῇ τῆς Πολιτείας, δεύτερον ἐχθροὺς καὶ πολεμίους καὶ δούλους καὶ ἀλλοτρίους λέγειν αὐτὸν ἀλλήλων εἶναι πάντας τοὺς μὴ σπουδαίους, καὶ γονεῖς τέκνων καὶ ἀδελφοὺς ἀδελφῶν, <καὶ> οἰκείους οἰκείων.

33 Πάλιν ἐν τῇ Πολιτεία παριστάντα πολίτας καὶ φίλους καὶ οἰκείους καὶ ἐλευθέρους τοὺς σπουδαίους μόνον, ὥστε τοῖς στω-
κοῖς οἱ γονεῖς καὶ τὰ τέκνα ἐχθροί· οὐ γὰρ εἰσι σοφοί. κοινὰς τε τὰς γυναῖκας δογματίζειν ὁμοίως ἐν τῇ Πολιτεία καὶ κατὰ τοὺς διακοσίους <στίχους> μήθ' ἱερὰ μήτε δικαστήρια μήτε γυμνάσια ἐν ταῖς πόλεσιν οἰκοδομεῖσθαι. περὶ τε νομίσματος

οὕτως γράφειν, "νόμισμα δ' οὐτ' ἀλλαγῆς ἕνεκεν οἶεσθαι
δεῖν

κατασκευάζειν οὐτ' ἀποδημίας ἕνεκεν." καὶ ἐσθῆτι δὲ τῇ
αὐτῇ

κελεύει χρῆσθαι ἄνδρας καὶ γυναῖκας καὶ μηδὲν μόριον
ἀποκε-

34 κρύφθαι. ὅτι δ' αὐτοῦ ἐστὶν ἡ Πολιτεία καὶ Χρύσιππος ἐν
τῷ

Περὶ πολιτείας φησὶν. περὶ τ' ἐρωτικῶν διείλεκται κατὰ τὴν
ἀρχὴν τῆς ἐπιγραφομένης Ἑρωτικῆς τέχνης· ἀλλὰ καὶ ἐν
ταῖς

Διατριβαῖς τὰ παραπλήσια γράφει. τοιοῦτότροπά τινά ἐστι
παρὰ

τῷ Κασσίῳ, ἀλλὰ καὶ Ἰσιδώρῳ τῷ Περγαμηνῷ ῥήτορι· ὃς
καὶ

ἐκτμηθῆναί φησιν ἐκ τῶν βιβλίων τὰ κακῶς λεγόμενα παρὰ
τοῖς

στωικοῖς ὑπ' Ἀθηνοδώρου τοῦ στωικοῦ πιστευθέντος τὴν ἐν
Περγάμῳ βιβλιοθήκην· εἶτ' ἀντιτεθῆναι αὐτά, φωραθέντος
τοῦ

Ἀθηνοδώρου καὶ κινδυνεύσαντος. καὶ τοσαῦτα μὲν περὶ τῶν
ἀθετουμένων αὐτοῦ.

35 Γεγόνασι δὲ Ζήνωνες ὀκτώ· πρῶτος ὁ Ἐλεάτης, περὶ οὗ
λέξομεν· δεύτερος αὐτὸς οὗτος· τρίτος Ῥόδιος, τὴν
ἐντόπιον

γεγραφῶς ἱστορίαν ἐνιαίαν· τέταρτος ἱστορικός, τὴν
Πύρρου

γεγραφῶς στρατείαν εἰς Ἰταλίαν καὶ Σικελίαν, ἀλλὰ καὶ
ἐπιτομὴν

τῶν πεπραγμένων Ῥωμαίοις τε καὶ Καρχηδονίοις· πέμπτος
Χρυσίππου μαθητῆς, βιβλία μὲν ὀλίγα γεγραφῶς, μαθητὰς
δὲ

πλείστους καταλελοιπῶς· ἕκτος ἰατρὸς Ἡροφίλειος, νοῆσαι
μὲν

ἰκανός, γράψαι δ' ἄτονος· ἕβδομος γραμματικός, οὗ πρὸς

τοῖς

ἄλλοις καὶ ἐπιγράμματα φέρεται· ὄγδοος Σιδώνιος τὸ γένος,

φιλόσοφος Ἐπικούρειος καὶ νοῆσαι καὶ ἐρμηνεῦσαι σαφής.

36 Μαθηταὶ δὲ Ζήνωνος πολλοὶ μὲν, ἔνδοξοι δὲ Περσαῖος Δημη-

τρίου Κιτιεύς, ὃν οἱ μὲν γνώριμον αὐτοῦ, οἱ δὲ οἰκέτην ἕνα τῶν

εἰς βιβλιογραφίαν πεμπομένων αὐτῷ παρ' Ἀντιγόμου, οὗ καὶ τροφεὺς ἦν τοῦ παιδὸς Ἀλκυονέως. διάπειραν δέ ποτε βουληθεῖς

λαβεῖν αὐτοῦ ὁ Ἀντίγονος ἐποίησεν αὐτῷ πλαστῶς ἀγγελῆναι ὡς

εἶη τὰ χωρία αὐτοῦ πρὸς τῶν πολεμίων ἀφηρημένα· καὶ σκυθρωπά-

σαντος, "ὄρᾳς," ἔφη, "ὅτι οὐκ ἔστιν ὁ πλοῦτος ἀδιάφορον;"

Βιβλία δὲ αὐτοῦ φέρεται τάδε·

Περὶ βασιλείας,

Πολιτεία Λακωνική,

Περὶ γάμου,

Περὶ ἀσεβείας,

Θυέστης,

Περὶ ἐρώτων,

Προτρεπτικοί,

Διατριβῶν,

Χρειῶν δ',

Ἀπομνημονεύματα,

Πρὸς τοὺς Πλάτωνος νόμους ζ'.

37 Ἀρίστων Μιλτιάδου Χῖος, ὁ τὴν ἀδιαφορίαν

εἰσηγησάμενος.

Ἴριλλος Καρχηδόνιος, ὁ τὴν ἐπιστήμην τέλος εἰπών.

Διονύσιος

ὁ μεταθέμενος εἰς τὴν ἡδονήν· διὰ γὰρ σφοδρὰν ὀφθαλμίαν ὤκνησεν ἔτι λέγειν τὸν πόνον ἀδιάφορον· οὗτος ἦν

Ἡρακλεώτης.

Σφαῖρος Βοσποριανός· Κλεάνθης Φανίου Ἄσσιος, ὁ
διαδεξάμενος

τὴν σχολήν· ὃν καὶ ἀφωμοίου ταῖς σκληροκήροις δέλτοις, αἱ
μόλις

μὲν γράφονται, διατηροῦσι δὲ τὰ γραφέντα. διήκουσε δ' ὁ
Σφαῖρος καὶ Κλεάνθους μετὰ τὴν Ζήνωνος τελευτήν· καὶ
λέξομεν

38 περὶ αὐτοῦ ἐν τῷ Περὶ Κλεάνθους. ἦσαν δὲ Ζήνωνος
μαθηταὶ καὶ

οἶδε, καθά φησιν Ἴππόβοτος· Φιλωνίδης Θηβαῖος, Κάλλιππος
Κορίνθιος, Ποσειδώνιος Ἀλεξανδρεὺς, Ἀθηνόδωρος Σολεύς,
Ζήνων

Σιδώνιος.

Κοινῇ δὲ περὶ πάντων τῶν στωικῶν δογμάτων ἔδοξέ μοι ἐν
τῷ

Ζήνωνος εἰπεῖν βίω διὰ τὸ τοῦτον κτίστην γενέσθαι τῆς
αἰρέσεως.

ἔστι μὲν οὖν αὐτοῦ καὶ τὰ προγεγραμμένα βιβλία πολλά, ἐν
οἷς

ἐλάλησεν ὡς οὐδεὶς τῶν στωικῶν. τὰ δὲ δόγματα κοινῶς
ἔστι

τάδε· λελέχθω δ' ἐπὶ κεφαλαίων, ὥσπερ καὶ ἐπὶ τῶν ἄλλων
ποιεῖν

εἰώθαμεν.

39 Τριμερῆ φασιν εἶναι τὸν κατὰ φιλοσοφίαν λόγον· εἶναι
γὰρ

αὐτοῦ τὸ μὲν τι φυσικόν, τὸ δὲ ἠθικόν, τὸ δὲ λογικόν. οὕτω
δὲ

πρῶτος διεῖλε Ζήνων ὁ Κιτιεὺς ἐν τῷ Περὶ λόγου καὶ
Χρύσιππος

ἐν τῷ α' Περὶ λόγου καὶ ἐν τῷ α' τῶν Φυσικῶν καὶ
Ἀπολλόδωρος

καὶ Σύλλος ἐν τῷ πρώτῳ τῶν Εἰς τὰ δόγματα εἰσαγωγῶν
καὶ

Εὐδρομος ἐν τῇ Ἠθικῇ στοιχειώσῃ καὶ Διογένης ὁ
Βαβυλώνιος
καὶ Ποσειδώνιος.

Ταῦτα δὲ τὰ μέρη ὁ μὲν Ἀπολλόδωρος τόπους καλεῖ, ὁ δὲ
40 Χρύσιππος καὶ Εὐδρομος εἶδη, ἄλλοι γένη. εἰκάζουσι δὲ
ζῶω
τὴν φιλοσοφίαν, ὅστοις μὲν καὶ νεύροις τὸ λογικὸν
προσομοιοῦντες,
τοῖς δὲ σαρκωδεστέροις τὸ ἠθικόν, τῇ δὲ ψυχῇ τὸ φυσικόν.
ἢ
πάλιν ὡῶ· τὰ μὲν γὰρ ἐκτὸς εἶναι τὸ λογικόν, τὰ δὲ μετὰ
ταῦτα
τὸ ἠθικόν, τὰ δ' ἐσωτάτω τὸ φυσικόν. ἢ ἀγρῶ παμφόρω·
<οὔ> τὸν
μὲν περιβεβλημένον φραγμὸν τὸ λογικόν, τὸν δὲ καρπὸν τὸ
ἠθικόν,
τὴν δὲ γῆν ἢ τὰ δένδρα τὸ φυσικόν. ἢ πόλει καλῶς
τετειχισμένη
καὶ κατὰ λόγον διοικουμένη.

Καὶ οὐθὲν μέρος τοῦ ἐτέρου ἀποκεκρίσθαι, καθά τινες
αὐτῶν
φασιν, ἀλλὰ μεμίχθαι αὐτά. καὶ τὴν παράδοσιν μικτὴν
ἐποίουν.
ἄλλοι δὲ πρῶτον μὲν τὸ λογικὸν τάττουσι, δεύτερον δὲ τὸ
φυσικόν,
καὶ τρίτον τὸ ἠθικόν· ὧν ἐστὶ Ζήνων ἐν τῷ Περὶ λόγου καὶ
Χρύσιππος καὶ Ἀρχέδημος καὶ Εὐδρομος.

41 Ὁ μὲν γὰρ Πτολεμαεὺς Διογένης ἀπὸ τῶν ἠθικῶν
ἄρχεται, ὁ
δ' Ἀπολλόδωρος δεύτερα τὰ ἠθικά, Παναίτιος δὲ καὶ
Ποσειδώνιος
ἀπὸ τῶν φυσικῶν ἄρχονται, καθά φησι Φαινίας ὁ
Ποσειδωνίου
γνώριμος ἐν τῷ πρώτῳ τῶν Ποσειδωνείων σχολῶν. ὁ δὲ
Κλεάνθης

ἕξ μέρη φησί, διαλεκτικόν, ῥητορικόν, ἠθικόν, πολιτικόν, φυσικόν, θεολογικόν. ἄλλοι δ' οὐ τοῦ λόγου ταῦτα μέρη φασίν, ἀλλ' αὐτῆς τῆς φιλοσοφίας, ὡς Ζήνων ὁ Ταρσεύς. τὸ δὲ λογικὸν μέρος φασίν ἔνιοι εἰς δύο διαιρεῖσθαι ἐπιστήμας, εἰς ῥητορικὴν καὶ εἰς διαλεκτικὴν. τινὲς δὲ καὶ εἰς τὸ ὀρικὸν εἶδος, τὸ περὶ κανόνων καὶ κριτηρίων· ἔνιοι δὲ τὸ ὀρικὸν περιαιροῦσιν.

42 Τὸ μὲν οὖν περὶ κανόνων καὶ κριτηρίων παραλαμβάνουσι πρὸς τὸ τὴν ἀλήθειαν εὐρεῖν· ἐν αὐτῷ γὰρ τὰς τῶν φαντασιῶν διαφορὰς ἀπευθύνουσι. καὶ τὸ ὀρικὸν δὲ ὁμοίως πρὸς ἐπίγνωσιν τῆς ἀλήθειας· διὰ γὰρ τῶν ἐννοιῶν τὰ πράγματα λαμβάνεται. τὴν τε ῥητορικὴν ἐπιστήμην οὔσαν τοῦ εὔ λέγειν περὶ τῶν ἐν διεξόδῳ λόγων καὶ τὴν διαλεκτικὴν τοῦ ὀρθῶς διαλέγεσθαι περὶ τῶν ἐν ἐρωτήσῃ καὶ ἀποκρίσει λόγων· ὅθεν καὶ οὕτως αὐτὴν ὀρίζονται, ἐπιστήμην ἀληθῶν καὶ ψευδῶν καὶ οὐδετέρων.

Καὶ τὴν μὲν ῥητορικὴν αὐτὴν εἶναι λέγουσι τριμερῆ· τὸ μὲν γὰρ αὐτῆς εἶναι συμβουλευτικόν, τὸ δὲ δικανικόν, τὸ δὲ ἐγκωμιαστικόν.

43 Εἶναι δ' αὐτῆς τὴν διαίρεσιν εἰς τε τὴν εὐρεσιν καὶ εἰς τὴν φράσιν καὶ εἰς τὴν τάξιν καὶ εἰς τὴν ὑπόκρισιν. τὸν δὲ ῥητορικὸν λόγον εἰς τε τὸ προοίμιον καὶ εἰς τὴν διήγησιν καὶ τὰ πρὸς τοὺς

ἀντιδίκους καὶ τὸν ἐπίλογον.

Τὴν δὲ διαλεκτικὴν διαιρεῖσθαι εἷς τε τὸν περὶ τῶν σημαιο-
μένων καὶ τῆς φωνῆς τόπον· καὶ τὸν μὲν τῶν σημαιομένων
εἷς

τε τὸν περὶ τῶν φαντασιῶν τόπον καὶ τῶν ἐκ τούτων
ὕφισταμένων

λεκτῶν ἀξιωμαίων καὶ αὐτοτελῶν καὶ κατηγορημάτων καὶ
τῶν

ὁμοίων ὀρθῶν καὶ ὑπίων καὶ γενῶν καὶ εἰδῶν, ὁμοίως δὲ
καὶ

λόγων καὶ τρόπων καὶ συλλογισμῶν καὶ τῶν παρὰ τὴν
φωνὴν καὶ

44 τὰ πράγματα σοφισμάτων· ὧν εἶναι ψευδομένους λόγους
καὶ

ἀληθεύοντας καὶ ἀποφάσκοντας σωρίτας τε καὶ τοὺς
ὁμοίους

τούτοις, ἐλλιπεῖς καὶ ἀπόρους καὶ περαίνοντας καὶ
ἐγκεκαλυμ-

μένους κερατίνας τε καὶ οὔτιδας καὶ θερίζοντας.

Εἶναι δὲ τῆς διαλεκτικῆς ἴδιον τόπον καὶ τὸν προειρημένον
περὶ αὐτῆς τῆς φωνῆς, ἐν ᾧ δείκνυται ἡ ἐγγράμματος φωνὴ
καὶ

τίνα τὰ τοῦ λόγου μέρη, καὶ περὶ σολοικισμοῦ καὶ
βαρβαρισμοῦ

καὶ ποιημάτων καὶ ἀμφιβολιῶν καὶ περὶ ἐμμελοῦς φωνῆς καὶ
περὶ

μουσικῆς καὶ περὶ ὄρων κατὰ τινὰς καὶ διαιρέσεων καὶ
λέξεων.

45 Εὐχρηστοτάτην δὲ φασιν εἶναι τὴν περὶ τῶν
συλλογισμῶν

θεωρίαν· τὸ γὰρ ἀποδεικτικὸν ἐμφαίνειν, ὅπερ
συμβάλλεσθαι

πολὺ πρὸς διόρθωσιν τῶν δογμάτων, καὶ τάξιν καὶ μνήμην
τὸ

ἐπιστατικὸν κατάλημμα ἐμφαίνειν.

Εἶναι δὲ τὸν λόγον αὐτὸν σύστημα ἐκ λημμάτων καὶ ἐπι-
φορᾶς· τὸν δὲ συλλογισμὸν λόγον συλλογιστικὸν ἐκ τούτων·
τὴν

δ' ἀπόδειξιν λόγον διὰ τῶν μᾶλλον καταλαμβανομένων τὸ
ἦττον

καταλαμβανόμενον περαίνοντα.

Τὴν δὲ φαντασίαν εἶναι τύπωσιν ἐν ψυχῇ, τοῦ ὀνόματος
οἰκείως

μετενηνεγμένου ἀπὸ τῶν τύπων τῶν ἐν τῷ κηρῷ ὑπὸ τοῦ
δα-

46 κτυλίου γινομένων. τῆς δὲ φαντασίας τὴν μὲν
καταληπτικὴν, τὴν

δὲ ἀκατάληπτον· καταληπτικὴν μὲν, ἣν κριτήριον εἶναι τῶν
πραγμάτων φασί, τὴν γινομένην ἀπὸ ὑπάρχοντος κατ' αὐτὸ
τὸ

ὑπάρχον ἐναπεσφραγισμένην καὶ ἐναπομεμαγμένην·
ἀκατάληπτον

δὲ ἢ τὴν μὴ ἀπὸ ὑπάρχοντος, ἢ ἀπὸ ὑπάρχοντος μὲν, μὴ
κατ' αὐτὸ

δὲ τὸ ὑπάρχον· τὴν μὴ τρανῆ μηδὲ ἔκτυπον.

Αὐτὴν δὲ τὴν διαλεκτικὴν ἀναγκαίαν εἶναι καὶ ἀρετὴν ἐν
εἴδει

περιέχουσιν ἀρετάς· τὴν τ' ἀπροπτωσίαν ἐπιστήμην τοῦ
πότε

δεῖ συγκατατίθεσθαι καὶ μή· τὴν δ' ἀνεικαιοσύνην ἰσχυρὸν
λόγον

47 πρὸς τὸ εἶκόσ, ὥστε μὴ ἐνδιδόναι αὐτῷ· τὴν δ'
ἀνελεγξίαν ἰσχύον

ἐν λόγῳ, ὥστε μὴ ἀπάγεσθαι ὑπ' αὐτοῦ εἰς τὸ ἀντικείμενον·
τὴν

δ' ἀματαιότητα ἕξιν ἀναφέρουσιν τὰς φαντασίας ἐπὶ τὸν
ὀρθὸν

λόγον. αὐτὴν τε τὴν ἐπιστήμην φασὶν ἢ κατάληψιν ἀσφαλῆ
ἢ

ἕξιν ἐν φαντασιῶν προσδέξει ἀμετάπτωτον ὑπὸ λόγου. οὐκ

ἄνευ

δὲ τῆς διαλεκτικῆς θεωρίας τὸν σοφὸν ἄπτωτον ἔσεσθαι ἐν λόγῳ·

τό τε γὰρ ἀληθὲς καὶ τὸ ψεῦδος διαγινώσκεσθαι ὑπ' αὐτῆς καὶ τὸ

πιθανὸν τό τ' ἀμφιβόλως λεγόμενον διευκρινεῖσθαι· χωρὶς τ'

αὐτῆς οὐκ εἶναι ὁδῶ ἔρωτᾶν καὶ ἀποκρίνεσθαι.

48 Διατείνειν δὲ τὴν ἐν ταῖς ἀποφάσεσι προπέτειαν καὶ ἐπὶ τὰ

γινόμενα, ὥστ' εἰς ἀκοσμίαν καὶ εἰκαιότητα τρέπεσθαι τοὺς ἀγυμνάστους ἔχοντας τὰς φαντασίας. οὐκ ἄλλως τ' ὄξυν καὶ

ἀγχίνουν καὶ τὸ ὅλον δεινὸν ἐν λόγοις φανήσεσθαι τὸν σοφόν·

τοῦ γὰρ αὐτοῦ εἶναι ὀρθῶς διαλέγεσθαι καὶ διαλογίζεσθαι καὶ

τοῦ αὐτοῦ πρὸς τε τὰ προκείμενα διαλεχθῆναι καὶ πρὸς τὸ ἐρωτώμενον ἀποκρίνασθαι, ἅπερ ἐμπείρου διαλεκτικῆς ἀνδρὸς εἶναι.

Ἐν οὖν τοῖς λογικοῖς ταῦτ' αὐτοῖς δοκεῖν κεφαλαιωδῶς. καὶ ἵνα καὶ κατὰ μέρος εἴπωμεν καὶ τάδε ἅπερ αὐτῶν εἰς τὴν εἰσαγωγικὴν τείνει τέχνην, καὶ αὐτὰ ἐπὶ λέξεως τίθησι Διοκλῆς

ὁ Μάγνης ἐν τῇ Ἐπιδρομῇ τῶν φιλοσόφων, λέγων οὕτως·

49 Ἄρέσκει τοῖς Στωικοῖς τὸν περὶ φαντασίας καὶ αἰσθήσεως

προτάττειν λόγον, καθότι τὸ κριτήριον, ᾧ ἡ ἀλήθεια τῶν πρα-

γμάτων γινώσκεται, κατὰ γένος φαντασία ἐστί, καὶ καθότι ὁ περὶ

συγκαταθέσεως καὶ ὁ περὶ καταλήψεως καὶ νοήσεως λόγος, προάγων τῶν ἄλλων, οὐκ ἄνευ φαντασίας συνίσταται.

προηγείται

γὰρ ἢ φαντασία, εἴθ' ἢ διάνοια ἐκλαλητικὴ ὑπάρχουσα, ὃ
πάσχει

ὑπὸ τῆς φαντασίας, τοῦτο ἐκφέρει λόγῳ."

50 Διαφέρει δὲ φαντασία καὶ φάντασμα· φάντασμα μὲν γὰρ
ἐστὶ

δόκησις διανοίας οἷα γίνεται κατὰ τοὺς ὕπνους, φαντασία
δέ ἐστὶ

τύπωσις ἐν ψυχῇ, τουτέστιν ἀλλοίωσις, ὡς ὁ Χρύσιππος ἐν
τῷ

δευτέρῳ Περὶ ψυχῆς ὑφίσταται. οὐ γὰρ δεκτέον τὴν
τύπωσιν

οἶονεὶ τύπον σφραγιστῆρος, ἐπεὶ ἀνένδεκτόν ἐστι πολλοὺς
τύπους

κατὰ τὸ αὐτὸ περὶ τὸ αὐτὸ γίνεσθαι. νοεῖται δὲ φαντασία ἢ
ἀπὸ

ὑπάρχοντος κατὰ τὸ ὑπάρχον ἐναπομεμαγμένη καὶ
ἐναποτετυπω-

μένη καὶ ἐναπесφραγισμένη, οἷα οὐκ ἂν γένοιτο ἀπὸ μὴ
ὑπάρ-

χοντος.

51 Τῶν δὲ φαντασιῶν κατ' αὐτοὺς αἰ μὲν εἰσὶν αἰσθητικάι,
αἰ

δ' οὐ· αἰσθητικάι μὲν αἰ δι' αἰσθητηρίου ἢ αἰσθητηρίων
λαμβανό-

μεναι, οὐκ αἰσθητικάι δ' αἰ διὰ τῆς διανοίας καθάπερ τῶν
ἄσωμάτων καὶ τῶν ἄλλων τῶν λόγῳ λαμβανομένων. τῶν δ'

αἰσθητικῶν <αἰ μὲν> ἀπὸ ὑπαρχόντων μετ' εἴξεως καὶ
συγκατα-

θέσεως γίνονται. εἰσὶ δὲ τῶν φαντασιῶν καὶ ἐμφάσεις αἰ
ὡσανεὶ

ἀπὸ ὑπαρχόντων γινόμεναι.

Ἔτι τῶν φαντασιῶν αἰ μὲν εἰσὶ λογικάι, αἰ δὲ ἄλογοι·
λογικάι

μὲν αἰ τῶν λογικῶν ζώων, ἄλογοι δὲ αἰ τῶν ἀλόγων. αἰ μὲν
οὖν

λογικαὶ νοήσεις εἰσὶν, αἱ δ' ἄλογοι οὐ τετυχήκασιν
ὄνόματος. καὶ
αἱ μὲν εἰσι τεχνικαί, αἱ δὲ ἄτεχνοι· ἄλλως γοῦν θεωρεῖται
ὑπὸ
τεχνίτου εἰκῶν καὶ ἄλλως ὑπὸ ἀτέχνου.

52 Αἴσθησις δὲ λέγεται κατὰ τοὺς Στωικοὺς τό τ' ἀφ'
ἡγεμονικοῦ
πνεῦμα ἐπὶ τὰς αἰσθήσεις διῆκον καὶ ἡ δι' αὐτῶν κατάληψις
καὶ
ἡ περὶ τὰ αἰσθητήρια κατασκευή, καθ' ἣν τινες πηροὶ
γίνονται.
καὶ ἡ ἐνέργεια δὲ αἴσθησις καλεῖται. ἡ δὲ κατάληψις γίνεται
κατ'
αὐτοὺς αἰσθήσει μὲν λευκῶν καὶ μελάνων καὶ τραχέων καὶ
λείων,
λόγῳ δὲ τῶν δι' ἀποδείξεως συναγομένων, ὥσπερ τὸ θεοὺς
εἶναι,
καὶ προνοεῖν τούτους. τῶν γὰρ νοουμένων τὰ μὲν κατὰ
περί-
πτωσιν ἐνοήθη, τὰ δὲ καθ' ὁμοιότητα, τὰ δὲ κατ'
ἀναλογίαν, <τὰ δὲ
κατὰ μετάθεσιν,> τὰ δὲ κατὰ σύνθεσιν, τὰ δὲ κατ'
ἐναντίωσιν.

53 Κατὰ περίπτωσιν μὲν οὖν ἐνοήθη τὰ αἰσθητά· καθ'
ὁμοιότητα
δὲ τὰ ἀπὸ τινος παρακειμένου, ὡς Σωκράτης ἀπὸ τῆς
εἰκόνας·
κατ' ἀναλογίαν δὲ αὐξητικῶς μὲν, <ὡς> ὁ Τιτυὸς καὶ
Κύκλωψ·
μειωτικῶς δέ, ὡς ὁ Πυγμαῖος. καὶ τὸ κέντρον δὲ τῆς γῆς
κατ'
ἀναλογίαν ἐνοήθη ἀπὸ τῶν μικροτέρων σφαιρῶν. κατὰ
μετάθεσιν
δέ, οἷον ὀφθαλμοὶ ἐπὶ τοῦ στήθους· κατὰ σύνθεσιν δὲ
ἐνοήθη

Ἴπποκένταυρος· καὶ κατ' ἐναντίωσιν θάνατος. νοεῖται δὲ καὶ κατὰ μετάβασίν τινα, ὡς τὰ λεκτὰ καὶ ὁ τόπος. φυσικῶς δὲ νοεῖται δίκαιόν τι καὶ ἀγαθόν· καὶ κατὰ στέρησιν, οἷον ἄχειρ.

τοιιάδε τινὰ καὶ περὶ φαντασίας καὶ αἰσθήσεως καὶ νοήσεως δογματίζουσι.

54 Κριτήριον δὲ τῆς ἀληθείας φασὶ τυγχάνειν τὴν καταληπτικὴν

φαντασίαν, τουτέστι τὴν ἀπὸ ὑπάρχοντος, καθά φησι Χρύσιππος

ἐν τῇ δευτέρᾳ τῶν Φυσικῶν καὶ Ἀντίπατρος καὶ Ἀπολλόδωρος.

ὁ μὲν γὰρ Βόηθος κριτήρια πλείονα ἀπολείπει, νοῦν καὶ αἴσθησιν

καὶ ὄρεξιν καὶ ἐπιστήμην· ὁ δὲ Χρύσιππος διαφερόμενος πρὸς

αὐτὸν ἐν τῷ πρώτῳ Περὶ λόγου κριτήριά φησιν εἶναι αἴσθησιν καὶ

πρόληψιν· ἔστι δ' ἡ πρόληψις ἔννοια φυσικὴ τῶν καθόλου. ἄλλοι

δέ τινες τῶν ἀρχαιοτέρων Στωικῶν τὸν ὀρθὸν λόγον κριτήριον

ἀπολείπουσιν, ὡς ὁ Ποσειδώνιος ἐν τῷ Περὶ κριτηρίου φησί.

55 Τῆς δὲ διαλεκτικῆς θεωρίας συμφώνως δοκεῖ τοῖς πλείστοις

ἀπὸ τοῦ περὶ φωνῆς ἐνάρχεσθαι τόπου. ἔστι δὲ φωνὴ ἀἦρ πεπλη-

γμένος ἢ τὸ ἴδιον αἰσθητὸν ἀκοῆς, ὡς φησι Διογένης ὁ Βαβυλώνιος

ἐν τῇ Περὶ φωνῆς τέχνῃ. ζώου μὲν ἔστι φωνὴ ἀἦρ ὑπὸ ὀρμῆς

πεπληγμένος, ἀνθρώπου δ' ἔστιν ἔναρθρος καὶ ἀπὸ διανοίας ἐκπεμπομένη, ὡς ὁ Διογένης φησίν, ἥτις ἀπὸ δεκατεσσάρων ἑτῶν

τελειοῦται. καὶ σῶμα δ' ἔστιν ἡ φωνὴ κατὰ τοὺς Στωικούς,

ὥς

φησιν Ἀρχέδημος τ' ἐν τῇ Περὶ φωνῆς καὶ Διογένους καὶ Ἀντί-

56 πατρος καὶ Χρύσιππος ἐν τῇ δευτέρᾳ τῶν Φυσικῶν. πᾶν γὰρ τὸ

ποιοῦν σῶμά ἐστι· ποιεῖ δὲ ἡ φωνὴ προσιούσα τοῖς ἀκούουσιν

ἀπὸ τῶν φωνούντων. λέξις δὲ ἐστὶν κατὰ τοὺς Στωικούς, ὥς φησι

Διογένους, φωνὴ ἐγγράμματος, οἷον Ἡμέρα. λόγος δὲ ἐστὶ φωνὴ

σημαντικὴ ἀπὸ διανοίας ἐκπεμπομένη, <οἷον Ἡμέρα ἐστί>. διά-

λεκτος δὲ ἐστὶ λέξις κεχαραγμένη ἐθνικῶς τε καὶ Ἑλληνικῶς, ἢ

λέξις ποταπή, τουτέστι ποιὰ κατὰ διάλεκτον, οἷον κατὰ μὲν τὴν

Ἀτθίδα Θάλαττα, κατὰ δὲ τὴν Ἰάδα Ἡμέρη.

Τῆς δὲ λέξεως στοιχεῖά ἐστὶ τὰ εἰκοσιτέσσαρα γράμματα.

τριχῶς δὲ λέγεται τὸ γράμμα, <τό τε στοιχεῖον> ὃ τε χαρακτήρ

57 τοῦ στοιχείου καὶ τὸ ὄνομα, οἷον Ἄλφα· φωνήεντα δὲ ἐστὶ τῶν

στοιχείων ἑπτὰ, α, ε, η, ι, ο, υ, ω· ἄφωνα δὲ ἕξ, β, γ, δ, κ, π, τ.

διαφέρει δὲ φωνὴ καὶ λέξις, ὅτι φωνὴ μὲν καὶ ὁ ἦχος ἐστὶ, λέξις

δὲ τὸ ἔναρθρον μόνον. λέξις δὲ λόγου διαφέρει, ὅτι λόγος ἀεὶ

σημαντικὸς ἐστὶ, λέξις δὲ καὶ ἀσήμαντος, ὡς ἡ βλίτυρι, λόγος δὲ

οὐδαμῶς. διαφέρει δὲ καὶ τὸ λέγειν τοῦ προφέρεσθαι· προφέρονται

μὲν γὰρ αἱ φωναί, λέγεται δὲ τὰ πράγματα, ἃ δὴ καὶ λεκτὰ τυγχάνει.

Τοῦ δὲ λόγου ἐστὶ μέρη πέντε, ὡς φησι Διογένης τ' ἐν τῷ
Περὶ φωνῆς καὶ Χρύσιππος, ὄνομα, προσηγορία, ῥῆμα,
σύνδεσμος,
ἄρθρον· ὁ δ' Ἀντίπατρος καὶ τὴν μεσότητα τίθησιν ἐν τοῖς
Περὶ
λέξεως καὶ τῶν λεγομένων.

58 Ἔστι δὲ προσηγορία μὲν κατὰ τὸν Διογένην μέρος λόγου
σημαῖνον κοινὴν ποιότητα, οἷον Ἄνθρωπος, Ἴππος· ὄνομα δὲ
ἐστὶ μέρος λόγου δηλοῦν ἰδίαν ποιότητα, οἷον Διογένης,
Σωκρά-

της· ῥῆμα δὲ ἐστὶ μέρος λόγου σημαῖνον ἀσύνθετον
κατηγόρημα,

ὡς ὁ Διογένης, ἢ, ὡς τινες, στοιχεῖον λόγου ἄπτωτον,
σημαῖνόν

τι συντακτὸν περὶ τινος ἢ τινῶν, οἷον Γράφω, Λέγω·
σύνδεσμος

δὲ ἐστὶ μέρος λόγου ἄπτωτον, συνδοῦν τὰ μέρη τοῦ λόγου·
ἄρθρον

δὲ ἐστὶ στοιχεῖον λόγου πτωτικόν, διορίζον τὰ γένη τῶν
ὀνομάτων

καὶ τοὺς ἀριθμούς, οἷον Ὁ, Ἡ, Τό, Οἰ, Αἰ, Τά.

59 Ἄρεταὶ δὲ λόγου εἰσὶ πέντε, Ἑλληνισμός, σαφήνεια,
συντομία,

πρέπον, κατασκευή. Ἑλληνισμὸς μὲν οὖν ἐστὶ φράσις
ἀδιάπτωτος

ἐν τῇ τεχνικῇ καὶ μὴ εἰκαία συνηθεία· σαφήνεια δὲ ἐστὶ
λέξις

γνωρίμως παριστάσα τὸ νοούμενον· συντομία δὲ ἐστὶ λέξις
αὐτὰ

τὰ ἀναγκαῖα περιέχουσα πρὸς δήλωσιν τοῦ πράγματος·
πρέπον

δὲ ἐστὶ λέξις οἰκεία τῷ πράγματι· κατασκευὴ δὲ λέξις
ἐκπεφευγυῖα

τὸν ἰδιωτισμόν. ὁ δὲ βαρβαρισμὸς ἐκ τῶν κακιῶν λέξις ἐστὶ
παρὰ

τὸ ἔθος τῶν εὐδοκιμούντων Ἑλλήνων, σολοικισμὸς δέ ἐστι λόγος ἀκαταλλήλως συντεταγμένος.

60 Ποίημα δέ ἐστίν, ὡς ὁ Ποσειδώνιος φησὶν ἐν τῇ Περί λέξεως

εἰσαγωγῇ, λέξις ἕμμετρος ἢ ἔνρυθμος μετὰ σκευῆς τὸ λογοειδές

ἐκβεβηκυῖα· τὸ ἔνρυθμον δ' εἶναι τό (N2, E. 839)

γαῖα μεγίστη καὶ Διὸς αἰθήρ.

ποίησις δέ ἐστὶ σημαντικὸν ποίημα, μίμησιν περιέχον θεῶν καὶ

ἀνθρωπείων.

Ἦρος δέ ἐστίν, ὡς φησὶν Ἀντίπατρος ἐν τῷ πρώτῳ Περί ὄρων,

λόγος κατ' ἀνάλυσιν ἀπαρτιζόντως ἐκφερόμενος, ἢ, ὡς Χρύσιππος

ἐν τῷ Περί ὄρων, ἰδίου ἀπόδοσις. ὑπογραφή δέ ἐστὶ λόγος τυπωδῶς εἰσάγων εἰς τὰ πράγματα, ἢ ὄρος ἀπλούστερον τὴν τοῦ

ὄρου δύναμιν προσενηνεγμένος. γένος δέ ἐστὶ πλειόνων καὶ ἀναφαιρέτων ἐννοημάτων σύλληψις, οἷον Ζῶον· τοῦτο γὰρ περι-

εἴληφε τὰ κατὰ μέρος ζῶα.

61 Ἐννόημα δέ ἐστὶ φάντασμα διανοίας, οὔτε τι ὄν οὔτε ποιόν,

ὡσανεὶ δέ τι ὄν καὶ ὡσανεὶ ποιόν, οἷον γίνεται ἀνατύπωμα ἵππου

καὶ μὴ παρόντος.

Εἶδος δέ ἐστὶ τὸ ὑπὸ γένους περιεχόμενον, ὡς ὑπὸ τοῦ ζώου ὁ ἄνθρωπος περιέχεται. γενικώτατον δέ ἐστὶν ὃ γένος ὄν γένος

οὐκ ἔχει, οἷον τὸ ὄν· εἰδικώτατον δέ ἐστὶν ὃ εἶδος ὄν εἶδος οὐκ

ἔχει, ὡσπερ ὁ Σωκράτης.

Διαίρεσις δέ ἐστι γένους ἢ εἰς τὸ προσεχῆ εἶδη τομῆ, οἷον
Τῶν ζώων τὰ μὲν ἐστι λογικά, τὰ δὲ ἄλογα. ἀντιδιαίρεσις
δέ
ἐστι γένους εἰς εἶδος τομῆ κατὰ τούναντίον, ὡς ἂν κατ'
ἀπόφασιν,
οἷον Τῶν ὄντων τὰ μὲν ἐστὶν ἀγαθὰ, τὰ δ' οὐκ ἀγαθὰ. ὑποδι-
αίρεσις δέ ἐστι διαίρεσις ἐπὶ διαιρέσει, οἷον Τῶν ὄντων τὰ
μὲν
ἐστὶν ἀγαθὰ, τὰ δ' οὐκ ἀγαθὰ, καὶ Τῶν οὐκ ἀγαθῶν τὰ μὲν
ἐστι
κακά, τὰ δὲ ἀδιάφορα.

62 Μερισμὸς δέ ἐστι γένους εἰς τόπους κατάταξις, ὡς ὁ
Κρῖνις·
οἷον Τῶν ἀγαθῶν τὰ μὲν ἐστὶ περὶ ψυχὴν, τὰ δὲ περὶ σῶμα.
Ἀμφιβολία δέ ἐστι λέξις δύο ἢ καὶ πλείονα πράγματα σημαί-
νουσα λεκτικῶς καὶ κυρίως καὶ κατὰ τὸ αὐτὸ ἔθος, ὥσθ'
ἅμα τὰ
πλείονα ἐκδέξασθαι κατὰ ταύτην τὴν λέξιν· οἷον Αὐλητρίς
πέ-
πτωκε· δηλοῦνται γὰρ δι' αὐτῆς τὸ μὲν τοιοῦτον, Οἰκία τρίς
πέπτωκε, τὸ δὲ τοιοῦτον, Αὐλήτρια πέπτωκε.

Διαλεκτικὴ δέ ἐστὶν, ὡς φησι Ποσειδώνιος, ἐπιστήμη
ἀληθῶν
καὶ ψευδῶν καὶ οὐθετέρων· τυγχάνει δ' αὕτη, ὡς ὁ
Χρύσιππος
φησι, περὶ σημαίνοντα καὶ σημαίνόμενα. ἐν μὲν οὖν τῇ περὶ
φωνῆς θεωρίᾳ τοιαῦτα λέγεται τοῖς Στωικοῖς.

63 Ἐν δὲ τῷ περὶ τῶν πραγμάτων καὶ τῶν σημαινομένων
τόπῳ
τέτακται ὁ περὶ λεκτῶν καὶ αὐτοτελῶν καὶ ἀξιωματῶν καὶ
συλ-
λογισμῶν λόγος καὶ ὁ περὶ ἐλλιπῶν τε καὶ κατηγορημάτων
καὶ
ὀρθῶν καὶ ὑπτίων.

Φασὶ δὲ [τὸ] λεκτὸν εἶναι τὸ κατὰ φαντασίαν λογικὴν
ὕφιστά-
μενον. τῶν δὲ λεκτῶν τὰ μὲν λέγουσιν εἶναι αὐτοτελεῆ οἱ
Στωϊκοί,
τὰ δ' ἔλλιπῆ. ἔλλιπῆ μὲν οὖν ἐστὶ τὰ ἀναπάρτιστον ἔχοντα
τὴν
ἐκφοράν, οἷον Γράφει· ἐπιζητοῦμεν γάρ, Τίς; αὐτοτελεῆ δ'
ἐστὶ τὰ
ἀπηρτισμένην ἔχοντα τὴν ἐκφοράν, οἷον Γράφει Σωκράτης.
ἐν
μὲν οὖν τοῖς ἔλλιπέσι λεκτοῖς τέτακται τὰ κατηγορήματα,
ἐν δὲ
τοῖς αὐτοτελέσι τὰ ἀξιώματα καὶ οἱ συλλογισμοὶ καὶ τὰ
ἐρωτή-
ματα καὶ τὰ πύσματα.

64 Ἔστι δὲ τὸ κατηγορηματὸν τὸ κατὰ τινος ἀγορευόμενον ἢ
πρᾶγμα
συντακτὸν περὶ τινος ἢ τινῶν, ὡς οἱ περὶ Ἀπολλόδωρόν
φασιν, ἢ
λεκτὸν ἔλλιπὲς συντακτὸν ὀρθῆ πτώσει πρὸς ἀξιώματος
γένεσιν.
τῶν δὲ κατηγορημάτων τὰ μὲν ἐστὶ συμβάματα, οἷον τὸ
"διὰ
πέτρας πλεῖν." * καὶ τὰ μὲν ἐστὶ τῶν κατηγορημάτων ὀρθά,
ἃ
δ' ὑπτία, ἃ δ' οὐδέτερα. ὀρθὰ μὲν οὖν ἐστὶ τὰ συντασσόμενα
μιᾶ
τῶν πλαγίων πτώσεων πρὸς κατηγορήματος γένεσιν, οἷον
Ἀκούει,
Ἵρα, Διαλέγεται· ὑπτία δ' ἐστὶ τὰ συντασσόμενα τῷ
παθητικῷ
μορίῳ, οἷον Ἀκούομαι, Ἵρωμαι· οὐδέτερα δ' ἐστὶ τὰ
μηδετέρως
ἔχοντα, οἷον Φρονεῖν, Περιπατεῖν. ἀντιπεπονθότα δὲ ἐστὶν
ἐν τοῖς

ὑπίοις, ἃ ὑπτιὰ ὄντα ἐνεργήματα [δέ] ἐστίν, οἷον Κείρεται·
65 ἐμπεριέχει γὰρ αὐτὸν ὁ κειρόμενος. πλάγια δὲ πτώσεις
εἰσὶ

γενικὴ καὶ δοτικὴ καὶ αἰτιατικὴ.

Ἀξίωμα δὲ ἐστίν ὃ ἐστίν ἀληθὲς ἢ ψεῦδος· ἢ πρᾶγμα
αὐτοτελὲς

ἀποφαντὸν ὅσον ἐφ' ἑαυτῷ, ὡς ὁ Χρύσιππος φησὶν ἐν τοῖς
Διαλεκτικοῖς ὅροις, "ἀξίωμα ἐστὶ τὸ ἀποφαντὸν ἢ
καταφαντὸν

ὅσον ἐφ' ἑαυτῷ, οἷον Ἡμέρα ἐστὶ, Δίων περιπατεῖ."

ὠνόμασται

δὲ τὸ ἀξίωμα ἀπὸ τοῦ ἀξιοῦσθαι ἢ ἀθετεῖσθαι· ὁ γὰρ λέγων
Ἡμέρα ἐστίν, ἀξιοῦν δοκεῖ τὸ ἡμέραν εἶναι. οὔσης μὲν οὖν
ἡμέρας, ἀληθὲς γίνεται τὸ προκείμενον ἀξίωμα· μὴ οὔσης
δέ,

66 ψεῦδος. διαφέρει δ' ἀξίωμα καὶ ἐρώτημα καὶ πύσμα,
προστακτι-

κὸν καὶ ὀρκικὸν καὶ ἀρατικὸν καὶ ὑποθετικὸν καὶ
προσαγορευτικὸν

καὶ πρᾶγμα ὅμοιον ἀξιώματι. ἀξίωμα μὲν γὰρ ἐστίν ὃ
λέγοντες

ἀποφαινόμεθα, ὅπερ ἢ ἀληθὲς ἐστίν ἢ ψεῦδος. ἐρώτημα δὲ
ἐστὶ

πρᾶγμα αὐτοτελὲς μὲν, ὡς καὶ τὸ ἀξίωμα, αἰτητικὸν δὲ
ἀποκρί-

σεως, οἷον "ἄρα γ' ἡμέρα ἐστὶ;" τοῦτο δ' οὔτε ἀληθὲς ἐστίν
οὔτε ψεῦδος, ὥστε τὸ μὲν "ἡμέρα ἐστίν" ἀξίωμα ἐστὶ, τὸ δὲ
"ἄρα γ' ἡμέρα ἐστίν;" ἐρώτημα. πύσμα δὲ ἐστὶ πρᾶγμα πρὸς
ὃ

συμβολικῶς οὐκ ἐστίν ἀποκρίνεσθαι, ὡς ἐπὶ τοῦ
ἐρωτήματος,

Ναί, ἀλλὰ εἰπεῖν "οἰκεῖ ἐν τῷδε τῷ τόπῳ."

67 Προστακτικὸν δὲ ἐστὶ πρᾶγμα ὃ λέγοντες
προστάσσομεν,

οἷον (N2 Adesp. 177),

σὺ μὲν βάδιζε τὰς ἐπ' Ἰνάχου ῥοάς.

ὄρκικὸν δὲ ἐστὶ πρᾶγμα * <προσαγορευτικὸν δὲ ἐστὶ πρᾶγμα> ὃ

εἰ λέγοι τις, προσαγορεύοι ἄν, οἶον (Il. B 434, et alibi),

Ἄτρείδη κύδιστε, ἄναξ ἀνδρῶν Ἀγάμεμνον.

ὅμοιον δ' ἐστὶν ἀξιώματι ὃ τὴν ἐκφορὰν ἔχον ἀξιωματικὴν παρά

τινος μορίου πλεονασμὸν ἢ πάθος ἔξω πίπτει τοῦ γένους τῶν

ἀξιωμάτων, οἶον,

καλὸς γ' ὁ παρθενῶν, <καὶ>

ὡς Πριαμίδησιν ἐμφορῆς ὁ βουκόλος. (N2 Adesp. 286)

68 Ἔστι δὲ καὶ ἐπαπορητικὸν τι πρᾶγμα διενηνοχὸς ἀξιώματος,

ὃ εἰ λέγοι τις, ἀποροίη ἄν (Kock iii, Men. 281, v. 8).

ἄρ' ἐστὶ συγγενές τι λύπη καὶ βίος;

οὔτε δ' ἀληθῆ ἐστὶν οὔτε ψευδῆ τὰ ἐρωτήματα καὶ τὰ πύσματα

καὶ τὰ τούτοις παραπλήσια, τῶν ἀξιωμάτων ἢ ἀληθῶν ἢ ψευδῶν

όντων.

Τῶν ἀξιωμάτων τὰ μὲν ἐστὶν ἀπλᾶ, τὰ δ' οὐχ ἀπλᾶ, ὡς φασιν

οἱ περὶ Χρύσιππον καὶ Ἀρχέδημον καὶ Ἀθηνόδωρον καὶ Ἀντίπατρον καὶ Κρίνιν. ἀπλᾶ μὲν οὖν ἐστὶ τὰ συνεστῶτα ἐξ ἀξιώ-

ματος μὴ διαφορουμένου [ἢ ἐξ ἀξιωμάτων], οἶον τὸ "ἡμέρα ἐστίν". οὐχ ἀπλᾶ δ' ἐστὶ τὰ συνεστῶτ' ἐξ ἀξιώματος διαφορου-

69 μένου ἢ ἐξ ἀξιωμάτων. ἐξ ἀξιώματος μὲν διαφορουμένου, οἶον

"εἰ ἡμέρα ἐστίν, <ἡμέρα ἐστίν>". ἐξ ἀξιωμάτων δέ, οἶον "εἰ ἡμέρα ἐστὶ, φῶς ἐστὶ."

Ἐν δὲ τοῖς ἀπλοῖς ἀξιώμασιν ἔστι τὸ ἀποφατικὸν καὶ τὸ ἀρνητικὸν καὶ τὸ στερητικὸν καὶ τὸ κατηγορικὸν καὶ τὸ κατ-
αγορευτικὸν καὶ τὸ ἀόριστον, ἐν δὲ τοῖς οὐχ ἀπλοῖς ἀξιώμασι τὸ συνημμένον καὶ τὸ παρασυνημμένον καὶ τὸ συμπεπλεγμένον καὶ τὸ διεζευγμένον καὶ τὸ αἰτιῶδες καὶ τὸ διασαφοῦν τὸ μᾶλλον καὶ τὸ διασαφοῦν τὸ ἥττον. * καὶ ἀποφατικὸν μὲν οἶον "οὐχὶ ἡμέρα ἐστίν." εἶδος δὲ τούτου τὸ ὑπεραποφατικόν. ὑπεραποφατικὸν δ' ἔστιν ἀποφατικὸν ἀποφατικοῦ, οἶον "οὐχὶ ἡμέρα <οὐκ> ἔστι". τίθησι δὲ τὸ "ἡμέρα ἐστίν."
70 Ἀρνητικὸν δὲ ἔστι τὸ συνεστὸς ἐξ ἀρνητικοῦ μορίου καὶ κατ-ηγορήματος, οἶον "οὐδεὶς περιπατεῖ". στερητικὸν δὲ ἔστι τὸ συνεστὸς ἐκ στερητικοῦ μορίου καὶ ἀξιώματος κατὰ δύναμιν, οἶον "ἀφιλάνθρωπός ἐστιν οὗτος". κατηγορικὸν δὲ ἔστι τὸ συνεστὸς ἐκ πτώσεως ὀρθῆς καὶ κατηγορήματος, οἶον "Δίῳν περιπατεῖ". καταγορευτικὸν δὲ ἔστι τὸ συνεστὸς ἐκ πτώσεως ὀρθῆς δεικτικῆς καὶ κατηγορήματος, οἶον "οὗτος περιπατεῖ". ἀόριστον δὲ ἔστι τὸ συνεστὸς ἐξ ἀορίστου μορίου ἢ ἀορίστων μορίων <καὶ κατ-ηγορήματος>, οἶον "τὶς περιπατεῖ," "ἐκεῖνος κινεῖται."
71 Τῶν δ' οὐχ ἀπλῶν ἀξιωμαίων συνημμένον μὲν ἔστιν, ὡς ὁ Χρύσιππος ἐν ταῖς Διαλεκτικαῖς φησι καὶ Διογένους ἐν τῇ Διαλεκτικῇ τέχνῃ, τὸ συνεστὸς διὰ τοῦ "εἰ" συναπτικοῦ

συνδέσμου.

ἐπαγγέλλεται δ' ὁ σύνδεσμος οὗτος ἀκολουθεῖν τὸ
δεύτερον τῷ

πρώτῳ, οἷον "εἴ ἡμέρα ἐστί, φῶς ἐστι." παρασυνημμένον δέ
ἐστίν, ὡς ὁ Κρῖνις φησιν ἐν τῇ Διαλεκτικῇ τέχνῃ, ἀξίωμα ὃ
ὑπὸ τοῦ "ἐπεὶ" συνδέσμου παρασυνῆπται ἀρχόμενον ἀπ'
ἀξιώ-

ματος καὶ λῆγον εἰς ἀξίωμα, οἷον "ἐπεὶ ἡμέρα ἐστί, φῶς
ἐστίν."

ἐπαγγέλλεται δ' ὁ σύνδεσμος ἀκολουθεῖν τε τὸ δεύτερον τῷ
72 πρώτῳ καὶ τὸ πρῶτον ὑφεστάναι. συμπεπλεγμένον δέ
ἐστίν

ἀξίωμα ὃ ὑπὸ τινων συμπλεκτικῶν συνδέσμων
συμπέπλεκται,

οἷον "καὶ ἡμέρα ἐστί καὶ φῶς ἐστι." διεζευγμένον δέ ἐστίν ὃ
ὑπὸ τοῦ "ἦτοι" διαζευκτικοῦ συνδέσμου διέζευκται, οἷον
"ἦτοι

ἡμέρα ἐστίν ἢ νύξ ἐστίν." ἐπαγγέλλεται δ' ὁ σύνδεσμος
οὗτος τὸ

ἕτερον τῶν ἀξιωμαίων ψεῦδος εἶναι. αἰτιῶδες δέ ἐστίν
ἀξίωμα

τὸ συντασσόμενον διὰ τοῦ "διότι," οἷον "διότι ἡμέρα ἐστί,
φῶς ἐστίν"· οἷον γὰρ αἰτιὸν ἐστὶ τὸ πρῶτον τοῦ δευτέρου.
διασαφοῦν δὲ τὸ μᾶλλον ἀξίωμα ἐστὶ τὸ συνταττόμενον ὑπὸ
τοῦ

διασαφοῦντος τὸ μᾶλλον συνδέσμου καὶ τοῦ <"ἦ"> μέσου
τῶν

ἀξιωμαίων τασσομένου, οἷον "μᾶλλον ἡμέρα ἐστίν ἢ νύξ
ἐστίν."

73 διασαφοῦν δὲ τὸ ἦττον ἀξίωμα ἐστὶ τὸ ἐναντίον τῷ
προκειμένῳ,

οἷον "ἦττον νύξ ἐστίν ἢ ἡμέρα ἐστίν." ἔτι τῶν ἀξιωμαίων
κατὰ

τ' ἀλήθειαν καὶ ψεῦδος ἀντικείμενα ἀλλήλοις ἐστίν, ὧν τὸ
ἕτερον

τοῦ ἑτέρου ἐστὶν ἀποφατικόν, οἷον τὸ "ἡμέρα ἐστὶ" καὶ τὸ "οὐχ ἡμέρα ἐστὶ." συνημμένον οὖν ἀληθές ἐστὶν οὗ τὸ ἀντικεῖ-

μενον τοῦ λήγοντος μάχεται τῷ ἡγουμένῳ, οἷον "εἰ ἡμέρα ἐστὶ,

φῶς ἐστὶ." τοῦτ' ἀληθές ἐστὶ· τὸ γὰρ "οὐχὶ φῶς," ἀντικείμενον

τῷ λήγοντι, μάχεται τῷ "ἡμέρα ἐστὶ." συνημμένον δὲ ψευδός

ἐστὶν οὗ τὸ ἀντικείμενον τοῦ λήγοντος οὐ μάχεται τῷ ἡγουμένῳ,

οἷον "εἰ ἡμέρα ἐστὶ, Δίων περιπατεῖ." τὸ γὰρ "οὐχὶ Δίων περιπατεῖ" οὐ μάχεται τῷ "ἡμέρα ἐστὶ."

74 Παρασυνημμένον δ' ἀληθές μὲν ἐστὶν ὃ ἀρχόμενον ἀπ' ἀληθοῦς

εἰς ἀκόλουθον λήγει, οἷον "ἐπεὶ ἡμέρα ἐστίν, ἥλιός ἐστὶν ὑπὲρ

γῆς." ψευδὸς δ' ὃ ἢ ἀπὸ ψεύδους ἄρχεται ἢ μὴ εἰς ἀκόλουθον

λήγει, οἷον "ἐπεὶ νύξ ἐστὶ, Δίων περιπατεῖ," ἂν ἡμέρας οὔσης

λέγεται. αἰτιῶδες δ' ἀληθές μὲν ἐστὶν ὃ ἀρχόμενον ἀπ' ἀληθοῦς

εἰς ἀκόλουθον λήγει, οὐ μὴν ἔχει τῷ λήγοντι τὸ ἀρχόμενον ἀκό-

λουθον, οἷον "διότι ἡμέρα ἐστὶ, φῶς ἐστὶ." τῷ μὲν γὰρ "ἡμέρα

ἐστίν" ἀκολουθεῖ τὸ "φῶς ἐστὶ," τῷ δὲ "φῶς ἐστὶν" οὐχ ἔπεται τὸ "ἡμέρα ἐστίν." αἰτιῶδες δὲ ψευδός ἐστὶν ὃ ἦτοι ἀπὸ

ψεύδους ἄρχεται ἢ μὴ εἰς ἀκόλουθον λήγει ἢ ἔχει τῷ λήγοντι τὸ

ἀρχόμενον ἀνακόλουθον, οἷον "διότι νύξ ἐστὶ, Δίων περιπατεῖ."

75 πιθανὸν δὲ ἐστὶν ἀξίωμα τὸ ἄγον εἰς συγκατάθεσιν, οἷον

"εἴ τίς τι
ἔτεκεν, ἐκείνη ἐκείνου μήτηρ ἐστί." ψεῦδος δὲ τοῦτο· οὐ
γὰρ ἡ
ὄρνις ὠοῦ ἐστί μήτηρ.

Ἔτι τε τὰ μὲν ἐστί δυνατά, τὰ δ' ἀδύνατα· καὶ τὰ μὲν
ἀναγκαῖα,
τὰ δ' οὐκ ἀναγκαῖα. δυνατὸν μὲν τὸ ἐπιδεκτικὸν τοῦ ἀληθὲς
εἶναι, τῶν ἐκτὸς μὴ ἐναντιουμένων εἰς τὸ ἀληθὲς εἶναι,
οἷον "ζῆ
Διοκλῆς"· ἀδύνατον δὲ ὃ μὴ ἐστί ἐπιδεκτικὸν τοῦ ἀληθὲς
εἶναι, οἷον "ἡ γῆ ἵπταται." ἀναγκαῖον δὲ ἐστί ὅπερ ἀληθὲς
ὄν

οὐκ ἐστί ἐπιδεκτικὸν τοῦ ψεῦδος εἶναι, ἢ ἐπιδεκτικὸν μὲν
ἐστί, τὰ

δ' ἐκτὸς αὐτῷ ἐναντιοῦται πρὸς τὸ ψεῦδος εἶναι, οἷον "ἡ
ἀρετὴ
ὠφελεῖ." οὐκ ἀναγκαῖον δὲ ἐστί ὃ καὶ ἀληθὲς ἐστί καὶ
ψεῦδος

οἷόν τε εἶναι, τῶν ἐκτὸς μηδὲν ἐναντιουμένων, οἷον τὸ
"περι-

76 πατεῖ Δίων." εὐλογον δὲ ἐστί ἀξίωμα τὸ πλείονας
ἀφορμὰς

ἔχον εἰς τὸ ἀληθὲς εἶναι, οἷον "βιώσομαι αὔριον."

Καὶ ἄλλαι δὲ διαφοραὶ εἰσι ἀξιωματῶν καὶ μεταπτώσεις
αὐτῶν

ἐξ ἀληθῶν εἰς ψεύδη καὶ ἀντιστροφαί, περὶ ὧν ἐν τῷ πλάτει
λέγομεν.

Λόγος δὲ ἐστί, ὡς οἱ περὶ τὸν Κρίνιν φασί, τὸ συνεστηκὸς
ἐκ λήμματος [ἢ λημμάτων] καὶ προσλήψεως καὶ ἐπιφορᾶς,
οἷον ὃ

τοιούτος, "εἰ ἡμέρα ἐστί, φῶς ἐστί· ἡμέρα δὲ ἐστί· φῶς ἄρα
ἐστί." λῆμμα μὲν γὰρ ἐστί τὸ "εἰ ἡμέρα ἐστί, φῶς ἐστί"·
πρόσληψις τὸ "ἡμέρα δὲ ἐστί"· ἐπιφορὰ δὲ τὸ "φῶς ἄρα
ἐστί."

τρόπος δὲ ἐστί οἷον εἰ σχῆμα λόγου, οἷον ὃ τοιούτος, "εἰ τὸ

πρῶτον, τὸ δεύτερον ἀλλὰ μὴν τὸ πρῶτον· τὸ ἄρα
δεύτερον."

77 Λογότροπος δέ ἐστι τὸ ἐξ ἀμφοτέρων σύνθετον, οἷον "εἰ
ζῆ

Πλάτων, ἀναπνεῖ Πλάτων· ἀλλὰ μὴν τὸ πρῶτον· τὸ ἄρα
δεύτερον."

παρεισήχθη δὲ ὁ λογότροπος ὑπὲρ τοῦ ἐν ταῖς μακροτέραις
συν-

τάξεσι τῶν λόγων μηκέτι τὴν πρόσληψιν μακρὰν οὔσαν καὶ
τὴν

ἐπιφορὰν λέγειν, ἀλλὰ συντόμως ἐπενεγκεῖν, "τὸ δὲ
πρῶτον· τὸ

ἄρα δεύτερον."

Τῶν δὲ λόγων οἱ μὲν εἰσιν ἀπέραντοι, οἱ δὲ περαντικοί.

ἀπέραντοι μὲν ὧν τὸ ἀντικείμενον τῆς ἐπιφορᾶς οὐ μάχεται
τῆ

διὰ τῶν λημμάτων συμπλοκῆ, οἷον οἱ τοιοῦτοι, "εἰ ἡμέρα
ἐστί,

φῶς ἐστι· ἡμέρα δὲ ἐστι· περιπατεῖ ἄρα Δίω."

78 Τῶν δὲ περαντικῶν λόγων οἱ μὲν ὁμωνύμως τῷ γένει
λέγονται

περαντικοί· οἱ δὲ συλλογιστικοί. συλλογιστικοὶ μὲν οὖν εἰσιν
οἱ ἥτοι ἀναπόδεικτοι ὄντες ἢ ἀναγόμενοι ἐπὶ τοὺς
ἀναποδείκτους

κατὰ τι τῶν θεμάτων ἢ τινα, οἷον οἱ τοιοῦτοι, "εἰ περιπατεῖ
Δίω, κινεῖται ἄρα Δίω." περαντικοὶ δὲ εἰσιν εἰδικῶς οἱ
συνάγοντες μὴ συλλογιστικῶς, οἷον οἱ τοιοῦτοι, "ψεῦδός
ἐστι τὸ

ἡμέρα ἐστὶ καὶ νύξ ἐστι· ἡμέρα δὲ ἐστίν· οὐκ ἄρα νύξ
ἐστίν."

ἀσυλλόγιστοι δ' εἰσὶν οἱ παρακείμενοι μὲν πιθανῶς τοῖς συλ-
λογιστικοῖς, οὐ συνάγοντες δέ, οἷον "εἰ ἵππος ἐστὶ Δίω,
ζῷόν

ἐστὶ Δίω· ἀλλὰ μὴν ἵππος οὐκ ἔστι Δίω· οὐκ ἄρα ζῷόν ἐστὶ
Δίω."

79 Ἔτι τῶν λόγων οἱ μὲν ἀληθεῖς εἰσιν, οἱ δὲ ψευδεῖς.
ἀληθεῖς
μὲν οὖν εἰσι λόγοι οἱ δι' ἀληθῶν συνάγοντες, οἷον "εἰ ἡ
ἀρετὴ
ὠφελεῖ, ἡ κακία βλάπτει· <ἀλλὰ μὴν ὠφελεῖ ἡ ἀρετὴ· ἡ
κακία ἄρα
βλάπτει>." ψευδεῖς δὲ εἰσιν οἱ τῶν λημμάτων ἔχοντές τι
ψεῦδος
ἢ ἀπέραντοι ὄντες, οἷον "εἰ ἡμέρα ἐστί, φῶς ἐστιν· ἡμέρα
δέ
ἐστί· ζῆ ἄρα Δίων." καὶ δυνατοὶ δ' εἰσὶ λόγοι καὶ ἀδύνατοι
καὶ
ἀναγκαῖοι καὶ οὐκ ἀναγκαῖοι· εἰσὶ δὲ καὶ ἀναπόδεικτοί τινες,
τῷ
μὴ χρῆζειν ἀποδείξεως, ἄλλοι μὲν παρ' ἄλλοις, παρὰ δὲ τῷ
Χρυσίππῳ πέντε, δι' ὧν πᾶς λόγος πλέκεται· οἵτινες
λαμβάνονται
ἐπὶ τῶν περαντικῶν καὶ ἐπὶ τῶν συλλογισμῶν καὶ ἐπὶ τῶν
80 τροπικῶν. πρῶτος δὲ ἐστὶν ἀναπόδεικτος ἐν ᾧ πᾶς
λόγος συντάσ-
σεται ἐκ συνημμένου καὶ τοῦ ἡγουμένου, ἀφ' οὗ ἄρχεται τὸ
συνημμένον καὶ τὸ λήγον ἐπιφέρει, οἷον "εἰ τὸ πρῶτον, τὸ
δεύ-
τερον· ἀλλὰ μὴν τὸ πρῶτον· τὸ ἄρα δεύτερον." δεύτερος δ'
ἐστὶν
ἀναπόδεικτος ὁ διὰ συνημμένου καὶ τοῦ ἀντικειμένου τοῦ
λήγοντος
τὸ ἀντικείμενον τοῦ ἡγουμένου ἔχων συμπέρασμα, οἷον "εἰ
ἡμέρα
ἐστί, φῶς ἐστιν· ἀλλὰ μὴν φῶς οὐκ ἔστιν· οὐκ ἄρα ἡμέρα
ἐστίν."
ἡ γὰρ πρόσληψις γίνεται ἐκ τοῦ ἀντικειμένου τῷ λήγοντι
καὶ ἡ
ἐπιφορὰ ἐκ τοῦ ἀντικειμένου τῷ ἡγουμένῳ. τρίτος δὲ ἐστὶν
ἀναπόδεικτος ὁ δι' ἀποφατικῆς συμπλοκῆς καὶ ἐνὸς τῶν ἐν

τῆ

συμπλοκῆ ἐπιφέρων τὸ ἀντικείμενον τοῦ λοιποῦ, οἷον "οὐχὶ τέθνηκε Πλάτων καὶ ζῆ Πλάτων· ἀλλὰ μὴν τέθνηκε Πλάτων· οὐκ

81 ἄρα ζῆ Πλάτων." τέταρτος δέ ἐστιν ἀναπόδεικτος ὁ διὰ διεζευγ-

μένου καὶ ἐνὸς τῶν ἐν τῷ διεζευγμένῳ τὸ ἀντικείμενον τοῦ λοιποῦ

ἔχων συμπέρασμα, οἷον "ἦτοι τὸ πρῶτον ἢ τὸ δεύτερον· ἀλλὰ μὴν

τὸ πρῶτον· οὐκ ἄρα τὸ δεύτερον." πέμπτος δέ ἐστιν ἀναπόδεικτος

ἐν ᾧ πᾶς λόγος συντάσσεται ἐκ διεζευγμένου καὶ <τοῦ> ἐνὸς τῶν

ἐν τῷ διεζευγμένῳ ἀντικειμένου καὶ ἐπιφέρει τὸ λοιπόν, οἷον

"ἦτοι ἡμέρα ἐστὶν ἢ νύξ ἐστὶν· οὐχὶ δὲ νύξ ἐστὶν· ἡμέρα ἄρα ἐστίν."

Ἐπ' ἀληθεῖ δ' ἀληθὲς ἔπεται κατὰ τοὺς Στωικούς, ὡς τῷ "ἡμέρα ἐστὶ" τὸ "φῶς ἐστὶ"· καὶ ψεύδει ψεῦδος, ὡς τῷ "νύξ ἐστὶ" ψεύδει τὸ "σκότος ἐστὶ"· καὶ ψεύδει ἀληθές, ὡς τῷ "ἵπτασθαι τὴν γῆν" τὸ "εἶναι τὴν γῆν." ἀληθεῖ μέντοι ψεῦδος οὐκ ἀκολουθεῖ· τῷ γὰρ "εἶναι τὴν γῆν" τὸ "πέτεσθαι τὴν γῆν"

οὐκ ἀκολουθεῖ.

82 Καὶ ἄποροι δέ τινές εἰσι λόγοι ἐγκεκαλυμμένοι καὶ διαλεληθότες

καὶ σωρῖται καὶ κερατίδες καὶ οὔτιδες. ἔστι δὲ

ἐγκεκαλυμμένος,

οἷον ὁ τοιοῦτος * "οὐχὶ τὰ μὲν δύο ὀλίγα ἐστίν, οὐχὶ δὲ καὶ τὰ

τρία, οὐχὶ δὲ καὶ ταῦτα μὲν, οὐχὶ δὲ καὶ τὰ τέσσαρα καὶ οὕτω

μέχρι τῶν δέκα· τὰ δὲ δύο ὀλίγα ἐστί· καὶ τὰ δέκα ἄρα." * οὔτις

δέ ἐστι λόγος συνακτικὸς ἐξ ἀορίστου καὶ ὠρισμένου
συνεστῶς,
πρόσληψιν δὲ καὶ ἐπιφορὰν ἔχων, οἷον "εἴ τις ἐστιν ἐνταῦθα,
οὐκ
ἔστιν ἐκεῖνος ἐν Ῥόδῳ. <ἀλλὰ μήν ἐστὶ τις ἐνταῦθα· οὐκ
ἄρα τις
ἐστιν ἐν Ῥόδῳ>." *

83 Καὶ τοιοῦτοι μὲν ἐν τοῖς λογικοῖς οἱ Στωικοί, ἵνα μάλιστα
κρατύνωσι διαλεκτικὸν ἀεὶ εἶναι τὸν σοφόν· πάντα γὰρ τὰ
πράγ-
ματα διὰ τῆς ἐν λόγοις θεωρίας ὁρᾶσθαι, ὅσα τε τοῦ
φυσικοῦ
τόπου τυγχάνει καὶ αὖ πάλιν ὅσα τοῦ ἠθικοῦ (εἰς μὲν γὰρ τὸ
λογικὸν τί δεῖ λέγειν;) περὶ τ' ὀνομάτων ὀρθότητος, ὅπως
διέταξαν
οἱ νόμοι ἐπὶ τοῖς ἔργοις, οὐκ ἂν ἔχειν εἰπεῖν. δυοῖν δ' οὔσαι
συνηθείαι ταῖν ὑποπιπτούσαι τῇ ἀρετῇ, ἡ μὲν τί ἕκαστόν
ἐστι
τῶν ὄντων σκοπεῖ, ἡ δὲ τί καλεῖται. καὶ ὧδε μὲν αὐτοῖς ἔχει
τὸ λογικόν.

84 Τὸ δ' ἠθικὸν μέρος τῆς φιλοσοφίας διαιροῦσιν εἰς τε τὸν
περὶ ὁρμῆς καὶ εἰς τὸν περὶ ἀγαθῶν καὶ κακῶν τόπον καὶ εἰς
τὸν
περὶ παθῶν καὶ περὶ ἀρετῆς καὶ περὶ τέλους περὶ τε τῆς
πρώτης
ἀξίας καὶ τῶν πράξεων καὶ περὶ τῶν καθηκόντων
προτροπῶν τε
καὶ ἀποτροπῶν. οὕτω δ' ὑποδιαίρουσιν οἱ περὶ Χρύσιππον
καὶ
Ἀρχέδημον καὶ Ζήνωνα τὸν Ταρσέα καὶ Ἀπολλόδωρον καὶ
Διο-
γένην καὶ Ἀντίπατρον καὶ Ποσειδώνιον· ὁ μὲν γὰρ Κιτιεὺς
Ζήνων
καὶ ὁ Κλεάνθης, ὡς ἂν ἀρχαιότεροι, ἀφελέστερον περὶ τῶν
πρα-

γμάτων διέλαβον. οὔτοι δὲ διεΐλον καὶ τὸν λογικὸν καὶ τὸν φυσικόν.

85 Τὴν δὲ πρώτην ὀρμὴν φασὶ τὸ ζῶον ἴσχειν ἐπὶ τὸ τηρεῖν ἑαυτό, οἰκειούσης αὐτὸ τῆς φύσεως ἀπ' ἀρχῆς, καθά φησιν ὁ

Χρύσιππος ἐν τῷ πρώτῳ Περὶ τελῶν, πρῶτον οἰκεῖον λέγων εἶναι παντὶ ζῴῳ τὴν αὐτοῦ σύστασιν καὶ τὴν ταύτης συνείδησιν·

οὔτε γὰρ ἀλλοτριῶσαι εἰκὸς ἦν αὐτὸ <αὐτῷ> τὸ ζῶον, οὔτε ποιή-

σασαν αὐτό, μήτ' ἀλλοτριῶσαι μήτ' [οὐκ] οἰκειῶσαι.

ἀπολείπεται

τοίνυν λέγειν συστησαμένην αὐτὸ οἰκειῶσαι πρὸς ἑαυτό· οὔτω γὰρ

τά τε βλάπτοντα διωθεῖται καὶ τὰ οἰκεῖα προσίεται.

Ὁ δὲ λέγουσὶ τινες, πρὸς ἡδονὴν γίνεσθαι τὴν πρώτην ὀρμὴν

86 τοῖς ζῴοις, ψεῦδος ἀποφαίνουσιν. ἐπιγέννημα γὰρ φασιν, εἰ ἄρα

ἔστιν, ἡδονὴν εἶναι ὅταν αὐτὴ καθ' αὐτὴν ἢ φύσις

ἐπιζητήσασα τὰ

ἐναρμόζοντα τῇ συστάσει ἀπολάβῃ· ὃν τρόπον

ἀφιλαρύνεται τὰ

ζῶα καὶ θάλλει τὰ φυτά. οὐδέν τε, φασί, διήλλαξεν ἢ φύσις ἐπὶ

τῶν φυτῶν καὶ ἐπὶ τῶν ζῴων, ὅτι χωρὶς ὀρμῆς καὶ αἰσθήσεως

κάκεῖνα οἰκονομεῖ καὶ ἐφ' ἡμῶν τινα φυτοειδῶς γίνεται. ἐκ

περιττοῦ δὲ τῆς ὀρμῆς τοῖς ζῴοις ἐπιγενομένης, ἧ

συγχρώμενα

πορεύεται πρὸς τὰ οἰκεῖα, τούτοις μὲν τὸ κατὰ φύσιν τῷ

κατὰ τὴν

ὀρμὴν διοικεῖσθαι· τοῦ δὲ λόγου τοῖς λογικοῖς κατὰ

τελειοτέραν

προστασίαν δεδομένου, τὸ κατὰ λόγον ζῆν ὀρθῶς γίνεσθαι

<τού>τοις κατὰ φύσιν· τεχνίτης γὰρ οὗτος ἐπιγίνεται τῆς ὀρμῆς.

87 Διόπερ πρῶτος ὁ Ζήνων ἐν τῷ Περὶ ἀνθρώπου φύσεως τέλος

εἶπε τὸ ὁμολογουμένως τῇ φύσει ζῆν, ὅπερ ἐστὶ κατ' ἀρετὴν ζῆν·

ἄγει γὰρ πρὸς ταύτην ἡμᾶς ἡ φύσις. ὁμοίως δὲ καὶ Κλεάνθης ἐν

τῷ Περὶ ἡδονῆς καὶ Ποσειδώνιος καὶ Ἐκάτων ἐν τοῖς Περὶ τελῶν

(Gomoll 1). πάλιν δ' ἴσον ἐστὶ τὸ κατ' ἀρετὴν ζῆν τῷ κατ' ἐμπειρίαν τῶν φύσει συμβαινόντων ζῆν, ὡς φησι Χρύσιππος ἐν τῷ

88 πρώτῳ Περὶ τελῶν· μέρη γὰρ εἰσιν αἱ ἡμέτεραι φύσεις τῆς τοῦ

ἴλου. διόπερ τέλος γίνεται τὸ ἀκολουθῶς τῇ φύσει ζῆν, ὅπερ

ἐστὶ κατὰ τε τὴν αὐτοῦ καὶ κατὰ τὴν τῶν ἴλων, οὐδὲν ἐνεργοῦντας

ἴων ἀπαγορεύειν εἴωθεν ὁ νόμος ὁ κοινός, ὅπερ ἐστὶν ὁ ὀρθός

λόγος, διὰ πάντων ἐρχόμενος, ὁ αὐτὸς ἴων τῷ Δί, καθηγεμόνι

τούτῳ τῆς τῶν ὄντων διοικήσεως ὄντι· εἶναι δ' αὐτὸ τοῦτο τὴν τοῦ

εὐδαίμονος ἀρετὴν καὶ εὐροίαν βίου, ὅταν πάντα πράττηται κατὰ

τὴν συμφωνίαν τοῦ παρ' ἐκάστῳ δαίμονος πρὸς τὴν τοῦ τῶν ἴλων

διοικητοῦ βούλησιν. ὁ μὲν οὖν Διογένης τέλος φησὶ ρητῶς τὸ

εὐλογιστεῖν ἐν τῇ τῶν κατὰ φύσιν ἐκλογῇ. Ἀρχέδημος δὲ τὸ πάντα τὰ καθήκοντα ἐπιτελοῦντα ζῆν.

89 Φύσιν δὲ Χρύσιππος μὲν ἐξακούει, ἣ ἀκολουθῶς δεῖ ζῆν, τὴν

τε κοινήν καὶ ἰδίως τὴν ἀνθρωπίνην· ὁ δὲ Κλεάνθης τὴν κοινήν
μόνην ἐκδέχεται φύσιν, ἧ ἀκολουθεῖν δεῖ, οὐκέτι δὲ καὶ τὴν ἐπὶ
μέρους.

Τὴν τ' ἀρετὴν διάθεσιν εἶναι ὁμολογουμένην· καὶ αὐτὴν δι'
αὐτὴν εἶναι αἰρετήν, οὐ διὰ τινὰ φόβον ἢ ἐλπίδα ἢ τι τῶν
ἕξωθεν·
ἐν αὐτῇ τ' εἶναι τὴν εὐδαιμονίαν, ἅτ' οὕση ψυχῇ πεπονημένη
πρὸς
τὴν ὁμολογίαν παντὸς τοῦ βίου. διαστρέφεσθαι δὲ τὸ
λογικὸν
ζῶον, ποτὲ μὲν διὰ τὰς τῶν ἕξωθεν πραγματειῶν
πιθανότητας,
ποτὲ δὲ διὰ τὴν κατήχησιν τῶν συνόντων· ἐπεὶ ἡ φύσις
ἀφορμὰς
δίδωσιν ἀδιαστρόφους.

90 Ἀρετὴ δ' ἡ μὲν τις κοινῶς παντὶ τελείωσις. ὥσπερ
ἀνδριάντος·
καὶ ἡ ἀθεώρητος, ὥσπερ ὑγεία· καὶ ἡ θεωρηματικὴ, ὡς
φρόνησις.
φησὶ γὰρ ὁ Ἐκάτων ἐν τῷ πρώτῳ Περὶ ἀρετῶν (Gomoll 6)
ἐπιστημονικὰς μὲν εἶναι καὶ θεωρηματικὰς τὰς ἐχούσας τὴν
σύστασιν ἐκ θεωρημάτων, ὡς φρόνησιν καὶ δικαιοσύνην·
ἀθεωρή-
τους δὲ τὰς κατὰ παρέκτασιν θεωρουμένας ταῖς ἐκ τῶν
θεωρημά-
των συνεστηκυῖαις, καθάπερ ὑγείαν καὶ ἰσχύν. τῇ γὰρ
σωφροσύνη
τεθεωρημένη ὑπαρχούση συμβαίνει ἀκολουθεῖν καὶ
παρεκτείνεσθαι
τὴν ὑγείαν, καθάπερ τῇ ψαλίδος οἰκοδομίᾳ τὴν ἰσχὺν
ἐπιγίνεσθαι.

91 καλοῦνται δ' ἀθεώρητοι ὅτι μὴ ἔχουσι συγκαταθέσεις,
ἀλλ' ἐπι-

γίνονται καὶ περὶ φαύλους [γίνονται], ὡς ὑγεία, ἀνδρεία.
τε-

κμήριον δὲ τοῦ ὑπαρκτὴν εἶναι τὴν ἀρετὴν φησιν ὁ
Ποσειδώνιος
ἐν τῷ πρώτῳ τοῦ Ἠθικοῦ λόγου τὸ γενέσθαι ἐν προκοπῇ
τοῦς
περὶ Σωκράτην, Διογένην, Ἀντισθένην. εἶναι δὲ καὶ τὴν
κακίαν
ὑπαρκτὴν διὰ τὸ ἀντικειῖσθαι τῇ ἀρετῇ. διδακτὴν τ' εἶναι
αὐτήν,
λέγω δὲ τὴν ἀρετὴν, καὶ Χρύσιππος ἐν τῷ πρώτῳ Περὶ
τέλους
φησὶ καὶ Κλεάνθης καὶ Ποσειδώνιος ἐν τοῖς Προτρεπτικοῖς
καὶ
Ἐκάτων (Gomoll 8)· ὅτι δὲ διδακτὴ ἐστὶ, δῆλον ἐκ τοῦ
γίνεσθαι
ἀγαθοῦς ἐκ φαύλων.

92 Παναίτιος μὲν οὖν δύο φησὶν ἀρετάς, θεωρητικὴν καὶ
πρακτι-
κὴν· ἄλλοι δὲ λογικὴν καὶ φυσικὴν καὶ ἠθικὴν· τέτταρας δὲ
οἱ περὶ
Ποσειδώνιον καὶ πλείονας οἱ περὶ Κλεάνθη καὶ Χρύσιππον
καὶ
Ἀντίπατρον. ὁ μὲν γὰρ Ἀπολλοφάνης μίαν λέγει, τὴν
φρόνησιν.

Τῶν δ' ἀρετῶν τὰς μὲν πρώτας, τὰς δὲ ταύταις
ὑποτεταγμένας.
πρώτας μὲν τὰσδε, φρόνησιν, ἀνδρείαν, δικαιοσύνην,
σωφροσύνην·
ἐν εἶδει δὲ τούτων μεγαλοψυχίαν, ἐγκράτειαν, καρτερίαν,
ἀγ-
χίνοιν, εὐβουλίαν· καὶ τὴν μὲν φρόνησιν εἶναι ἐπιστήμην
κακῶν
καὶ ἀγαθῶν καὶ οὐδετέρων, τὴν δ' ἀνδρείαν ἐπιστήμην ὧν
αἰρετέον καὶ εὐλαβητέον καὶ οὐδετέρων· τὴν δὲ

<δικαιοσύνην> *

93 τὴν δὲ μεγαλοψυχίαν ἐπιστήμην <ἢ> ἕξις ὑπεράνω
ποιούσας τῶν
συμβαινόντων κοινῆ φαύλων τε καὶ σπουδαίων· τὴν δ'
ἐγκράτειαν
διάθεσις ἀνυπέρβατον τῶν κατ' ὀρθὸν λόγον ἢ ἕξις
ἀήττητον
ἡδονῶν. τὴν δὲ καρτερίαν ἐπιστήμην ἢ ἕξις ὧν ἐμμενετέον
καὶ μὴ
καὶ οὐδετέρων. τὴν δ' ἀγχίνοιαν ἕξις εὐρετικὴν τοῦ
καθήκοντος
ἐκ τοῦ παραχρῆμα· τὴν δ' εὐβουλίαν ἐπιστήμην τοῦ
σκοπεῖσθαι
ποῖα καὶ πῶς πράττοντες πράξομεν συμφερόντως.
Ἄνὰ λόγον δὲ καὶ τῶν κακιῶν τὰς μὲν εἶναι πρώτας, τὰς δ'
ὑπὸ ταύτας· οἷον ἀφροσύνην μὲν καὶ δειλίαν καὶ ἀδικίαν καὶ
ἀκολασίαν ἐν ταῖς πρώταις, ἀκрасίαν δὲ καὶ βραδύνοιαν
καὶ
κακοβουλίαν ἐν ταῖς ὑπὸ ταύτας· εἶναι δ' ἀγνοίας τὰς
κακίας,
ὧν αἱ ἀρεταὶ ἐπιστῆμαι.

94 Ἄγαθὸν δὲ κοινῶς μὲν τὸ τὶ ὄφελος, ἰδίως δ' ἦτοι ταῦτόν
ἢ
οὐχ ἕτερον ὠφελείας. ὅθεν αὐτὴν τε τὴν ἀρετὴν καὶ τὸ
μετέχον
αὐτῆς ἀγαθὸν τριχῶς οὕτω λέγεσθαι· οἷον τὸ <μὲν>
ἀγαθὸν ἀφ' οὗ
συμβαίνει <ὠφελεῖσθαι, τὸ δὲ καθ' ὃ συμβαίνει>, ὡς τὴν
πρᾶξις
τὴν κατ' ἀρετὴν· ὑφ' οὗ δέ, ὡς τὸν σπουδαῖον τὸν
μετέχοντα τῆς
ἀρετῆς.

Ἄλλως δ' οὕτως ἰδίως ὀρίζονται τὸ ἀγαθόν, "τὸ τέλειον
κατὰ φύσιν λογικοῦ [ἢ] ὡς λογικοῦ." τοιοῦτο δ' εἶναι τὴν
ἀρετὴν,

ὥς<τε> μετέχοντα τὰς τε πράξεις τὰς κατ' ἀρετὴν καὶ τοὺς σπουδαίους εἶναι· ἐπιγεννήματα δὲ τὴν τε χαρὰν καὶ τὴν εὐφρο-

95 σύνην καὶ τὰ παραπλήσια. ὡσαύτως δὲ καὶ τῶν κακῶν τὸ μὲν

εἶναι ἀφροσύνην, δειλίαν, ἀδικίαν, καὶ τὰ παραπλήσια· μετέχοντα

δὲ κακίας τὰς τε πράξεις τὰς κατὰ κακίαν καὶ τοὺς φαύλους·

ἐπιγεννήματα δὲ τὴν τε δυσθυμίαν καὶ τὴν δυσφροσύνην καὶ τὰ

ὅμοια.

Ἔτι τῶν ἀγαθῶν τὰ μὲν εἶναι περὶ ψυχὴν, τὰ δ' ἐκτός, τὰ δ' οὔτε περὶ ψυχὴν οὔτ' ἐκτός. τὰ μὲν περὶ ψυχὴν ἀρετὰς καὶ τὰς

κατὰ ταύτας πράξεις· τὰ δ' ἐκτός τό τε σπουδαίαν ἔχειν πατρίδα

καὶ σπουδαῖον φίλον καὶ τὴν τούτων εὐδαιμονίαν· τὰ δ' οὔτ' ἐκτός οὔτε περὶ ψυχὴν τὸ αὐτὸν ἑαυτῷ εἶναι σπουδαῖον καὶ εὐδαί-

96 μονα. ἀνάπαλιν δὲ καὶ τῶν κακῶν τὰ μὲν περὶ ψυχὴν εἶναι, τὰς

κακίας καὶ τὰς κατ' αὐτὰς πράξεις· τὰ δ' ἐκτός τὸ ἄφρονα πατρίδα ἔχειν καὶ ἄφρονα φίλον καὶ τὴν τούτων κακοδαιμονίαν·

τὰ δ' οὔτε ἐκτός οὔτε περὶ ψυχὴν τὸ αὐτὸν ἑαυτῷ εἶναι φαῦλον

καὶ κακοδαίμονα.

Ἔτι τῶν ἀγαθῶν τὰ μὲν εἶναι τελικά, τὰ δὲ ποιητικά, τὰ δὲ τελικὰ καὶ ποιητικά. τὸν μὲν οὖν φίλον καὶ τὰς ἀπ' αὐτοῦ γινο-

μέννας ὠφελείας ποιητικὰ εἶναι ἀγαθὰ· θάρσος δὲ καὶ φρόνημα καὶ

ἐλευθερίαν καὶ τέρψιν καὶ εὐφροσύνην καὶ ἀλυπίαν καὶ

πᾶσαν τὴν
κατ' ἀρετὴν πράξιν τελικά.

97 Ποιητικὰ δὲ καὶ τελικὰ εἶναι ἀγαθὰ <τὰς ἀρετάς>. καθὸ
μὲν

γὰρ ἀποτελοῦσι τὴν εὐδαιμονίαν ποιητικὰ ἐστὶν ἀγαθὰ·
καθὸ δὲ

συμπληροῦσιν αὐτήν, ὥστε μέρη αὐτῆς γίνεσθαι, τελικά.
ὁμοίως

δὲ καὶ τῶν κακῶν τὰ μὲν εἶναι τελικά, τὰ δὲ ποιητικά, τὰ δ'
ἀμφοτέρως ἔχοντα. τὸν μὲν ἐχθρὸν καὶ τὰς ἀπ' αὐτοῦ
γινόμενας

βλάβας ποιητικὰ εἶναι· κατάπληξιν δὲ καὶ ταπεινότητα καὶ
δουλείαν καὶ ἀτερπλίαν καὶ δυσθυμίαν καὶ περιλυπίαν καὶ
πᾶσαν

τὴν κατὰ κακίαν πράξιν τελικά· ἀμφοτέρως δ' ἔχοντα <τὰς
κακίας>, ἐπεὶ καθὸ μὲν ἀποτελοῦσι τὴν κακοδαιμονίαν
ποιητικά

ἐστι· καθὸ δὲ συμπληροῦσιν αὐτήν, ὥστε μέρη αὐτῆς
γίνεσθαι,
τελικά.

98 Ἔτι τῶν περὶ ψυχὴν ἀγαθῶν τὰ μὲν εἰσὶν ἕξεις, τὰ δὲ
δια-

θέσεις, τὰ δ' οὐθ' ἕξεις οὔτε διαθέσεις. διαθέσεις μὲν αἰ
ἀρεταί,

ἕξεις δὲ τὰ ἐπιτηδεύματα, οὔτε δ' ἕξεις οὔτε διαθέσεις αἰ
ἐνέρ-

γειαί. κοινῶς δὲ τῶν ἀγαθῶν μικτὰ μὲν ἐστὶν εὐτεκνία καὶ
εὐγηρία, ἀπλοῦν δ' ἐστὶν ἀγαθὸν ἐπιστήμη. καὶ αἰ μὲν
παρόντα

αἰ ἀρεταί, οὐκ αἰ δέ, οἶον χαρά, περιπάτησις.

Πᾶν δ' ἀγαθὸν συμφέρον εἶναι καὶ δέον καὶ λυσιτελές καὶ
χρήσιμον καὶ εὐχρηστον καὶ καλὸν καὶ ὠφέλιμον καὶ
αἰρετὸν καὶ

99 δίκαιον. συμφέρον μὲν ὅτι φέρει τοιαῦτα ὧν
συμβαινόντων

ὠφελούμεθα· δέον δ' ὅτι συνέχει ἐν οἷς χρή· λυσιτελές δ'
ὅτι λύει
τὰ τελούμενα εἰς αὐτό, ὥστε τὴν ἀντικατάλλαξιν τὴν ἐκ
τῆς
πραγματείας ὑπεραίρειν τῆ ὠφελείᾳ· χρήσιμον δ' ὅτι χρεῖαν
ὠφελείας παρέχεται· εὐχρηστον δ' ὅτι τὴν χρεῖαν ἐπαινετὴν
ἀπεργάζεται· καλὸν δ' ὅτι συμμέτρως ἔχει πρὸς τὴν ἑαυτοῦ
χρεῖαν· ὠφέλιμον δ' ὅτι τοιοῦτόν ἐστιν ὥστε ὠφελεῖν·
αἰρετὸν δ'
ὅτι τοιοῦτόν ἐστιν ὥστε εὐλόγως αὐτὸ αἰρεῖσθαι· δίκαιον δ'
ὅτι
νόμῳ ἐστὶ σύμφωνον καὶ κοινωνίας ποιητικόν.

100 Καλὸν δὲ λέγουσι τὸ τέλειον ἀγαθὸν παρὰ τὸ πάντας
ἀπέχειν
τοὺς ἐπιζητούμενους ἀριθμοὺς ὑπὸ τῆς φύσεως ἢ τὸ
τελέως σύμ-
μετρον. εἶδη δ' εἶναι τοῦ καλοῦ τέτταρα, δίκαιον, ἀνδρεῖον,
κόσμιον, ἐπιστημονικόν· ἐν γὰρ τοῖσδε τὰς καλὰς πράξεις
συν-
τελεῖσθαι. ἀνὰ λόγον δὲ καὶ τοῦ αἰσχροῦ εἶναι εἶδη
τέτταρα,
τό τ' ἄδικον καὶ τὸ δειλὸν καὶ ἄκοσμον καὶ ἄφρον. λέγεσθαι
δὲ τὸ καλὸν μοναχῶς μὲν τὸ ἐπαινετοῦς παρεχόμενον τοὺς
ἔχοντας
<ἦ> ἀγαθὸν ἐπαίνου ἄξιον· ἐτέρως δὲ τὸ εὖ πεφυκέναι
πρὸς τὸ
ἴδιον ἔργον· ἄλλως δὲ τὸ ἐπικοσμοῦν, ὅταν λέγωμεν μόνον
τὸν
σοφὸν ἀγαθὸν <καὶ> καλὸν εἶναι.

101 Λέγουσι δὲ μόνον τὸ καλὸν ἀγαθὸν εἶναι, καθά φησιν
Ἐκάτων
ἐν τῷ τρίτῳ Περὶ ἀγαθῶν (Gomoll 4) καὶ Χρύσιππος ἐν τοῖς
Περὶ τοῦ καλοῦ· εἶναι δὲ τοῦτο ἀρετὴν καὶ τὸ μετέχον
ἀρετῆς,
ὧ ἐστιν ἴσον τὸ πᾶν ἀγαθὸν καλὸν εἶναι καὶ τὸ ἰσοδυναμεῖν

τῷ

καλῷ τὸ ἀγαθόν, ὅπερ ἴσον ἐστὶ τούτῳ. ἐπεὶ γὰρ ἐστὶν ἀγαθόν,

καλόν ἐστὶν· ἐστὶ δὲ καλόν· ἀγαθὸν ἄρα ἐστὶ. δοκεῖ δὲ πάντα

τὰ ἀγαθὰ ἴσα εἶναι καὶ πᾶν ἀγαθὸν ἐπ' ἄκρον εἶναι αἰρετὸν καὶ

μήτ' ἄνεσιν μήτ' ἐπίτασιν ἐπιδέχεσθαι. τῶν δ' ὄντων φασὶ τὰ

μὲν ἀγαθὰ εἶναι, τὰ δὲ κακά, τὰ δ' οὐδέτερα.

102 Ἀγαθὰ μὲν οὖν τάς τ' ἀρετάς, φρόνησιν, δικαιοσύνην, ἀνδρείαν,

σωφροσύνην καὶ τὰ λοιπά· κακὰ δὲ τὰ ἐναντία, ἀφροσύνην, ἀδικίαν καὶ τὰ λοιπά. οὐδέτερα δὲ ὅσα μήτ' ὠφελεῖ μήτε βλάπτει,

οἷον ζωὴ, ὑγίεια, ἡδονή, κάλλος, ἰσχύς, πλοῦτος, εὐδοξία, εὐγένεια·

καὶ τὰ τούτοις ἐναντία, θάνατος, νόσος, πόνος, αἴσχος, ἀσθένεια,

πενία, ἀδοξία, δυσγένεια καὶ τὰ παραπλήσια, καθά φησιν Ἐκάτων

ἐν ἔβδόμῳ Περὶ τέλους (Gomoll 2) καὶ Ἀπολλόδωρος ἐν τῇ Ἠθικῇ καὶ Χρύσιππος. μὴ γὰρ εἶναι ταῦτ' ἀγαθὰ, ἀλλ' ἀδιάφορα

103 κατ' εἶδος προηγμένα. ὡς γὰρ ἴδιον θερμοῦ τὸ θερμαίνειν, οὐ τὸ

ψύχειν, οὕτω καὶ ἀγαθοῦ τὸ ὠφελεῖν, οὐ τὸ βλάπτειν· οὐ μᾶλλον

δ' ὠφελεῖ ἢ βλάπτει ὁ πλοῦτος καὶ ἡ ὑγίεια· οὐκ ἄρ' ἀγαθὸν οὔτε

πλοῦτος οὔθ' ὑγίεια. ἔτι τέ φασιν, ὧς ἐστὶν εὖ καὶ κακῶς χρῆσθαι,

τούτ' οὐκ ἐστὶν ἀγαθόν· πλούτῳ δὲ καὶ ὑγείᾳ ἐστὶν εὖ καὶ κακῶς

χρῆσθαι· οὐκ ἄρ' ἀγαθὸν πλοῦτος καὶ ὑγίεια. Ποσειδώνιος

μέντοι καὶ ταῦτά φησι τῶν ἀγαθῶν εἶναι. ἀλλ' οὐδὲ τὴν
ἡδονὴν
ἀγαθὸν φασιν Ἐκάτων τ' ἐν τῷ ἐνάτῳ Περὶ ἀγαθῶν (Gomoll
5)
καὶ Χρύσιππος ἐν τοῖς Περὶ ἡδονῆς· εἶναι γὰρ καὶ αἰσχροῦς
104 ἡδονάς, μηδὲν δ' αἰσχροῦν εἶναι ἀγαθόν. ὠφελεῖν δὲ ἐστὶ
κινεῖν
ἢ ἴσχειν κατ' ἀρετὴν, βλάπτειν δὲ κινεῖν ἢ ἴσχειν κατὰ
κακίαν.

Διχῶς δὲ λέγεσθαι ἀδιάφορα· ἅπαξ μὲν τὰ μήτε πρὸς εὐδαι-
μονίαν μήτε πρὸς κακοδαιμονίαν συνεργοῦντα, ὡς ἔχει
πλοῦτος,
δόξα, ὑγίεια, ἰσχύς καὶ τὰ ὅμοια· ἐνδέχεται γὰρ καὶ χωρὶς
τούτων
εὐδαιμονεῖν, τῆς ποιᾶς αὐτῶν χρήσεως εὐδαιμονικῆς οὔσης
ἢ
κακοδαιμονικῆς. ἄλλως δὲ λέγεται ἀδιάφορα τὰ μήθ' ὀρμῆς
μήτ'
ἀφορμῆς κινητικά, ὡς ἔχει τὸ ἀρτίας ἔχειν ἐπὶ τῆς κεφαλῆς
τρίχας ἢ περιττάς, ἢ ἐκτεῖναι τὸν δάκτυλον ἢ συστεῖλαι,
τῶν
προτέρων ἀδιαφόρων οὐκέθ' οὕτω λεγομένων· ὀρμῆς γὰρ
ἐστὶν
105 ἐκεῖνα καὶ ἀφορμῆς κινητικά. διὸ τὰ μὲν αὐτῶν
ἐκλέγεται, <τὰ
δὲ ἀπεκλέγεται>, τῶν [δ'] ἐτέρων ἐπίσης ἐχόντων πρὸς
αἵρεσιν
καὶ φυγῆν.

Τῶν ἀδιαφόρων τὰ μὲν λέγουσι προηγμένα, τὰ δὲ ἀποπροη-
γμένα· προηγμένα μὲν τὰ ἔχοντα ἀξίαν, ἀποπροηγμένα δὲ
τὰ
ἀπαξίαν ἔχοντα. ἀξίαν δὲ τὴν μὲν τινα λέγουσι σύμβλησιν
πρὸς
τὸν ὁμολογούμενον βίον, ἥτις ἐστὶ περὶ πᾶν ἀγαθόν· τὴν δὲ
εἶναι

μέσῃν τινὰ δύναμιν ἢ χρεῖαν συμβαλλομένην πρὸς τὸν κατὰ φύσιν

βίον, ὅμοιον εἰπεῖν ἦντινα προσφέρεται πρὸς τὸν κατὰ φύσιν

βίον πλοῦτος ἢ ὑγεία· τὴν δ' εἶναι ἀξίαν ἀμοιβῆν δοκιμαστοῦ,

ἦν ἂν ὁ ἔμπειρος τῶν πραγμάτων τάξῃ, ὅμοιον εἰπεῖν ἀμείβεσθαι

πυροῦς πρὸς τὰς σὺν ἡμιόνω κριθάς.

106 Προηγμένα μὲν οὖν εἶναι ἃ καὶ ἀξίαν ἔχει, οἷον ἐπὶ μὲν τῶν

ψυχικῶν εὐφύϊαν, τέχνην, προκοπὴν καὶ τὰ ὅμοια· ἐπὶ δὲ τῶν σωματικῶν ζωὴν, ὑγείαν, ῥώμην, εὐεξίαν, ἀρτιότητα, κάλλος

καὶ τὰ παραπλήσια· ἐπὶ δὲ τῶν ἐκτὸς πλοῦτον, δόξαν, εὐγένειαν

καὶ τὰ ὅμοια. ἀποπροηγμένα δ' ἐπὶ μὲν τῶν ψυχικῶν ἀφύϊαν, ἀτεχνίαν καὶ τὰ ὅμοια· ἐπὶ δὲ τῶν σωματικῶν θάνατον, νόσον,

ἀσθένειαν, καχεξίαν, πῆρωσιν, αἴσχος καὶ τὰ ὅμοια· ἐπὶ δὲ τῶν

ἐκτὸς πενίαν, ἀδοξίαν, δυσγένειαν καὶ τὰ παραπλήσια· οὔτε δὲ

προήχθη οὔτ' ἀποπροήχθη τὰ οὐδετέρως ἔχοντα.

107 Ἔτι τῶν προηγμένων τὰ μὲν δι' αὐτὰ προῆκται, τὰ δὲ δι'

ἕτερα, τὰ δὲ καὶ δι' αὐτὰ καὶ δι' ἕτερα. δι' αὐτὰ μὲν εὐφύϊα, προκοπὴ καὶ τὰ ὅμοια· δι' ἕτερα δὲ πλοῦτος, εὐγένεια καὶ τὰ

ὅμοια· δι' αὐτὰ δὲ καὶ δι' ἕτερα ἰσχύς, εὐαισθησία, ἀρτιότης. δι'

αὐτὰ μὲν, ὅτι κατὰ φύσιν ἐστί· δι' ἕτερα δέ, ὅτι περιποιεῖ χρεῖας

οὐκ ὀλίγας. ὁμοίως δ' ἔχει καὶ τὸ ἀποπροηγμένον κατὰ τὸν ἐναντίον λόγον.

Ἔτι δὲ καθήκόν φασι εἶναι ὃ πραχθὲν εὐλογόν [τε] ἴσχει ἀπολογισμόν, οἷον τὸ ἀκόλουθον ἐν ζωῇ, ὅπερ καὶ ἐπὶ τὰ φυτὰ

καὶ ζῶα διατείνει· ὀρᾶσθαι γὰρ κάπὶ τούτων καθήκοντα.

108 Κατωνομάσθαι δ' οὕτως ὑπὸ πρώτου Ζήνωνος τὸ καθήκον,

ἀπὸ τοῦ κατὰ τινος ἦκειν τῆς προσονομασίας εἰλημμένης. ἐνέρ-

γημα δ' αὐτὸ εἶναι ταῖς κατὰ φύσιν κατασκευαῖς οἰκεῖον. τῶν

γὰρ καθ' ὀρμὴν ἐνεργουμένων τὰ μὲν καθήκοντα εἶναι, τὰ δὲ

παρὰ τὸ καθήκον<, τὰ δ' οὔτε καθήκοντα οὔτε παρὰ τὸ καθήκον>.

Καθήκοντα μὲν οὖν εἶναι ὅσα λόγος αἰρεῖ ποιεῖν, ὡς ἔχει γονεῖς τιμᾶν, ἀδελφούς, πατρίδα, συμπεριφέρεσθαι φίλοις· παρὰ

τὸ καθήκον δέ, ὅσα μὴ αἰρεῖ λόγος, ὡς ἔχει τὰ τοιαῦτα, γονέων

ἀμελεῖν, ἀδελφῶν ἀφροντιστεῖν, φίλοις μὴ συνδιατίθεσθαι, πατρίδα

109 ὑπερορᾶν καὶ τὰ παραπλήσια· οὔτε δὲ καθήκοντα οὔτε παρὰ τὸ

καθήκον ὅσα οὔθ' αἰρεῖ λόγος πράττειν οὔτ' ἀπαγορεύει, οἷον

κάρφος ἀνελέσθαι, γραφεῖον κρατεῖν ἢ στλεγγίδα καὶ τὰ ὅμοια

τούτοις.

Καὶ τὰ μὲν εἶναι καθήκοντα ἄνευ περιστάσεως, τὰ δὲ περιστατικά. καὶ ἄνευ περιστάσεως τάδε, ὑγείας ἐπιμελεῖσθαι καὶ

αἰσθητηρίων καὶ τὰ ὅμοια· κατὰ περίστασιν δὲ τὸ πηροῦν ἑαυτὸν

καὶ τὴν κτῆσιν διαρριπτεῖν. ἀνὰ λόγον δὲ καὶ τῶν παρὰ τὸ καθήκον. ἔτι τῶν καθηκόντων τὰ μὲν ἀεὶ καθήκει, τὰ δὲ οὐκ

ἀεὶ. καὶ ἀεὶ μὲν καθήκει τὸ κατ' ἀρετὴν ζῆν, οὐκ ἀεὶ δὲ τὸ ἐρωτᾶν καὶ ἀποκρίνεσθαι καὶ περιπατεῖν καὶ τὰ ὅμοια. ὁ δ' 110 αὐτὸς λόγος καὶ ἐπὶ τῶν παρὰ τὸ καθῆκον. ἔστι δὲ καὶ ἐν τοῖς μέσοις τι καθῆκον, ὡς τὸ πείθεσθαι τοὺς παῖδας τοῖς παιδαγωγοῖς.

Φασὶ δὲ τὴν ψυχὴν εἶναι ὀκταμερῆ· μέρη γὰρ αὐτῆς τὰ τε πέντε αἰσθητήρια καὶ τὸ φωνητικὸν μόριον καὶ τὸ διανοητικόν, ὅπερ ἔστιν αὐτὴ ἡ διάνοια, καὶ τὸ γεννητικόν. ἐκ δὲ τῶν ψευδῶν ἐπιγίνεσθαι τὴν διαστροφὴν ἐπὶ τὴν διάνοιαν, ἀφ' ἧς πολλὰ πάθη βλαστάνειν καὶ ἀκαταστασίας αἴτια. ἔστι δὲ αὐτὸ τὸ πάθος κατὰ Ζήνωνα ἡ ἄλογος καὶ παρὰ φύσιν ψυχῆς κίνησις ἢ ὀρμὴ πλεονάζουσα.

Τῶν δὲ παθῶν τὰ ἀνωτάτω, καθά φησιν Ἐκάτων ἐν τῷ δευτέρῳ Περὶ παθῶν (Gomoll 9) καὶ Ζήνων ἐν τῷ Περὶ παθῶν,

111 εἶναι γένη τέτταρα, λύπην, φόβον, ἐπιθυμίαν, ἡδονήν. δοκεῖ δ'

αὐτοῖς τὰ πάθη κρίσεις εἶναι, καθά φησι Χρύσιππος ἐν τῷ Περὶ

παθῶν· ἢ τε γὰρ φιλαργυρία ὑπόληψις ἔστι τοῦ τὸ ἀργύριον καλὸν

εἶναι, καὶ ἡ μέθη δὲ καὶ ἡ ἀκολασία ὁμοίως καὶ τᾶλλα.

Καὶ τὴν μὲν λύπην εἶναι συστολὴν ἄλογον· εἶδη δ' αὐτῆς ἔλεον, φθόνον, ζῆλον, ζηλοτυπίαν, ἄχθος, ἐνόχλησιν, ἀνίαν, ὀδύνην,

σύγχυσιν. ἔλεον μὲν οὖν εἶναι λύπην ὡς ἐπ' ἀναξίως κακοπαθοῦντι, φθόνον δὲ λύπην ἐπ' ἄλλοτρίοις ἀγαθοῖς, ζῆλον δὲ λύπην

ἐπὶ τῷ ἄλλῳ παρεῖναι ὧν αὐτὸς ἐπιθυμεῖ, ζηλοτυπίαν δὲ λύ-

112 πην ἐπὶ τῷ καὶ ἄλλω παρεῖναι ἃ καὶ αὐτὸς ἔχει, ἄχθος δὲ λύπην βαρύνουσαν, ἐνόχλησιν λύπην στενοχωροῦσαν καὶ δυσχωρίαν παρασκευάζουσαν, ἀνίαν λύπην ἐκ διαλογισμῶν μένουσαν ἢ ἐπι- τεινομένην, ὀδύνην λύπην ἐπίπονον, σύγχυσιν λύπην ἄλογον, ἀποκναίουσαν καὶ κωλύουσαν τὰ παρόντα συνορᾶν. Ὁ δὲ φόβος ἐστὶ προσδοκία κακοῦ. εἰς δὲ τὸν φόβον ἀνάγεται καὶ ταῦτα· δεῖμα, ὄκνος, αἰσχύνη, ἔκπληξις, θόρυβος, ἀγωνία. δεῖμα μὲν οὖν ἐστὶ φόβος δέος ἐμποιῶν, αἰσχύνη δὲ φόβος ἀδοξίας, ὄκνος δὲ φόβος μελλούσης ἐνεργείας, ἔκπληξις δὲ φόβος

113 ἐκ φαντασίας ἀσυνήθους πράγματος, θόρυβος δὲ φόβος μετὰ κατεπείξεως φωνῆς, ἀγωνία δὲ <φόβος ἀδήλου πράγματος>.

Ἡ δ' ἐπιθυμία ἐστὶν ἄλογος ὄρεξις, ὑφ' ἣν τάττεται καὶ ταῦτα· σπάνις, μῖσος, φιλονεικία, ὀργή, ἔρως, μῆνις, θυμός. ἐστὶ δ' ἢ μὲν σπάνις ἐπιθυμία τις ἐν ἀποτεύξει καὶ οἶον κεχω- ρισμένη ἐκ τοῦ πράγματος, τεταμένη δὲ διακενῆς ἐπ' αὐτὸ καὶ σπωμένη· μῖσος δ' ἐστὶν ἐπιθυμία τις τοῦ κακῶς εἶναί τι μετὰ προκοπῆς τινος καὶ παρατάσεως· φιλονεικία δ' ἐπιθυμία τις περὶ αἰρέσεως· ὀργή δ' ἐπιθυμία τιμωρίας τοῦ δοκοῦντος ἡδίκη- κέναι οὐ προσηκόντως· ἔρως δὲ ἐστὶν ἐπιθυμία τις οὐχὶ περὶ σπου- δαίους· ἐστὶ γὰρ ἐπιβολὴ φιλοποιίας διὰ κάλλος ἐμφαινόμενον.

114 μῆνις δὲ ἐστὶν ὀργή τις πεπαλαιωμένη καὶ ἐπίκοτος,

ἐπιτηρη-

τική δέ, ὅπερ ἐμφαίνεται διὰ τῶνδε (II. A 81 sq.)·

εἷ περ γάρ τε χόλον γε καὶ αὐτῆμαρ καταπέψη,
ἀλλά τε καὶ μετόπισθεν ἔχει κότον, ὄφρα τελέσση.

ὁ δὲ θυμός ἐστιν ὀργὴ ἀρχομένη.

Ἡδονὴ δὲ ἐστιν ἄλογος ἔπαρσις ἐφ' αἵρετῶ δοκοῦντι

ὑπάρχειν,

ὅφ' ἦν τάττεται κήλησις, ἐπιχαιρεκακία, τέρψις, διάχυσις.

κήλη-

σις μὲν οὖν ἐστιν ἡδονὴ δι' ὧτων κατακηλοῦσα·

ἐπιχαιρεκακία

δὲ ἡδονὴ ἐπ' ἄλλοτρίοις κακοῖς· τέρψις δέ, οἶον τρέψις,

προτροπή

τις ψυχῆς ἐπὶ τὸ ἀνειμένον· διάχυσις δ' ἀνάλυσις ἀρετῆς.

115 Ὡς δὲ λέγεταιί τινα ἐπὶ τοῦ σώματος ἀρρωστήματα,

οἶον

ποδάγρα καὶ ἀρθρίτιδες, οὕτω κάπὶ τῆς ψυχῆς φιλοδοξία

καὶ

φιληδονία καὶ τὰ παραπλήσια. τὸ γὰρ ἀρρώστημά ἐστι

νόσημα

μετ' ἀσθενείας, τὸ δὲ νόσημα οἴησις σφόδρα δοκοῦντος

αἵρετοῦ.

καὶ ὡς ἐπὶ τοῦ σώματος εὐεμπτωσίαι τινὲς λέγονται, οἶον

κατάρ-

ρους καὶ διάρροια, οὕτω κάπὶ τῆς ψυχῆς εἰσιν

εὐκαταφορίαι, οἶον

φθονερία, ἐλεημοσύνη, ἔριδες καὶ τὰ παραπλήσια.

116 Εἶναι δὲ καὶ εὐπαθείας φασὶ τρεῖς, χαράν, εὐλάβειαν,

βούλησιν.

καὶ τὴν μὲν χαράν ἐναντίαν φασὶν εἶναι τῇ ἡδονῇ, οὔσαν

εὐλογον

ἔπαρσιν· τὴν δ' εὐλάβειαν τῷ φόβῳ, οὔσαν εὐλογον

ἔκκλισιν.

φοβηθήσεσθαι μὲν γὰρ τὸν σοφὸν οὐδαμῶς,

εὐλαβηθήσεσθαι δέ.

τῇ δ' ἐπιθυμία ἐναντίαν φασὶν εἶναι τὴν βούλησιν, οὔσαν εὐλογον

ὄρεξιν. καθάπερ οὖν ὑπὸ τὰ πρῶτα πάθη πίπτει τινά, τὸν αὐτὸν

τρόπον καὶ ὑπὸ τὰς πρώτας εὐπαθείας· καὶ ὑπὸ μὲν τὴν βούλησιν

εὐνοίαν, εὐμένειαν, ἀσπασμόν, ἀγάπησιν· ὑπὸ δὲ τὴν εὐλάβειαν

αἰδῶ, ἀγνεΐαν· ὑπὸ δὲ τὴν χαρὰν τέρψιν, εὐφροσύνην, εὐθυμίαν.

117 Φασὶ δὲ καὶ ἀπαθῆ εἶναι τὸν σοφόν, διὰ τὸ ἀνέμπτωτον εἶναι·

εἶναι δὲ καὶ ἄλλον ἀπαθῆ τὸν φαῦλον, ἐν ἴσῳ λεγόμενον τῷ σκληρῷ καὶ ἀτέγκτῳ. ἄτυφόν τ' εἶναι τὸν σοφόν· ἴσως γὰρ ἔχειν

πρὸς τε τὸ ἔνδοξον καὶ τὸ ἄδοξον. εἶναι δὲ καὶ ἄλλον ἄτυφον,

κατὰ τὸν εἰκαῖον τεταγμένον, ὅς ἐστι φαῦλος. καὶ αὐστηροῦς

δέ φασιν εἶναι πάντας τοὺς σπουδαίους τῷ μήτ' αὐτοῦς πρὸς

ἡδονὴν ὁμιλεῖν μήτε παρ' ἄλλων τὰ πρὸς ἡδονὴν προσδέχεσθαι.

καὶ ἄλλον δὲ εἶναι αὐστηρόν, παραπλησίως λεγόμενον τῷ αὐστηρῷ

οἴνω, ᾧ πρὸς μὲν φαρμακοποιίαν χρῶνται, πρὸς δὲ πρόποσιν οὐ πάνυ.

118 Ἀκιβδήλους τοὺς σπουδαίους φυλακτικούς τ' εἶναι τοῦ ἐπὶ

τὸ βέλτιον αὐτοῦς παριστάνειν, διὰ παρασκευῆς τῆς τὰ φαῦλα μὲν

ἀποκρυπτούσης, τὰ δ' ὑπάρχοντα ἀγαθὰ φαίνεσθαι ποιούσης.

ἀπλάστους <τε>· περιηρηκέναι γὰρ ἐν τῇ φωνῇ τὸ πλάσμα

καὶ τῷ
εἶδει. ἀπράγμονάς τ' εἶναι· ἐκκλίνειν γὰρ τὸ πράττειν τι
παρὰ
τὸ καθῆκον. καὶ οἴνωθήσεσθαι μὲν, οὐ μεθυσθήσεσθαι δέ.
ἔτι
δ' οὐδὲ μανήσεσθαι· προσπεσεῖσθαι μέντοι ποτὲ αὐτῷ
φαντασίας
ἀλλοκότους διὰ μελαγχολίαν ἢ λήρησιν, οὐ κατὰ τὸν τῶν
αἵρετῶν
λόγον, ἀλλὰ παρὰ φύσιν. οὐδὲ μὴν λυπηθήσεσθαι τὸν σοφόν,
διὰ
τὸ τὴν λύπην ἄλογον εἶναι συστολὴν τῆς ψυχῆς, ὡς
Ἀπολλόδωρός
φησιν ἐν τῇ Ἠθικῇ.

119 Θεῖους τ' εἶναι· ἔχειν γὰρ ἐν ἑαυτοῖς οἶονεὶ θεόν. τὸν δὲ
φαῦλον
ἄθεον. διττὸν δ' εἶναι τὸν ἄθεον, τὸν τ' ἐναντίως τῷ θείῳ
λεγό-
μενον καὶ τὸν ἐξουθενητικὸν τοῦ θείου· ὅπερ οὐκ εἶναι περὶ
πάντα
φαῦλον. θεοσεβεῖς τε τοὺς σπουδαίους· ἐμπείρους γὰρ εἶναι
τῶν
περὶ θεοῦ νομίμων· εἶναί τε τὴν εὐσέβειαν ἐπιστήμην θεῶν
θεραπείας. ἀλλὰ μὴν καὶ θύσειν αὐτοὺς θεοῖς ἀγνοοῦς θ'
ὑπάρχειν·
ἐκνεύειν γὰρ τὰ περὶ θεοῦ ἀμαρτήματα. καὶ τοὺς θεοὺς
ἄγασθαι
αὐτούς· ὁσίους τε γὰρ εἶναι καὶ δικαίους πρὸς τὸ θεῖον.
μόνοους θ'
ἱερέας τοὺς σοφοὺς· ἐπεσκέφθαι γὰρ περὶ θυσιῶν,
ἰδρύσεων,
καθαρμῶν, καὶ τῶν ἄλλων τῶν πρὸς τοὺς θεοὺς οἰκείων.
120 Δοκεῖ δ' αὐτοῖς καὶ γονέας σεβήσεσθαι καὶ ἀδελφοὺς ἐν
δευτέρᾳ
μοίρᾳ μετὰ τοὺς θεοὺς. φασὶ δὲ καὶ τὴν πρὸς τὰ τέκνα φιλο-

στοργίαν φυσικὴν εἶναι αὐτοῖς καὶ ἐν φαύλοις μὴ εἶναι.
ἀρέσκει

τ' αὐτοῖς ἴσα ἡγεῖσθαι τὰ ἀμαρτήματα, καθά φησι
Χρύσιππος

ἐν τῷ τετάρτῳ τῶν Ἠθικῶν ζητημάτων καὶ Περσαῖος καὶ
Ζήνων.

εἰ γὰρ ἀληθὲς ἀληθοῦς μᾶλλον οὐκ ἔστιν, οὐδὲ ψεῦδος
ψεύδους·

οὕτως οὐδ' ἀπάτη ἀπάτης, οὐδ' ἀμάρτημα ἀμαρτήματος.
καὶ γὰρ

ὁ ἑκατὸν σταδίους ἀπέχων Κανώβου καὶ ὁ ἕνα ἐπίσης οὐκ
εἰσὶν

ἐν Κανώβῳ· οὕτω καὶ ὁ πλεόν καὶ ὁ ἔλαττον ἀμαρτάνων
ἐπίσης

121 οὐκ εἰσὶν ἐν τῷ κατορθοῦν. Ἡρακλείδης μέντοι ὁ
Ταρσεύς,

Ἀντιπάτρου τοῦ Ταρσεῶς γνώριμος, καὶ Ἀθηνόδωρος ἄνισά
φασι

τὰ ἀμαρτήματα.

Πολιτεύσεσθαι φασὶ τὸν σοφὸν ἂν μὴ τι κωλύη, ὡς φησι
Χρύσιππος ἐν πρώτῳ Περὶ βίων· καὶ γὰρ κακίαν ἐφέξειν καὶ
ἐπ'

ἀρετὴν παρορμήσειν. καὶ γαμήσειν, ὡς ὁ Ζήνων φησὶν ἐν
Πολι-

τείᾳ, καὶ παιδοποιήσεσθαι. ἔτι τε μὴ δοξάσειν τὸν σοφόν,
τουτέστι ψεύδει μὴ συγκαταθήσεσθαι μηδενί. κυνιεῖν τ'
αὐτόν·

εἶναι γὰρ τὸν κυνισμόν σύντομον ἐπ' ἀρετὴν ὁδόν, ὡς
Ἀπολλό-

δώρος ἐν τῇ Ἠθικῇ. γεύσεσθαι τε καὶ ἀνθρωπίνων σαρκῶν
κατὰ

περίστασιν. μόνον τ' ἐλεύθερον, τοὺς δὲ φαύλους δούλους·
εἶναι

γὰρ τὴν ἐλευθερίαν ἐξουσίαν αὐτοπραγίας, τὴν δὲ δουλείαν
στέρη-

122 σιν αὐτοπραγίας. εἶναι δὲ καὶ ἄλλην δουλείαν τὴν ἐν ὑποτάξει καὶ τρίτην τὴν ἐν κτήσει τε καὶ ὑποτάξει, ἣ ἀντιτίθεται ἡ δεσποτεία, φαύλη οὕσα καὶ αὕτη. οὐ μόνον δ' ἐλευθέρους εἶναι τοὺς σοφοὺς, ἀλλὰ καὶ βασιλέας, τῆς βασιλείας οὕσης ἀρχῆς ἀνυπευθύνου, ἣτις περὶ μόνους ἂν τοὺς σοφοὺς συσταίῃ, καθά φησι Χρύσιππος ἐν τῷ Περὶ τοῦ κυρίως κεχρηῆσθαι Ζήνωνα τοῖς ὀνόμασιν· ἐγνω- κέναι γὰρ φησι δεῖν τὸν ἄρχοντα περὶ ἀγαθῶν καὶ κακῶν, μηδένα δὲ τῶν φαύλων ἐπίστασθαι ταῦτα. ὁμοίως δὲ καὶ ἀρχικοὺς δικαστικούς τε καὶ ῥητορικοὺς μόνους εἶναι, τῶν δὲ φαύλων οὐδένα. ἔτι καὶ ἀναμαρτήτους, τῷ ἀπεριπτώτους εἶναι ἀμαρτή-

123 ματι. ἀβλαβεῖς τ' εἶναι· οὐ γὰρ ἄλλους βλάπτειν οὐθ' αὐτούς. ἐλεήμονάς τε μὴ εἶναι συγγνώμην τ' ἔχειν μηδενί· μὴ γὰρ παριέναι τὰς ἐκ τοῦ νόμου ἐπιβαλλούσας κολάσεις, ἐπεὶ τό γ' εἴκειν καὶ ὁ ἔλεος αὐτῆ θ' ἡ ἐπιείκεια οὐδένειά ἐστι ψυχῆς πρὸς κολάσεις προσποιουμένης χρηστότητα· μηδ' οἶεσθαι σκληροτέρας αὐτὰς εἶναι. ἔτι γε τὸν σοφὸν οὐδὲν θαυμάζειν τῶν δοκούντων παραδόξων, οἷον Χαρώνεια καὶ ἀμπώτιδας καὶ πηγὰς θερμῶν ὑδάτων καὶ πυρὸς ἀναφυσήματα. ἀλλὰ μὴν οὐδ' ἐν ἐρημίᾳ φασὶ βιώσεται ὁ σπουδαῖος· κοινωνικὸς γὰρ φύσει καὶ πρακτικὸς.

τὴν

μέντοι ἄσκησιν ἀποδέξεται ὑπὲρ τῆς τοῦ σώματος ὑπομονῆς.

124 Εὕξεταί τε, φασίν, ὁ σοφός, αἰτούμενος τὰ ἀγαθὰ παρὰ τῶν

θεῶν, καθά φησι Ποσειδώνιος ἐν τῷ πρώτῳ Περὶ καθηκόντων

καὶ Ἑκάτων ἐν τρίτῳ Περὶ παραδόξων. λέγουσι δὲ καὶ τὴν φιλίαν

ἐν μόνοις τοῖς σπουδαίοις εἶναι, διὰ τὴν ὁμοιότητα· φασὶ δ' αὐτὴν κοινωσίαν τινὰ εἶναι τῶν κατὰ τὸν βίον, χρωμένων ἡμῶν

τοῖς φίλοις ὡς ἑαυτοῖς. δι' αὐτόν θ' αἰρετὸν τὸν φίλον ἀποφαίνονται καὶ τὴν πολυφιλίαν ἀγαθόν. ἔν τε τοῖς φαύλοις μὴ εἶναι φιλίαν μηδενί τε τῶν φαύλων φίλον εἶναι. πάντας τε τοὺς

ἄφρονας μαίνεσθαι· οὐ γὰρ φρονίμους εἶναι, ἀλλὰ κατὰ τὴν ἴσην

τῇ ἀφροσύνῃ μανίαν πάντα πράττειν.

125 Πάντα τ' εὖ ποιεῖν τὸν σοφόν, ὡς καὶ πάντα φαμέν τὰ αὐλή-

ματα εὖ αὐλεῖν τὸν Ἰσμηνίαν. καὶ τῶν σοφῶν δὲ πάντα εἶναι· δεδωκέναι γὰρ αὐτοῖς παντελεῖ ἔξουσίαν τὸν νόμον. τῶν δὲ φαύλων εἶναί τινα λέγεται, ὃν τρόπον καὶ τῶν ἀδίκων, ἄλλως μὲν

τῆς πόλεως, ἄλλως δὲ τῶν χρωμένων φαμέν.

Τὰς δ' ἀρετὰς λέγουσιν ἀντακολουθεῖν ἀλλήλαις καὶ τὸν μίαν

ἔχοντα πάσας ἔχειν· εἶναι γὰρ αὐτῶν τὰ θεωρήματα κοινά, καθάπερ Χρύσιππος ἐν τῷ πρώτῳ Περὶ ἀρετῶν φησιν, Ἀπολλό-

δωρος δὲ ἐν τῇ Φυσικῇ κατὰ τὴν ἀρχαίαν, Ἑκάτων δὲ ἐν τῷ

126 τρίτῳ Περὶ ἀρετῶν (Gomoll 7). τὸν γὰρ ἐνάρετον θεωρητικόν τ'

εἶναι καὶ πρακτικόν τῶν ποιητέων. τὰ δὲ ποιητέα καὶ

αίρετέα

ἐστὶ καὶ ὑπομενητέα καὶ ἐμμενετέα καὶ ἀπονεμητέα, ὥστ' εἰ
τὰ

μὲν αἰρετικῶς ποιεῖ, τὰ δ' ὑπομενητικῶς, τὰ δ'

ἀπονεμητικῶς, τὰ

δ' ἐμμενητικῶς, φρόνιμός τ' ἐστὶ καὶ ἀνδρεῖος καὶ δίκαιος
καὶ

σώφρων. κεφαλαιοῦσθαί θ' ἐκάστην τῶν ἀρετῶν περὶ τι
ἴδιον

κεφάλαιον, οἷον τὴν ἀνδρείαν περὶ τὰ ὑπομενητέα, τὴν
φρόνησιν

περὶ τὰ ποιητέα καὶ μὴ καὶ οὐδέτερα· ὁμοίως τε καὶ τὰς
ἄλλας

περὶ τὰ οἰκεῖα τρέπεσθαι. ἔπονται δὲ τῇ μὲν φρονήσει
εὐβουλία

καὶ σύνεσις, τῇ δὲ σωφροσύνη εὐταξία καὶ κοσμιότης, τῇ δὲ
δικαιοσύνη ἰσότης καὶ εὐγνωμοσύνη, τῇ δὲ ἀνδρεία

ἀπαραλλαξία

καὶ εὐτονία.

127 Ἄρῃσκει δ' αὐτοῖς μηδὲν μεταξὺ εἶναι ἀρετῆς καὶ
κακίας,

τῶν Περιπατητικῶν μεταξὺ ἀρετῆς καὶ κακίας εἶναι
λεγόντων

τὴν προκοπὴν· ὡς γὰρ δεῖν φασιν ἢ ὀρθὸν εἶναι ξύλον ἢ
στρεβλόν,

οὕτως ἢ δίκαιον ἢ ἄδικον, οὔτε δὲ δικαιότερον οὔτ'
ἀδικώτερον,

καὶ ἐπὶ τῶν ἄλλων ὁμοίως. καὶ μὴν τὴν ἀρετὴν Χρύσιππος
μὲν

ἀποβλητὴν, Κλεάνθης δὲ ἀναπόβλητον· ὁ μὲν ἀποβλητὴν
διὰ

μέθην καὶ μελαγχολίαν, ὁ δὲ ἀναπόβλητον διὰ βεβαίους
κατα-

λήψεις· καὶ αὐτὴν δι' <αὐτὴν> αἰρετὴν εἶναι. αἰσχυρόμεθα
γοῦν ἐφ'

οἷς κακῶς πράττομεν, ὡς ἂν μόνον τὸ καλὸν εἰδότες ἀγαθόν.

αὐτάρκη τ' εἶναι αὐτὴν πρὸς εὐδαιμονίαν, καθά φησι Ζήνων καὶ

Χρύσιππος ἐν τῷ πρώτῳ Περὶ ἀρετῶν καὶ Ἐκάτων ἐν τῷ δευ-

128 τέρῳ Περὶ ἀγαθῶν (Gomoll 3). "εἰ γάρ," φησίν,

"αὐτάρκης

ἐστὶν ἡ μεγαλοψυχία πρὸς τὸ πάντων ὑπεράνω ποιεῖν, ἔστι δὲ

μέρος τῆς ἀρετῆς, αὐτάρκης ἐστὶ καὶ ἡ ἀρετὴ πρὸς εὐδαιμονίαν

καταφρονοῦσα καὶ τῶν δοκούντων ὀχληρῶν." ὁ μέντοι Παναίτιος

καὶ Ποσειδώνιος οὐκ αὐτάρκη λέγουσι τὴν ἀρετὴν, ἀλλὰ χρεῖαν

εἶναί φασι καὶ ὑγείας καὶ χορηγίας καὶ ἰσχύος.

Ἄρέσκει δ' αὐτοῖς καὶ διὰ παντὸς χρῆσθαι τῇ ἀρετῇ, ὡς οἱ περὶ Κλεάνθην φασίν· ἀναπόβλητος γάρ ἐστι καὶ πάντοτε τῇ ψυχῇ χρῆται οὔση τελεία ὁ σπουδαῖος. φύσει τε τὸ δίκαιον εἶναι

καὶ μὴ θέσει, ὡς καὶ τὸν νόμον καὶ τὸν ὀρθὸν λόγον, καθά φησι

129 Χρύσιππος ἐν τῷ Περὶ τοῦ καλοῦ. δοκεῖ δ' αὐτοῖς μηδὲ διὰ

τὴν διαφωνίαν ἀφίστασθαι φιλοσοφίας, ἐπεὶ τῷ λόγῳ τούτῳ προλείπειν ὅλον τὸν βίον, ὡς καὶ Ποσειδώνιος φησιν ἐν τοῖς Προτρεπτικοῖς. εὐχρηστεῖν δὲ καὶ τὰ ἐγκύκλια μαθήματά φησιν

ὁ Χρύσιππος.

Ἔτι ἀρέσκει αὐτοῖς μηδὲν εἶναι ἡμῖν δίκαιον πρὸς τὰ ἄλλα ζῶα, διὰ τὴν ἀνομοιότητα, καθά φησι Χρύσιππος ἐν τῷ πρώτῳ

Περὶ δικαιοσύνης καὶ Ποσειδώνιος ἐν πρώτῳ Περὶ καθήκοντος.

καὶ ἐρασθήσεσθαι δὲ τὸν σοφὸν τῶν νέων τῶν ἐμφαινόντων
διὰ
τοῦ εἴδους τὴν πρὸς ἀρετὴν εὐφυΐαν, ὡς φησι Ζήνων ἐν τῇ
Πολιτείᾳ καὶ Χρύσιππος ἐν τῷ πρώτῳ Περὶ βίων καὶ Ἀπολλό-
δωρος ἐν τῇ Ἠθικῇ.

130 Εἶναι δὲ τὸν ἔρωτα ἐπιβολὴν φιλοποιίας διὰ κάλλος
ἐμφαινό-
μενον· καὶ μὴ εἶναι συνουσίας, ἀλλὰ φιλίας. τὸν γοῦν
Θρασωνίδην
καίπερ ἐν ἐξουσίᾳ ἔχοντα τὴν ἐρωμένην, διὰ τὸ μισεῖσθαι
ἀπ-
έχεσθαι αὐτῆς. εἶναι οὖν τὸν ἔρωτα φιλίας, ὡς καὶ
Χρύσιππος ἐν
τῷ Περὶ ἔρωτός φησι· καὶ μὴ εἶναι ἐπίμεμπτον αὐτόν. εἶναι
δὲ
καὶ τὴν ὥραν ἄνθος ἀρετῆς.

Βίων δὲ τριῶν ὄντων, θεωρητικοῦ καὶ πρακτικοῦ καὶ
λογικοῦ,
τὸν τρίτον φασὶν αἰρετέον· γεγονέναι γὰρ ὑπὸ τῆς φύσεως
ἐπί-
τηδες τὸ λογικὸν ζῶον πρὸς θεωρίαν καὶ πρᾶξιν. εὐλόγως
τέ
φασιν ἐξάξειν ἑαυτὸν τοῦ βίου τὸν σοφὸν καὶ ὑπὲρ πατρίδος
καὶ ὑπὲρ φίλων, κἂν ἐν σκληροτέρᾳ γένηται ἀλγηδόνι ἢ
πηρώσεσιν
ἢ νόσοις ἀνιάτοις.

131 Ἀρέσκει δ' αὐτοῖς καὶ κοινὰς εἶναι τὰς γυναῖκας δεῖν
παρὰ
τοῖς σοφοῖς, ὥστε τὸν ἐντυχόντα τῇ ἐντυχούσῃ χρῆσθαι,
καθὰ
φησι Ζήνων ἐν τῇ Πολιτείᾳ καὶ Χρύσιππος ἐν τῷ Περὶ
πολιτείας,
ἀλλ' ἔτι Διογένης ὁ κυνικὸς καὶ Πλάτων. πάντας τε παῖδας
ἐπίσης στέρξομεν πατέρων τρόπον καὶ ἢ ἐπὶ μοιχείᾳ
ζηλοτυπία

περιαιρεθήσεται. πολιτείαν δ' ἀρίστην τὴν μικτὴν ἔκ τε δημοκρατίας καὶ βασιλείας καὶ ἀριστοκρατίας.

Καὶ ἐν μὲν τοῖς ἠθικοῖς δόγμασι τοιαῦτα λέγουσι καὶ τούτων

πλείω μετὰ τῶν οἰκείων ἀποδείξεων· ταῦτα δ' ὡς ἐν κεφαλαίοις

ἡμῖν λελέχθω καὶ στοιχειωδῶς.

132 Τὸν δὲ φυσικὸν λόγον διαιροῦσιν εἰς τε τὸν περὶ σωμάτων

τόπον καὶ περὶ ἀρχῶν καὶ στοιχείων καὶ θεῶν καὶ περάτων καὶ

τόπου καὶ κενοῦ. καὶ οὕτω μὲν εἰδικῶς, γενικῶς δ' εἰς τρεῖς τόπους, τὸν τε περὶ κόσμου καὶ τὸν περὶ τῶν στοιχείων καὶ τρίτον τὸν αἰτιολογικόν.

Τὸν δὲ περὶ τοῦ κόσμου διαιρεῖσθαί φασιν εἰς δύο μέρη. μὴ γὰρ σκέπει ἐπικοινωνεῖν αὐτοῦ καὶ τοὺς ἀπὸ τῶν μαθημάτων,

καθ' ἣν ζητοῦσι περὶ τε τῶν ἀπλανῶν καὶ τῶν πλανωμένων, οἶον

εἰ ὁ ἥλιός ἐστι τηλικούτος ἡλίκος φαίνεται, καὶ ὁμοίως εἰ ἡ σελήνη, καὶ περὶ δινήσεως καὶ τῶν ὁμοίων τούτοις ζητημάτων.

133 ἑτέραν δ' αὐτοῦ σκέψιν εἶναι ἣτις μόνοις τοῖς φυσικοῖς ἐπιβάλλει,

καθ' ἣν ζητεῖται ἢ τ' οὐσία αὐτοῦ [καὶ εἰ ὁ ἥλιος καὶ οἱ ἀστέρες

ἐξ ὕλης καὶ εἶδους] καὶ εἰ γενητὸς ἢ ἀγένητος καὶ εἰ ἔμψυχος ἢ

ἄψυχος καὶ εἰ φθαρτὸς ἢ ἄφθαρτος καὶ εἰ προνοία διοικεῖται καὶ

περὶ τῶν λοιπῶν. τὸν τ' αἰτιολογικὸν εἶναι καὶ αὐτὸν διμερῆ·

μὴ δ' αὐτοῦ ἐπισκέπει ἐπικοινωνεῖν τὴν τῶν ἰατρῶν ζήτησιν,

καθ' ἣν ζητοῦσι περί τε τοῦ ἡγεμονικοῦ τῆς ψυχῆς καὶ τῶν
ἐν
ψυχῇ γινομένων καὶ περὶ σπερμάτων καὶ τῶν τούτοις
ὁμοίων·
τοῦ δ' ἑτέρου καὶ τοὺς ἀπὸ τῶν μαθημάτων ἀντιποιεῖσθαι,
οἶον
πῶς ὀρῶμεν, τίς ἡ αἰτία τῆς κατοπτρικῆς φαντασίας, ὅπως
νέφη
συνίσταται, βρονταὶ καὶ ἴριδες καὶ ἄλλως καὶ κομῆται καὶ τὰ
παραπλήσια.

134 Δοκεῖ δ' αὐτοῖς ἀρχὰς εἶναι τῶν ὅλων δύο, τὸ ποιοῦν
καὶ τὸ
πάσχον. τὸ μὲν οὖν πάσχον εἶναι τὴν ἄποιον οὐσίαν τὴν
ὑλὴν, τὸ
δὲ ποιοῦν τὸν ἐν αὐτῇ λόγον τὸν θεόν· τοῦτον γὰρ αἰδίου
ὄντα
διὰ πάσης αὐτῆς δημιουργεῖν ἕκαστα. τίθησι δὲ τὸ δόγμα
τοῦτο
Ζήνων μὲν ὁ Κιτιεὺς ἐν τῷ Περὶ οὐσίας, Κλεάνθης δ' ἐν τῷ
Περὶ
τῶν ἀτόμων, Χρύσιππος δ' ἐν τῇ πρώτῃ τῶν Φυσικῶν πρὸς
τῷ
τέλει, Ἀρχέδημος δ' ἐν τῷ Περὶ στοιχείων καὶ Ποσειδώνιος
ἐν τῷ
δευτέρῳ τοῦ Φυσικοῦ λόγου. διαφέρειν δέ φασιν ἀρχὰς καὶ
στοιχεῖα· τὰς μὲν γὰρ εἶναι ἀγενήτους <καὶ> ἀφθάρτους,
τὰ δὲ
στοιχεῖα κατὰ τὴν ἐκπύρωσιν φθείρεσθαι. ἀλλὰ καὶ
ἀσωμάτους
εἶναι τὰς ἀρχὰς καὶ ἀμόρφους, τὰ δὲ μεμορφῶσθαι.

135 Σῶμα δ' ἐστίν, ὡς φησιν Ἀπολλόδωρος ἐν τῇ Φυσικῇ, τὸ
τριχῇ διαστατόν, εἰς μῆκος, εἰς πλάτος, εἰς βάθος· τοῦτο
δὲ καὶ
στερεὸν σῶμα καλεῖται. ἐπιφάνεια δ' ἐστὶ σώματος πέρας ἢ
τὸ

μήκος καὶ πλάτος μόνον ἔχον βάθος δ' οὐ· ταύτην δὲ
Ποσειδώνιος
ἐν πέμπτῳ Περὶ μετεώρων καὶ κατ' ἐπίνοιαν καὶ καθ'
ὑπόστασιν
ἀπολείπει. γραμμὴ δ' ἐστὶν ἐπιφανείας πέρασ ἢ μήκος
ἀπλατὲς
ἢ τὸ μήκος μόνον ἔχον. στιγμὴ δ' ἐστὶ γραμμῆς πέρασ, ἣτις
ἐστὶ
σημεῖον ἐλάχιστον.

Ἐν τ' εἶναι θεὸν καὶ νοῦν καὶ εἰμαρμένην καὶ Δία· πολλαῖς
136 τ' ἐτέραις ὀνομασίαις προσονομάζεσθαι. κατ' ἀρχὰς
μὲν οὖν καθ'
αὐτὸν ὄντα τρέπειν τὴν πᾶσαν οὐσίαν δι' ἀέρος εἰς ὕδωρ·
καὶ
ὥσπερ ἐν τῇ γονῇ τὸ σπέρμα περιέχεται, οὕτω καὶ τοῦτον
σπερματικὸν λόγον ὄντα τοῦ κόσμου, τοιόνδε ὑπολείπεσθαι
ἐν τῷ
ὕγρῳ, εὐεργὸν αὐτῷ ποιοῦντα τὴν ὕλην πρὸς τὴν τῶν ἐξῆς
γένεσιν·
εἴτ' ἀπογεννᾶν πρῶτον τὰ τέσσαρα στοιχεῖα, πῦρ, ὕδωρ,
ἀέρα,
γῆν. λέγει δὲ περὶ αὐτῶν Ζήνων τ' ἐν τῷ Περὶ τοῦ ὄλου καὶ
Χρύσιππος ἐν τῇ πρώτῃ τῶν Φυσικῶν καὶ Ἀρχέδημος ἐν τινι
Περὶ στοιχείων. ἔστι δὲ στοιχεῖον ἕξ οὗ πρώτου γίνεται τὰ
137 γινόμενα καὶ εἰς ὃ ἔσχατον ἀναλύεται. τὰ δὲ τέτταρα
στοιχεῖα
εἶναι ὁμοῦ τὴν ἄποιον οὐσίαν τὴν ὕλην· εἶναι δὲ τὸ μὲν πῦρ
τὸ
θερμόν, τὸ δ' ὕδωρ τὸ ὑγρόν, τὸν τ' ἀέρα τὸ ψυχρόν, καὶ
τὴν γῆν
τὸ ξηρόν. οὐ μὴν ἀλλὰ καὶ ἔτι ἐν τῷ ἀέρι εἶναι τὸ αὐτὸ
μέρος.

ἀνωτάτῳ μὲν οὖν εἶναι τὸ πῦρ, ὃ δὲ αἰθέρα καλεῖσθαι, ἐν ᾧ
πρώτην τὴν τῶν ἀπλανῶν σφαῖραν γεννᾶσθαι, εἶτα τὴν τῶν
πλανωμένων· μεθ' ἧν τὸν ἀέρα, εἶτα τὸ ὕδωρ, ὑποστάθμην

δὲ

πάντων τὴν γῆν, μέσσην ἀπάντων οὖσαν.

Λέγουσι δὲ κόσμον τριχῶς· αὐτόν τε τὸν θεὸν τὸν ἐκ τῆς ἀπάσης οὐσίας ἰδίως ποιόν, ὃς δὴ ἄφθαρτός ἐστι καὶ ἀγέννητος, δημιουργὸς ὦν τῆς διακοσμήσεως, κατὰ χρόνων ποιάς περιόδους ἀναλίσκων εἰς ἑαυτὸν τὴν ἅπασαν οὐσίαν καὶ πάλιν ἐξ ἑαυτοῦ

138 γεννῶν· καὶ αὐτὴν δὲ τὴν διακόσμησιν τῶν ἀστέρων κόσμον

εἶναι λέγουσι· καὶ τρίτον τὸ συνεστηκὸς ἐξ ἀμφοῖν. καὶ ἔστι κό-

σμος ὁ ἰδίως ποιὸς τῆς τῶν ὅλων οὐσίας ἢ, ὡς φησι Ποσειδώνιος

ἐν τῇ Μετεωρολογικῇ στοιχειώσει, σύστημα ἐξ οὐρανοῦ καὶ γῆς καὶ τῶν ἐν τούτοις φύσεων ἢ σύστημα ἐκ θεῶν καὶ ἀνθρώπων

καὶ τῶν ἔνεκα τούτων γεγονότων. οὐρανὸς δὲ ἐστὶν ἡ ἐσχάτη

περιφέρεια ἐν ἣ ἅν ἴδρυται τὸ θεῖον.

Τὸν δὲ κόσμον διοικεῖσθαι κατὰ νοῦν καὶ πρόνοιαν, καθά φησι Χρύσιππος τ' ἐν τῷ πέμπτῳ Περὶ προνοίας καὶ Ποσειδώνιος

ἐν τῷ τρισκαιδεκάτῳ Περὶ θεῶν, εἰς ἅπαν αὐτοῦ μέρος διήκοντος

τοῦ νοῦ, καθάπερ ἐφ' ἡμῶν τῆς ψυχῆς· ἀλλ' ἤδη δι' ὧν μὲν μάλ-

139 λον, δι' ὧν δὲ ἦττον. δι' ὧν μὲν γὰρ ὡς ἕξις κεχώρηκεν, ὡς

διὰ τῶν ὀστέων καὶ τῶν νεύρων· δι' ὧν δὲ ὡς νοῦς, ὡς διὰ τοῦ

ἡγεμονικοῦ. οὕτω δὲ καὶ τὸν ὅλον κόσμον ζῶον ὄντα καὶ ἔμψυχον

καὶ λογικόν, ἔχειν ἡγεμονικὸν μὲν τὸν αἰθέρα, καθά φησιν

Ἀντί-

πατρος ὁ Τύριος ἐν τῷ ὀγδόῳ Περὶ κόσμου. Χρύσιππος δ' ἐν τῷ πρώτῳ Περὶ προνοίας καὶ Ποσειδώνιος ἐν τῷ Περὶ θεῶν τὸν

οὐρανόν φασὶ τὸ ἡγεμονικὸν τοῦ κόσμου, Κλεάνθης δὲ τὸν ἥλιον.

ὁ μέντοι Χρύσιππος διαφορώτερον πάλιν τὸ καθαρώτατον τοῦ

αἰθέρος ἐν ταύτῳ, ὃ καὶ πρῶτον θεὸν λέγουσιν αἰσθητικῶς ὥσπερ

κεχωρηκένοι διὰ τῶν ἐν ἀέρι καὶ διὰ τῶν ζώων ἀπάντων καὶ

φυτῶν· διὰ δὲ τῆς γῆς αὐτῆς καθ' ἕξιν.

140 Ἐνα τὸν κόσμον εἶναι καὶ τοῦτον πεπερασμένον, σχῆμ' ἔχοντα

σφαιροειδές· πρὸς γὰρ τὴν κίνησιν ἀρμοδιώτατον τὸ τοιοῦτον,

καθὰ φησὶ Ποσειδώνιος ἐν τῷ πέμπτῳ τοῦ Φυσικοῦ λόγου καὶ οἱ

περὶ Ἀντίπατρον ἐν τοῖς περὶ κόσμου. ἔξωθεν δ' αὐτοῦ περι-
κεχυμένον εἶναι τὸ κενὸν ἄπειρον, ὅπερ ἀσώματον εἶναι·
ἀσώμα-

τον δὲ τὸ οἶόν τε κατέχεσθαι ὑπὸ σωμάτων οὐ
κατεχόμενον· ἐν δὲ

τῷ κόσμῳ μηδὲν εἶναι κενόν, ἀλλ' ἠνῶσθαι αὐτόν· τοῦτο
γὰρ

ἀναγκάζειν τὴν τῶν οὐρανίων πρὸς τὰ ἐπίγεια σύμπνοιαν
καὶ

συντονίαν. φησὶ δὲ περὶ τοῦ κενοῦ Χρύσιππος μὲν ἐν τῷ
Περὶ

κενοῦ καὶ ἐν τῇ πρώτῃ τῶν Φυσικῶν τεχνῶν καὶ
Ἀπολλοφάνης ἐν

τῇ Φυσικῇ καὶ Ἀπολλόδωρος καὶ Ποσειδώνιος ἐν δευτέρῳ
τοῦ

Φυσικοῦ λόγου.

141 Εἶναι δὲ καὶ ταῦτα ἀσώματα ὁμοίως. ἔτι δὲ καὶ τὸν
χρόνον
ἀσώματον, διάστημα ὄντα τῆς τοῦ κόσμου κινήσεως.
τούτου δὲ
τὸν μὲν παρωχηκότα καὶ τὸν μέλλοντα ἀπείρους, τὸν δὲ
ἐνεστῶτα
πεπερασμένον. ἀρέσκει δ' αὐτοῖς καὶ φθαρτὸν εἶναι τὸν
κόσμον,
ἅτε γενητὸν τῷ λόγῳ τῶν δι' αἰσθήσεως νοουμένων, οὗ τε
τὰ μέρη
φθαρτά ἐστι, καὶ τὸ ὅλον· τὰ δὲ μέρη τοῦ κόσμου φθαρτά·
εἰς
ἄλληλα γὰρ μεταβάλλει· φθαρτὸς ἄρα ὁ κόσμος. καὶ εἴ τι
ἐπι-
δεκτικόν ἐστι τῆς ἐπὶ τὸ χειρὸν μεταβολῆς, φθαρτόν ἐστι·
καὶ
ὁ κόσμος δέ· ἐξαυχμοῦται γὰρ καὶ ἐξυδατοῦται.

142 Γίνεσθαι δὲ τὸν κόσμον ὅταν ἐκ πυρὸς ἢ οὐσία τραπῆ
δι' αἴρος
εἰς ὑγρότητα, εἶτα τὸ παχυμερὲς αὐτοῦ συστὰν ἀποτελεσθῆ
γῆ, τὸ δὲ λεπτομερὲς ἐξαραιωθῆ, καὶ τοῦτ' ἐπὶ πλεόν
λεπτυνθὲν
πῦρ ἀπογεννήσῃ. εἶτα κατὰ μίξιν ἐκ τούτων φυτά τε καὶ
ζῶα
καὶ τὰ ἄλλα γένη. περὶ δὴ οὗν τῆς γενέσεως καὶ φθορᾶς τοῦ
κόσμου φησὶ Ζήνων μὲν ἐν τῷ Περὶ ὅλου, Χρύσιππος δ' ἐν
τῷ
πρώτῳ τῶν Φυσικῶν καὶ Ποσειδώνιος ἐν πρώτῳ Περὶ
κόσμου
καὶ Κλεάνθης καὶ Ἀντίπατρος ἐν τῷ δεκάτῳ Περὶ κόσμου.
Παναίτιος δ' ἀφθαρτον ἀπεφήνατο τὸν κόσμον.
Ὅτι δὲ καὶ ζῶον ὁ κόσμος καὶ λογικὸν καὶ ἔμψυχον καὶ
νοερὸν καὶ Χρύσιππος ἐν πρώτῳ φησὶν Περὶ προνοίας καὶ
Ἀπολ-

143 λόδωρος [φησιν] ἐν τῇ Φυσικῇ καὶ Ποσειδώνιος· ζῶον

μὲν οὕτως

ὄντα, οὐσίαν ἔμψυχον αἰσθητικήν. τὸ γὰρ ζῶον τοῦ μὴ ζώου κρεῖττον· οὐδὲν δὲ τοῦ κόσμου κρεῖττον· ζῶον ἄρ' ὁ κόσμος.

ἔμψυχον δέ, ὡς δῆλον ἐκ τῆς ἡμετέρας ψυχῆς ἐκεῖθεν οὕσης ἀποσπάσματος. Βόηθος δέ φησιν οὐκ εἶναι ζῶον τὸν κόσμον.

ὅτι θ' εἷς ἐστὶ Ζήνων φησὶν ἐν τῷ Περὶ τοῦ ὅλου καὶ Χρύσιππος

καὶ Ἀπολλόδωρος ἐν τῇ Φυσικῇ καὶ Ποσειδώνιος ἐν πρώτῳ τοῦ Φυσικοῦ λόγου. τὸ δὲ πᾶν λέγεται, ὡς φησιν

Ἀπολλόδωρος,

ὅ τε κόσμος καὶ καθ' ἕτερον τρόπον τὸ ἐκ τοῦ κόσμου καὶ τοῦ

ἔξωθεν κενοῦ σύστημα. ὁ μὲν οὖν κόσμος πεπερασμένος ἐστί,

τὸ δὲ κενὸν ἄπειρον.

144 Τῶν δ' ἄστρον τὰ μὲν ἀπλανῆ συμπεριφέρεσθαι τῷ ὅλῳ οὐρανῷ, τὰ δὲ πλανώμενα κατ' ἰδίας κινεῖσθαι κινήσεις. τὸν δ'

ἥλιον λοξῆν τὴν πορείαν ποιεῖσθαι διὰ τοῦ ζωδιακοῦ κύκλου·

ὁμοίως καὶ τὴν σελήνην ἐλικοειδῆ. εἶναι δὲ τὸν μὲν ἥλιον εἰλικρινὲς πῦρ, καθά φησι Ποσειδώνιος ἐν τῷ ἐβδόμῳ Περὶ μετεώρων· καὶ μείζονα τῆς γῆς, ὡς ὁ αὐτὸς ἐν τῷ ἕκτῳ τοῦ Φυσικοῦ λόγου· ἀλλὰ καὶ σφαιροειδῆ, ὡς οἱ περὶ αὐτὸν τοῦτόν

φασιν, ἀναλόγως τῷ κόσμῳ. πῦρ μὲν οὖν εἶναι, ὅτι τὰ πυρὸς πάντα ποιεῖ· μείζω δὲ τῆς γῆς τῷ πᾶσαν ὑπ' αὐτοῦ φωτίζεσθαι,

ἀλλὰ καὶ τὸν οὐρανόν. καὶ τὸ τὴν γῆν δὲ κωνοειδῆ σκιὰν ἀπο-

τελεῖν τὸ μείζονα εἶναι σημαίνει· πάντοθεν δὲ βλέπεσθαι διὰ τὸ

μέγεθος.

145 Γεωδεστέραν δὲ τὴν σελήνην, ἅτε καὶ προσγειοτέραν οὕσαν.

τρέφεσθαι δὲ τὰ ἔμπυρα ταῦτα καὶ τὰ ἄλλα ἄστρα, τὸν μὲν ἥλιον

ἐκ τῆς μεγάλης θαλάττης νοερὸν ὄντα ἀνάμμα· τὴν δὲ σελήνην ἐκ

ποτίμων ὑδάτων, ἀερομιγῆ τυγχάνουσιν καὶ πρόσγειον οὕσαν,

ὡς ὁ Ποσειδώνιος ἐν τῷ ἔκτῳ τοῦ Φυσικοῦ λόγου· τὰ δ' ἄλλα ἀπὸ

τῆς γῆς. δοκεῖ δ' αὐτοῖς σφαιροειδῆ εἶναι καὶ τὰ ἄστρα καὶ τὴν

γῆν ἀκίνητον οὕσαν. τὴν δὲ σελήνην οὐκ ἴδιον ἔχειν φῶς, ἀλλὰ

παρ' ἡλίου λαμβάνειν ἐπιλαμπομένην.

Ἐκλείπειν δὲ τὸν μὲν ἥλιον ἐπιπροσθούσης αὐτῷ σελήνης
κατὰ τὸ πρὸς ἡμᾶς μέρος, ὡς Ζήνων ἀναγράφει ἐν τῷ Περὶ
τοῦ

146 ὄλου. φαίνεται γὰρ ὑπερχομένη ταῖς συνόδοις καὶ
ἀποκρύπτουσα
αὐτὸν καὶ πάλιν παραλλάττουσα· γνωρίζεται δὲ τοῦτο διὰ
λεκάνης
ὑδωρ ἐχούσης. τὴν δὲ σελήνην ἐμπίπτουσιν εἰς τὸ τῆς γῆς
σκίασμα· ὅθεν καὶ ταῖς πανσελήνοισι ἐκλείπειν μόνας,
καίπερ
κατὰ διάμετρον ἰσταμένην κατὰ μῆνα τῷ ἡλίῳ, ὅτι κατὰ
λοξοῦ ὡς
πρὸς τὸν ἥλιον κινουμένη παραλλάττει τῷ πλάτει, ἢ
βορειότερα ἢ
νοτιωτέρα γινομένη. ὅταν μέντοι τὸ πλάτος αὐτῆς κατὰ
τὸν
ἡλιακὸν καὶ τὸν διὰ μέσων γένηται, εἴτα διαμετρήσῃ τὸν
ἥλιον,
τότ' ἐκλείπει· γίνεται δὲ τὸ πλάτος αὐτῆς κατὰ τὸν διὰ
μέσων
ἐν χηλαῖς καὶ σκορπίῳ καὶ κριῶ καὶ ταύρω, ὡς οἱ περὶ τὸν
Ποσειδώνιον.

147 Θεὸν δ' εἶναι ζῶον ἀθάνατον, λογικόν, τέλειον ἢ νοερὸν
ἐν
εὐδαιμονίᾳ, κακοῦ παντὸς ἀνεπίδεκτον, προνοητικὸν
κόσμου τε
καὶ τῶν ἐν κόσμῳ· μὴ εἶναι μέντοι ἀνθρωπόμορφον. εἶναι δὲ
τὸν
μὲν δημιουργὸν τῶν ὄλων καὶ ὡσπερ πατέρα πάντων
κοινῶς τε
καὶ τὸ μέρος αὐτοῦ τὸ διῆκον διὰ πάντων, ὃ πολλαῖς
προσηγορίαις
προσονομάζεται κατὰ τὰς δυνάμεις. Δία μὲν γάρ φασι δι' ὄν
τὰ

πάντα, Ζῆνα δὲ καλοῦσι παρ' ὅσον τοῦ ζῆν αἴτιός ἐστιν ἢ
διὰ
τοῦ ζῆν κεχώρηκεν, Ἀθηνᾶν δὲ κατὰ τὴν εἰς αἰθέρα
διάτασιν
τοῦ ἡγεμονικοῦ αὐτοῦ, Ἥραν δὲ κατὰ τὴν εἰς ἀέρα, καὶ
Ἥφαιστον
κατὰ τὴν εἰς τὸ τεχνικὸν πῦρ, καὶ Ποσειδῶνα κατὰ τὴν εἰς
τὸ
ὕγρὸν, καὶ Δήμητραν κατὰ τὴν εἰς γῆν· ὁμοίως δὲ καὶ τὰς
ἄλλας
προσηγορίας ἐχόμενοί τινος οἰκειότητος ἀπέδοσαν.
148 Οὐσίαν δὲ θεοῦ Ζήνων μὲν φησι τὸν ὅλον κόσμον καὶ
τὸν
οὐρανόν, ὁμοίως δὲ καὶ Χρύσιππος ἐν τῷ πρώτῳ Περὶ θεῶν
καὶ
Ποσειδώνιος ἐν πρώτῳ Περὶ θεῶν. καὶ Ἀντίπατρος ἐν
ἐβδόμῳ
Περὶ κόσμου ἀεροειδῆ φησιν αὐτοῦ τὴν οὐσίαν· Βόηθος δὲ
ἐν τῇ
Περὶ φύσεως οὐσίαν θεοῦ τὴν τῶν ἀπλανῶν σφαῖραν. φύσιν
δὲ
ποτὲ μὲν ἀποφαίνονται τὴν συνέχουσαν τὸν κόσμον, ποτὲ δὲ
τὴν
φύουσαν τὰ ἐπὶ γῆς. ἔστι δὲ φύσις ἕξις ἐξ αὐτῆς κινουμένη
κατὰ
σπερματικούς λόγους ἀποτελοῦσά τε καὶ συνέχουσα τὰ ἐξ
αὐτῆς
ἐν ὠρισμένοις χρόνοις καὶ τοιαῦτα δρῶσα ἀφ' οἴων
ἀπεκρίθη.
149 ταύτην δὲ καὶ τοῦ συμφέροντος στοχάζεσθαι καὶ
ἡδονῆς, ὡς δῆλον
ἐκ τῆς τοῦ ἀνθρώπου δημιουργίας. καθ' εἰμαρμένην δέ φησι
τὰ
πάντα γίνεσθαι Χρύσιππος ἐν τοῖς Περὶ εἰμαρμένης καὶ
Ποσει-

δώνιος ἐν δευτέρῳ Περὶ εἰμαρμένης καὶ Ζήνων, Βόηθος δ' ἐν

πρώτῳ Περὶ εἰμαρμένης. ἔστι δ' εἰμαρμένη αἰτία τῶν ὄντων εἰρομένη ἢ λόγος καθ' ὃν ὁ κόσμος διεξάγεται. καὶ μὴν καὶ μαντικὴν ὑφεστάναι πᾶσάν φασιν, εἰ καὶ πρόνοιαν εἶναι· καὶ αὐτὴν

καὶ τέχνην ἀποφαίνουσι διὰ τινὰς ἐκβάσεις, ὡς φησὶ Ζήνων τε

καὶ Χρύσιππος ἐν τῷ δευτέρῳ Περὶ μαντικῆς καὶ Ἀθηνόδωρος

καὶ Ποσειδώνιος ἐν τῷ δυοδεκάτῳ τοῦ Φυσικοῦ λόγου καὶ ἐν τῷ

πέμπτῳ Περὶ μαντικῆς. ὁ μὲν γὰρ Παναίτιος ἀνυπόστατον αὐτὴν φησιν.

150 Οὐσίαν δέ φασὶ τῶν ὄντων ἀπάντων τὴν πρώτην ὕλην, ὡς καὶ

Χρύσιππος ἐν τῇ πρώτῃ τῶν Φυσικῶν καὶ Ζήνων. ὕλη δέ ἐστὶν ἐξ

ἧς ὀτιδηποτοῦν γίνεται. καλεῖται δὲ διχῶς, οὐσία τε καὶ ὕλη,

ἢ τε τῶν πάντων καὶ ἢ τῶν ἐπὶ μέρους. ἢ μὲν οὖν τῶν ὅλων οὔτε

πλείων οὔτ' ἐλάττων γίνεται, ἢ δὲ τῶν ἐπὶ μέρους <καὶ πλείων

καὶ ἐλάττων>. σῶμα δέ ἐστι κατ' αὐτοῦς ἢ οὐσία, καὶ πεπερασμένη

καθὰ φησὶν Ἀντίπατρος ἐν δευτέρῳ Περὶ οὐσίας καὶ Ἀπολλόδωρος ἐν τῇ Φυσικῇ. καὶ παθητὴ δέ ἐστὶν, ὡς ὁ αὐτός φησιν· εἰ

γὰρ ἦν ἄτρεπτος, οὐκ ἂν τὰ γινόμενα ἐξ αὐτῆς ἐγίνετο· ἔνθεν

κάκ<ολουθ>εῖν ὡς ἢ τε τομὴ εἰς ἄπειρόν ἐστὶν. (ἦν ἄπειρον <οὐκ εἰς ἄπειρόν> φησὶν ὁ Χρύσιππος· οὐ γὰρ ἐστὶ τι ἄπειρον,

εἰς ὃ γίνεται ἡ τομή. ἀλλ' ἀκατάληκτός ἐστι.)

151 Καὶ τὰς κράσεις δὲ διόλου γίνεσθαι, καθά φησιν ὁ Χρύσιππος ἐν τῇ τρίτῃ τῶν Φυσικῶν, καὶ μὴ κατὰ περιγραφὴν καὶ παράθεσιν· καὶ γὰρ εἰς πέλαγος ὀλίγος οἶνος βληθεὶς ἐπὶ ποσὸν ἀντιπαρεκταθήσεται, εἴτα συμφθαρῆσεται.

Φασὶ δ' εἶναι καὶ τινὰς δαίμονας ἀνθρώπων συμπάθειαν ἔχον-
τας, ἐπόπτας τῶν ἀνθρωπείων πραγμάτων· καὶ ἥρωας τὰς ὑπολελειμμένας τῶν σπουδαίων ψυχάς.

Τῶν δ' ἐν ἀέρι γινομένων χειμῶνα μὲν εἶναί φησι τὸν ὑπὲρ γῆς ἀέρα κατεψυγμένον διὰ τὴν τοῦ ἡλίου πρόσω ἄφοδον, ἔαρ δὲ

152 τὴν εὐκρασίαν τοῦ ἀέρος κατὰ τὴν πρὸς ἡμᾶς πορείαν. Θέρος δὲ

τὸν ὑπὲρ γῆς ἀέρα καταθαλπόμενον τῇ τοῦ ἡλίου πρὸς ἄρκτον

πορεία, μετόπωρον δὲ τῇ παλινδρομίᾳ τοῦ ἡλίου ἀφ' ἡμῶν γίνε-

σθαι. <τοὺς δ' ἀνέμους ἀέρος εἶναι ῥύσεις·

παραλλαττούσας δὲ

τὰς ἐπωνυμίας γίνεσθαι> παρὰ τοὺς τόπους ἀφ' ὧν ῥέουσι. τῆς

δὲ γενέσεως αὐτῶν αἴτιον γίνεσθαι τὸν ἥλιον ἔξατμίζοντα τὰ

νέφη. Ἴριν δ' εἶναι αὐγὰς ἀφ' ὑγρῶν νεφῶν ἀνακεκλασμένας ἢ, ὡς

Ποσειδώνιός φησιν ἐν τῇ Μετεωρολογικῇ, ἔμφασιν ἡλίου τμή-

ματος ἢ σελήνης ἐν νέφει δεδροσισμένῳ κοίλῳ καὶ συνεχεῖ πρὸς

φαντασίαν, ὡς ἐν κατόπτρῳ φανταζομένην κατὰ κύκλου περι-

φέρειαν. κομήτας δὲ καὶ πωγωνίας καὶ λαμπαδίας πυρὰ εἶναι

ὑφεστῶτα πάχους ἀέρος εἰς τὸν αἰθερώδη τόπον
ἀνενεχθέντος.

153 σέλας δὲ πυρὸς ἀθρόου ἕξαψιν ἐν ἀέρι φερομένου
ταχέως καὶ
φαντασίαν μήκους ἐμφαίνοντος. ὑετὸν δ' ἐκ νέφους
μεταβολὴν εἰς
ὔδωρ, ἐπειδὴν ἢ ἐκ γῆς ἢ ἐκ θαλάττης ἀνενεχθεῖσα ὑγρασία
ὑφ'

ἡλίου [καὶ] μὴ τυγχάνη κατεργασίας· καταψυχθὲν δὲ τοῦτο
πάχνην καλεῖσθαι. χάλαζαν δὲ νέφος πεπηγός, ὑπὸ
πνεύματος

διαθρυφθέν· χιόνα δ' ὑγρὸν ἐκ νέφους πεπηγός, ὡς
Ποσειδώνιος

ἐν τῷ ὀγδόῳ τοῦ Φυσικοῦ λόγου· ἀστραπὴν δ' ἕξαψιν νεφῶν
παρατριβομένων ἢ ῥηγνυμένων ὑπὸ πνεύματος, ὡς Ζήνων
ἐν τῷ

Περὶ τοῦ ὄλου· βροντὴν δὲ τὸν τούτων ψόφον ἐκ
παρατρίψεως ἢ

154 ῥήξεως· κεραυνὸν δ' ἕξαψιν σφοδρὰν μετὰ πολλῆς βίας
πί-

πτουσάν ἐπὶ γῆς, νεφῶν παρατριβομένων ἢ ῥηγνυμένων ὑπὸ
πνεύ-

ματος. οἱ δὲ συστροφὴν πυρώδους ἀέρος βιαίως
καταφερομένην.

τυφῶνα δὲ κεραυνὸν πολύν, βίαιον καὶ πνευματώδη ἢ
πνεῦμα

καπνώδες ἐρρωγός νέφους· πρηστῆρα <δὲ> νέφος
περισχισθὲν

πυρὶ μετὰ πνεύματος. <σεισμοὺς δὲ γίνεσθαι ῥυέντος
πνεύματος>

εἰς τὰ κοιλώματα τῆς γῆς ἢ καθειρχθέντος πνεύματος ἐν
τῇ γῇ,

καθὰ φησι Ποσειδώνιος ἐν τῇ ὀγδόῃ· εἶναι δ' αὐτῶν τοὺς
μὲν

σεισματίας, τοὺς δὲ χασματίας, τοὺς δὲ κλιματίας, τοὺς δὲ

βρασματίας.

155 Ἀρέσκει δ' αὐτοῖς καὶ τὴν διακόσμησιν ὧδε ἔχειν· μέσην τὴν

γῆν κέντρου λόγον ἐπέχουσιν, μεθ' ἣν τὸ ὕδωρ

σφαιροειδές,

ἔχον τὸ αὐτὸ κέντρον τῆ γῆ, ὥστε τὴν γῆν ἐν ὕδατι εἶναι· μετὰ

τὸ ὕδωρ δ' ἀέρα ἐσφαιρωμένον. κύκλους δ' εἶναι ἐν τῷ οὐρανῷ

πέντε, ὧν πρῶτον ἀρκτικὸν ἀεὶ φαινόμενον, δεύτερον τροπικὸν

θερινόν, τρίτον ἰσημερινόν, τέταρτον χειμερινὸν τροπικόν, πέμ-

πτον ἀνταρκτικὸν ἀφανῆ. λέγονται δὲ παράλληλοι καθότι οὐ

συννεύουσιν εἰς ἀλλήλους· γράφονται μέντοι περὶ τὸ αὐτὸ κέντρον.

ὁ δὲ ζωδιακὸς λοξὸς ἐστίν, ὡς ἐπιῶν τοὺς παραλλήλους. ζῶναί

156 τ' ἐπὶ τῆς γῆς εἰσι πέντε· πρώτη βόρειος [καὶ] ὑπὲρ τὸν ἀρκτικὸν

κύκλον, ἀοίκητος διὰ ψῦχος· δευτέρα εὐκρατος· τρίτη ἀοίκητος

ὑπὸ καυμάτων, ἢ διακεκαυμένη καλουμένη· τετάρτη ἢ ἀντε-
εὐκρατος· πέμπτη νότιος, ἀοίκητος διὰ ψῦχος.

Δοκεῖ δ' αὐτοῖς τὴν μὲν φύσιν εἶναι πῦρ τεχνικόν, ὁδῶ βαδίζον

εἰς γένεσιν, ὅπερ ἐστὶ πνεῦμα πυροειδές καὶ τεχνοειδές· τὴν δὲ

ψυχὴν αἰσθητικὴν <φύσιν>. ταύτην δ' εἶναι τὸ συμφυές ἡμῖν πνεῦμα· διὸ καὶ σῶμα εἶναι καὶ μετὰ τὸν θάνατον ἐπιμένειν· φθαρτὴν δ' ὑπάρχειν, τὴν δὲ τῶν ὄλων ἀφθαρτον, ἧς μέρη εἶναι

157 τὰς ἐν τοῖς ζώοις. Ζήνων δ' ὁ Κιτιεὺς καὶ Ἀντίπατρος ἐν τοῖς

Περὶ ψυχῆς καὶ Ποσειδώνιος πνεῦμα ἔνθερμον εἶναι τὴν ψυχὴν·

τούτω γὰρ ἡμᾶς εἶναι ἔμπνους καὶ ὑπὸ τούτου κινεῖσθαι.
Κλεάνθης

μὲν οὖν πάσας ἐπιδιαμένειν μέχρι <τῆς> ἐκπυρώσεως,
Χρύσιππος

δὲ τὰς τῶν σοφῶν μόνων.

Μέρη δὲ ψυχῆς λέγουσιν ὀκτώ, τὰς πέντε αἰσθήσεις καὶ τοὺς

ἐν ἡμῖν σπερματικοὺς λόγους καὶ τὸ φωνητικὸν καὶ τὸ λογιστικόν.

ὄρᾶν δὲ τοῦ μεταξὺ τῆς ὀράσεως καὶ τοῦ ὑποκειμένου φωτὸς

ἐντεινομένου κωνοειδῶς, καθά φησι Χρύσιππος ἐν δευτέρῳ τῶν

Φυσικῶν καὶ Ἀπολλόδωρος. γίνεσθαι μέντοι τὸ κωνοειδὲς τοῦ

ἀέρος πρὸς τῆ ὄψει, τὴν δὲ βάσιν πρὸς τῷ ὀρωμένῳ· ὡς διὰ βακτηρίας οὖν τοῦ ταθέντος ἀέρος τὸ βλεπόμενον ἀναγγέλλεσθαι.

158 Ἀκούειν δὲ τοῦ μεταξὺ τοῦ φωνοῦντος καὶ τοῦ ἀκούοντος

ἀέρος πληττομένου σφαιροειδῶς, εἶτα κυματομένου καὶ ταῖς

ἀκοαῖς προσπίπτοντος, ὡς κυματοῦται τὸ ἐν τῇ δεξαμενῇ ὕδωρ

κατὰ κύκλους ὑπὸ τοῦ ἐμβληθέντος λίθου. τὸν δὲ ὕπνον γίνεσθαι

ἐκλυομένου τοῦ αἰσθητικοῦ τόνου περὶ τὸ ἡγεμονικόν. αἰτίας δὲ

τῶν παθῶν ἀπολείπουσι τὰς περὶ τὸ πνεῦμα τροπὰς.

Σπέρμα δὲ λέγουσιν εἶναι τὸ οἶόν τε γεννᾶν τοιαῦτ' ἀφ' οἴου καὶ αὐτὸ ἀπεκρίθη· ἀνθρώπου δὲ σπέρμα, ὃ μεθήσιν ὁ

ἄνθρωπος

μεθ' ὑγροῦ, συγκιρνᾶσθαι τοῖς τῆς ψυχῆς μέρεσι κατὰ

μιγμὸν

159 τοῦ τῶν προγόνων λόγου. εἶναι δ' αὐτὸ Χρύσιππός

φησιν ἐν τῇ

δευτέρᾳ τῶν Φυσικῶν πνεῦμα κατὰ τὴν οὐσίαν, ὡς δῆλον ἐκ τῶν

εἰς τὴν γῆν καταβαλλομένων σπερμάτων, ἃ παλαιωθέντα οὐκέτι

φύεται, ὡς δῆλον διαπεπνευκίας αὐτοῖς τῆς δυνάμεως. καὶ ἅφ'

ὄλων δὲ τῶν σωμάτων αὐτό φασι καταφέρεσθαι οἱ περὶ τὸν Σφαῖρον· πάντων γοῦν γεννητικὸν εἶναι τῶν τοῦ σώματος μερῶν.

τὸ δὲ τῆς θηλείας ἄγονον ἀποφαίνονται· ἄτονόν τε γὰρ εἶναι καὶ

ὀλίγον καὶ ὑδατῶδες, ὡς ὁ Σφαῖρός φησιν. ἡγεμονικὸν δ' εἶναι

τὸ κυριώτατον τῆς ψυχῆς, ἐν ᾧ αἱ φαντασίαι καὶ αἱ ὀρμαὶ γίνονται καὶ ὅθεν ὁ λόγος ἀναπέμπεται· ὅπερ εἶναι ἐν καρδίᾳ.

160 Ταῦτα μὲν καὶ τὰ φυσικὰ τὸ ὅσον ἡμῖν ἀποχρώντως ἔχειν

δοκεῖ στοχαζομένοις τῆς συμμετρίας τοῦ συγγράμματος. ἃ δέ

τινες ἐξ αὐτῶν διηνέχθησαν, ἔστι τάδε.

ΑΡΙΣΤΩΝ

Ἄριστων ὁ Χῖος ὁ Φάλανθος ἐπικαλούμενος Σειρήν. τέλος ἔφησεν εἶναι τὸ ἀδιαφόρως ἔχοντα ζῆν πρὸς τὰ μεταξὺ ἀρετῆς

καὶ κακίας μηδ' ἠντινοῦν ἐν αὐτοῖς παραλλαγὴν ἀπολείποντα,

ἀλλ' ἐπίσης ἐπὶ πάντων ἔχοντα· εἶναι γὰρ ὅμοιον τὸν σοφὸν τῷ ἀγαθῷ ὑποκριτῇ, ὃς ἂν τε Θερσίτου ἂν τε Ἀγαμέμνονος πρόσωπον ἀναλάβῃ, ἐκάτερον ὑποκρίνεται προσηκόντως.

τόν τε

φυσικὸν τρόπον καὶ τὸν λογικὸν ἀνήρει, λέγων τὸν μὲν εἶναι

ὑπὲρ
ἡμᾶς, τὸν δ' οὐδὲν πρὸς ἡμᾶς, μόνον δὲ τὸν ἠθικὸν εἶναι
πρὸς
ἡμᾶς.

161 Ἐοικέναι δὲ τοὺς διαλεκτικοὺς λόγους τοῖς ἀραχνίοις,
ἃ καίτοι
δοκοῦντα τεχνικόν τι ἐμφαίνειν, ἄχρηστά ἐστίν. ἀρετάς τ'
οὔτε

πολλὰς εἰσήγεν, ὡς ὁ Ζήνων, οὔτε μίαν πολλοῖς ὀνόμασι
καλου-
μένην, ὡς οἱ Μεγαρικοί, ἀλλὰ κατὰ τὸ πρὸς τί πως ἔχειν.
οὔτω

δὲ φιλοσοφῶν καὶ ἐν Κυνοσάργει διαλεγόμενος ἴσχυσεν
αἰρετιστῆς
ἀκοῦσαι. Μιλτιάδης οὖν καὶ Δίφιλος Ἀριστώνειοι προσηγο-
ρεύοντο. ἦν δέ τις πειστικὸς καὶ ὄχλω πεποιημένος· ὅθεν ὁ
Τίμων φησὶ περὶ αὐτοῦ (Diels 40),

καὶ τις Ἀρίστωνος γέννης ἀπο αἰμύλον ἔλκων.

162 Παραβαλὼν δὲ Πολέμωνι, φησὶ Διοκλῆς ὁ Μάγνης,
μετέθετο,

Ζήνωνος ἀρρωστίᾳ μακρᾷ περιπεσόντος. μάλιστα δὲ
προσεῖχε

Στωικῷ δόγματι τῷ τὸν σοφὸν ἀδόξαστον εἶναι. πρὸς ὃ
Περσαῖος

ἐναντιούμενος διδύμων ἀδελφῶν τὸν ἕτερον ἐποίησεν αὐτῷ
παρα-

καταθήκην δοῦναι, ἔπειτα τὸν ἕτερον ἀπολαβεῖν· καὶ οὕτως
ἀπορούμενον διήλεγξεν. ἀπετείνετο δὲ πρὸς Ἀρκεσίλαον·
ὅτε

θεασάμενος ταῦρον τερατώδη μήτραν ἔχοντα, "οἴμοι," ἔφη,
"δέδοται Ἀρκεσιλάῳ ἐπιχείρημα κατὰ τῆς ἐναργείας."

163 Πρὸς δὲ τὸν φάμενον Ἀκαδημαϊκὸν οὐδὲν
καταλαμβάνειν,

"ἄρ' οὐδὲ τὸν πλησίον σου καθήμενον ὀρᾷς;" εἶπεν· ἀρνησα-
μένου δέ,

τίς <δέ> σ' ἐτύφλωσεν (ἔφη), τίς ἀφείλετο λαμπάδος
αὐγὰς;

Βιβλία δ' αὐτοῦ φέρεται τάδε·

Προτρεπτικῶν β',

Περὶ τῶν Ζήνωνος δογμάτων,

Διάλογοι,

Σχολῶν ζ',

Περὶ σοφίας διατριβῶν ζ',

Ἐρωτικάι διατριβαί,

Ἐπομνήματα ὑπὲρ κενοδοξίας,

Ἐπομνημάτων κε',

Ἀπομνημονευμάτων γ',

Χρειῶν ια',

Πρὸς τοὺς ῥήτορας,

Πρὸς τὰς Ἀλεξίνου ἀντιγραφάς,

Πρὸς τοὺς διαλεκτικοὺς γ',

Πρὸς Κλεάνθη,ν,

Ἐπιστολῶν δ',

Παναίτιος δὲ καὶ Σωσικράτης μόνας αὐτοῦ τὰς ἐπιστολάς
φασί, τὰ δ' ἄλλα τοῦ περιπατητικοῦ Ἀρίστωνος.

164 Τοῦτον λόγος φαλακρὸν ὄντα ἐγκαυθῆναι ὑπὸ ἡλίου καὶ
ᾧδε

τελευτῆσαι. προσεπαίξαμεν δ' αὐτῷ τόνδε τὸν τρόπον τῷ
ἰάμβῳ

τῷ χλωῷ (App. Anth. v. 38)·

τί δὴ γέρων ὦν καὶ φάλανθος, ᾧ ἴριστων,

τὸ βρέγμ' ἔδωκας ἡλίῳ κατοπτῆσαι;

τοιγὰρ τὸ θερμὸν πλεῖον ἢ δέοι ζητῶν

τὸν ψυχρὸν ὄντως εὔρες οὐ θέλων Ἴαιδην.

Γέγονε δὲ καὶ ἄλλος Ἀρίστων Ἰουλιήτης περιπατητικός, ὁ δὲ
τίς μουσικὸς Ἀθηναῖος, τέταρτος ποιητῆς τραγωδίας,

πέμπτος

Ἀλαιεὺς τέχνας γεγραφῶς ῥητορικός, ἕκτος Ἀλεξανδρεὺς
περι-

πατητικός.

ΗΡΙΑΛΟΣ

165 Ἡριλλος δ' ὁ Καρχηδόνιος τέλος εἶπε τὴν ἐπιστήμην,
ὄπερ
ἐστὶ ζῆν αἰεὶ πάντ' ἀναφέροντα πρὸς τὸ μετ' ἐπιστήμης ζῆν
καὶ
μὴ τῆ ἀγνοία διαβεβλημένον. εἶναι δὲ τὴν ἐπιστήμην ἕξιν ἐν
φαντασιῶν προσδέξει ἀνυπόπτωτον ὑπὸ λόγου. ποτὲ δ'
ἔλεγε
μηδὲν εἶναι τέλος, ἀλλὰ κατὰ τὰς περιστάσεις καὶ τὰ
πράγματ'
ἀλλάττεσθαι αὐτό, ὡς καὶ τὸν αὐτὸν χαλκὸν ἢ Ἀλεξάνδρου
γινό-
μενον ἀνδριάντα ἢ Σωκράτους. διαφέρειν δὲ τέλος καὶ
ὑποτελίδα·
τῆς μὲν γὰρ καὶ τοὺς μὴ σοφοὺς στοχάζεσθαι, τοῦ δὲ μόνον
τὸν
σοφόν. τὰ δὲ μεταξὺ ἀρετῆς καὶ κακίας ἀδιάφορα εἶναι.
ἔστι
δ' αὐτοῦ τὰ βιβλία ὀλιγόστιχα μὲν, δυνάμεως δὲ μεστὰ καὶ
περιέχοντα ἀντιρρήσεις πρὸς Ζήνωννα.

166 Λέγεται δ' ὅτι παιδὸς ὄντος αὐτοῦ ἠράσθησαν ἱκανοί,
οὓς
ἀποτρέψαι βουλόμενος ὁ Ζήνων ἠνάγκασε ξυρᾶσθαι
Ἡριλλον, οἱ
δ' ἀπετράποντο.

Τὰ δὲ βιβλία ἐστὶ τάδε·

Περὶ ἀσκήσεως,
Περὶ παθῶν,
Περὶ ὑπολήψεως,
Νομοθέτης,
Μαιευτικός,
Ἀντιφέρων,
Διδάσκαλος,

Διασκευάζων,
Εὐθύνων,
Ἑρμῆς,
Μήδεια,
Διάλογοι,
Θέσεων ἠθικῶν.

ΔΙΟΝΥΣΙΟΣ

Διονύσιος δ' ὁ Μεταθέμενος τέλος εἶπε τὴν ἡδονὴν διὰ περι-
στασιν ὀφθαλμίας· ἀλγήσας γὰρ ἐπιπόνως ὤκνησεν εἰπεῖν
τὸν
πόνον ἀδιάφορον.

Ἦν δὲ παῖς μὲν Θεοφάντου, πόλεως δ' Ἡρακλείας. ἤκουσε
δέ, καθά φησι Διοκλῆς, πρῶτον μὲν Ἡρακλείδου τοῦ
πολίτου,
ἔπειτ' Ἀλεξίνου καὶ Μενεδήμου, τελευταῖον δὲ Ζήνωνος.

167 Καὶ κατ' ἀρχὰς μὲν φιλογράμματος ὦν παντοδαποῖς
ἔπεχειρει

ποιήμασιν, ἔπειτα δὲ καὶ Ἄρατον ἀπεδέχετο, ζηλῶν αὐτόν.
ἀπο-

στάς δὲ τοῦ Ζήνωνος πρὸς τοὺς Κυρηναίκοὺς ἀπετράπη καὶ
εἶς τε

τὰ χαμαιτυπεῖα εἰσῆει καὶ τᾶλλ' ἀπαρακαλύπτως ἡδυπάθει.
βιοὺς δὲ πρὸς τὰ ὀγδοήκοντ' ἀσιτία κατέστρεψε.

Βιβλία δ' αὐτοῦ φέρεται τάδε·

Περὶ ἀπαθείας β',

Περὶ ἀσκήσεως β',

Περὶ ἡδονῆς δ',

Περὶ πλούτου καὶ χάριτος καὶ τιμωρίας,

Περὶ ἀνθρώπων χρήσεως,

Περὶ εὐτυχίας,

Περὶ ἀρχαίων βασιλέων,

Περὶ τῶν ἐπαινουμένων,

Περὶ βαρβαρικῶν ἔθῶν.

Καὶ οὗτοι μὲν οἱ διενεχθέντες. διεδέξατο δὲ τὸν Ζήνονα

Κλεάνθης, περὶ οὗ λεκτέον.

ΚΛΕΑΝΘΗΣ

168 Κλεάνθης Φανίου Ἄσσιος. οὗτος πρῶτον ἦν πύκτης, ὡς φησιν

Ἀντισθένης ἐν Διαδοχαῖς. ἀφικόμενος δ' εἰς Ἀθήνας τέσσαρας

ἔχων δραχμάς, καθά φασί τινες, καὶ Ζήνωνι παραβαλὼν ἐφιλοσό-

φησε γενναιότατα καὶ ἐπὶ τῶν αὐτῶν ἔμεινε δογμάτων. διεβοήθη

δ' ἐπὶ φιλοπονία, ὅς γε πένης ὦν ἄγαν ὥρμησε μισθοφορεῖν· καὶ

νύκτωρ μὲν ἐν τοῖς κήποις ἦντλει, μεθ' ἡμέραν δ' ἐν τοῖς λόγοις

ἐγυμνάζετο· ὅθεν καὶ Φρεάντλης ἐκλήθη. φασὶ δ' αὐτὸν καὶ εἰς

δικαστήριον ἀχθῆναι, λόγους δῶσοντα πόθεν ἐς τοσοῦτον εὐέκτης

ὦν διαζῆ· ἔπειτ' ἀποφυγεῖν, τὸν τε κηπουρὸν μάρτυρα παρασχόντα παρ' ὃν ἦντλει, καὶ τὴν ἀλφιτόπωλιν παρ' ἧ τὰ ἄλφιτα

169 ἔπεττεν. ἀποδεξαμένους δ' αὐτὸν τοὺς Ἀρεοπαγίτας ψηφίσασθαι

δέκα μναῖς δοθῆναι, Ζήνωνα δὲ κωλύσαι λαβεῖν. φασὶ δὲ καὶ Ἀντίγονον αὐτῷ τρισχιλίας δοῦναι. ἡγούμενόν τε τῶν ἐφήβων

ἐπὶ τινα θέαν ὑπ' ἀνέμου παραγυμνωθῆναι καὶ ὀφθῆναι ἀχίτωνα·

ἐφ' ᾧ κρότῳ τιμηθῆναι ὑπ' Ἀθηναίων, καθά φησι Δημήτριος ὁ

Μάγνης ἐν τοῖς Ὀμωνύμοις. ἐθαυμάσθη δὴ οὖν καὶ διὰ τόδε. φασὶ δὲ καὶ Ἀντίγονον αὐτοῦ πυθέσθαι ὄντα ἀκροατήν, διὰ τί

ἀντλεῖ· τὸν δ' εἶπεῖν, "ἀντλῶ γὰρ μόνον; τί δ'; οὐχὶ σκάπτω; τί δ'; οὐκ ἄρδω καὶ πάντα ποιῶ φιλοσοφίας ἕνεκα;" καὶ γὰρ

ὁ

Ζήνων ἀυτὸν συνεγύμναζεν εἰς τοῦτο καὶ ἐκέλευεν ὀβολὸν φέρειν

170 ἀποφορᾶς. καὶ ποτ' ἀθροισθὲν τὸ κέρμα ἐκόμισεν εἰς μέσον τῶν

γνωρίμων καὶ φησι, "Κλεάνθης μὲν καὶ ἄλλον Κλεάνθην δύναιτ'

ἂν τρέφειν, εἰ βούλοιο· οἱ δ' ἔχοντες ὅθεν τραφήσονται παρ'

ἐτέρων ἐπιζητοῦσι τὰ ἐπιτήδεια, καίπερ ἀνειμένως φιλοσοφοῦντες." ὅθεν δὴ καὶ δεύτερος Ἡρακλῆς ὁ Κλεάνθης ἐκαλεῖτο.

ἦν δὲ πονικὸς μὲν, ἀφύσικος δὲ καὶ βραδὺς ὑπερβαλλόντως· διὸ

καὶ Τίμων περὶ αὐτοῦ φησιν οὕτως (Diels 41)·

τίς δ' οὗτος κτίλος ὡς ἐπιπωλεῖται στίχας ἀνδρῶν, μωλύτης ἐπέων φίλος Ἄσσιος, ὄλμος ἄτολμος;

Καὶ σκωπτόμενος δ' ὑπὸ τῶν συμμαθητῶν ἠνείχετο καὶ ὄνος ἀκούων προσεδέχετο, λέγων αὐτὸς μόνος δύνασθαι βαστάζειν τὸ

171 Ζήνωνος φορτίον. καὶ ποτ' ὄνειδιζόμενος ὡς δειλός, "διὰ τοῦτο,"

εἶπεν, "ὀλίγα ἀμαρτάνω." προκρίνων δὲ τὸν ἑαυτοῦ βίον τοῦ τῶν πλουσίων ἔλεγεν, ἐν ᾧ σφαιρίζουσιν ἐκεῖνοι τὴν σκληρὰν καὶ

ἄκαρπον <αὐτὸς> ἐργάζεσθαι σκάπτων. πολλάκις δὲ καὶ ἑαυτῷ

ἐπέπληττεν· ὧν ἀκούσας Ἀρίστων, "τίνι," ἔφη, "ἐπιπλήττεις;"

καὶ ὃς γελάσας, "πρεσβύτη," φησί, "πολιὰς μὲν ἔχοντι, νοῦν δὲ μή." εἰπόντος δὲ τινος Ἀρκεσίλαον μὴ ποιεῖν τὰ δέοντα, "παῦσαι," ἔφη, "καὶ μὴ ψέγε· εἰ γὰρ καὶ λόγῳ τὸ καθῆκον ἀναιρεῖ, τοῖς γοῦν ἔργοις αὐτὸ τιθεῖ." καὶ ὁ Ἀρκεσίλαος, "οὐ κολακεύομαι," φησί. πρὸς δὲ ὁ Κλεάνθης, "ναί," ἔφη, "σὲ κολακεύω φάμενος ἄλλα μὲν λέγειν, ἕτερα δὲ ποιεῖν."

172 Ἐρομένου τινὸς τί ὑποτίθεσθαι δεῖ τῷ υἱῷ, "τὸ τῆς Ἥλέκτρας," ἔφη (E. Or. 140),
σῖγα, σῖγα, λεπτὸν ἶχνος.

Λάκωνός τινος εἰπόντος ὅτι ὁ πόνος ἀγαθόν, διαχυθεῖς φησιν
(Od. δ 611),

αἵματός εἰς ἀγαθοῖο, φίλον τέκος.

φησὶ δ' ὁ Ἐκάτων ἐν ταῖς Χρείαις (Gomoll 25), εὐμόρφου
μειρακίου εἰπόντος, "εἰ ὁ εἰς τὴν γαστέρα τύπτων
γαστρίζει, καὶ

ὁ εἰς τοὺς μηροὺς τύπτων μηρίζει," ἔφη, "σὺ μὲν τοὺς
διαμηρι-

σμοὺς ἔχε, μειράκιον· αἱ δ' ἀνάλογοι φωναὶ τὰ ἀνάλογα οὐ
πάντως

σημαίνουσι πράγματα." μειρακίῳ ποτὲ διαλεγόμενος
ἐπύθετο εἰ

αἰσθάνεται· τοῦ δ' ἐπινεύσαντος, "διὰ τί οὖν," εἶπεν, "ἐγὼ
οὐκ

αἰσθάνομαι ὅτι αἰσθάνη;"

173 Σωσιθέου τοῦ ποιητοῦ ἐν θεάτρῳ εἰπόντος πρὸς αὐτὸν
παρόντα

(N2, p. 823),

οὓς ἡ Κλεάνθους μωρία βοηλατεῖ,

ἔμεινεν ἐπὶ ταύτοῦ σχήματος· ἐφ' ᾧ ἀγασθέντες οἱ
ἄκροαταὶ τὸν

μὲν ἐκρότησαν, τὸν δὲ Σωσίθεον ἐξέβαλον.

μεταγινώσκοντα δ'

αὐτὸν ἐπὶ τῇ λαιδορίᾳ προσήκατο, εἰπὼν ἄτοπον εἶναι τὸν
μὲν

Διόνυσον καὶ τὸν Ἡρακλέα φλυαρουμένους ὑπὸ τῶν ποιητῶν
μὴ

ὀργίζεσθαι, αὐτὸν δ' ἐπὶ τῇ τυχούσῃ βλασφημίᾳ
δυσχεραίνειν.

ἔλεγε δὲ καὶ τοὺς ἐκ τοῦ περιπάτου ὁμοίον τι πάσχειν ταῖς
λύραις, αἱ καλῶς φθειγξάμεναι αὐτῶν οὐκ ἀκούουσι. λέγεται
δέ,

φάσκοντος αὐτοῦ κατὰ Ζήνωννα καταληπτὸν εἶναι τὸ ἦθος
ἕξ

εἶδους, νεανίσκους τινὰς εὐτραπέλους ἀγαγεῖν πρὸς αὐτὸν
κίναιδον

ἔσκληραγωγημένον ἐν ἀγρῷ καὶ ἀξιοῦν ἀποφαίνεσθαι περὶ
τοῦ

ἦθους· τὸν δὲ διαπορούμενον κελεῦσαι ἀπιέναι τὸν
ἄνθρωπον.

ὡς δ' ἀπιῶν ἐκεῖνος ἔπταρεν, "ἔχω," εἶπεν, "αὐτόν," ὁ

174 Κλεάνθης, "μαλακός ἐστι." πρὸς δὲ τὸν μονήρη καὶ
ἑαυτῷ

λαλοῦντα, "οὐ φαύλω," ἔφη, "ἀνθρώπῳ λαλεῖς."

ὄνειδίσαντος

αὐτῷ τινος εἰς τὸ γῆρας, "Κάγώ," ἔφη, "ἀπιέναι βούλομαι·

ὅταν δὲ πανταχόθεν ἑμαυτὸν ὑγιαίνοντα περινοῶ καὶ
γράφοντα

καὶ ἀναγινώσκοντα, πάλιν μένω." τοῦτόν φασιν εἰς ὄστρακα
καὶ

βοῶν ὠμοπλάτας γράφειν ἅπερ ἤκουε παρὰ τοῦ Ζήνωνος,
ἀπορία

κερμάτων ὥστε ὠνήσασθαι χαρτία. τοιοῦτος δ' ὢν

ἔξισχυσε,

πολλῶν καὶ ἄλλων ὄντων ἀξιολόγων Ζήνωνος μαθητῶν,

αὐτὸς

διαδέξασθαι τὴν σχολήν.

Βιβλία δὲ κάλλιστα καταλέλοιπεν, ἃ ἐστι τάδε·

Περὶ χρόνου,

Περὶ τῆς Ζήνωνος φυσιολογίας δύο,

Τῶν Ἡρακλείτου ἐξηγήσεις, τέσσαρα,

Περὶ αἰσθήσεως,

Περὶ τέχνης,

Πρὸς Δημόκριτον,

Πρὸς Ἀρίσταρχον,
Πρὸς Ἡριλλον,
Περὶ ὀρμῆς δύο,
175 Ἀρχαιολογία,
Περὶ θεῶν,
Περὶ γιγάντων,
Περὶ ὑμεναίου,
Περὶ τοῦ ποιητοῦ,
Περὶ τοῦ καθήκοντος τρία,
Περὶ εὐβουλίας,
Περὶ χάριτος,
Προτρεπτικός,
Περὶ ἀρετῶν,
Περὶ εὐφυΐας,
Περὶ Γοργίππου,
Περὶ φθονερίας,
Περὶ ἔρωτος,
Περὶ ἐλευθερίας,
Ἐρωτικὴ τέχνη,
Περὶ τιμῆς,
Περὶ δόξης,
Πολιτικός,
Περὶ βουλῆς,
Περὶ νόμων,
Περὶ τοῦ δικάζειν,
Περὶ ἀγωγῆς,
Περὶ τοῦ λόγου τρία,
Περὶ τέλους,
Περὶ καλῶν,
Περὶ πράξεων,
Περὶ ἐπιστήμης,
Περὶ βασιλείας,
Περὶ φιλίας,
Περὶ συμποσίου,
Περὶ τοῦ ὅτι ἡ αὐτὴ ἀρετὴ καὶ ἀνδρὸς καὶ γυναικός,

Περὶ τοῦ τὸν σοφὸν σοφιστεύειν,
Περὶ χρεῶν,
Διατριβῶν δύο,
Περὶ ἡδονῆς,
Περὶ ἰδίων,
Περὶ τῶν ἀπόρων,
Περὶ διαλεκτικῆς,
Περὶ τρόπων,
Περὶ κατηγορημάτων,
Ταῦτα αὐτῷ τὰ βιβλία.

176 Καὶ τελευτᾷ τόνδε τὸν τρόπον· διώδησεν αὐτῷ τὸ οὔλον· ἀπαγορευσάντων δὲ τῶν ἰατρῶν, δύο ἡμέρας ἀπέσχετο τροφῆς· καὶ πῶς ἔσχε καλῶς ὥστε τοὺς ἰατροὺς αὐτῷ πάντα τὰ συνήθη συγχωρεῖν· τὸν δὲ μὴ ἀνασχέσθαι, ἀλλ' εἰπόντα ἤδη αὐτῷ προωδοποιῆσθαι καὶ τὰς λοιπὰς ἀποσχόμενον τελευτῆσαι ταῦτα Ζήνωνι, καθά φασί τινες, [ὀγδοήκοντα] ἔτη βιώσαντα καὶ ἀκούσαντα Ζήνωνος ἔτη ἔννεακαίδεκα.

Ἐπαίξαμεν δὴ καὶ ἡμεῖς πρὸς αὐτὸν οὕτως (App. Anth. v. 36)·

Αἰνῶ Κλεάνθην, ἀλλὰ μᾶλλον Αἴδη· ἰδὼν γὰρ αὐτὸν πρέσβυν οὐκ ἠνέσχετο <τὸ> μὴ οὐ τὸ λοιπὸν ἄνεσιν ἐν φθιτοῖς ἔχειν τοσοῦτον ἀντλήσαντα τοῦ βίου χρόνον.

ΣΦΑΙΡΟΣ

177 Τούτου, καθάπερ προειρήκαμεν, ἤκουσε μετὰ Ζήωνα καὶ Σφαῖρος ὁ Βοσποριανός, ὃς προκοπὴν ἰκανὴν περιποιησάμενος

λόγων εἰς Ἀλεξάνδρειαν ἀπήει πρὸς Πτολεμαῖον τὸν
Φιλοπάτορα.
λόγου δέ ποτε γενομένου περὶ τοῦ δοξάσειν τὸν σοφὸν καὶ
τοῦ
Σφαίρου εἰπόντος ὡς οὐ δοξάσει, βουλόμενος ὁ βασιλεὺς
ἐλέγξει
αὐτόν, κηρίνας ῥόας ἐκέλευσε παρατεθῆναι· τοῦ δὲ Σφαίρου
ἀπατηθέντος ἀνεβόησεν ὁ βασιλεὺς ψευδεῖ
συγκατατεθεῖσθαι
αὐτὸν φαντασίᾳ. πρὸς ὃν ὁ Σφαῖρος εὐστόχως ἀπεκρίνατο,
εἰπὼν
οὕτως συγκατατεθεῖσθαι, οὐχ ὅτι ῥόαι εἰσὶν, ἀλλ' ὅτι
εὐλόγον ἔστι
ῥόας αὐτὰς εἶναι· διαφέρειν δὲ τὴν καταληπτικὴν
φαντασίαν τοῦ
εὐλόγου. πρὸς δὲ Μνησίστρατον κατηγοροῦντα αὐτοῦ ὅτι
Πτολε-
μαῖον οὐ φησι βασιλέα εἶναι, "τοιοῦτον δ' ὄντα τὸν
Πτολεμαῖον
καὶ βασιλέα εἶναι."

178 Βιβλία δὲ γέγραφε τάδε·

Περὶ κόσμου δύο,
Περὶ στοιχείων,
<Περὶ> σπέρματος,
Περὶ τύχης,
Περὶ ἐλαχίστων,
Πρὸς τὰς ἀτόμους καὶ τὰ εἶδωλα,
Περὶ αἰσθητηρίων,
Περὶ Ἡρακλείτου πέντε διατριβῶν,
Περὶ τῆς ἠθικῆς διατάξεως,
Περὶ καθήκοντος,
Περὶ ὁρμῆς,
Περὶ παθῶν δύο,
Περὶ βασιλείας,
Περὶ Λακωνικῆς πολιτείας,

Περὶ Λυκούργου καὶ Σωκράτους τρία,
Περὶ νόμου,
Περὶ μαντικῆς,
Διαλόγους ἐρωτικούς,
Περὶ τῶν Ἐρετριακῶν φιλοσόφων,
Περὶ ὁμοίων,
Περὶ ὄρων,
Περὶ ἕξεως,
Περὶ τῶν ἀντιλεγομένων τρία,
Περὶ λόγου,
Περὶ πλούτου,
Περὶ δόξης,
Περὶ θανάτου,
Τέχνης διαλεκτικῆς δύο,
Περὶ κατηγορημάτων,
Περὶ ἀμφιβολιῶν,
Ἐπιστολάς.

ΧΡΥΣΙΠΠΟΣ

179 Χρύσιππος Ἀπολλωνίου Σολεύς, ἢ Ταρσεὺς ὡς Ἀλέξανδρος ἐν Διαδοχαῖς (FGrH 273 F 91), μαθητῆς Κλεάνθους. οὗτος πρότερον μὲν δόλιχον ἤσκει, ἔπειτ' ἀκούσας Ζήνωνος ἢ Κλεάνθους, ὡς Διοκλῆς καὶ οἱ πλείους, ἔτι τε ζῶντος ἀπέστη αὐτοῦ καὶ οὐχ ὁ τυχὼν ἐγένετο κατὰ φιλοσοφίαν· ἀνὴρ εὐφυῆς καὶ ὀξύτατος ἐν παντὶ μέρει οὕτως ὥστε καὶ ἐν τοῖς πλείστοις διηνέχθη πρὸς Ζήνωνα, ἀλλὰ καὶ πρὸς Κλεάνθην, ᾧ καὶ πολλάκις ἔλεγε μόνης τῆς τῶν δογμάτων διδασκαλίας χρῆζειν, τὰς δὲ ἀποδείξεις αὐτὸς εὐρήσειν. μετενόει μέντοι ὁπότε πρὸς αὐτὸν ἀποτείνοιτο, ὥστε

συνεχῆς προφέρεσθαι ταῦτα (E. Or. 540-1).

ἐγὼ δὲ τᾶλλα μακάριος πέφυκ' ἀνὴρ
πλήν εἰς Κλεάνθην· τοῦτο δ' οὐκ εὐδαιμονῶ.

180 Οὕτω δ' ἐπίδοξος ἐν τοῖς διαλεκτικοῖς ἐγένετο, ὥστε
δοκεῖν

τοὺς πλείους ὅτι εἰ παρὰ θεοῖς ἦν [ἡ] διαλεκτική, οὐκ ἂν
ἄλλη

ἦν ἢ ἡ Χρυσίππειος. πλεονάσας δὲ τοῖς πράγμασι τὴν λέξιν
οὐ

κατῶρθωσε. πονικώτατός τε παρ' ὄντινοῦν γέγονεν, ὡς
δῆλον ἐκ

τῶν συγγραμμάτων αὐτοῦ· τὸν ἀριθμὸν γὰρ ὑπὲρ πέντε καὶ
ἐπτακόσια ἐστίν. ἐπλήθυνε δ' αὐτὰ πολλάκις ὑπὲρ τοῦ
αὐτοῦ

δόγματος ἐπιχειρῶν καὶ πᾶν τὸ ὑποπεσὸν γράφων καὶ
διορθού-

μενος πλεονάκις πλείστη τε τῶν μαρτυριῶν παραθέσει
χρῶμενος·

ὥστε καὶ ἐπειδὴ ποτ' ἐν τινι τῶν συγγραμμάτων παρ' ὀλίγον
τὴν

Εὐριπίδου Μήδειαν ὅλην παρετίθετο καὶ τις μετὰ χειρᾶς
εἶχε τὸ

βιβλίον, πρὸς τὸν πυθόμενον τί ἄρα ἔχοι, ἔφη "Χρυσίππου
Μήδειαν."

181 Καὶ Ἀπολλόδωρος δ' ὁ Ἀθηναῖος ἐν τῇ Συναγωγῇ τῶν
δο-

γμάτων (Usener, Epicurea, p. 87), βουλόμενος παριστάνειν
ὅτι τὰ

Ἐπικούρου οἰκεία δυνάμει γεγραμμένα καὶ ἀπαράθετα ὄντα
μυρίῳ πλείῳ ἐστὶ τῶν Χρυσίππου βιβλίων, φησὶν οὕτως
αὐτῇ τῇ

λέξει· "εἰ γὰρ τις ἀφέλοι τῶν Χρυσίππου βιβλίων ὅσ'
ἀλλότρια

παρατέθειται, κενὸς αὐτῷ ὁ χάρτης καταλελείπεται." καὶ
ταῦτα

μὲν Ἀπολλόδωρος. ἡ δὲ παρεδρεύουσα πρεσβῦτις αὐτῷ, ὡς
φησι

Διοκλῆς, ἔλεγεν ὡς πεντακοσίους γράφοι στίχους
ἡμερησίους.

Ἐκάτων (Gomoll 27) δέ φησιν ἐλθεῖν αὐτὸν ἐπὶ φιλοσοφίαν,
τῆς
οὐσίας αὐτοῦ τῆς πατρώας εἰς τὸ βασιλικὸν ἀναληφθείσης.

182 Ἦν δὲ καὶ τὸ σωματίον εὐτελής, ὡς δῆλον ἐκ τοῦ
ἀνδριάντος

τοῦ ἐν Κεραμειῷ, ὃς σχεδὸν τι ὑποκέκρυπται τῷ πλησίον
ἵππεϊ·

ἔθεν αὐτὸν ὁ Καρνεάδης Κρύσιππον ἔλεγεν. οὗτος
ὄνειδισθεὶς

ὑπὸ τινος ὅτι οὐχὶ παρ' Ἀρίστωνι μετὰ πολλῶν σχολάζοι, "εἰ
τοῖς πολλοῖς," εἶπε, "προσεῖχον, οὐκ ἂν ἐφιλοσόφησα." πρὸς
δὲ

τὸν κατεξανιστάμενον Κλεάνθους διαλεκτικὸν καὶ
προτείνοντα

αὐτῷ σοφίσματα, "πέπαυσο," εἶπε, "παρέλκων τὸν
πρεσβύτερον

ἀπὸ τῶν πραγματικωτέρων, ἡμῖν δὲ τὰ τοιαῦτα πρότεινε
τοῖς

νέοις." πάλιν δ' ἐπεὶ τις ζητῶν καταμόνας αὐτῷ διελέγετο
εὐσταθῶς, ἐπεὶ δὲ θεωρῶν προσιόντα ὄχλον ἤρχετο
φιλονεικεῖν,

ἔφη (E. Or. 253 sq.),

οἷμοι, κασίγνητ', ὄμμα σὸν ταρασσεται·

ταχὺς δὲ μετέθου λύσσαν ἀρτίως φρονῶν.

183 Ἐν μέντοι ταῖς οἰνώσεσιν ἡσύχαζε παραφερόμενος τοῖς
σκέ-

λεσιν, ὥστε εἰπεῖν τὴν δούλην, "Χρυσίππου μόνα τὰ σκέλη
μεθύει." οὕτω δ' ἦν φρονηματίας ὥστ' ἐρομένου τινός, "τίμι
συστήσω τὸν υἷον;", εἰπεῖν, "ἐμοί· καὶ γὰρ εἰ ὑπελάμβανον
εἶναί τιν' ἐμοῦ βελτίονα, παρ' αὐτῷ ἂν ἐγὼ ἐφιλοσόφουν."
ἔθεν

φασὶν ἐπ' αὐτοῦ λεχθῆναι (Od. κ 495),
οἶος πέπνυται, τοὶ δὲ σκιαὶ αἴσσουσι·
καί,

εἰ μὴ γὰρ ἦν Χρῦσιππος, οὐκ ἂν ἦν στοά.

Τέλος δ' Ἄρκεσιλάω καὶ Λακύδη, καθά φησι Σωτίων ἐν τῷ
184 ὀγδῶ, παραγενόμενος ἐν Ἀκαδημείᾳ συνεφιλοσόφησε·
δι' ἣν
αἰτίαν καὶ κατὰ τῆς συνηθείας καὶ ὑπὲρ αὐτῆς ἐπεχείρησε,
καὶ
περὶ μεγεθῶν καὶ πληθῶν τῆ τῶν Ἀκαδημαϊκῶν συστάσει
χρησά-
μενος.

Τοῦτον ἐν τῷ Ὠιδεῖῳ σχολάζοντά φησιν Ἑρμιππος (FHG iii.
48) ἐπὶ θυσίαν ὑπὸ τῶν μαθητῶν κληθῆναι· ἔνθα
προσενεγκάμενον
γλυκὺν ἄκρατον καὶ ἰλιγγιάσαντα πεμπταῖον ἀπελθεῖν ἐξ
ἀνθρώ-
πων, τρία καὶ ἑβδομήκοντα βιώσαντ' ἔτη, κατὰ τὴν τρίτην
καὶ
τετταρακοστὴν <καὶ ἑκατοστὴν> Ὀλυμπιάδα, καθά φησι
Ἄπολ-
λόδωρος ἐν Χρονικοῖς (FGrH 244 F 46). καὶ ἔστιν ἡμῶν εἰς
αὐτόν (A. Pal. vii. 706)·

ἰλιγγίασε Βάκχον ἐκπιῶν χανδὸν

Χρῦσιππος, οὐδ' ἐφείσατο

οὐ τῆς στοᾶς, οὐχ ἥς πάτρης, οὐ τῆς ψυχῆς,

ἀλλ' ἦλθε δῶμ' ἐς Αἴδεω.

185 Ἐνιοὶ δέ φασι γέλωτι συσχεθέντα αὐτὸν τελευτῆσαι·
ᾧ

γὰρ τὰ σῦκα αὐτῷ φαγόντος, εἰπόντα τῆ γραί, "δίδου νυν
ἄκρατον

ἐπιρροφήσαι τῷ ᾧ," ὑπερκαγχάσαντα τελευτῆσαι.

Δοκεῖ δ' ὑπερόπτης τις γεγονέναι. τοσαῦτα γοῦν συγγράψας

οὐδενὶ τῶν βασιλέων προσπεφώνηκεν. ἤρκειτό τε γραϊδίῳ
μόνῳ,
καθὰ καὶ Δημήτριος ἐν Ὀμωνύμοις φησί. Πτολεμαίου τε
πρὸς
Κλεάνθην ἐπιστείλαντος ἢ αὐτὸν ἐλθεῖν ἢ πέμψαι τινά,
Σφαῖρος
μὲν ἀπῆλθε, Χρύσιππος δὲ περιεΐδε. μεταπεμψάμενος δὲ
τοῦς
τῆς ἀδελφῆς υἱεῖς, Ἀριστοκρέοντα καὶ Φιλοκράτην,
συνεκρότησε.
καὶ πρῶτος ἐθάρρησε σχολὴν ἔχειν ὑπαιθρον ἐν Λυκείῳ,
καθάπερ
καὶ ὁ προειρημένος Δημήτριος ἱστορεῖ.

186 Γέγονε δὲ καὶ ἄλλος Χρύσιππος Κνίδιος ἰατρός, παρ' οὗ
φησιν Ἐρασίστρατος τὰ μάλιστα ὠφελῆσθαι. καὶ ἕτερος
υἱὸς
τούτου, ἰατρὸς Πτολεμαίου, ὃς διαβληθεὶς περιήχθη καὶ
μαστι-
γούμενος ἐκολάσθη· ἄλλος μαθητῆς Ἐρασιστράτου καὶ τις
Γεωρ-
γικὰ γεγραφώς.

Ὁ δὲ φιλόσοφος καὶ τοιούτους τινὰς ἠρώτα λόγους· "ὁ
λέγων τοῖς ἀμυήτοις τὰ μυστήρια ἀσεβεῖ· ὁ δὲ γ'
ἱεροφάντης
τοῖς ἀμυήτοις λέγει <τὰ μυστήρια>· ἀσεβεῖ ἄρα ὁ
ἱεροφάντης."
ἄλλο· "ὁ οὐκ ἔστιν ἐν τῇ πόλει, τοῦτ' οὐδ' ἐν τῇ οἰκίᾳ· οὐκ
ἔστι
δὲ φρέαρ ἐν τῇ πόλει, οὐδ' ἄρ' ἐν τῇ οἰκίᾳ." ἄλλο· "ἔστι τις
κεφαλή· ἐκείνην δ' οὐκ ἔχεις· ἔστι δὲ γέ τις κεφαλή <ἦν οὐκ
187 ἔχεις>· οὐκ ἄρα ἔχεις κεφαλὴν." ἄλλο· "εἴ τις ἐστιν ἐν
Μεγάροις,
οὐκ ἔστιν ἐν Ἀθήναις· ἄνθρωπος δ' ἐστὶν ἐν Μεγάροις· οὐκ
ἄρ'
ἐστὶν ἄνθρωπος ἐν Ἀθήναις." καὶ πάλιν· "εἴ τι λαλεῖς, τοῦτο

διὰ τοῦ στόματός σου διέρχεται· ἄμαξαν δὲ λαλεῖς· ἄμαξα ἄρα διὰ τοῦ στόματός σου διέρχεται." καί· "εἴ τι οὐκ ἀπέβαλες, τοῦτ' ἔχεις· κέρατα δ' οὐκ ἀπέβαλες· κέρατ' ἄρ' ἔχεις." οἱ δ' Εὐβουλίδου τοῦτό φασιν.

Εἰσὶ δὲ οἱ κατατρέχουσι τοῦ Χρυσίππου ὡς πολλὰ αἰσχροῶς καὶ ἀρρήτως ἀναγεγραφότος. ἐν μὲν γὰρ τῷ Περὶ τῶν ἀρχαίων φυσιολόγων συγγράμματι αἰσχροῶς τὰ περὶ τὴν Ἥραν καὶ τὸν Δία ἀναπλάττει, λέγων κατὰ τοὺς ἑξακοσίους στίχους ἃ μηδεὶς 188 ἠτυχηκῶς μολύνειν τὸ στόμα εἶποι ἄν. αἰσχροτάτην γάρ, φασί, ταύτην ἀναπλάττει ἱστορίαν, εἰ καὶ ἐπαινεῖ ὡς φυσικὴν, χαμαι- τύπαις μᾶλλον πρέπουσαν ἢ θεοῖς, ἔτι τε καὶ παρὰ τοῖς περὶ πινάκων γράψασι <οὐ> κατακεχωρισμένην· μήτε γὰρ παρὰ Πολέ- μωνι μήτε παρ' Ὑψικράτει, ἀλλὰ μηδὲ παρ' Ἀντιγόνῳ εἶναι, ὑπ' αὐτοῦ δὲ πεπλάσθαι. ἐν δὲ τῷ Περὶ πολιτείας καὶ μητράσι λέγει συνέρχεσθαι καὶ θυγατράσι καὶ υἱοῖς· τὰ δ' αὐτὰ φησι καὶ ἐν τῷ Περὶ τῶν μὴ δι' ἑαυτὰ αἰρετῶν εὐθύς ἐν ἀρχῇ. ἐν δὲ τῷ τρίτῳ Περὶ δικαίου κατὰ τοὺς χιλίους στίχους καὶ τοὺς ἀποθανόντας κατεσθίειν κελεύων. ἐν δὲ τῷ δευτέρῳ Περὶ βίου καὶ πορισμοῦ 189 προνοεῖν λέγων ὅπως ποριστέον τῷ σοφῷ· "καίτοι τίνοσ χάριν ποριστέον αὐτῷ; εἰ μὲν γὰρ τοῦ ζῆν ἕνεκεν, ἀδιάφορον τὸ ζῆν· εἰ δὲ ἡδονῆς, καὶ αὕτη ἀδιάφορος· εἰ δὲ τῆς ἀρετῆς,

αὐτάρκης

αὕτη πρὸς εὐδαιμονίαν. καταγέλαστοι δὲ καὶ οἱ τρόποι τοῦ πορισμοῦ, οἷον οἱ ἀπὸ βασιλέως· εἴκειν γὰρ αὐτῷ δεήσει.

καὶ

οἱ ἀπὸ φιλίας· λήμματος γὰρ ὤνιος ἢ φιλία ἔσται. καὶ οἱ ἀπὸ σοφίας· μισθαρνήσει γὰρ ἢ σοφία." καὶ ταῦτα μὲν ἐγκαλεῖται.

Ἐπεὶ δ' ἐνδοξότατα τὰ βιβλία ἐστὶν αὐτῷ, ἔδοξέ μοι καὶ τὴν πρὸς εἶδος ἀναγραφὴν αὐτῶν ἐνταῦθα καταχωρίσαι. καὶ ἔστι

τάδε·

Λογικοῦ τόπου

Θέσεις λογικαί,

Τῶν τοῦ φιλοσόφου σκεμμάτων,

Ἵρων διαλεκτικῶν πρὸς Μητρόδωρον ζ',

Περὶ τῶν κατὰ τὴν διαλεκτικὴν ὀνομάτων πρὸς Ζήνωνα α',

190 Τέχνη διαλεκτικὴ πρὸς Ἀρισταγόραν α',

Συνημμένων πιθανῶν πρὸς Διοσκουρίδην δ'.

Λογικοῦ τόπου τοῦ περὶ τὰ πράγματα

Σύνταξις πρώτη

Περὶ ἀξιωμάτων α',

Περὶ τῶν οὐχ ἀπλῶν ἀξιωμάτων α',

Περὶ τοῦ συμπεπλεγμένου πρὸς Ἀθηνάδην α' β',

Περὶ ἀποφατικῶν πρὸς Ἀρισταγόραν γ',

Περὶ τῶν καταγορευτικῶν πρὸς Ἀθηνόδωρον α',

Περὶ τῶν κατὰ στέρησιν λεγομένων πρὸς Θέαρον α',

Περὶ τῶν ἀορίστων ἀξιωμάτων πρὸς Δίωνα α' β' γ',

Περὶ τῆς διαφορᾶς τῶν ἀορίστων α' β' γ' δ',

Περὶ τῶν κατὰ χρόνους λεγομένων α' β',

Περὶ συντελικῶν ἀξιωμάτων β'.

Σύνταξις δευτέρα

Περὶ ἀληθοῦς διεζευγμένου πρὸς Γοργιπίδην α',

Περὶ ἀληθοῦς συνημμένου πρὸς Γοργιπίδην α' β' γ' δ',

191 Αἵρεσις πρὸς Γοργιπίδην α',
Πρὸς τὸ περὶ ἀκολούθων α',
Περὶ τοῦ διὰ τριῶν πάλιν πρὸς Γοργιπίδην α',
Περὶ δυνατῶν πρὸς Κλεῖτον δ',
Πρὸς τὸ περὶ σημασιῶν Φίλωνος α',
Περὶ τοῦ τίνα ἐστὶ τὰ ψευδῆ α'.

Σύνταξις τρίτη

Περὶ προσταγμάτων β',
Περὶ ἐρωτήσεως β',
Περὶ πεύσεως δ',
Ἐπιτομὴ περὶ ἐρωτήσεως καὶ πεύσεως α',
Ἐπιτομὴ περὶ ἀποκρίσεως α',
<Περὶ> ζητήσεως β',
Περὶ ἀποκρίσεως δ'.

Σύνταξις τετάρτη

Περὶ τῶν κατηγορημάτων πρὸς Μητρόδωρον ι',
Περὶ ὀρθῶν καὶ ὑπτίων πρὸς Φύλαρχον α',
Περὶ τῶν συναμμάτων πρὸς Ἀπολλωνίδην α',
Πρὸς Πάσυλον περὶ κατηγορημάτων δ'.

192 Σύνταξις πέμπτη

Περὶ τῶν πέντε πτώσεων α',
Περὶ τῶν κατὰ τὸ ὑποκείμενον ὠρισμένων ἐκφορῶν α',
Περὶ παρεμφάσεως πρὸς Στησαγόραν β',
Περὶ τῶν προσηγορικῶν β'.

Λογικοῦ τόπου περὶ τὰς λέξεις καὶ τὸν κατ' αὐτὰς λόγον

Σύνταξις πρώτη

Περὶ τῶν ἐνικῶν καὶ πληθυντικῶν ἐκφορῶν ζ',
Περὶ λέξεων πρὸς Σωσιγένην καὶ Ἀλέξανδρον ε',
Περὶ τῆς κατὰ τὰς λέξεις ἀνωμαλίας πρὸς Δίωνα δ',
Περὶ τῶν πρὸς τὰς φωνὰς σωριτῶν λόγων γ',
Περὶ σολοικισμῶν α',
Περὶ σολοικιζόντων λόγων πρὸς Διονύσιον α',
Λόγοι παρὰ τὰς συνηθείας α',

Λέξεις πρὸς Διονύσιον α'.

Σύνταξις δευτέρα

Περὶ τῶν στοιχείων τοῦ λόγου καὶ τῶν λεγομένων ε',

Περὶ τῆς συντάξεως τῶν λεγομένων δ',

193 Περὶ τῆς συντάξεως καὶ στοιχείων τῶν λεγομένων
πρὸς

Φίλιππον γ',

Περὶ τῶν στοιχείων τοῦ λόγου πρὸς Νικίαν α',

Περὶ τοῦ πρὸς ἕτερα λεγομένου α'.

Σύνταξις τρίτη

Πρὸς τοὺς μὴ διαιρουμένους β',

Περὶ ἀμφιβολιῶν πρὸς Ἀπολλᾶν δ',

Περὶ τῶν τροπικῶν ἀμφιβολιῶν α',

Περὶ συνημμένης τροπικῆς ἀμφιβολίας β',

Πρὸς τὸ περὶ ἀμφιβολιῶν Πανθοίδου β',

Περὶ τῆς εἰς τὰς ἀμφιβολίας εἰσαγωγῆς ε',

Ἐπιτομὴ τῶν πρὸς Ἐπικράτην ἀμφιβολιῶν α',

Συνημμένα πρὸς τὴν εἰσαγωγὴν τῶν εἰς τὰς ἀμφιβολίας β'.

Λογικοῦ τύπου πρὸς τοὺς λόγους καὶ τοὺς τρόπους

Σύνταξις πρώτη

Τέχνη λόγων καὶ τρόπων πρὸς Διοσκουρίδην ε',

194 Περὶ τῶν λόγων γ',

Περὶ τρόπων συστάσεως πρὸς Στησαγόραν β',

Σύγκρισις τῶν τροπικῶν ἀξιωμαίων α',

Περὶ ἀντιστροφόντων λόγων καὶ συνημμένων α',

Πρὸς Ἀγάθωνα ἢ περὶ τῶν ἐξῆς προβλημάτων α',

Περὶ τοῦ τίνα συλλογιστικά τινος μετ' ἄλλου τε καὶ μετ'
ἄλλων α',

Περὶ τῶν ἐπιφορῶν πρὸς Ἀρισταγόραν α',

Περὶ τοῦ τάττεσθαι τὸν αὐτὸν λόγον ἐν πλείοσι τρόποις α',
Πρὸς τὰ ἀντειρημένα τῶ τὸν αὐτὸν λόγον ἐν συλλογιστικῶ
καὶ ἀσυλλογίστῳ τετάχθαι τρόπῳ β',
Πρὸς τὰ ἀντειρημένα ταῖς τῶν συλλογισμῶν ἀναλύσεσι γ',
Πρὸς τὸ περὶ τρόπων Φίλωνος πρὸς Τιμόστρατον α',
Λογικὰ συνημμένα πρὸς Τιμοκράτην καὶ Φιλομαθῆ· εἰς τὰ
περὶ λόγων καὶ τρόπων α'.

195 Σύνταξις δευτέρα

Περὶ τῶν περαινόντων λόγων πρὸς Ζήνωνα α',
Περὶ τῶν πρώτων καὶ ἀναποδείκτων συλλογισμῶν πρὸς
Ζήνωνα α',
Περὶ τῆς ἀναλύσεως τῶν συλλογισμῶν α',
Περὶ τῶν παρελκόντων λόγων πρὸς Πάσυλον β',
Περὶ τῶν εἰς τοὺς συλλογισμοὺς θεωρημάτων α',
Περὶ συλλογισμῶν εἰσαγωγικῶν πρὸς Ζήνωνα α',
Τῶν πρὸς εἰσαγωγήν τρόπων πρὸς Ζήνωνα γ',
Περὶ τῶν κατὰ ψευδῆ σχήματα συλλογισμῶν ε',
Λόγοι συλλογιστικοὶ κατ' ἀνάλυσιν ἐν τοῖς ἀναποδείκτοις
α',

Τροπικὰ ζητήματα πρὸς Ζήνωνα καὶ Φιλομαθῆ α' (τοῦτο
δοκεῖ ψευδεπίγραφον).

Σύνταξις τρίτη

Περὶ τῶν μεταπιπτόντων λόγων πρὸς Ἀθηνάδην α' (ψευδεπί-
γραφον),

196 Λόγοι μεταπίπτοντες πρὸς τὴν μεσότητα γ'
(ψευδεπίγραφα),

Πρὸς τοὺς Ἀμεινίου διαζευκτικοὺς α'.

Σύνταξις τετάρτη

Περὶ ὑποθέσεων πρὸς Μελέαγρον γ',

Λόγοι ὑποθετικοὶ εἰς τοὺς νόμους πρὸς Μελέαγρον πάλιν α',
Λόγοι ὑποθετικοὶ πρὸς εἰσαγωγὴν β',
Λόγοι ὑποθετικοὶ θεωρημάτων β',
Λύσις τῶν Ἡδύλου ὑποθετικῶν β',
Λύσις τῶν Ἀλεξάνδρου ὑποθετικῶν γ' (ψευδεπίγραφα),
Περὶ ἐκθέσεων πρὸς Λαοδάμαντα α'.

Σύνταξις πέμπτη

Περὶ τῆς εἰς τὸν ψευδόμενον εἰσαγωγῆς πρὸς
Ἀριστοκρέοντα
α',

Λόγοι ψευδόμενοι πρὸς εἰσαγωγὴν α',
Περὶ τοῦ ψευδομένου πρὸς Ἀριστοκρέοντα ζ'.

Σύνταξις ἕκτη

Πρὸς τοὺς νομίζοντας καὶ ψευδῆ καὶ ἀληθῆ εἶναι α',
197 Πρὸς τοὺς διὰ τῆς τομῆς διαλύοντας τὸν ψευδόμενον
λόγον

πρὸς Ἀριστοκρέοντα β',

Ἀποδείξεις πρὸς τὸ μὴ δεῖν τέμνειν τὰ ἀόριστα α',

Πρὸς τὰ ἀντειρημένα τοῖς κατὰ τῆς τομῆς τῶν ἀορίστων
πρὸς Πάσυλον γ',

Λύσις κατὰ τοὺς ἀρχαίους πρὸς Διοσκουρίδην α',

Περὶ τῆς τοῦ ψευδομένου λύσεως πρὸς Ἀριστοκρέοντα γ',

Λύσις τῶν Ἡδύλου ὑποθετικῶν πρὸς Ἀριστοκρέοντα καὶ
Ἀπολλᾶν α'.

Σύνταξις ἑβδόμη

Πρὸς τοὺς φάσκοντας τὰ λήμματα ἔχειν ψευδῆ τὸν ψευδό-
μενον λόγον α',

Περὶ ἀποφάσκοντος πρὸς τὸν Ἀριστοκρέοντα β',

Λόγοι ἀποφάσκοντες πρὸς γυμνασίαν α',

Περὶ τοῦ παρὰ μικρὸν λόγου πρὸς Στησαγόραν α' β',
Περὶ τῶν εἰς τὰς ὑπολήψεις λόγων καὶ ἡσυχάζοντων πρὸς
Ὀνήτορα β',

198 Περὶ τοῦ ἐγκεκαλυμμένου πρὸς Ἀριστόβουλον β',
Περὶ τοῦ διαλεληθότος πρὸς Ἀθηνάδην α'.

Σύνταξις ὀγδὴ

Περὶ τοῦ οὔτιδος πρὸς Μενεκράτην η',

Περὶ τῶν ἐξ ἀορίστου καὶ ὠρισμένου λόγων πρὸς Πάσυλον
β',

Περὶ οὔτιδος λόγου πρὸς Ἐπικράτην α'.

Σύνταξις ἐνάτη

Περὶ τῶν σοφισμάτων πρὸς Ἡρακλείδην καὶ Πόλλιν β',

Περὶ τῶν ἀπόρων διαλεκτικῶν [λόγων] πρὸς Διοσκουρίδην
ε',

Πρὸς τὸ Ἄρκεσιλάου μεθόδιον πρὸς Σφαῖρον α'.

Σύνταξις δεκάτη

Κατὰ τῆς συνηθείας πρὸς Μητρόδωρον ζ',

Ἐπὲρ τῆς συνηθείας πρὸς Γοργιπίδην ζ'.

Λογικοῦ τόπου τὰ τῶν προειρημένων τεττάρων διαφορῶν
ἐκτὸς

ὄντα καὶ περιέχοντα <τὰς> σποράδην καὶ οὐ σωματικὰς
ζητήσεις

λογικὰς, περὶ τῶν καταλεγόμενων ζητημάτων ἐννέα καὶ
τριά-

κοντα. ὁμοῦ τὰ πάντα τοῦ λογικοῦ τια'.

199 Ἠθικοῦ λόγου τοῦ περὶ τὴν διάρθρωσιν τῶν ἠθικῶν
ἐννοιῶν

Σύνταξις πρώτη

Ἐπογραφή τοῦ <ἠθικοῦ> λόγου πρὸς Θεόπορον α',

Θέσεις ἠθικαὶ α',

Πιθανὰ λήμματα εἰς τὰ δόγματα πρὸς Φιλομαθῆ γ',
Ἔρων τῶν τοῦ ἀστείου πρὸς Μητρόδωρον β',
Ἔρων τῶν τοῦ φαύλου πρὸς Μητρόδωρον β',
Ἔρων τῶν ἀναμέσων πρὸς Μητρόδωρον β',
Ἔρων τῶν πρὸς Μητρόδωρον κατὰ γένος ζ',
Ἔρων τῶν κατὰ τὰς ἄλλας τέχνας πρὸς Μητρόδωρον α' β'.

Σύνταξις δευτέρα

Περὶ τῶν ὁμοίων πρὸς Ἀριστοκλέα γ',
Περὶ τῶν ὄρων πρὸς Μητρόδωρον ζ'.

Σύνταξις τρίτη

Περὶ τῶν οὐκ ὀρθῶς τοῖς ὄροις ἀντιλεγομένων πρὸς Λαο-
δάμαντα ζ',

200 Πιθανὰ εἰς τοὺς ὄρους πρὸς Διοσκουρίδην β',

Περὶ εἰδῶν καὶ γενῶν πρὸς Γοργιπίδην β',

Περὶ διαιρέσεων α',

Περὶ ἐναντίων πρὸς Διονύσιον β',

Πιθανὰ πρὸς τὰς διαιρέσεις καὶ τὰ γένη καὶ τὰ εἶδη καὶ
<τὰ>

περὶ τῶν ἐναντίων α'.

Σύνταξις τετάρτη

Περὶ τῶν ἔτυμολογικῶν πρὸς Διοκλέα ζ',

Ἐτυμολογικῶν πρὸς Διοκλέα δ'.

Σύνταξις πέμπτη

Περὶ παροιμιῶν πρὸς Ζηνόδοτον β',

Περὶ ποιημάτων πρὸς Φιλομαθῆ α',

Περὶ τοῦ πῶς δεῖ τῶν ποιημάτων ἀκούειν β',

Πρὸς τοὺς κριτικοὺς πρὸς Διόδωρον α'.

201 Ἠθικοῦ τρόπου περὶ τὸν κοινὸν λόγον καὶ τὰς ἐκ τούτου
συνιστα-

μένας τέχνας καὶ ἀρετάς

Σύνταξις πρώτη

Πρὸς τὰς ἀναζωγραφήσεις πρὸς Τιμώνακτα α΄,

Περὶ τοῦ πῶς ἕκαστα λέγομεν καὶ διανοούμεθα α΄,

Περὶ τῶν ἐννοιῶν πρὸς Λαοδάμαντα β΄,

Περὶ ὑπολήψεως πρὸς Πυθώνακτα γ΄,

Ἀποδείξεις πρὸς τὸ μὴ δοξάσειν τὸν σοφὸν α΄,

Περὶ καταλήψεως καὶ ἐπιστήμης καὶ ἀγνοίας δ΄,

Περὶ λόγου β΄,

Περὶ τῆς χρήσεως τοῦ λόγου πρὸς Λεπτίνην.

Σύνταξις δευτέρα

Περὶ τοῦ ἐγκρίνειν τοὺς ἀρχαίους τὴν διαλεκτικὴν σὺν ταῖς ἀποδείξεσι πρὸς Ζήνωνα β΄,

202 Περὶ τῆς διαλεκτικῆς πρὸς Ἀριστοκρέοντα δ΄,

Περὶ τῶν ἀντιλεγομένων τοῖς διαλεκτικοῖς γ΄,

Περὶ τῆς ῥητορικῆς πρὸς Διοσκουρίδην δ΄.

Σύνταξις τρίτη

Περὶ ἕξεως πρὸς Κλέωνα γ΄,

Περὶ τέχνης καὶ ἀτεχνίας πρὸς Ἀριστοκρέοντα δ΄,

Περὶ τῆς διαφορᾶς τῶν ἀρετῶν πρὸς Διόδωρον δ΄,

Περὶ τοῦ ποιᾶς εἶναι τὰς ἀρετὰς α΄,

Περὶ ἀρετῶν πρὸς Πόλλιν β΄.

Ἠθικοῦ τόπου περὶ ἀγαθῶν καὶ κακῶν

Σύνταξις πρώτη

Περὶ τοῦ καλοῦ καὶ τῆς ἡδονῆς πρὸς Ἀριστοκρέοντα ι΄,

Ἀποδείξεις πρὸς τὸ μὴ εἶναι τὴν ἡδονὴν τέλος δ΄,

Ἀποδείξεις πρὸς τὸ μὴ εἶναι τὴν ἡδονὴν ἀγαθὸν δ΄,

Περὶ τῶν λεγομένων ὑπὲρ τῆς * *

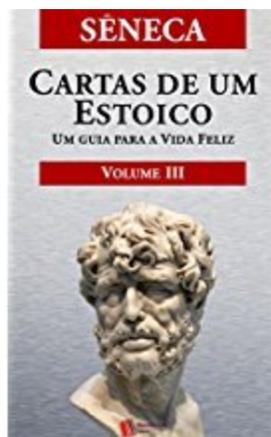
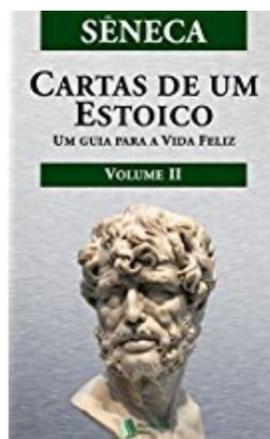
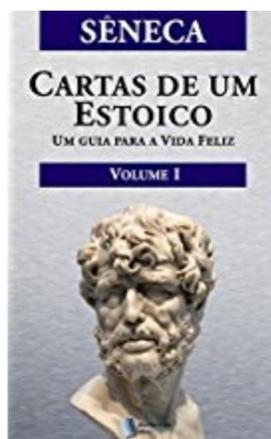
Bônus

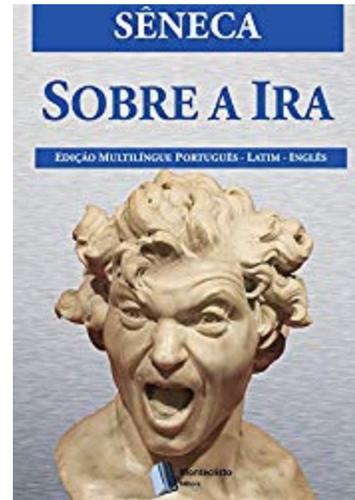
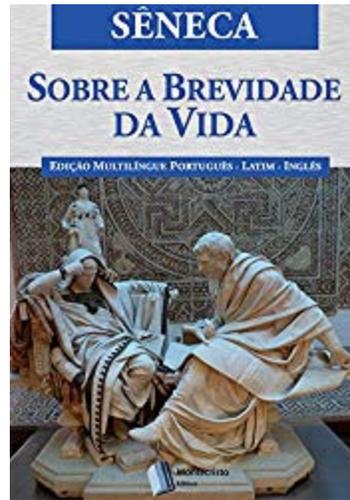
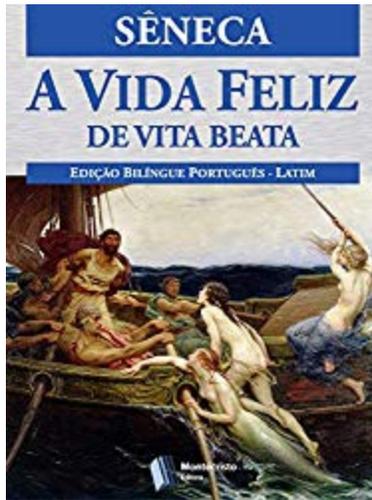
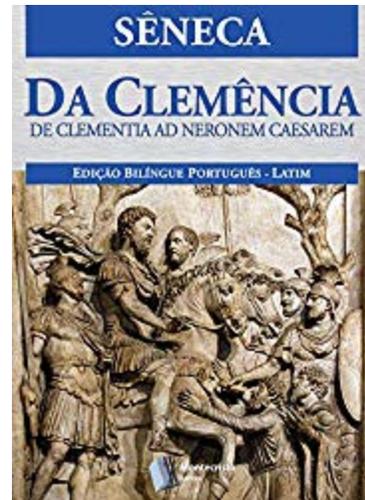
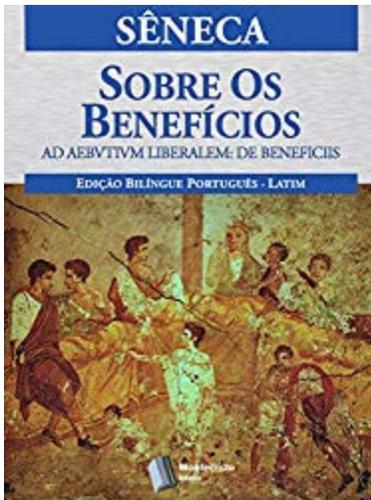
Espero que tenha gostado deste livro. Conheça também as cartas de Sêneca a Lucílio.

Nas páginas seguinte estão as primeira carta do Volume I e Volume II, aproveite.

Mantenha-se Forte. Mantenha-se Bem.

Livros Disponíveis:





I. Sobre aproveitar o tempo

Saudações de Sêneca a Lucílio.

1. Continue a agir assim, meu querido Lucílio - liberte-se por conta própria; poupe e salve o seu tempo, que até recentemente tem sido retirado a força de você, ou furtado, ou simplesmente escapado de suas mãos. Faça-se acreditar na verdade de minhas palavras, - que certos momentos são arrancados de nós, que alguns são removidos suavemente, e que outros fogem além de nosso alcance. O tipo mais desgraçado de perda, no entanto, é aquela, devida ao descuido. Ademais, se você prestar atenção ao problema, você verá que a maior parte de nossa vida passa enquanto estamos fazendo coisas desagradáveis, uma boa parte enquanto não estamos fazendo nada, e tudo isso enquanto estamos fazendo o que não se deveria fazer.

2. Qual homem você pode me mostrar que coloque algum valor em seu tempo, que dá o devido valor a cada dia, que entende que está morrendo diariamente? Pois estamos equivocados quando pensamos que a morte é coisa do futuro; a maior parte da morte já passou. Quaisquer anos atrás de nós já estão nas mãos da morte. Portanto, Lucílio, faça como você me escreve que você está fazendo: mantenha cada hora ao seu alcance. Agarre a tarefa de hoje, e você não precisará depender tanto do amanhã. Enquanto estamos postergando, a vida corre.

3. Nada, Lucílio, é nosso, exceto o tempo. A natureza nos deu o privilégio desta única coisa, tão fugaz e escorregadia que qualquer um pode esbulhar tal posse. Que tolos esses mortais são! Eles permitem que as coisas mais baratas e inúteis, que podem ser facilmente

substituídas, sejam contabilizadas depois de terem sido adquiridas; mas nunca se consideram em dívida quando recebem parte dessa preciosa mercadoria, o tempo! E, no entanto, o tempo é o único empréstimo que nem o mais agradecido destinatário pode pagar.

4. Você pode desejar saber como eu, que prego a você, estou praticando. Confesso francamente: meu saldo em conta corrente é como o esperado de alguém generoso mas cuidadoso. Não posso vangloriar-me de não desperdiçar nada, mas pelo menos posso lhe dizer o que estou desperdiçando, a causa e a maneira de desperdício; posso lhe dar as razões pelas quais sou um homem pobre. Minha situação, no entanto, é a mesma de muitos que são reduzidos à miséria sem culpa própria: todos os perdoam, mas ninguém vem em seu socorro.

5. Qual é o estado das coisas, então? É isto: eu não considero um homem como pobre, se o pouco que lhe resta o é suficiente. Contudo, aconselho-o a preservar o que é realmente seu; e nunca é cedo demais para começar. Pois, como acreditavam os nossos antepassados, é demasiado tarde para gastarmos quando chegarmos à raspa do tacho. Daquilo que permanece no fundo, a quantidade é pouca, e a qualidade é vil.

Mantenha-se Forte. Mantenha-se Bem.

LXVI. Sobre vários aspectos da virtude

Saudações de Sêneca a Lucílio.

1. Acabei de ver meu ex-colega de escola, Clarano, pela primeira vez em muitos anos. Você não precisa esperar que cresça que ele é um homem velho; Mas asseguro-lhe que o encontrei são em espírito e robusto, embora ele esteja lutando com um corpo frágil e fraco. Pois a Natureza agiu de forma injusta quando lhe deu um pobre domicílio para uma alma tão rara; ou talvez fosse porque ela queria nos provar que uma mente absolutamente forte e feliz pode estar escondida sob qualquer exterior. Seja como for, Clarano supera todos esses obstáculos, e por desprezar seu próprio corpo chegou a um estágio onde ele pode desprezar outras coisas também.

2. O poeta que cantou:

*Valor mostra mais agradável em uma forma que é justa
gratior et pulchro veniens e corpore virtus. ¹*

Está, na minha opinião, enganado. Pois a virtude não precisa de nada para compensá-la; é sua própria glória, e santifica o corpo em que habita. De qualquer modo, comecei a considerar Clarano sob uma luz diferente; ele parece-me simpático, e bem construído tanto em corpo como na mente.

3. Um grande homem pode nascer em um casebre; assim pode uma linda e grande alma em um corpo feio e insignificante. Por esta razão a natureza parece criar alguns homens deste selo com a ideia de provar que a virtude

nasce em qualquer lugar. Se tivesse sido possível produzir almas sozinhas e nuas, ela o teria feito; como é fato, a natureza faz uma coisa ainda maior, pois ela produz certos homens que, embora impedidos em seus corpos, ainda assim rompem a obstrução.

4. Creio que Clarano foi produzido como um padrão, para que possamos entender que a alma não é desfigurada pela feiura do corpo, mas pelo contrário, que o corpo é embelezado pela beleza da alma. Agora, apesar de Clarano e eu termos passados muitos poucos dias juntos, temos, no entanto, muitas conversas, que vou em seguida verter e transmitir para você.

5. O primeiro dia em que investigamos esse problema: como os bens podem ser iguais se forem de três tipos²? Pois alguns deles, de acordo com os nossos princípios filosóficos, são primários, como a alegria, a paz e o bem-estar de um país. Outros são de segunda ordem, moldados de um material infeliz, como a resistência ao sofrimento e o autocontrole durante uma doença grave. Rezaremos abertamente pelos bens da primeira classe; para a segunda classe, oraremos somente se a necessidade surgir. Há ainda uma terceira variedade, como, por exemplo, um andar modesto, um semblante calmo e honesto, e um comportamento que se adapte ao homem de sabedoria.

6. Agora, como podem estas coisas ser iguais quando as comparamos, se você conceder que devemos orar por um e evitar o outro? Se fizermos distinções entre eles, devemos retornar ao Primeiro Bem, e considerar qual é a sua natureza: a alma que olha para a verdade, que é hábil no que deve ser buscado e no que deve ser evitado, estabelecendo padrões de valor não de acordo com a opinião, mas de acordo com a natureza, - a alma que penetra o mundo inteiro e dirige seu olhar contemplativo sobre todos os seus fenômenos, prestando atenção estrita aos pensamentos e ações, igualmente grande e vigorosa,

superior às dificuldades e as lisonjas, cedendo a nem dos extremos da fortuna, acima de todas as bênçãos e aflições, absolutamente linda, perfeitamente equipada com graça, bem como com força, saudável e vigorosa, imperturbável, nunca consternada, que nenhuma violência possa destruir, uma que os acaso não podem exaltar nem deprimir - uma alma como esta é a própria virtude.

7. Lá você tem a sua aparência externa, se nunca deve vir sob um único aspecto e mostrar-se uma vez em toda a sua integridade. Mas há muitos aspectos disso. Desdobram-se de acordo com a vida e ações; mas a própria virtude não se torna menor ou maior. Pois o Bem Supremo não pode diminuir, nem a virtude retroceder; em vez disso, é transformada, agora em uma qualidade e agora em outra, moldando-se de acordo com a função que está a desempenhar.

8. Tudo o que toca leva à semelhança consigo mesmo, e tinge com sua própria cor. Adorna nossas ações, nossas amizades e, às vezes, casas inteiras que entrou e pôs em ordem. O que seja o que for que tenha tocado imediatamente torna-o amável, notável, admirável. Portanto, o poder e a grandeza da virtude não podem elevar-se a alturas maiores, porque o incremento é negado àquilo que é superlativamente grande. Você não encontrará nada mais reto do que o reto, nada mais verdadeiro do que a verdade, e nada mais temperado do que o que é temperado.

9. Toda virtude é ilimitada; pois limites dependem de medições definidas. A constância não pode avançar mais do que a fidelidade, a veracidade ou a lealdade. O que pode ser acrescentado ao que é perfeito? Nem se pode acrescentar nada à virtude, pois, se alguma coisa puder ser acrescentada a ela, seria necessária alguma imperfeição. Honra, também, não permite adição; pois é honrado por causa das mesmas qualidades que mencionei. E então?

Você acha que a correção, a justiça, a legalidade, também não pertencem ao mesmo tipo, e que elas são mantidas dentro de limites fixos? A capacidade de melhorar é a prova de que uma coisa ainda é imperfeita.

10. O bem, em todos os casos, está sujeito a essas mesmas leis. A vantagem da situação e do indivíduo estão juntas; na verdade, é tão impossível separá-los quanto separar o louvável do desejável. Portanto, as virtudes são mutuamente iguais; e assim são as obras da virtude, e todos os homens que são tão afortunados de possuir essas virtudes.

11. Mas, como as virtudes das plantas e dos animais são perecíveis, são também frágeis, passageiras e incertas. Elas brotam, e elas afundam novamente, e por isso não são avaliadas ao mesmo valor; mas às virtudes humanas apenas uma regra se aplica. Pois a razão correta é única e de um só tipo. Nada é mais divino do que o divino, ou mais celestial do que o celestial.

12. As coisas mortais decaem, caem, são desgastadas, crescem, são esgotadas, e reabastecidas. Assim, no caso delas, em vista da incerteza de sua fortuna, há desigualdade; mas das coisas divinas a natureza é única. A razão, entretanto, não é nada mais do que uma porção do espírito divino colocado em um corpo humano. Se a razão é divina, e o bem nunca carece de razão, então o bem é sempre divino. E além disso, não há distinção entre as coisas divinas; conseqüentemente também não existe nenhum entre bens. Daí resulta que a alegria e uma corajosa e obstinada resistência à tortura são bens equivalentes; pois em ambos há a mesma grandeza de alma descontraída e alegre em um caso, no outro um combativo e pronto para a ação.

13. O quê? Você não acha que a virtude daquele que bravamente ataca a fortaleza do inimigo é igual à daquele que sofre um cerco com a maior paciência? Grande é Cipião

quando ele cerca Numância, e constrange e compele as mãos de um inimigo, que ele não poderia conquistar, para lançar mão à sua própria destruição³. Grande também são as almas dos defensores – homens que sabem que, enquanto o caminho para a morte está aberto, o cerco não é completo, os homens que respiram até o fim nos braços da liberdade. Do mesmo modo, as outras virtudes também são iguais entre si: tranquilidade, simplicidade, generosidade, constância, equanimidade, resistência. Porque subjacente a todas elas há uma única virtude – o que torna a alma reta e inabalável.

14. "O que então", você diz; "Não há diferença entre a alegria e a obstinada resistência à dor?" De forma alguma, não em relação às próprias virtudes; muito grande, no entanto, nas circunstâncias em que uma dessas duas virtudes é exibida. Em um caso, há um relaxamento natural e afrouxamento da alma; no outro há uma dor não natural. Daí que estas circunstâncias, entre as quais uma grande distinção pode ser estabelecida, pertencem à categoria de coisas indiferentes, mas a virtude mostrada em cada caso é igual.

15. A virtude não é alterada pela questão com a qual trata; se a matéria é dura e teimosa, não piora a virtude; se agradável e alegre, não a torna melhor. Portanto, a virtude permanece necessariamente igual. Pois, em cada caso, o que se faz é feito com igual retidão, com igual sabedoria e com igual honra. Assim, os estados de bondade envolvidos são iguais, e é impossível para um homem ultrapassar esses estados de bondade, por conduzir-se melhor, seja o um homem em sua alegria, ou o outro em meio a seu sofrimento. E dois bens, que nenhum dos quais possa ser melhor que o outro, são iguais.

16. Pois se as coisas que são extrínsecas à virtude podem diminuir ou aumentar a virtude, então o que é honroso deixa de ser o único bem. Se você aceitar isso, a honra

perece completamente. E porque? Deixe-me dizer-lhe: é porque nenhum ato é honrado quando é feito por um agente involuntário, quando é obrigatório. Cada ato honorável é voluntário. Misture-o com relutância, queixas, covardia ou medo, e perde sua melhor característica – auto aprovação. O que não é livre não pode ser honrado; pois medo significa escravidão.

17. O honorável está totalmente livre da ansiedade e é calmo; se alguma vez objeta, lamenta ou considera qualquer coisa como um mal, torna-se sujeito a perturbação e começa a chafurdar em meio a grande confusão. Pois, de um lado, a aparência de correção o atrai, por outro, a suspeita do mal o arrasta para trás, portanto, quando um homem está prestes a fazer algo honorável, ele não deve considerar quaisquer obstáculos como infortúnios, embora os considere como inconvenientes, mas ele deve querer fazer a ação, e fazê-la de boa vontade. Pois todo ato honorável é feito sem ordens ou coação; é puro e não contém mistura de mal.

18. Eu sei o que você pode me responder neste momento: "Você está tentando fazer-me acreditar que não importa se um homem sente a alegria, ou se encontra-se sob tortura e esgota seu torturador?" Poderia dizer em resposta: "Epicuro também sustenta que o sábio, embora esteja sendo queimado no touro de Fálaris⁴, clamará:" É agradável, e não me preocupa em absoluto. "Por que você precisa se admirar, se eu afirmo que aquele que repousa num banquete e a vítima que resiste firmemente à tortura possuem bens iguais, quando Epicuro mantém uma coisa que é mais difícil de acreditar, ou seja, que é agradável ser assado desta maneira?"

19. Mas a resposta que eu dou, é que há grande diferença entre alegria e dor; se me pedem para escolher, vou procurar a primeira e evitar a última. A primeira está de acordo com a natureza, a segunda é contrária a ela.

Enquanto são classificados por este padrão, há um grande abismo entre elas; mas quando se trata de uma questão da virtude envolvida, a virtude em cada caso é a mesma, quer venha através da alegria ou através da tristeza.

20. A vexação, a dor e outros inconvenientes não têm consequências, pois são vencidos pela virtude. Assim como o brilho do sol escurece todas as luzes menores, assim a virtude, por sua própria grandeza, quebra e abrandam todas as dores, aborrecimentos e erros; e onde quer que seu brilho chegue, todas as luzes que brilham sem a ajuda da virtude são extintas; e os inconvenientes, quando entram em contato com a virtude, não desempenham um papel mais importante do que uma nuvem de tempestade no mar.

21. Isto pode ser provado para você pelo fato que o bom homem apressar-se-á sem hesitação a qualquer ação nobre; mesmo que seja confrontado com o carrasco, o torturador e o pelourinho, ele persistirá, não quanto ao que ele deve sofrer, mas quanto ao que deve fazer; e desempenhará tão prontamente a uma ação honrosa quanto a um homem bom; ele o considerará vantajoso para si mesmo, seguro e propício. E ele manterá o mesmo ponto de vista sobre uma ação honrosa, ainda que seja carregada de tristeza e dificuldades, como sobre um homem bom que é pobre ou desperdiçado no exílio.

22. Agora, compare um bom homem extremamente rico com um homem que não tem nada, exceto que em si mesmo tem todas as coisas; eles serão igualmente bons, embora experimentem fortuna desigual. Este mesmo padrão, como tenho observado, deve ser aplicado tanto às coisas quanto aos homens; a virtude é tão louvável se ela habita num corpo sadio e livre, como em alguém que está doente ou em escravidão.

23. Portanto, quanto à sua própria virtude, não a louvará mais, se a fortuna a favorecer, concedendo-lhe um corpo sadio, do que se a fortuna lhe der um corpo que é mutilado

em algum membro, pois isso significaria classificar inferiormente um mestre porque ele está vestido como um escravo. Pois todas aquelas coisas sobre as quais a fortuna tem influência, bens materiais, dinheiro, posses, posição; elas são fracas, inconstantes, propensas a perecer, e de posse incerta. Por outro lado, as obras da virtude são livres e insubmissas, nem mais dignas de ser procuradas quando a fortuna as trata com bondade, nem menos digna quando alguma adversidade pesa sobre elas.

24. A amizade no caso dos homens corresponde à desejabilidade no caso das coisas. Você não gostaria, eu imagino, de amar um bom homem, se ele fosse rico, mais do que se fosse pobre, e não amaria uma pessoa forte e musculosa mais do que uma pessoa delgada e de constituição delicada. Assim, nem procurará nem amará uma coisa boa que seja divertida e tranquila mais do que uma que é cheia de perplexidade e labuta.

25. Ou, se você fizer isso, você vai, no caso de dois homens igualmente bons, gostar mais de quem é limpo e bem-asseado do que daquele que é sujo e despenteado. Você chegaria ao ponto de se importar mais com um homem bom que é são em todos os seus membros e sem defeito, do que com alguém que é fraco ou cego; e gradualmente sua exigência alcançaria tal ponto que, de dois homens igualmente justos e prudentes, você escolheria aquele que tem cabelos longos e ondulados! Sempre que a virtude em cada um é igual, a desigualdade em seus outros atributos não é aparente. Pois todas as outras coisas não são partes, mas apenas acessórios.

26. Qualquer homem julgaria seus filhos de modo tão injusto a fim de se preferir mais um filho saudável do que um doente, ou a um filho alto, de estatura incomum, mais do que a outro de pouca ou de baixa estatura? Os animais selvagens não mostram nenhum favoritismo entre sua prole; eles se deitam para amamentar todos igualmente;

aves fazem a distribuição justa de seus alimentos. Ulisses apressa-se de volta às rochas de sua Ítaca tão ansiosamente quanto Agamenon acelera até as majestosas muralhas de Micenas. Porque nenhum homem ama a sua terra natal porque é grande; ele a ama porque é sua.

27. E qual é o propósito de tudo isso? Que você saiba que a virtude considera todas as suas obras sob a mesma luz, como se fossem seus filhos, mostrando a mesma bondade a todos e ainda mais profunda bondade para aqueles que encontram dificuldades; pois mesmo os pais inclinam-se com mais afeição para filhos de quem sentem piedade. A virtude, também, não necessariamente ama mais profundamente aquelas de suas obras que vê em problemas e sob pesados fardos, mas, como bons pais, ela lhes dá mais de seus cuidados de acolhimento.

28. Por que nenhum bem é maior do que qualquer outro bem? É porque nada pode ser mais apropriado do que aquele que é apropriado, e nada mais nivelado do que aquilo que está nivelado. Você não pode dizer que uma coisa é mais igual a um objeto determinado do que outra coisa; daí também nada é mais honrado do que aquilo que é honroso.

29. Assim, se todas as virtudes são iguais por natureza, as três variedades de bens são iguais. Isto é o que quero dizer: há uma igualdade entre sentir alegria com autocontrole e sofrer dor com autocontrole. A alegria em um caso não ultrapassa no outro a firmeza da alma que afoga o gemido quando está nas garras do torturador; são desejáveis os bens do primeiro tipo, enquanto os do segundo são dignos de admiração; e, em cada caso, não são menos iguais, porque qualquer inconveniente atribuído a este último é compensado pelas qualidades do bem, que é muito maior.

30. Qualquer homem que os julgue desiguais está se afastando das próprias virtudes e está examinando meras exterioridades; os bens verdadeiros têm o mesmo peso e a

mesma largura. O tipo espúrio contém muito vazio; portanto, quando são pesados, percebemos sua deficiência, embora pareçam imponentes e grandiosos ao olhar.

31. Sim, meu caro Lucílio, o bem que a verdadeira razão aprova é sólido e eterno; fortalece o espírito e exalta-o, para que ele esteja sempre nas alturas; Mas as coisas que são irrefletidamente elogiadas, e são bens na opinião da multidão meramente nos encham de alegria vazia. e, novamente, aquelas coisas que são temidas como se fossem males apenas inspiram ansiedade na mente dos homens, pois a mente é perturbada pela aparência do perigo, assim como os animais também o são perturbados.

32. Portanto, é sem razão que ambas as coisas distraem e picam o espírito; um não é digno de alegria, nem o outro de medo. Somente a razão é imutável e se apega a suas decisões. Pois a razão não é um escravo dos sentidos, mas uma governante sobre eles. A razão é igual à razão, como uma linha reta para outra; portanto, a virtude também é igual à virtude. A virtude não é nada mais do que razão correta. Todas as virtudes são razões. As razões são razões, se são razões certas. Se elas estão certas, elas também são iguais.

33. Como a razão é, assim também são as ações; portanto, todas as ações são iguais. Pois, uma vez que se assemelham à razão, também se assemelham umas as outras. Além disso, considero que as ações são iguais entre si, na medida em que são ações honradas e corretas. Haverá, naturalmente, grandes diferenças de acordo com a variação do material, como se torna agora mais amplo e agora mais estreito, agora glorioso e agora inferior, agora múltiplo no alcance e agora limitado. No entanto, o que é melhor em todos estes casos é igual; eles são todos honrados.

34. Da mesma forma, todos os homens bons, na medida em que são bons, são iguais. Há, de fato, diferenças de idade,

um é mais velho, outro mais jovem; do corpo, – um é agradável, outro é feio; da fortuna, – este homem é rico, esse homem pobre, este é influente, poderoso e conhecido pelas cidades e povos, aquele homem é desconhecido para a maioria, e é obscuro. Mas todos, em relação àquilo em que são bons, são iguais.

35. Os sentidos não decidem sobre coisas boas e más; eles não sabem o que é útil e o que não é útil⁵. Eles não podem registrar sua opinião a menos que sejam confrontados com um fato; eles não podem ver o futuro nem se lembrar do passado; e eles não sabem o que resulta do quê. Mas é a partir desse conhecimento que uma sequência e sucessão de ações é tecida, e uma unidade de vida é criada, – uma unidade que prosseguirá em um curso reto. A razão, portanto, é o juiz do bem e do mal; o que é estrangeiro e externo ela considera como escória, e o que não é nem bom nem mau ela julga como apenas acessório, insignificante e trivial. Pois todo o seu bem reside na alma.

36. Mas há certos bens que a razão considera primordiais, aos quais ela se dirige deliberadamente; estes são, por exemplo, a vitória, os bons filhos e o bem-estar de um país. Alguns outros considera secundários; estes se tornam manifestos apenas na adversidade, – por exemplo, a equanimidade em suportar uma doença grave ou exílio. Certos bens são indiferentes; estes não são mais de acordo com a natureza do que contrárias à natureza, como, por exemplo, um andar discreto e uma postura tranquila em uma cadeira. Pois sentar é um ato que não é menos de acordo com a natureza do que ficar em pé ou andar.

37. Os dois tipos de bens que são de ordem superior são diferentes; os primários são de acordo com a natureza, – como a alegria derivada do comportamento obediente de seus filhos e do bem-estar de seu país. Os secundários são contrários à natureza, como a força moral em resistir à tortura ou na aceitação da sede quando a doença torna os

órgãos vitais febris.

38. "O que então", você diz; "alguma coisa que é contrária à natureza pode ser um bem?" Claro que não; mas aquela em que esse bem eleva-se a sua origem é por vezes contrária à natureza. Por estarem feridos, esvaindo-se sobre um fogo, aflitos com má saúde, - tais coisas são contrárias à natureza; mas é de acordo com a natureza que um homem preserve uma alma indomável em meio a tais aflições.

39. Para explicar brevemente o meu pensamento, o material com o qual o bem se relaciona às vezes é contrário à natureza, mas um bem em si mesmo nunca é contrário, pois nenhum bem existe sem razão e a razão está de acordo com a natureza. "O que, então," você pergunta, "é a razão?" É copiar a natureza. "E o que," você diz, "é o maior bem que o homem pode possuir?" É conduzir-se de acordo com o que a natureza deseja.

40. "Não há dúvida", diz o opositor, "que a paz proporciona mais felicidade quando não é atacada do que quando é recuperada a custo de grande matança". "Também não há dúvida de que a saúde, que não foi comprometida, oferece mais felicidade do que a saúde que foi restituída à solidez por meio da força, por assim dizer, e pela resistência ao sofrimento, depois de doenças graves que ameaçaram a vida em si e, da mesma forma, não há dúvida de que a alegria é um bem maior do que a luta de uma alma para suportar até o fim os tormentos das feridas ou da tortura".

41. De modo algum. Pois coisas que resultam do risco admitem ampla distinção, uma vez que são avaliadas de acordo com sua utilidade aos olhos daqueles que as experimentam, mas em relação aos bens, o único ponto a ser considerado é que eles estão de acordo com a natureza; e isso é igual no caso de todos os bens. Quando em uma reunião do senado nós votamos em favor da proposta de alguém, não pode ser dito, "A. está mais de acordo com a proposta do que B." Todos votam pela mesma proposta. Eu

faço a mesma declaração com respeito às virtudes, – todos elas estão de acordo com a natureza; e eu o faço em relação aos bens igualmente, – estão todos de acordo com a natureza.

42. Um homem morre jovem, outro na velhice, e ainda outro na infância, tendo desfrutado nada mais do que um simples vislumbre na vida. Todos eles foram igualmente sujeitos à morte, embora a morte tenha permitido a um avançar mais ao longo do caminho da vida, cortou a vida do segundo em sua flor, e quebrou a vida do terceiro em seu início.

43. Alguns recebem sua quitação na mesa do jantar. Outros prolongam seu sono na morte. Alguns são eliminados durante a devassidão. Agora, compare essas pessoas com aquelas que foram perfuradas pela espada, ou levadas à morte por cobras, ou esmagadas em um desabamento, ou torturadas até a morte pela torção prolongada de seus tendões. Algumas dessas partidas podem ser consideradas melhores, outras piores; mas o ato de morrer é igual em tudo. Os métodos de acabar com a vida são diferentes; mas o fim é um e o mesmo. A morte não tem graus maiores ou menores; pois tem o mesmo limite em todos os casos, – o fim da vida.

44. A mesma coisa é verdade, asseguro-lhe, em relação aos bens; você encontrará um em circunstâncias de puro prazer, outro em meio a tristeza e amargura. Uma pessoa controla os favores da fortuna; a outra supera seus ataques. Cada um é igualmente um bem, embora um viaje em uma estrada plana e fácil, e o outro em uma estrada áspera. E o fim de todos eles é o mesmo – eles são bens, eles são dignos de louvor, eles acompanham a virtude e a razão. A virtude faz todas as coisas que toca iguais entre si.

45. Você não precisa duvidar que este é um dos nossos princípios; encontramos nos trabalhos de Epicuro dois bens, dos quais é composto o seu Bem Supremo, ou bem-aventurança, isto é, um corpo livre de dor e uma alma livre

de perturbação. Estes bens, se estiverem completos, não aumentam; pois como pode o que é completo aumentar? O corpo é, suponhamos, livre da dor; que aumento pode haver a essa ausência de dor? A alma é serena e calma; que aumento pode haver para esta tranquilidade?

46. Assim como o tempo bom, purificado no mais puro brilho, não admite um grau ainda maior de clareza; assim, quando um homem cuida de seu corpo e de sua alma, tecendo a textura de seu bem de ambos, sua condição é perfeita, e ele atingiu a meta de suas orações, se não há comoção em sua alma ou dor em seu corpo. Quaisquer que sejam os encantos que receba em relação a estas duas coisas não aumentam o seu Supremo Bem; eles simplesmente condimentam-no, por assim dizer, e acrescentam tempero a ele. Pois o bem absoluto da natureza do homem é satisfeito com a paz no corpo e a paz na alma.

47. Posso mostrar-lhe neste momento nos escritos de Epicuro uma lista graduada dos bens, assim como a da nossa própria escola. Pois há algumas coisas, ele declara, que prefere receber, tais como descanso corporal livre de qualquer inconveniente e relaxamento da alma enquanto se deleita na contemplação de seus próprios bens. E há outras coisas que, embora preferisse que não acontecessem, mesmo assim elogia e aprova, por exemplo, o tipo de resignação, em momentos de má saúde e sofrimento grave, a que aludi há pouco, os quais Epicuro exibiu naquele último e mais abençoado dia de sua vida. Pois ele nos diz que teve que suportar a excruciante agonia de uma bexiga doente e de um estômago ulcerado, sofrimento tão aguçado que não permitiria aumento da dor; "E ainda," ele diz, "aquele dia não foi menos feliz." E nenhum homem pode passar tal dia em felicidade a menos que possua o Bem Supremo.

48. Portanto, encontramos, até mesmo em Epicuro, bens que seriam melhor não experimentar; que, no entanto,

porque circunstâncias assim o decidem, devem ser acolhidos e aprovados e colocados ao nível dos bens mais elevados. Não podemos dizer que o bem que preencheu uma vida feliz, o bem pelo qual Epicuro deu graças nas últimas palavras que pronunciou, não é igual ao maior.

49. Permita-me, excelente Lucílio, pronunciar uma palavra ainda mais ousada: se qualquer mercadoria pudesse ser maior do que outras, eu preferiria aquelas que parecem acres as que são brandas e sedutoras, e as declararia maior. Pois é uma conquista maior superar as barreiras do caminho do que manter a alegria dentro dos limites estreitos.

50. Exige o mesmo uso da razão, estou plenamente consciente, um homem suportar a prosperidade bem e também suportar a desgraça corajosamente. Que homem pode ser tão corajoso que durma em frente às muralhas sem medo de perigo quando nenhum inimigo ataca o acampamento, como o homem que, quando os tendões de suas pernas são cortados, se levanta de joelhos e não solta suas armas; mas é para o soldado manchado de sangue que retorna da frente que os homens clamam: "Bem feito, herói!" E por isso, eu devo conceder maior louvor aos bens que foram julgados e mostraram coragem, e lutaram contra a fortuna.

51. Devo hesitar em dar maior elogio à mão mutilada e seca de Mucio do que à mão inofensiva do homem mais corajoso do mundo? Lá estava Múcio⁶, desprezando o inimigo e desprezando o fogo, e observando sua mão enquanto pingava sangue sobre o fogo no altar de seu inimigo, até que Porsena, invejando a fama do herói a quem ele impingiu o castigo, ordenou que o fogo fosse removido contra a vontade de sua vítima.

52. Por que não devo considerar este bem entre os bens primários, e julgá-lo como muito maior do que aqueles outros bens que são desacompanhados de perigo e não foram testados pela fortuna, pois é uma coisa mais rara

superar um inimigo com uma mão perdida do que com uma mão armada. – E então? Você diz; "Você deseja esse bem para si mesmo?" Claro que sim. Pois esta é uma coisa que um homem não pode alcançar a menos que também a possa desejar.

53. Devo desejar, em vez disso, que me permitam esticar os meus membros para que os meus escravos façam massagens, ou que uma mulher, ou um travesti, puxe as articulações dos meus dedos? Não posso deixar de acreditar que Múcio teve mais sorte porque manipulou as chamas tão calmamente como se estivesse estendendo a mão para o massagista. Ele havia aniquilado todos os seus erros anteriores; terminou a guerra desarmado e mutilado; e com aquele toco de uma mão ele conquistou dois reis.

Mantenha-se Forte. Mantenha-se Bem.

NOTAS:

1 Trecho de Eneida de Virgílio.

2 Sêneca não está falando aqui das três virtudes genéricas (físicas, éticas, lógicas), nem dos três tipos de bens (baseados na vantagem corporal) que foram classificados pela escola peripatética; Ele só está falando de três tipos de circunstâncias sob as quais o bem pode se manifestar. E no § 36 e seguintes ele mostra que considera apenas as duas primeiras classes como bens reais.

3 O exército de Cipião montou dois acampamentos e construiu uma muralha de circunvalação à volta da cidade espanhola com sete torres a partir das quais seus arqueiros podiam atirar por cima da muralha numantina. Ele também represou o pântano vizinho e criou um lago entre a muralha da cidade e sua própria muralha. Para proteger seus acampamentos, Cipião construiu também muralhas exteriores (cinco no total). Para completar o cerco, Cipião isolou a cidade do rio Douro: nos pontos onde o rio entrava e saía da cidade, pares de torres foram construídas e, entre os pares, cabos com lâminas foram estendidos através do rio para evitar a passagem de barcos e nadadores.

4 Touro de Fálaris, foi uma das mais cruéis máquinas de tortura e execução, cujo invento é atribuído a Fálaris, tirano de Agrigento. O aparelho era uma esfinge de bronze oca na forma de um touro mugindo, com duas aberturas, no dorso e na parte frontal localizada na boca. Após colocada a vítima, a entrada da esfinge era fechada e posta sobre uma fogueira. À medida que a temperatura

aumentava no interior do Touro, o ar ficava escasso, e o executado procuraria meios para respirar, recorrendo ao orifício na extremidade do canal. Os gritos exaustivos do executado saíam pela boca do Touro, fazendo parecer que a esfinge estava viva.

5 Aqui, Sêneca está lembrando Lucílio, como muitas vezes faz nas cartas anteriores, que a evidência dos sentidos é apenas um degrau para ideias superiores - um princípio do epicurismo.

6 Caio Múcio Cévola (em latim: Gaius Mucius Scaevola). Logo depois da fundação da República Romana, Roma se viu rapidamente sob a ameaça etrusca representada por Lar Porsena. Depois de rechaçar um primeiro ataque, os romanos se refugiaram atrás das muralhas da cidade e Porsena iniciou um cerco. Conforme o cerco se prolongou, a fome começou a assolar a população romana e Múcio, um jovem patrício, decidiu se oferecer para invadir sorrateiramente o acampamento inimigo para assassinar Porsena. Disfarçado, Múcio invadiu o acampamento inimigo e se aproximou de uma multidão que se apinhava na frente do tribunal de Porsena. Porém, como ele nunca tinha visto o rei, ele se equivoca e assassina uma pessoa diferente. Imediatamente preso, foi levado perante o rei, que o interrogou. Longe de se intimidar, Múcio respondeu às perguntas e se identificou como um cidadão romano disposto a assassiná-lo. Para demonstrar seu propósito e castigar seu próprio erro, Múcio colocou sua mão direita no fogo de um braseiro aceso e disse: "Veja, veja que coisa irrelevante é o corpo para os que não aspiram mais do que a glória!". Surpreso e impressionado pela cena, o rei ordenou que Múcio fosse libertado. Como reconhecimento, Múcio confessa que trezentos jovens romanos haviam jurado, assim como ele, estar prontos a sacrificar-se para matá-lo. Aterrorizado por esta revelação, Porsena teria baixado suas armas e enviado embaixadores a Roma.

Sumário

[Introdução](#)

[O Autor](#)

[A Obra](#)

[Tradução](#)

[Livro VII - Estoicos](#)

[Zenão](#)

[Exposição da filosofia estoica.](#)

[Aríston](#)

[Hérilos de Cartago](#)

[Dionísios](#)

[Cleantes](#)

[Esfero](#)

[Crísipo](#)

[Original em Grego](#)

[Βιβλίον Ζ'](#)

[Bônus](#)

[Carta I. Sobre aproveitar o tempo](#)

[Carta LXVI. Sobre vários aspectos da virtude](#)